

UNIVERSIDADE DO ESTADO DE SANTA CATARINA - UDESC
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS E DA EDUCAÇÃO - FAED
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PLANEJAMENTO TERRITORIAL
E DESENVOLVIMENTO SOCIOAMBIENTAL - PPGPLAN

LUÍS EDUARDO CANDEIA

A MODERNIDADE RURAL DOS CINEMAS:
SALAS DE RUA E O DESENVOLVIMENTO
DO OESTE DE SANTA CATARINA

FLORIANÓPOLIS

2023

LUÍS EDUARDO CANDEIA

**A MODERNIDADE RURAL DOS CINEMAS:
SALAS DE RUA E O DESENVOLVIMENTO DO OESTE DE SANTA CATARINA**

Dissertação apresentada como requisito parcial para obtenção do título de mestre em Planejamento Territorial e Desenvolvimento Socioambiental do Programa de pós-graduação em Planejamento Territorial e Desenvolvimento Socioambiental – PPGPlan, da Universidade do Estado de Santa Catarina – Udesc.
Orientadora: Prof. Dra. Renata Rogowski Pozzo

FLORIANÓPOLIS

2023

**Ficha catalográfica elaborada pelo programa de geração automática da
Biblioteca Universitária Udesc,
com os dados fornecidos pelo(a) autor(a)**

Candeia, Luís Eduardo

A modernidade rural dos cinemas : salas de rua e o desenvolvimento do Oeste de Santa Catarina / Luís Eduardo Candeia. -- 2023.
285 p.

Orientadora: Renata Rogowski Pozzo

Dissertação (mestrado) -- Universidade do Estado de Santa Catarina, Centro de Ciências Humanas e da Educação, Programa de Pós-Graduação em Planejamento Territorial e Desenvolvimento Socioambiental, Florianópolis, 2023.

1. Desenvolvimento regional. 2. Exibição cinematográfica. 3. Histórias de cinemas. 4. Ruralidade. 5. Modernidade. I. Rogowski Pozzo, Renata. II. Universidade do Estado de Santa Catarina, Centro de Ciências Humanas e da Educação, Programa de Pós-Graduação em Planejamento Territorial e Desenvolvimento Socioambiental.

LUÍS EDUARDO CANDEIA

A MODERNIDADE RURAL DOS CINEMAS:

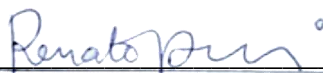
SALAS DE RUA E O DESENVOLVIMENTO DO OESTE DE SANTA CATARINA

Dissertação apresentada como requisito parcial para obtenção do título de mestre em Planejamento Territorial e Desenvolvimento Socioambiental do Programa de pós-graduação em Planejamento Territorial e Desenvolvimento Socioambiental – PPGPlan, da Universidade do Estado de Santa Catarina – Udesc.

Orientadora: Prof. Dra. Renata Rogowski Pozzo

BANCA EXAMINADORA:

Orientadora:



Profª. Dra. Renata Rogowski Pozzo
Universidade do Estado de Santa Catarina

Membros:



Profª. Dra. Isa de Oliveira Rocha
Universidade do Estado de Santa Catarina



Prof. Dr. João Luiz Vieira
Universidade Federal Fluminense

Florianópolis, 20 de setembro de 2023.

AGRADECIMENTOS

Gratidão a todas as pessoas, energias e circunstâncias que me ajudaram a chegar até aqui. Foi um caminho feliz e tranquilo, uma rotina da qual já estou sentindo falta.

Quero agradecer com muito amor e carinho à minha mãe, Neide Armiliato. Só estou aqui hoje por conta do teu apoio, tua atenção e teu colo. Obrigado por estar sempre comigo, pelo nosso amor incondicional e eterno. Gratidão por ser essa pessoa que me enche de orgulho, uma mulher forte, inteligente e poderosa, que me inspira dia após dia. Agradeço por nossos momentos juntos, nossas viagens e aventuras, nossas conversas francas, por teu incentivo para que eu continue estudando, e principalmente pelo teu abraço, que é o lugar mais aconchegante que existe no mundo. Te amo.

Ao meu pai, Ronaldo Candeia, quero também dizer que és fonte de inspiração, um homem dedicado ao que se propõe, sempre preocupado, cuidadoso e gentil com todos nós. Obrigado pelo teu amor sem fim, pelo carinho em forma de cafunés assistindo séries na TV, camas quentinhas e cheirosas sempre impecáveis, drinks deliciosos, sopas, churrascos, espinhaços e quixerinhas. Gratidão por me amar, gratidão por estar sempre aqui pra mim! Amo você.

Quero expressar aqui todo meu apreço e admiração à minha avó, Eva Terezinha Candeia. A senhora é luz nas nossas vidas, obrigado por tanto!

Obrigado também ao meu irmão, Marlon Gabriel Candeia, sua companheira, Sabrine da Silva, e ao fruto dessa união que todos nós amamos demais, nosso Joãozinho. Agradeço por compreenderem que minhas frequentes ausências em momentos importantes foram fundamentais para a elaboração desta pesquisa.

Gratidão também ao Joni Stolberg, companheiro de minha mãe, e um querido amigo! Valeu por todos os cuidados, pelo carinho, pelas viagens, experiências, risadas e conselhos. Obrigado por tratar a mãe com tanto amor e atenção.

Sou muito grato também à Neli Elisa Armiliato, minha tia, sempre tão presente em minha infância e adolescência, e novamente agora. Obrigado pelas memórias que construímos juntos, pelo aprendizado e pelo cuidado e amor de sempre. Ao João Pedro, agradeço pelo infinito amor e admiração, e ao Emerson Luis Schá, meu tio, pelo companheirismo, pelas risadas, viagens e canastras, que ele sempre perde...

Agradeço ao apoio constante de Vinícius Armiliato, meu primo, seu carinho,

senso de humor e companheirismo para cometer loucuras sagitarianas. Obrigado também à Ana e à Max, por estarem em nossa família.

Quero registrar aqui uma das minhas maiores fontes de gratidão, um presente que segue em minha vida desde a graduação, e que espero que siga sempre por perto, minha orientadora, Prof.^a Dr.^a Renata Rogowski Pozzo. Obrigado por ter me chamado, lá em 2016, para participar da pesquisa dos cinemas que estavam começando a elaborar. Obrigado por todo o material que construímos juntos e nos trouxe até aqui. Obrigado por tua leitura sempre atenta, pelo teu auxílio em nossas produções, pelo teu olhar cuidadoso e teu carinho no processo de orientação. Sabes que és uma inspiração imensa para minha jornada acadêmica. Agora, queria também agradecer à minha amiga Rê, pelos nossos dias juntos na Udesc, pelos almoços no ~~Tempo~~ Maneiro Boteco Bacana com o Jairo, pelos nossos rolêzinhos de banco e farmácia no centro (nem sempre banco, mas sempre farmácia), pelos *happy hours* na casa de vocês, pelas nossas aventuras pelo Nordeste, por confiar em mim e ser tão amada comigo. Obrigado por esses anos de convivência intensa e muito afeto, levo você, o Chico e o Gui no meu coração.

Eu não teria conseguido nem começar este processo se não fosse todo o apoio de meus amigos, tanto os que já estavam comigo, quanto os que fiz durante estes dois anos. Aos amores que a Arquitetura me deu, Alexandre Krause, Ivie Mesquita, Leonardo Schreiber Schneider, Luana de Souza Fernandes e Valéria Machado, só tenho a agradecer pela escuta nos momentos de crise, pelas risadas nos momentos felizes, pelos abraços para acalmar a ansiedade, pelas viagens que fazemos juntos. Obrigado por sermos uma família, não de sangue, mas de afetos.

Aos queridos que encontrei nessa jornada, Bernardo Simon Provedan, Bruno Jordão de Miranda, Camila Stähelin, Clodine Ribeiro Alves, Isabella de Carvalho Souza, Maicon de Medeiros e Victória da Silva Soares. Conhecer vocês, primeiramente on-line e depois presencialmente, trouxe muita alegria para o meu cotidiano no PPGPlan. Obrigado pelos nossos rolês, mesmo que escassos, foram todos de qualidade. Além disso, quero agradecer aos amigos que o dia a dia no LabPlan me trouxe: Rhuann Rodrigo Oliveira de Freitas, Maria Clara Prates Rocha e Lucas Ariel Cunha Bortoluzzi. Torço muito pro sucesso de cada um de vocês!

Também gostaria de agradecer a todos os professores pelos quais tive a sorte de ser estudante, desde o início de minha jornada. Obrigado a todos os docentes do PPGPlan, e, em especial, aos professores da arquitetura que hoje me enche de alegria

chamar de amigos, Danielle Rocha Benício, que sempre torceu por mim e inclusive me preparou para o ingresso neste mestrado, e Lucas de Mello Reitz, por sempre me incluir em seus (milhares e diferentes) projetos, por ser um amigo e confidente, e por todo carinho, seja ele presencial ou expresso por áudios caminhando pelas ruas do mundo. Obrigado amores!

Gostaria de agradecer também aos professores que compõem a mesa avaliadora deste trabalho, Prof.^a Dr.^a Isa de Oliveira Rocha e Prof. Dr. João Luiz Vieira. Isa, obrigado pela convivência quase que diária, por tua companhia em nossa viagem pro Ceará, e por tua leitura atenta e ótimas sugestões na qualificação. Acredito que renderam bons resultados. Ao Prof. João, agradeço também pelas trocas no Encontro da Socine e pelas observações apontadas na primeira leitura desta pesquisa. Suas recomendações foram fundamentais para a compreensão de diversos processos que acabamos explorando aqui.

Agradeço também à Talitha Gomes Ferraz e Sancier Ebert, pelo auxílio na obtenção de informações necessárias e importantes.

Ainda, é importante ressaltar que esta pesquisa construiu-se sobre muitos dados obtidos a partir de entrevistas e conversas informais, desta forma, agradeço imensamente aos entrevistados e colaboradores: Adilson Baldissera; Alfonso Dupont; Altino Luiz Miguel; Amarildo Pedro Biscaro; Ary Fiorini; Célia Regina de Bortoli; Celso Grimm; Cícero Machado; Ciro Franke; Claudio Luiz Savaris; Cleusa Kro Freitag; Daiane Frigo; Daniel Lemos; Dirceu Suzin; Dorli Bartz; Edel Isabel Thiesen; Evandro Rosin; Evandro Scarioti; Fabiano Colombo; Fátima Sonaglio; Fernando Fiorentin; Fernando Júlio Will; Glaucia Fiorini; Hugo Gemmer; Ilga Bartz; Isidório Bertulino Pereira; Iunes Ferraz; Ivandel Chaves; João Bosco Suttilli; Jorge Migliorini; Juliano Fiorini; Jussara Hermes; Luiz Alberto Mazzoco; Luiz Carlos Colombo; Magda Sella; Maria Cristina Knolseisen; Maria Irene Schoppen; Mariela Katia Granella; Marlene Kruger; Nilda Grimm; Padre Lucas Henrique; Paula Dupont; Pedro Penteado do Prado; Raul Kussler; Regina Maria Schiavini Colombo; Reinaldo Assis Pelizzaro; Rolando Ko Freitag; Romeu Scirea Filho Solange Gaboardi; Tanara Rosane Zunkowski; Tania Colombo; Teresinha Gemelli Mandelli; Tiago Gheno; Velina Tecla Berwanger e Wilson Petry.

Finalmente, agradeço à Universidade do Estado de Santa Catarina, e todos os seus servidores e espaços físicos, em especial ao LabPlan, por proporcionarem condições para que esta pesquisa fosse efetuada com sucesso. Obrigado Udesc.

*Era muito bom de assistir!
Pra gente, em Concórdia,
naquele tempo em que eu era solteira... nossa! [...]
Foi uma coisa muito grande pra Concórdia
Fizeram um cinema bem chique... [...]
No cinema nós ia muito, imagina,
era só o que tinha né Dudu?
Não ia no baile, não ia na festa, não ia em nada...
Mas no cinema a gente ia!*

(Eva Terezinha Candeia, 90 anos)
minha avó

RESUMO

O Cinema é tratado nesta pesquisa a partir da esfera da exibição, com base nos espaços edificados em que a atividade acontecia ao longo do século XX. É uma arte que sofre processos de deslocamento geográfico em escalas regionais e intraurbanas ao longo de sua história, desde que ocorre em terras brasileiras. Em contexto catarinense, os espaços de exibição se estabelecem na primeira década do século XX nos núcleos portuários do litoral, adentrando os vales, encostas e planaltos para enfim, serem fundadas no Oeste do estado. Esta proliferação da sétima arte pelo território é análoga ao próprio desenvolvimento socioespacial das regiões. Assim, levanta-se a hipótese de que, ao serem tomadas como expressão cultural dos centros urbanos, as salas de cinema de rua podem ser configuradas como marcadores do desenvolvimento regional dos territórios em que são implantadas. Esta dissertação pretende relacionar o desenvolvimento regional com a ruralidade em circuitos econômicos agrícolas e agroindustriais do Oeste Catarinense. Desta forma, tem-se como objetivo principal compreender a relação estabelecida entre a formação socioespacial do Oeste Catarinense e a expansão do parque exibidor de cinemas de rua neste contexto de expressiva ruralidade ao longo do século XX. Em outras palavras, como se deu o processo de conformação de uma modernidade rural, de dialética entre o ruralizado território do Oeste e a aura de modernidade dos cinemas. A problemática aqui discutida procura entender como o movimento de implantação das salas de cinema, seu período de funcionamento e decadência podem demarcar o desenvolvimento, elucidando fatores como redes urbanas, caminhos da imigração e possíveis formas de acesso à cultura, e ainda, como este desenvolvimento foi afetado pelo estabelecimento destes espaços de difusão cultural e sociabilidade. Os métodos para atingir tais respostas baseiam-se em revisões bibliográficas narrativas, entrevistas semiestruturadas com antigos proprietários das salas de cinema, trabalhadores destes espaços, com o público que participou das exibições e pessoas envolvidas com os cinemas nas cidades. Realizou-se também consulta à arquivos históricos municipais, acervos pessoais de indivíduos ligados à história das salas de cinema na região, sites, hemerotecas, jornais eletrônicos, redes sociais e blogs.

Palavras-chave: Desenvolvimento Regional; Exibição Cinematográfica; Histórias de Cinemas; Ruralidade; Modernidade.

ABSTRACT

Cinema is discussed in this research from the perspective of exhibition, based on the built spaces in which the activity took place throughout the 20th century. It is an art that has experienced geographical movement on regional and intra-urban scales throughout its history, ever since it first appeared on Brazilian territory. In the state of Santa Catarina, the exhibition spaces were established in the first decade of the 20th century in the seaside port cities, moving into the valleys, slopes and plateaus to finally be founded in the west of the state. This expansion of the seventh art throughout the territory is analogous to the socio-spatial development of the regions themselves. Thus, we hypothesize that, by being taken as a cultural expression of urban centers, street movie theaters can be configured as markers of the regional development of the territories in which they are established. This research intends to relate regional development to rurality in agricultural and agro-industrial economic circuits in western Santa Catarina. Its main objective is to understand the relationship established between the socio-spatial formation of western Santa Catarina and the expansion of street movie theaters in this context of significant rurality throughout the 20th century. In other words, how the process of the conformation of a rural modernity took place, creating a dialectic between the ruralized territory of the West and the aura of modernity of the movie theaters. The problem discussed here seeks to understand how the movement of establishing of movie theaters, their period of operation and decay can demarcate development, elucidating factors such as urban networks, immigration routes and possible forms of access to culture, and also how this development was affected by the creation of these spaces of cultural diffusion and sociability. The methods used to achieve these answers are based on narrative bibliographical reviews, semi-structured interviews with former owners of cinemas, workers at these venues, the audience who attended the film screenings and people involved with movie theaters in the cities. We also searched municipal historical archives, personal collections of individuals linked to the history of cinemas in the region, websites, libraries, electronic newspapers, social networks and blogs.

Keywords: Regional Development; Movie Exhibition; Cinema Stories; Rurality; Modernity.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1: Cine Real, na segunda metade da década de 1970.	24
Figura 2: Cinemas de Rua nas cidades do Oeste do Estado de Santa Catarina existentes ao longo do século XX.	30
Figura 3: Divisão político-administrativa de Santa Catarina em 1946.	31
Figura 4: Bacias Hidrográficas do Brasil, com destaque à Bacia do Rio Uruguai.	35
Figura 5: Atuais rodovias federais com a sobreposição dos Caminhos dos Tropeiros.	36
Figura 6: Área de incidência da <i>Ilex paraguariensis</i> na América do Sul.	37
Figura 7: Rios Chapecó, Peperi-guaçu, do Peixe e Uruguai.	39
Figura 8: Percurso da Estrada de Ferro São Paulo-Rio Grande ao longo do Rio do Peixe.	41
Figura 9: Divisão Territorial do Brasil em 1911.	42
Figura 10: Percurso da Estrada de Ferro São Paulo-Rio Grande.	44
Figura 11: Cine Lumber, Três Barras, em 2012.	46
Figura 12: Localização de Vila Rio Capinzal sobre a divisão administrativa de 1930.	56
Figura 13: Movimentação em frente ao Salão Cine Rádio, meados da década de 1950.	57
Figura 14: Vila Rio Capinzal durante enterro, na década de 1950. Cine Farroupilha indicado com seta.	58
Figura 15: Localização de Cruzeiro do Sul (Joaçaba) sobre a divisão administrativa de 1930.	60
Figura 16: Cine Progresso, Joaçaba, meados da década de 1940.	61
Figura 17: Localização de Videira sobre a divisão administrativa de 1930.	63
Figura 18: Cine Guarani, Videira.	64
Figura 19: Recorte do Jornal Cruzeiro, de Joaçaba, de 19 nov. 1933, onde anuncia-se o Cine Progresso como um local “Frequentado pela elite Cruzeirense”.	65
Figura 20: Localização de Capinzal, Joaçaba e Videira sobre a divisão administrativa de 1930.	66
Figura 21: Anúncio das sessões do Cine Progresso em 1933.	71
Figura 22: Localização de Chapecó sobre a divisão administrativa de 1946.	72
Figura 23: Cine Ideal, nov. de 1952, com Osmar, Achylles Tomazelli e funcionário em frente à sala.	73
Figura 24: Vista da cidade de Chapecó.	74
Figura 25: Planta das cidades de Joaçaba e Herval d'Oeste em 1967.	76
Figura 26: Plano urbanístico da Vila Passo dos Índios, 1938.	77
Figura 27: Fotografias aéreas de Chapecó e Joaçaba em 1957, 1978 e 2010.	79
Figura 28: Criação de porcos na cidade de Chapecó.	82
Figura 29: Instalações da Sadia em Concórdia, 1959.	85
Figura 30: Cidades berço de agroindústrias e Rodovias Federais.	87
Figura 31: Avião da Sadia no Aeroporto de Joaçaba em 1957.	89
Figura 32: Construção do Cine Ideal no ano de 1954.	95
Figura 33: Interior do Cine Astral (década de 1970) – Chapecó.	96
Figura 34: Cine Astral, Chapecó, 1973.	97
Figura 35: Cine Ópera, Criciúma, 1970.	97
Figura 36: Cine Uruguai, de Mondaí.	102
Figura 37: Construção do Cine Glória, primeira metade da década de 1960.	103

Figura 38: Cidades do Oeste Catarinense que possuíam salas de cinema de rua em 1974, sobre divisão administrativa de 1965.	105
Figura 39: Primeiro Cine Cacique, inaugurado em 1953.....	106
Figura 40: Salão Preuss/Cine Avenida/Cine Geremia, inaugurado em 1954.	106
Figura 41: Cine Bandeirante, inaugurado em 1961.....	106
Figura 42: Cine Luz, inaugurado em 1966.	106
Figura 43: Salas de Cinema existentes na década de 1930, sobre a divisão administrativa de 1930.	108
Figura 44: Salas de Cinema existentes na década de 1940, sobre a divisão administrativa de 1946.	108
Figura 45: Salas de Cinema existentes na década de 1950, sobre a divisão administrativa de 1946.	109
Figura 46: Salas de Cinema existentes na década de 1960, sobre a divisão administrativa de 1965.	109
Figura 47: Salas de Cinema existentes na década de 1970, sobre a divisão administrativa de 1965.	110
Figura 48: Salas de Cinema existentes na década de 1980, sobre a divisão administrativa de 1991.	110
Figura 49: Salas de Cinema existentes na década de 1990, sobre a divisão administrativa de 1991.	111
Figura 50: Alunos do Centro Educacional Roberto Trompowsky em visita ao Cine Progresso, em 1944.	115
Figura 51: Inauguração da Rádio Catarinense no Cine Imperial, 1945.....	116
Figura 52: Sepultamento simbólico do proprietário do Cine Imperial, na década de 1950.	116
Figura 53: Cine Vitória, na cidade de Joaçaba.	118
Figura 54: Última sessão do Cine Avenida, de Joaçaba, em 2007.	120
Figura 55: Primeiro Cine América, de Tangará.	121
Figura 56: Cine América, de Tangará.	123
Figura 57: Cine Luz, indicado com seta, na década de 1950.....	125
Figura 58: Cine Astral durante a década de 1980.....	128
Figura 59: Cine Aurora de Concórdia, década de 1940.	129
Figura 60: Cine Colombo/Império no início da década de 1970.....	130
Figura 61: Cine Colombo/Império na década de 1970 e sua edificação em 2019. .	147
Figura 62: Cine Astral em funcionamento e sua edificação em 2019.....	147
Figura 63: Cine Luz na década de 1970 e sua edificação em 2022.....	148
Figura 64: Cine América em funcionamento e sua edificação em 2019.....	148
Figura 65: Cine avenida em funcionamento e sua edificação em 2022.	148
Figura 66: Cine Vitória em funcionamento e sua edificação em 2012.....	149
Figura 67: Cine Luz em funcionamento e sua edificação em em 2019.	149
Figura 68: Cine Bandeirante em funcionamento e sua edifiificação em 2012.	150
Figura 69: Cine Glória em construção e detalhe de sua edificação em 2022.	150
Figura 70: Cine ideal em construção e sua edificação em funcionamento em em 2022.	151
Figura 71: Cine Real na segunda metade da década de 1970, e sua edificação em 2021.	151
Figura 72: Núcleos municipais do Oeste com Salas de Cinema ao longo da estrada de ferro	155
Figura 73: Interior do Cine Guarani, de Videira.	159
Figura 74: Interior do Cine Alvorada, de São José do Cedro.	159

Figura 75: Anúncio da venda de terrenos em Serra Alta (São Bento do Sul), por Afonso Schwartz.	175
Figura 76: Cine Central em funcionamento.	177
Figura 77: Incêndio no Cine Central, em 1978.	177

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1: Evolução da Situação de Domicílio na Região Oeste.....	93
Gráfico 2: Número de cinemas de rua em funcionamento no Oeste Catarinense (1929-2007).....	104
Gráfico 3: Número de salas de cinema no Brasil entre 1971 e 2022.	104
Gráfico 4: Localização das salas em 1970.	142
Gráfico 5: Localização das salas em 2018.	142
Gráfico 6: Faixa Populacional das 118 cidades do Oeste de Santa Catarina no Censo de 2010.	144
Gráfico 7: Localização das salas de cinema, 2007-2021.	145

LISTA DE QUADROS

Quadro 1: Evolução populacional do Oeste Catarinense.....	92
Quadro 2: Número de salas de cinema de rua encontradas nas cidades do Oeste Catarinense ao longo do século XX.	112
Quadro 3: Porcentagem de domicílios com televisores, 1960-1991.	136

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

ALL.....	América Latina Logística S.A.
Ancine.....	Agência Nacional do Cinema
BNDES.....	Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico e Social
BRDE.....	Banco Regional de Desenvolvimento do Extremo Sul
BRF.....	<i>Brazil Foods S.A.</i>
Ceres.....	Centro de Educação Superior da Região Sul
EFSPRG.....	Estrada de Ferro São Paulo Rio Grande
h.....	Hora(s)
Hab.....	Habitante
IBGE.....	Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
Km.....	Quilômetro
MS.....	Mato Grosso do Sul
PR.....	Paraná
Previ.....	Caixa de Previdência dos Funcionários do Banco do Brasil
RFFSA.....	Rede Ferroviária Federal S.A.
RS.....	Rio Grande do Sul
RVPSC.....	Rede de Viação Paraná-Santa Catarina
S.A.....	Sociedade Anônima
Sadia.....	S.A. Indústria e Comércio Concórdia
SC.....	Santa Catarina
SP.....	São Paulo
Sulca.....	Indústria Sulbrasileira de Calçados S.A.
UCI.....	United Cinema International
Udesc.....	Universidade do Estado de Santa Catarina
Unesco.....	Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	18
1.1	PROBLEMÁTICA	22
1.2	METODOLOGIA.....	27
1.3	JUSTIFICATIVA	28
2	MONTANDO O CENÁRIO: DOS POVOS ORIGINÁRIOS À URBANIZAÇÃO	33
2.1	DA FORMAÇÃO DO TERRITÓRIO À GÊNESE DAS SALAS DE CINEMA	34
2.1.1	Faroeste: o Trem de Ferro e a Guerra Sertaneja do Contestado	40
2.1.2	O camponês migrante: Companhias Colonizadoras e a ocupação do território.....	51
2.2	OS CINEMAS EM CONTEXTOS NÃO COSMOPOLITAS	54
2.2.1	As primeiras exhibições.....	55
2.2.2	Em busca da modernidade	59
2.3	O CINEMA NO RURAL E NO URBANO OESTE CATARINENSE	67
2.3.1	A Urbanização do território	69
3	LUZ, CÂMERA, INDUSTRIALIZAÇÃO: DA EXPANSÃO DO ACESSO AO FECHAR DAS CORTINAS	81
3.1	DO AGRO À INDÚSTRIA: TRANSFORMAÇÕES ECONÔMICAS, SOCIAIS E URBANAS	83
3.1.1	As décadas de 1940 e 1950: a gênese e a expansão da indústria frigorífica	84
3.1.2	De 1960 a 2000: da indústria nacional ao mercado mundial	89
3.1.3	Transformações sociais e urbanas: êxodo rural e a classe operária ..	92
3.2	A SÉTIMA ARTE DEMOCRATIZADA: OS CINEMAS NO CONTEXTO AGROINDUSTRIAL.....	98
3.2.1	A influência das infraestruturas na expansão do parque exibidor	98
3.2.2	O Clímax: Salas de Rua no terceiro quartel do século XX.....	103
3.2.3	As protagonistas: Cidades com maior número de salas	107
3.2.3.1	Capinzal.....	113
3.2.3.2	Joaçaba	114
3.2.3.3	Tangará	120
3.2.3.4	Caçador	124
3.2.3.5	Chapecó	127
3.2.3.6	Concórdia	128
3.2.4	Salas de cinema de rua: estrelas das áreas centrais	131
3.3	A RUA Esvaziada: DOS CENTROS URBANOS AOS CENTROS DE CONSUMO	134

3.3.1	A individualização do lazer e o esvaziamento da Área Central	135
3.3.2	Crises internas, o capitalismo global e os centros de consumo como resposta.....	139
3.3.3	Um final não tão feliz: de salas de sonhos às salas comerciais	146
4	ENREDOS COTIDIANOS: INTERAÇÕES ENTRE AS SALAS DE CINEMA E SEU CONTEXTO RURAL	152
4.1	OS CAMINHOS DA SÉTIMA ARTE: MOVIMENTOS <i>DO E PARA O CINEMA</i> 152	
4.2	<i>FRAMES DO COTIDIANO: DIALÉTICA ENTRE A RURALIDADE E A MODERNIDADE</i>	162
4.3	DO FERVOR ECONÔMICO AO ARDER DAS CHAMAS: PARALELISMO ENTRE AS DINÂMICAS ECONÔMICAS E AS SALAS DE CINEMA.....	173
	CONSIDERAÇÕES FINAIS	179
	REFERÊNCIAS.....	184
	APÊNDICE A: CONEXÕES E REDES URBANAS GERADAS PELAS SALAS DE CINEMA.	211
	APÊNDICE B: SALAS DE CINEMA DE RUA NO OESTE DE SANTA CATARINA APRESENTADAS EM ORDEM CRONOLÓGICA	214

1 INTRODUÇÃO

O Oeste de Santa Catarina é historicamente uma região periférica, com predominância de costumes rurais e hábitos herdados pelo extenso e turbulento processo de ocupação do território. Durante o século XX, exprime rusticidade e costumes conservadores e provincianos. O Cinema, por sua vez, surge na Europa no final do século XIX, relacionando a arte e a tecnologia, gerando assim uma nova forma de expressão artística e cultural. Estes dois elementos tão díspares, o rural Oeste Catarinense do século XX e o moderno Cinema, serão aqui confrontados, na busca de extrair desta distinta conjuntura, onde uma instalação essencialmente cosmopolita é estabelecida em um contexto ruralizado, nuances quanto à sua mútua influência e simbiose resultante de uma inusitada relação.

Muito se discute quanto à invenção efetiva do cinema, mas fato é que a primeira exibição pública de projeções fílmicas acontece em Paris, no *Grand Café do Boulevard des Capucines*, em 1895, pelas mãos dos irmãos Lumière (Ferraz, 2014a; Rosenfeld, 2009). Assim, a atividade se populariza em espaços não necessariamente edificadas para tal, ao ar livre, em bares e cafés, entre o fim do século XIX e começo do XX. Porém, logo as salas de cinema são estabelecidas e passam a compor a experiência da modernidade, em unicidade com o conteúdo das películas, e com a técnica emanada pela imagem em movimento (Souza, 2007).

Em 8 de julho de 1896, na Rua do Ouvidor, Rio de Janeiro, acontece a primeira exibição cinematográfica em terras brasileiras. Um ano depois, o primeiro espaço fixo é estabelecido, dentro do Salão de Novidades Paris, onde, em conjunto com o cinema, o visitante pôde encontrar diversos tipos de autômatos, números de variedades, caça níqueis e aparelhos científicos de entretenimento (Souza, 2007). Porém, foi só a partir de 1908, com o estabelecimento de uma rede elétrica regular na cidade do Rio de Janeiro, que as salas de cinema, edificadas para tal, e com esta função exclusivamente, começam ser estabelecidas em território nacional (Simis, 2017; Souza, 2007).

Vieira (2021) relata que no Brasil, a expansão dos cinemas segue uma trajetória que se inicia em cidades portuárias, rumo ao interior, inicialmente motivada pela curiosidade despertada pelo novo tipo de entretenimento, e, mais tarde, por conta das narrativas, do espetáculo e suas estrelas. As salas de exibição no estado de Santa Catarina seguem esta lógica, despontando no início do século XX, inicialmente na

vertente litorânea do território e em núcleos portuários e comerciais, como Laguna e Florianópolis, que entram primeiramente em contato com esta arte por conta do intercâmbio com o exterior, e pelo propício contexto áureo de suas economias baseadas no capital comercial. Nestas cidades, as salas possuem em geral, características estéticas arquitetônicas do Ecletismo¹ e do *Art Déco*², e são projetadas para deslumbrar o espectador, tanto pela atividade, quanto por sua arquitetura. Em seguida, adentrando o território, chegam às cidades fundamentadas na economia industrial, como Joinville e Criciúma, onde também se percebe, neste início, a intenção de envolver o visitante através da ornamentação do Ecletismo e do *Art-Déco*. Ainda, nestes casos, nota-se a associação das salas de rua aos hotéis, reforçando a ideia de uma modernidade cosmopolita em que a tecnologia e a arte, ligadas às redes urbanas, são partícipes do cotidiano das cidades. Na região Serrana, Lages destaca-se por seu protagonismo em relação à sétima arte, pois, além de possuir um grande número de espaços de exibição, é fundada nesta cidade a Rede Arco-íris, que estabelece e gerencia salas de rua pelo território catarinense. Denominada atualmente Arcoplex Cinemas, a rede possui unidades em diversos estados, como Santa Catarina, Rio Grande do Sul, São Paulo e Distrito Federal³. Por fim, surgem os cinemas de rua nas regiões de economia agrícola do Oeste, configuradas com base em uma lógica contraditória a até então observada: espaços de exibição em edificações simples, em geral estruturadas em madeira, inicialmente nos porões e sótãos de outros estabelecimentos e edifícios previamente existentes. Neste território, o Cinema é tomado pela ruralidade local, sendo uma nova opção de lazer e cultura, envolta em tecnologia e modernidade, mas que acontece nos moldes simplistas da economia e cultura agrícola (Pozzo; Candeia; Müller, 2022).

Esta expansão gradual dos Cinemas por Santa Catarina, acompanha o desenvolvimento territorial do estado, onde, inicialmente, a faixa costeira é colonizada

¹ O Ecletismo foi uma vertente estética presente na arquitetura ao longo das décadas iniciais do século XX. É caracterizado pela farta ornamentação, retomando e mesclando elementos de diversas linguagens arquitetônicas anteriores (Reis Filho, 2015). Ao apresentar grande variedade de detalhes em seus exemplares, era tido como sinônimo de posses e alto grau social.

² O *Art-Déco* foi um movimento estético que na arquitetura é caracterizado pela ornamentação com formas retangulares e linhas retas. Foi uma estética amplamente empregada ao longo dos anos 1920 e 1930 na arquitetura mundial, apesar de não ser considerada por muitos teóricos como essencialmente um Estilo Arquitetônico. No presente contexto, é importante destacar que era entendido como representante da modernidade emergente, sendo frequentemente empregado em salas de cinema, teatros, estações ferroviárias e emissoras de rádio (Segawa, 2014).

³ ARCOPLEX. [Site institucional]. Disponível em: arcoplex.com.br/compra_ingresso_online_new/. Acesso em 23 jun. 2022.

por Vicentistas e Açorianos, de acordo com as intenções de conquista da Coroa Portuguesa. Em seguida, com incentivo do Governo Imperial, inicia-se a colonização dos Vales Atlânticos e das Encostas, embasada principalmente nas imigrações alemã e italiana, as quais protagonizaram o estabelecimento das salas de exibição no estado. O Planalto Catarinense começa a ser colonizado no século XVIII, em um cenário em que a atividade mercantil pecuarista entra em foco, e a geografia mostra-se adequada para tal, principalmente nos Campos de Lages. Nesta região, a ocupação de terras acontece de forma diferenciada à até então decorrente no estado, pois baseia-se nos latifúndios para a reprodução de animais para transporte e na extração madeireira. Por fim, o Planalto Oeste de Santa Catarina é colonizado em primazia por imigrantes europeus da Itália e Alemanha que estavam anteriormente estabelecidos no Rio Grande do Sul, e que adquirem pequenos lotes com as companhias colonizadoras, proliferando pela região núcleos policultores com base na pequena produção mercantil, e adaptando seus hábitos e costumes aos agrupamentos aqui fundados (Pereira; Vieira, 2019).

Apesar das discrepâncias geográficas e culturais entre o contexto de inserção de cada uma das salas de cinema, uma característica se perpetua por entre as cidades agrícolas e agroindustriais da região Oeste: a ruralidade, simplicidade intrínseca aos hábitos e costumes do morador do campo, que é impressa no espaço por ele produzido e frequentado, diferindo-se dos locais com ambiência urbana. A definição de espaços rurais e urbanos vem sendo tema de discussões desde o surgimento dos primeiros agrupamentos urbanizados, na Antiguidade. Inicialmente, os dois termos eram vistos como opostos, e os territórios eram entendidos como estritamente campestres ou estritamente citadinos. Esta percepção alinhava-se com o cenário apresentado na época, em que as primeiras cidades eram muradas, facilitando sua distinção. Ao longo do tempo, estas delimitações físicas foram desaparecendo, assim como o a visão dicotômica de cidade e campo. Na contemporaneidade, difunde-se o argumento de um *continuum* entre rural-urbano, com pontos urbanizados inseridos no meio rural, bem como pontos ruralizados no meio urbano.

Sposito (2006) afirma que o processo de urbanização acelerado que ocorre no século XX, tornou dificultosa a distinção morfológica entre cidade e campo, pois houve uma ampliação no que se entende como a área de transição entre os dois extremos deste gradiente, como consequência da modernização tecnológica no âmbito das

comunicações e transportes, a qual encurtou distâncias e temporalidades. Assim, sugere a adoção do termo cidade/campo, buscando exprimir a superposição destas formas, e a indefinição de seus limites. Propõe o entendimento de que zonas rurais e urbanas ainda existem, mas frequentemente possuem fronteiras difusas, compartilham do uso do solo, de práticas socioespaciais, e de interesses políticos e econômicos. Logo, a autora não resume a distinção, ou a falta dela, apenas com base na morfologia espacial, mas também nas práticas dos atores sociais que possuem sua vida atrelada à cidade/campo, e nas consequências destas sobre o território.

Porém, na área estudada, as “cidades”, pelo menos em sua gênese, não apresentavam características fundamentalmente urbanas, aproximando-se mais de agrupamentos com equipamentos básicos como as igrejas e escolas, para onde os camponeses dirigiam-se desde suas glebas. Assim, eram núcleos que buscavam a urbanização, porém fortemente tomados pelos hábitos campestres, ou seja, pela ruralidade intrínseca a seu entorno. Eram, portanto, cidades rurais, cidades no campo, que mais tarde, transformam-se em cidades *do* campo (Santos, 1988, 1993, 1996), adquirindo um caráter urbanizado, em paralelo à implantação da lógica agroindustrial sobre o espaço, a qual passa a possuir prevalência sobre os processos de desenvolvimento do local.

Santos (2014), ao buscar uma classificação das cidades brasileiras, defende a alcunha de cidade local, para descrever as aglomerações que comumente seriam denominadas de cidades pequenas, como as encontradas no Oeste Catarinense. Para o autor, as cidades locais têm função polarizante, que atrai moradores e habitantes de territórios próximos. São caracterizadas como a dimensão mínima de agrupamentos urbanos, onde as atividades primárias deixam de ser as únicas a serem atendidas, e os serviços passam a priorizar às necessidades imediatas da população, processo este que é testemunhado também, a partir da instalação das salas de cinema no território estudado. Por fim, afirma que estas cidades são fundamentais para a expansão do acesso da população à bens e serviços, mesmo que a valores mais altos, os quais ocorrem como consequência de sua localização periférica no sistema urbano.

Os incipientes núcleos que começam a se estabelecer a partir da década de 1920 nesta região, possuíam sua economia fortemente atrelada à agricultura e pecuária de sua hinterlândia. Assim, apesar de possuírem características de sedes citadinas, são fortemente ruralizados, com grande influência da cultura campestre

(Espíndola, 1996), a qual também é refletida no cinema, atividade que em outros contextos, comumente expressava laços estreitos com o cosmopolitismo e a ideia de um mundo urbanizado. Ainda que as edificações implantadas no Oeste Catarinense se esforcem para apresentar uma ideia de modernidade e tecnologia, seja objetivando segregar classes, ou seja para alinhar-se à novidade que era o Cinema, a conjuntura local e o público das salas segue sendo rural, e exercendo forte influência tanto nas salas de exibição, parte delas construídas em madeira, quanto nas películas ali apresentadas, em que se destacam os filmes de atuação e direção de Mazzaropi e Teixeirinha, onde o cenário campesino frequentemente está presente.

Evidentemente, o Oeste de Santa Catarina não se resume romanticamente à ruralidade, sendo um território que se torna a cada dia mais permeado pela indústria e pela vida urbana. Entretanto, mesmo essa indústria e essa vida urbana mantêm estreitos laços com o mundo rural, em função da prevalência de um circuito econômico que é fundamentalmente agrícola e agroindustrial. Como consequência da industrialização, as salas passaram a buscar a expressão de uma modernidade, que acaba por conformar-se como uma modernidade rural. É no contexto desta contradição entre modernidade e ruralidade, que esta pesquisa se insere.

1.1 PROBLEMÁTICA

O Cinema, desde sua criação, foi atrelado à ideia do novo e do moderno. Charney e Schwarz (2004), afirmam que a atividade expressa uma combinação completa dos atributos da modernidade. Ao aliar a modernização, no sentido de produção tecnológica, e o modernismo, no sentido de superestruturas culturais (Berman, 2007), oferece aos catarinenses a possibilidade de fazer parte deste movimento global da modernidade. As salas construídas para abrigar a atividade, frequentemente possuíam estilemas estéticos do Eclético, do *Art Déco* ou Modernistas, objetivando inserir o espectador neste novo mundo não apenas pela tecnologia oferecida pela arte, mas também a partir de sua arquitetura. Ferraz e Vieira (2013) ao analisar a obra de Margarida Acciaiuoli, demonstram que quando a sétima arte começa a fixar-se no território, arquitetos passam a projetar estes espaços como parte da experiência proporcionada pelo filme. Em entrevista à Ferraz (2014b, p. 130), Acciaiuoli afirma:

A sala – e os arquitetos perceberam isso rapidamente – é um prolongamento do filme. E mais: os acessos às salas, as escadarias, os corredores são pensados a partir daquela visão fantástica que é o movimento do cinema. O movimento do cinema não para no filme. Essa experiência de movimento que o cinema, as fitas, os filmes trazem passavam para a arquitetura. (Acciaiuli, Marina, apud Ferraz, 2014b, p. 130).

Em consonância, Pozzo (2018, p. 103) disserta sobre como as salas de cinema eram parte deste novo mundo moderno e urbano, e o exprimiam em sua arquitetura e função, sendo capazes de incluir até as pequenas cidades nesta dinâmica:

[...] a magia das exposições universais, as descobertas da ciência e o movimento das grandes cidades podiam ser experienciados nestas edificações, mediante sua própria materialidade e, evidentemente, as películas nelas exibidas. Pode-se dizer que muitas cidades pequenas participam do fenômeno da modernidade em sua totalidade através das salas de cinema.

Entende-se que, de maneira geral, os espaços em que o cinema acontecia desde sua gênese, no início dos anos 1920, até meados de 1980, eram marcados como pontos nodais de cultura, sociabilidade e, principalmente, uma nova modernidade cosmopolita, e, as salas de cinema localizadas em cidades rurais e locais, não eram exceção. Altino Luiz Miguel, conta em entrevista como foi a inauguração de sua sala de cinema, o Cine Real na cidade de Fraiburgo, na região Oeste de Santa Catarina, no dia 28 de novembro de 1976, época em que a população total se aproximava dos 15.031 habitantes (IBGE, 1983):

[...] e para a primeira exibição escolhemos um filme de Mazzaropi, marcamos a data e cartazes expostos para a inauguração. Dia da inauguração lotação dos quinhentos lugares, ficou pessoas em pé, o público colaborou. Por muito tempo foi maravilha, sempre lotado e teve um filme do Teixeira que foram quatro sessões, 14 – 16 - 20 e 22 horas. MIGUEL, Altino Luiz. Entrevista concedida via e-mail à Luís Eduardo Candeia. Fraiburgo, 12 jul. 2018.

Apreende-se do relato o poder de concentração social que estes espaços possuíam nos tempos áureos do cinema de rua, tanto por proporcionarem uma nova forma de entretenimento, quanto por serem uma atividade comunitária: ir ao cinema ia além da prática de assistir ao filme e testemunhar esta tecnologia, era também ver e ser visto, inserir-se no cotidiano social urbano (Pozzo, 2018). Em adição, o entrevistado cita que o filme exibido na inauguração foi de Amácio Mazzaropi, ator e diretor de cinema brasileiro, cujos filmes frequentemente retratavam histórias simples, em cenários rurais, ou apresentavam o Jeca, o “caipira” como o “outro” no espaço

urbano.

Na inauguração do Cine Real, o filme exibido foi “Portugal...Minha Saudade”, que conta a história de um homem desafortunado, que trabalha vendendo frutas com uma carriola, em um cotidiano tão modesto quanto o dos espectadores da película em Fraiburgo. Altino também faz questão de ressaltar o sucesso alcançado com a exibição de um dos filmes de Teixeirinha, cantor, cineasta e ator gaúcho, que produziu filmes em geral rodados no Rio Grande do Sul, e com uma forte influência da temática agrícola.

Por fim, observa-se na imagem compartilhada pelo entrevistado (ver Figura 1) o cartaz, pintado à mão, fixado na fachada do Cine Real, indicando que se exibia ali outro título que retratava a vida no campo: o filme “O Menino da Porteira”, de 1976, mais um fato que contribui para afirmar a influência do contexto de inserção das salas, nos cinemas localizados nas áreas urbanas de territórios agrícolas.

Figura 1: Cine Real, na segunda metade da década de 1970.



Fonte: Acervo de Altino Luiz Miguel.

O Cinema, como dito anteriormente, mescla a arte e a tecnologia com o objetivo de conectar o espectador à narrativa, engajando-o em uma história a partir da grande tela e da sala escura. Talvez, foi tão bem-sucedido no Oeste rural de Santa Catarina

por se utilizar de seu conteúdo, muitas vezes de temática campesina, para conseguir aproximar-se do público, por mais distante que este fosse da modernidade cosmopolita emergente, e facilmente incluí-lo neste processo. De galpões de madeira e clubes, algumas salas rapidamente passaram a ostentar ornamentos de linguagens arquitetônicas europeias, revelando o desejo de participarem da nova vida moderna.

Desta forma, o projeto aqui proposto pretende estudar a curiosa relação entre as salas de cinema do Oeste do estado de Santa Catarina, e o contexto rural e agroindustrial na qual se inserem, recorrendo sobre as contradições que sucedem desta conjunção, e como estas evidenciam nuances do desenvolvimento urbano e industrial do território ao longo da história.

A gênese e o desenvolvimento da rede exibidora do Oeste de Santa Catarina, mediante esse conteúdo de ruralidade, tensionam as interpretações mais difundidas sobre o tema, que relacionam as salas à urbanidade e ao cosmopolitismo. Entende-se que se faz insuficiente apenas aplicar teorias sobre o Cinema produzidas em grandes centros, fundamentadas em observações voltadas às metrópoles, no contexto de implantação divergente caracterizado pelo Oeste de Santa Catarina.

Com base na percepção destas diversas particularidades, a investigação aqui proposta tem como problema explorar como se deu a dialética entre o processo de expansão e fechamento dos cinemas que se constituíram na divisão Oeste do Estado, e o desenvolvimento regional e socioeconômico deste território. Ou seja, como a implantação das salas de cinema, seu período de funcionamento e processo de decadência podem demarcar o desenvolvimento, elucidando fatores como redes urbanas, caminhos da imigração e possíveis formas de acesso à cultura, e ainda, como este desenvolvimento foi afetado pelo estabelecimento destes espaços de difusão cultural e sociabilidade. Para tanto, faz-se essencial o entendimento de como as relações paradoxais entre o contexto de implantação rural e a modernidade cosmopolita advinda do Cinema influenciaram nesta dinâmica.

Assim, com a compreensão desta problemática, questiona-se:

- Como compreender o desenvolvimento da rede exibidora de salas de cinema de rua no Oeste catarinense à luz do desenvolvimento regional marcado pela ruralidade?
- Como assimilar a relação contraditória entre o desenvolvimento regional e a ocorrência de salas de cinema de rua no Oeste catarinense, considerando que estas surgem como demarcadores de

desenvolvimento na primeira metade do século XX, e, no entanto, na medida em que a economia se torna agroindustrial, vão desaparecendo das centralidades urbanas, a partir da década de 1980?

- Como ocorre a transição do modelo de rua para o modelo de shopping nesta região, em que o segundo modelo se implanta tardiamente, em relação ao restante do Estado, no território?

Ao analisar os processos de abertura, funcionamento e fechamento das diversas salas encontradas, fica clara a relação entre o cinema e o ciclo econômico da região em que se instala. Assim, a hipótese levantada nesta pesquisa toma as salas de cinema como pontos demarcadores do desenvolvimento regional, e esta posição é justificada tanto pelo fato de que o estabelecimento dos cinemas pode ser entendido como tradução de uma ascensão econômica local, onde há investimento de capital em lazer e entretenimento, que se tornam hábitos cotidianos, quanto pela conformação destas salas, que comumente traduzem por sua materialidade ou conteúdo exibido, a estrutura social das cidades.

Por conta das especificidades expressas pela conjuntura distinta do Oeste de Santa Catarina, simplesmente importar teorias sobre a experiência do cinema construídas por um ponto de vista que se formou em contextos metropolitanos, mostra-se insuficiente para compreender o papel do cinema na região, onde um contexto econômico agrícola e agroindustrial combina-se com um contexto urbano marcado pelas pequenas cidades.

Dessa forma, objetiva-se aqui analisar a relação estabelecida entre a formação socioespacial do Oeste Catarinense e a expansão do parque exibidor de cinemas de rua neste contexto de expressiva ruralidade ao longo do século XX, revelando, através do estudo, as nuances culturais do desenvolvimento regional catarinense e os processos que resultaram na atual conjuntura do território e das salas de cinema.

Para tal, esta produção baseia-se em três objetivos específicos, os quais correspondem a cada um dos capítulos aqui apresentados. O primeiro deles, busca revisar a formação socioespacial do Oeste de Santa Catarina, objetivando compreender como os conflitos e transformações que ali aconteceram, e o processo de urbanização que deles resultou, induziram a instalação de salas de cinema de rua, e interferiram em sua arquitetura e conteúdo exibido, no início do século XX.

O segundo, pretende discutir a relação entre a consolidação das cidades, a onda de emancipações, e o processo de transição da pequena produção mercantil

para a agroindústria a partir da segunda metade do século XX, e como os movimentos de transformação e modernização gerados pela industrialização influenciaram as salas de cinema de rua.

Por fim, o terceiro procura caracterizar casos específicos de salas de cinema de rua encontradas no Oeste Catarinense, objetivando revelar nuances do desenvolvimento e das interações sociais urbanas e rurais de difícil percepção a partir de um olhar distante e generalista, demonstrando a mutualidade da influência entre os cinemas e o contexto ruralizado em que se inserem.

1.2 METODOLOGIA

Cada um dos três objetivos específicos foi alcançado a partir de diferentes procedimentos metodológicos. O primeiro teve sua realização embasada em revisão teórica a respeito da formação socioespacial da região Oeste de Santa Catarina; estudo de bibliografias acerca da influência de salas de cinema de rua nas dinâmicas urbanas durante o início do século XX; e, finalmente, no cruzamento das informações obtidas com os dados levantados sobre as primeiras salas da região.

O segundo objetivo foi atingido a partir de revisão teórica a respeito do processo de urbanização do Oeste de Santa Catarina e a onda de emancipações que se dá na segunda metade do século XX; investigação concernente à industrialização do Oeste de Santa Catarina, às transformações decorrentes deste processo e às mudanças ocorridas devido à implantação das agroindústrias e da mecanização do campo; e, por fim, análise e discussão dos dados obtidos, gerando o cruzamento espaço-temporal das informações com o levantamento de salas de cinema.

O terceiro objetivo foi concluído com base em revisão teórica sobre Cinema e cotidianidade, salas de cinema e a sociabilidade e sobre cinemas em contextos ruralizados; bem como posterior análise e discussão com base nas narrativas coletadas a respeito das salas que existiram no Oeste. Ressalta-se que para a realização de cada um dos três objetivos, foi fundamental a continuação e aprofundamento da investigação efetuada entre os anos de 2016 e 2019 na pesquisa “Corpo Espacial do Cinema: uma cartografia social das antigas salas de cinema de rua de Santa Catarina”⁴, com base em entrevistas semiestruturadas com antigos

⁴ O projeto de pesquisa “Corpo Espacial do Cinema: uma cartografia social das antigas salas de cinema

proprietários das salas de cinema, trabalhadores destes espaços, público que participou das exposições e pessoas envolvidas com os cinemas nas cidades, consulta à arquivos históricos municipais, acervos pessoais de indivíduos ligados à história das salas de cinema na região, bibliotecas públicas, sites, hemerotecas, jornais eletrônicos, redes sociais e blogs.

1.3 JUSTIFICATIVA

A investigação aqui proposta apresenta relevância teórica ao procurar compreender, com base na ótica da cultura, a dinâmica geográfica do desenvolvimento da região, e concomitantemente, a temporalidade deste processo, analisando a implantação de núcleos urbanos ao longo do espaço e do tempo. Além disso, pretende também elucidar o deslocamento migratório pelo território durante o século XX, apresentando a origem dos cinemas, sua multiplicação e posterior obsolescência, em paralelo à chegada de migrantes descendentes de europeus, seu estabelecimento e ascensão econômica e, por fim, os processos mais recentes de emigração para outras cidades.

Entender a distribuição geográfica das salas de cinema de rua do século XX, bem como seus períodos de abertura, funcionamento e fechamento, pode auxiliar na concepção de um panorama sobre como os territórios desenvolvem-se ao longo do tempo, com base nas conexões e redes urbanas formadas pela atividade. Pozzo e Candeia (2021) afirmam que, ao relacionar o cinema e o desenvolvimento regional, três distintas aproximações usualmente são encontradas: a dos cinemas como demarcadores do desenvolvimento econômico, tratando-os com base no conceito de economia criativa, propagado pelo Ministério da Cultura principalmente após a constituição da Secretaria de Economia Criativa em 2012, que tinha como objetivo estimular a cultura aliada ao desenvolvimento econômico do país⁵; a segunda, que tem bases na primeira, e estuda formas de desenvolvimento do cinema com uma perspectiva econômica e política, na acepção de manifestação cultural, a abordagem utilizada, por exemplo, em programas de cultura e desenvolvimento da Organização

de rua de Santa Catarina”, foi desenvolvido entre os anos 2016 e 2019 junto ao Departamento de Arquitetura e Urbanismo da Universidade do Estado de Santa Catarina. Ao longo deste período, participei como Bolsista de Iniciação Científica, sob orientação da Prof. Renata Rogowski Pozzo.

⁵ Ministério da Cultura. Plano da Secretaria da Economia Criativa: políticas, diretrizes e ações, 2011 – 2014. Brasília, 2011. Disponível em: http://www2.cultura.gov.br/site/wp-content/uploads/2012/08/livro_web2edicao.pdf. Acesso em: 30 maio 2021.

das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (Unesco) (2013); e, finalmente, tem-se a análise a partir da economia da indústria cinematográfica, estabelecida no campo da economia política da cultura.

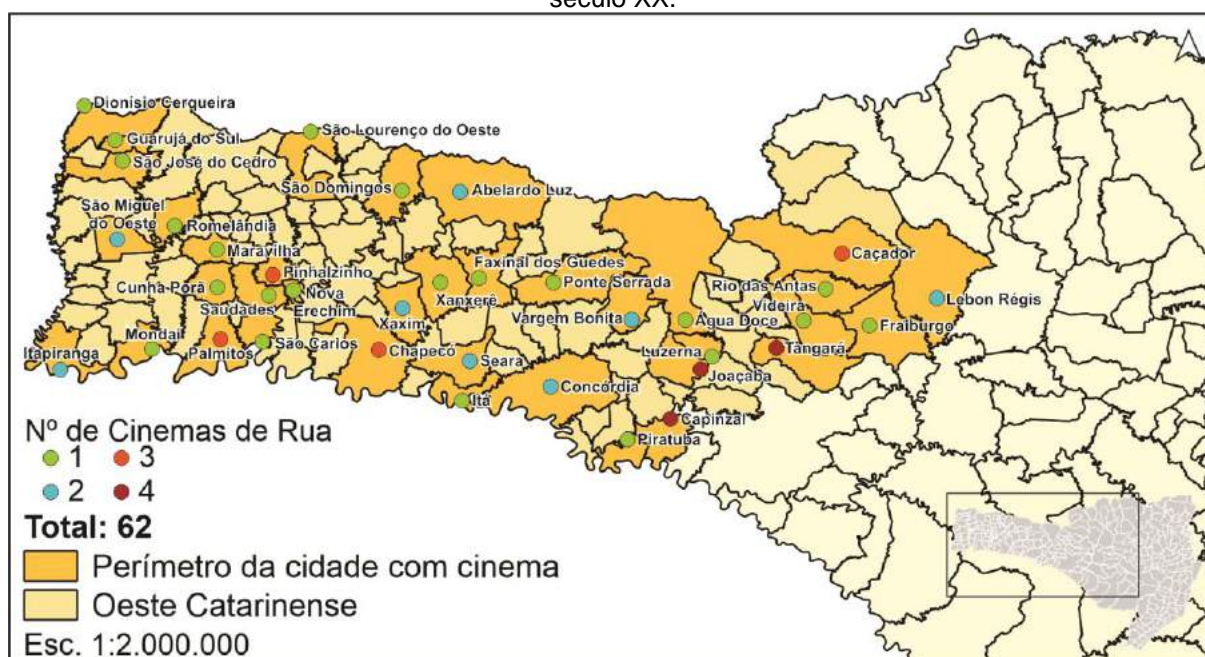
Porém, nestas abordagens, o foco de estudo é na produção cinematográfica, por vezes desassociada da distribuição e da exibição, de forma que poucos são os estudos, na perspectiva brasileira, que abordam a organização das salas ao longo do território pela ótica intraurbana e econômico-industrial (Pozzo, Candeia, 2021).

Assim, a presente pesquisa insere-se no campo da geografia do cinema e das histórias de cinema, tratando do tema no sentido das salas de exibição, entendendo-as como uma expressão cultural, e analisando a organização espacial do parque exibidor. Pretendemos, com base nestas afirmações, gerar um panorama do desenvolvimento regional do território ao longo do tempo a partir de uma ótica diferenciada: a do acesso à cultura em áreas rurais, com foco no Oeste do estado. Dentre os estudos que abordam a localização espacial, as histórias das salas e sua influência na escala intraurbana catarinense, destacam-se os escritos de Munarim (2009), Bona (2009), Pozzo (2018), Müller e Pozzo (2017), Batista, Candeia e Dallabrida (2017), Rambo et. al. (2019) e Pozzo e Candeia (2021).

O projeto de pesquisa “Corpo Espacial do Cinema: uma cartografia social das antigas salas de cinema de rua de Santa Catarina”, desenvolvido no departamento de Arquitetura e Urbanismo da Universidade do Estado de Santa Catarina (Udesc/Ceres), foi responsável por catalogar a existência de diversas salas de cinema de rua ao longo do estado. Aqui, aprofundamos esta investigação, e foram identificadas, 62 salas⁶, em 37 cidades do Oeste Catarinense (ver Figura 2). Destacamos que cada uma das salas é apresentada em detalhes no banco de dados contido no Apêndice B, ao final deste documento.

⁶ A contagem de número de salas por cidade foi efetuada considerando a localização do estabelecimento. Se um mesmo cinema muda de local ou de edificação, mesmo mantendo sua nomenclatura, este é contabilizado de acordo com cada uma de suas diferentes instalações.

Figura 2: Cinemas de Rua nas cidades do Oeste do Estado de Santa Catarina existentes ao longo do século XX.



Fonte: IBGE (2021c). Elaborado pelo autor (2023).

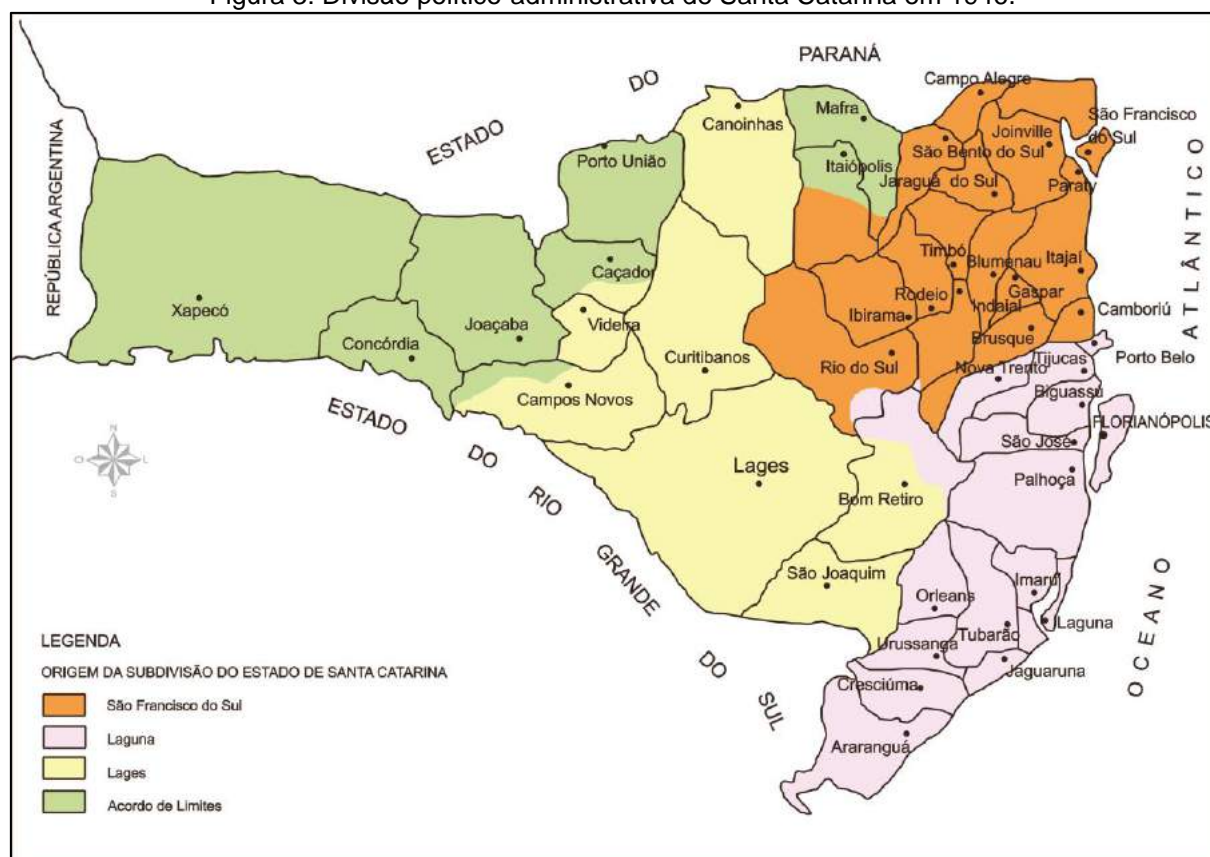
A partir do mapa, apreende-se que as salas encontradas até então se localizam por todo o Oeste do estado. Porém, é importante ressaltar, que entre a metade e o final do século XX, período de funcionamento destes estabelecimentos, o território passou por diversas subdivisões, resultando no fato de que atualmente, esta é a região com maior número de municípios de Santa Catarina: 118, de um total de 295, de forma que 40% das cidades do Estado nela se localizam⁷. Para entender o acesso do público às salas, torna-se então indispensável compreender o desenvolvimento regional, pois afirmar que a cidade possui uma sala de cinema, não é o mesmo que afirmar que todo seu território possui acesso à sétima arte, e, analogamente, a falta de salas em alguma divisão municipal, não implica necessariamente na falta de acesso.

O mapa abaixo corresponde à divisão administrativa de Santa Catarina no ano de 1946, e corrobora com o argumento anterior, pois, ao ser analisado isoladamente, pode afirmar que todo o território do atual Oeste Catarinense possuía acesso às salas de cinema, visto que estavam em atividade o Cine Ideal, em Chapecó, o Cine Rex,

⁷ SANTA CATARINA. Secretaria de Estado da Fazenda. Divisões Administrativas. Santa Catarina, nov. 2012. Disponível em: <https://www.sef.sc.gov.br/arquivos_portal/relatorios/31/Divisoes_administrativas___novembro_2012.xls>. Acesso em 03 maio 2021.

em Joaçaba, e o Cine Teatro Colombo, em Concórdia. De certa forma, podemos declarar que parte da população dos núcleos urbanos demarcados na região possuía acesso ao cinema, mas é errôneo exprimir da cartografia que as três salas pudessem atender a todo o Oeste Catarinense, visto que se localizavam nos núcleos urbanos destes municípios, atuando como um vetor de concentração social noturna apenas nestes centros e circunvizinhanças. É importante também ressaltar, que ambulantes viajavam por este território durante esse período, realizando exhibições em comunidades rurais (ver Figura 3).

Figura 3: Divisão político-administrativa de Santa Catarina em 1946.



Fonte: Silva (2016).

Entendemos, a partir daí a complexidade incutida no processo de compreensão da relação da população com os cinemas, de forma que se fazem necessárias diversas análises geográficas do território, sob diferentes óticas, em escalas regionais e intraurbanas, para então traçar-se o desenvolvimento dos espaços de exibição cinematográfica nas cidades do Oeste Catarinense, em paralelo ao desenvolvimento regional.

Analogamente, o processo de expansão deste parque exibidor é capaz de

revelar diversas nuances a respeito da formação socioespacial do território, ao ser abordado como uma expressão cultural dos habitantes, de forma que as salas de exibição se configuram então como elementos demarcadores do desenvolvimento regional. Assim, afirma-se que o entendimento do contexto socioespacial de inserção das salas elucida o processo de desenvolvimento regional do Oeste Catarinense ao longo do período de funcionamento destes estabelecimentos, com base nas manifestações do Cinema ao longo da história do território, e sua expansão geográfica sobre esta porção do estado. Entender a esfera da exibição cinematográfica é entender o desenvolvimento regional, e como este e a cultura influenciam-se mutuamente.

2 MONTANDO O CENÁRIO: DOS POVOS ORIGINÁRIOS À URBANIZAÇÃO

Santos e Silveira (2001) periodizam a formação do território brasileiro em três fases: os meios naturais, em que o ambiente é o agente que controla as intervenções sobre o espaço; os sucessivos meios técnicos, que abrangem desde a transição do século XIX para o XX até meados da década de 1970, em que a mecanização começa a adentrar e especializar os territórios, segregando espaços em função da lógica capitalista, e; os meios técnico-científico-informacionais, iniciados a partir da década de 1970, em que a tecnologia e as descobertas pós segunda guerra passam a ser implantadas no cotidiano industrial visando uma maior obtenção de lucro, com base nos fundamentos da globalização.

O recorte temporal deste capítulo, o século XX, representa no Oeste catarinense, a transição entre os meios naturais e os meios técnicos, movimento que será discutido nesta seção. O processo não é pacífico, visto que diversos conflitos se dão sobre o local, como ondas consecutivas de embate, em diversas instâncias e escalas, para a posse da terra. Esta mudança inicia-se com a primeira exploração em incipientes moldes capitalistas sobre o espaço: a da erva-mate, que é comercializada com a Argentina e com os estados vizinhos do Paraná e Rio Grande do Sul, na virada do século XIX para o XX. Por conta desta clara demarcação do valor econômico das florestas ocidentais de Santa Catarina, acirram-se os confrontos, inicialmente com a Argentina, e, em seguida, em um processo que se mescla à Guerra do Contestado, com o Paraná.

Neste início de século, as verticalidades⁸ atuam sobre o território de forma expressiva, testemunhadas tanto por conta destes conflitos, quanto pela concessão de terras para empresários estrangeiros, que então investem na implantação de uma estrada de ferro, e, ao serem proprietários destas porções do espaço, o desmatam e lucram com a venda da madeira, exportada via trem e, posteriormente, com a comercialização destes lotes, lucrando ainda mais ao terem a terra como sua mercadoria. Nasce assim as Companhias Colonizadoras, que trazem imigrantes europeus, radicados no Rio Grande do Sul, para a região. Estes, por consequência, através de um processo de acumulação originário da pequena produção mercantil,

⁸ As verticalidades, segundo Santos (1996), configuram-se como a influência de forças extrínsecas ao local, alterando suas dinâmicas em função do interesse do capital e do movimento globalizador cunhado pelas hegemonias comerciais.

são responsáveis pela nascente industrialização e desenvolvimento dos núcleos urbanos, que funcionam baseados na dependência financeira e de insumos da produção agrícola (Santos, 2000).

Por fim, nestes contextos econômicos áureos em estruturação, conforma-se uma conjuntura propícia para introdução de formas de cultura nas cidades que estavam sendo estabelecidas. Nasce assim, as salas de cinema de rua do Oeste de Santa Catarina.

2.1 DA FORMAÇÃO DO TERRITÓRIO À GÊNESE DAS SALAS DE CINEMA

O território que hoje é compreendido como Oeste Catarinense, segundo o recorte traçado pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística em 1990⁹ (IBGE, 1990), atravessou diversas transformações ao longo de seu processo de formação socioespacial. Habitado originalmente por grupos Xokleng, Guarani, e predominantemente Kaingang (Santos, 1973), passa a ser palco de relações conflituosas entre estes e os bandeirantes e tropeiros, que por ali traçam sua rota a partir do século XVIII. Assim caracteriza-se o Caminho das Tropas, onde se dá o transporte de gado vindo do Rio Grande do Sul, para o Estado de Minas Gerais, e mais tarde também para São Paulo e Rio de Janeiro (Pertile, 2008).

Esta atividade tem sua origem no século XVII, e perdura até meados de 1940, sendo de grande importância para as relações da Argentina com o Sul do Brasil, e deste com o Sudeste, mas sendo também responsável pelo início do processo de massacre dos povos indígenas na região. Assim, como resultado da movimentação pelo país e da consequente necessidade de repouso dos viajantes, criam-se locais comuns de parada, que, com o passar do tempo, tornam-se vilas e atualmente são cidades do estado (Pertile, 2008). Como exemplo, tem-se Campo Erê, lar de tribos Kaingang, e posteriormente local para descanso de bandeirantes vindos de São Paulo (Campo Erê, 2013). A nomenclatura de Campo Erê, assim como de grande parte dos municípios nesta área, como Xanxerê; Chapecó; Tangará; Itapiranga e Cunha Porã, é derivada da cultura indígena, comprovando assim sua fundamental presença nestas

⁹ Ressalta-se que foi utilizada a Divisão do Brasil em mesorregiões e microrregiões geográficas, de 1990, e não a mais recente Divisão regional do Brasil em regiões geográficas imediatas e regiões geográficas intermediárias, de 2017, por conta de dois fatores: a manutenção da coerência metodológica com a pesquisa Corpo Espacial do Cinema: uma cartografia social das antigas salas de cinema de rua de Santa Catarina, que foi iniciada em 2016 e é basilar para esta dissertação, e a maior fidelidade da divisão regional de 1990 ao recorte temporal a ser aqui estudado.

terras. Santos (1973) afirma que os primeiros caçadores e coletores que viveram na atual Santa Catarina, adentram o Estado por meio do Vale do Rio Uruguai (ver Figura 4), por volta de 5.500 a.c., e dali seguem rumo ao litoral, em busca de maiores recursos.

Figura 4: Bacias Hidrográficas do Brasil, com destaque à Bacia do Rio Uruguai.



Fonte: IBGE (2021a). Elaborado pelo autor (2022).

Porém, segundo a Coroa Portuguesa, estas terras eram devolutas, e estavam vazias, carentes de colonização. Assim, estimula-se a ocupação a partir da Carta Régia (1808), e mais tarde, na metade do século, pela Lei de Terras (1850). Ambas explicitam a determinação para povoar, em busca de uma consolidação dos limites do país, e do estabelecimento de terras para cultivo agora sem povos originários articulados, pois seriam então “catequizados”, ou dizimados, impedindo assim também investidas de apropriação da Argentina (Renk; Winckler, 2018). Para tanto, são também criadas em 1859 as Colônias Militares de Xanxerê e de Chopim, com o objetivo de defender a fronteira nacional, e de proteger a região contra “ataques” indígenas. Porém, seu estabelecimento se dá somente no ano de 1882, por conta de objeções feitas pelo governo argentino, que apontava que os limites do território estavam em discussão. Em adição, a geografia do Oeste, na época, Campos de Palmas, demonstra-se favorável também ao estabelecimento de fazendas de criação: Pertile (2008) destaca a estratégia brasileira de enviar as bandeiras para o Sul, em conjunto com fazendeiros que acompanham estas incursões, e consolidam então suas propriedades ao longo destes percursos.

Desde os seus primórdios, o Caminho dos Tropeiros é fundamental para o comércio da porção ocidental da atual Santa Catarina. Relata-se que os primeiros habitantes não indígenas deste espaço, os caboclos¹⁰, viviam em situação econômica precária, e, com a passagem dos viajantes, poderiam comercializar os excedentes de sua produção, como porcos criados ao longo dos pinhais. A influência do movimento tropeiro e bandeirante é fundamental para entender a atual organização territorial do Oeste Catarinense. Muitos dos caminhos feitos por estes grupos hoje tornaram-se estradas importantes para a conexão da região com o resto do país (Ver Figura 5), como por exemplo, porções das atuais BR-116 e BR-101 (Pertile, 2008).

Figura 5: Atuais rodovias federais com a sobreposição dos Caminhos dos Tropeiros.



Fontes: Pertile (2008, p. 42); Brasil (2021). Elaborado pelo autor (2022).

Outra fonte de renda e exploração para os caboclos, eram os ervais, grandes manchas de *Ilex paraguariensis* a erva-mate, espécie endêmica da região (ver Figura 6), que era explorada para comercialização com a Argentina. Costume

¹⁰ Aqui, julgamos importante fazer a caracterização desta população, visto que frequentemente sua história e forma de vida são pouco exploradas, o que resultou em graves consequências por conta deste apagamento. A formação deste grupo étnico data dos primeiros movimentos de tomada e ocupação do território, onde originalmente viviam povos indígenas, a partir do século XVIII. Sua fixação se dá ao longo dos Planaltos Leste e Oeste de Santa Catarina, Noroeste do Rio Grande do Sul e Sudoeste do Paraná, e o grupo é composto por descendentes de portugueses, paulistas, pessoas escravizadas, ou recentemente libertas, indígenas destribalizados e europeus, os quais desenvolveram formas de sobreviver na hostilidade do sertão que passam a habitar. Mais tarde, este mesmo conjunto protagoniza a Guerra do Contestado, quando a região sofre as consequências da expansão do capitalismo global. Ressalta-se, por fim, que a partir da chegada de imigrantes alemães e italianos, estrutura-se uma hierarquia social, em que os colonos “de origem” se veem superiores ao povo caboclo (Martins; Welter, 2019).

tradicionalmente indígena, o consumo das folhas em infusão foi herdado por Jesuítas, Paulistas, Portugueses e Espanhóis ao entrarem em contato com os povos originários, o que resultou em sua disseminação por todo o território platino. Porém, como a planta não é nativa de toda essa extensão, surge um mercado para a exportação, que originalmente era monopolizado pelo Paraguai. É na virada do século XIX que Santa Catarina, Paraná e Rio Grande do Sul passam a obter lucro com a distribuição do produto para países e estados próximos (Brandt; Silva, 2014).

Figura 6: Área de incidência da *Ilex paraguariensis* na América do Sul.



Fonte: Gerhardt (2013, p. 35). Elaborado pelo autor (2022).

Esta atividade é capaz de explicitar o isolamento da região Oeste até a segunda década do século XX, em que o comércio acontece mais facilmente com outro país, do que com a capital estadual, ou as capitais dos estados vizinhos¹¹

¹¹ Bavaresco (2003) declara que entre o fim do século XIX e início do XX, esta região encontrava-se em total abandono, devido à falta de estradas de ligação entre esta, e as outras partes do estado, de forma que o interesse no ordenamento e ocupação do território só acontece mais tarde, quando as questões dos limites entre Brasil e Argentina, e Santa Catarina e Paraná estão resolvidas. Assim, o comércio e exportação de produtos se dá no sentido dos caminhos já estabelecidos pelo movimento tropeiro.

(Pertile, 2008). As relações econômicas com base neste produto são de fundamental importância para a economia brasileira, sendo, entre fins do século XIX e início do XX, exportação que gera mais renda para Santa Catarina, configurando assim a maior fonte de arrecadação de impostos do estado. É importante ressaltar que esta atividade se demonstra mais lucrativa nas regiões Norte e Nordeste catarinense (Rocha, 2004), e entende-se que a incidência endêmica desta espécie no Oeste foi suficiente para o surgimento do interesse econômico sobre as matas da região¹². Logo, o governo estadual passa a arrendar as terras devolutas desta porção do território à particulares, de forma que estes têm o compromisso de extrair uma quantidade previamente acordada do produto em sua nova propriedade (Pertile, 2008).

Assim, as riquezas naturais da região passam a ser percebidas, e, concomitantemente, elites regionais demonstram o interesse na aquisição das terras. Esta percepção resulta em mais conflitos pela posse do território, que já contava com limites pouco claros, e sofreu tentativas de reivindicação do país vizinho ao longo de todo século XIX. O desentendimento acontece baseado nos limites entre Brasil e Argentina, de forma que para o primeiro, a fronteira oeste se dava pelo rio Peperiguaçu, e para o segundo, pelo rio *Pequirí-Guazú*, conhecido em território nacional como Chapecó, o qual localiza-se a aproximadamente 100 quilômetros a leste da divisa concebida pelo Brasil (ver Figura 7) (Pertile, 2008).

¹² A extração e o beneficiamento da erva-mate foram fundamentais para a subsistência dos migrantes colonizadores que se fixavam em áreas de mata. Com a abertura da Estrada Dona Francisca, a ligação entre Joinville e o Planalto Norte de Santa Catarina foi facilitada, e, assim, o porto de São Francisco do Sul substitui o de Paranaguá, e o comércio do produto expande-se rapidamente. Ressalta-se que, por maior que tenha sido seu poder de capitalização, não há investimento em instalações fabris para o setor (Rocha, 2004).

Figura 7: Rios Chapecó, Peperi-guaçu, do Peixe e Uruguai.



Fontes: ANA (2016); IBGE (2021c). Elaborado pelo autor (2022).

Esta questão é resolvida somente em 1897, com a influência externa dos Estados Unidos, quando o Presidente Grover Cleveland reconhece o espaço como de propriedade brasileira¹³, de forma que as medições para documentação terminam somente no ano de 1903, sob o comando de Dionísio Cerqueira, proponente da criação de uma vila para servir de suporte às atividades, que mais tarde torna-se cidade e leva até hoje o nome de seu idealizador (Pertile, 2008). Rocha (2004) destaca a estreita relação entre a decisão do governante norte-americano e a exploração posterior destas mesmas terras, pelo empresário estadunidense Percival Farquhar (Rocha, 2004).

Personagem significativo para a história do Brasil e do Oeste Catarinense, como será visto adiante, Farquhar era natural de York, na Pensilvânia (EUA), nascido em 1864. Fazia parte da segunda geração de capitalistas estadunidenses, ao deixar de investir em sua terra natal e aplicar seu capital em diversos países, como Cuba e Guatemala, chegando ao Brasil em 1905. Aqui, colocou em prática diversos planos de negócios, formando uma *holding* e atuando na construção e administração de portos, docas, serrarias, abatedouros e frigoríficos, na aquisição e gerenciamento de fazendas, na exploração de erva-mate, na gestão dos bondes de São Paulo e Rio de Janeiro, que a ele fora concedida, na produção de energia elétrica, gás e sua

¹³ Em sua produção, Ferrari (2011) demonstra que as diversas tentativas de negociação entre os países foram frustradas. Assim, a solução encontrada e aceita por ambos foi a arbitragem da questão por uma nação externa ao conflito: os Estados Unidos.

distribuição na então capital federal, além de seu principal investimento, a implantação e controle de ferrovias, caracterizando assim a *Brazil Railway Company* (Milani, 2017).

Entre 1905 e 1914, o americano investiu US\$ 180 milhões no país, valor que, segundo Milani (2017), converte-se na atualidade para US\$ 4,4 bilhões, e que, ainda segundo o autor, corresponde a 2,5% do PIB do Brasil em 1914. Neste mesmo ano, é decretada a recuperação judicial de suas empresas, que Percival consegue manter consigo por mais três anos, e entre 1917 e 1919, acaba por ser forçado a desfazer-se da *Brazil Railway*. Farquhar apresenta em 1921, planos para a construção de um complexo siderúrgico em Minas Gerais, os quais são engavetados por 21 anos, e só colocados em prática durante o governo Vargas. Próximo dos 90 anos, adoece, e vem a falecer em 1953, nos Estados Unidos (Milani, 2017).

Sua atuação foi de fundamental influência sobre o território aqui estudado, sendo responsável pela integração econômica do Sul com o restante do Brasil, pois foi a partir de seu investimento por meio da *Brazil Railway Company*, que a Estrada de Ferro São Paulo Rio Grande (EFSPRG), foi estabelecida, cortando transversalmente o Oeste Catarinense.

2.1.1 Faroeste: o Trem de Ferro e a Guerra Sertaneja do Contestado

Corrêa (2005) afirma que o crescimento das cidades ao redor do globo foi alavancado pela integração ferroviária, visto que este foi o mais importante meio de transporte inter-regional pós Revolução Industrial. Em cenário nacional, esta fase da formação do país é periodizada por Santos e Silveira (2001), onde a criação de uma forma de ligação entre a produção e o consumo dos produtos do Sul pode ser entendida como a transição dos meios naturais, para os meios técnicos, em que a máquina tem papel fundamental. Ainda, na área analisada, explicita-se o que estes autores chamam de “Brasil Arquipélago”, de uma mecanização incompleta onde a urbanização se dá em “ilhas”, geograficamente distantes, pois as indústrias emergentes, mesmo que em cidades maiores, capitais e regiões litorâneas, dependiam de matéria prima proveniente do meio natural, neste caso, produzida no Rio Grande do Sul, e posteriormente também em Santa Catarina. Assim, nos anos iniciais do século XX, já era discutida a criação de uma estrada de ferro que ligaria a produção riograndense com o sudeste brasileiro, de forma que o Oeste catarinense seria atravessado ao longo dos meandros do Rio do Peixe (ver Figura 8).

Figura 8: Percurso da Estrada de Ferro São Paulo-Rio Grande ao longo do Rio do Peixe.



Fontes: ANA (2016); IBGE (2021c); IBGE (2011b); Brasil (2018). Elaborado pelo autor (2022).

Deste modo, uma possível conexão rápida entre Rio Grande do Sul e São Paulo, foi suficiente para reacender o interesse do Estado de Santa Catarina em regularizar as terras, e resolver a questão de limites que seguiam indefinidos com o estado vizinho do Paraná após a decisão de Cleveland, de que o território seria brasileiro. Assim, em 1901, é protocolada a solicitação junto ao Supremo Tribunal Federal. Três anos depois, em 1904, a causa é resolvida judicialmente, a favor de Santa Catarina. Por sua vez, o Estado do Paraná não cumpriu o acordo, e seguiu com tentativas de conquista, motivadas pela possível conexão férrea com São Paulo. Eram então estabelecidas vilas ao longo das margens do Rio do Peixe (ver Figura 7), sendo catarinenses as localizadas à leste, e paranaenses à oeste. Prova deste conflito reside nos mapas apresentados pela Evolução da divisão territorial do Brasil (IBGE, 2011a), onde os três primeiros, dos anos de 1872, 1900 e 1911 (ver Figura 9), apresentam a porção ocidental de Santa Catarina como sendo ainda pertencente ao estado do Paraná.

O crescente afã pela construção da estrada de ferro fez com que o governo brasileiro, ao não possuir recursos para tal obra, adotasse como solução a concessão de terras à investidores estrangeiros, para que estes executassem a ferrovia, desconsiderando qualquer direito da população já ali residente (Pertile, 2008). Desta forma:

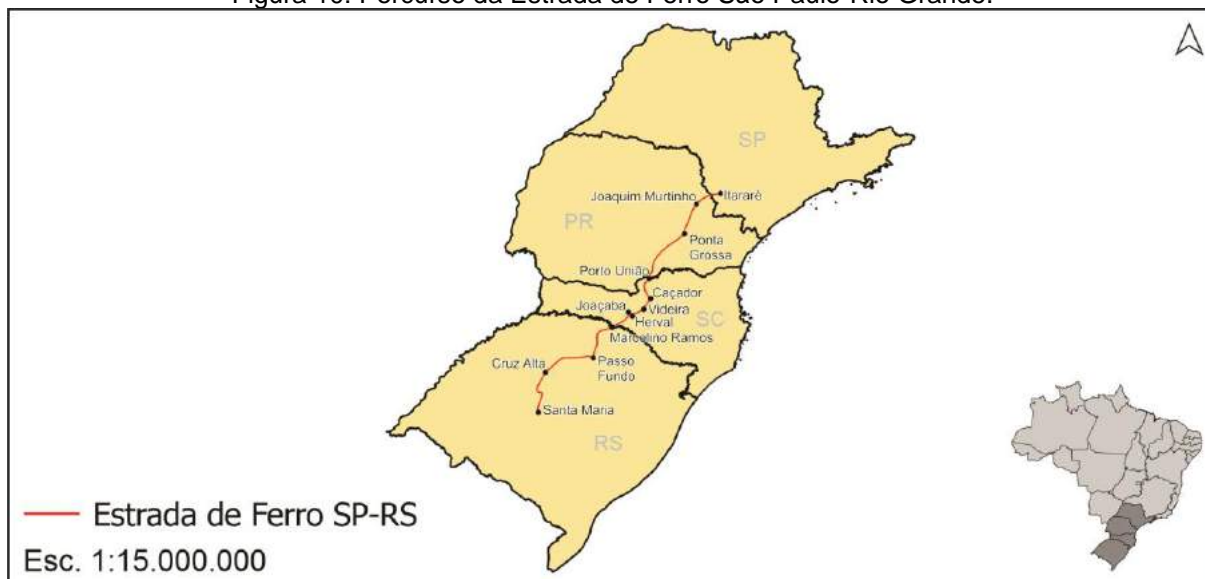
Os desdobramentos do projeto de modernidade que ocorriam mundo afora estavam assim chegando ao estado catarinense por meio de uma estrada de ferro. Nos primeiros anos do século XX, num cenário de busca do “progresso” e de disputas na delimitação da fronteira entre Paraná e Santa Catarina, é iniciada a construção da Estrada de ferro São Paulo-Rio Grande em terras catarinenses (Pertile, 2008, p. 51).

Este é o primeiro momento em que a região conhece um processo de modernização, baseado na influência da máquina e nas novas formas de produção e articulação do capital. Como afirmado por Pertile (2008) “a chegada do trem a vapor em Santa Catarina simbolizava o moderno”. A ferrovia possibilitaria então uma maior velocidade no transporte da produção de produtos da pecuária e agricultura do Rio Grande do Sul, para São Paulo e Rio de Janeiro, e erva-mate e madeira de Santa Catarina e do Paraná, para o Rio Grande do Sul.

O movimento de interiorização dos espaços urbanos é visto em todo país na passagem do século XIX para o XX, seja por conta da exploração mineral em estados como a Bahia, Minas Gerais e Goiás, seja pela criação agropastoril em fazendas, como é de fato o caso aqui estudado (Santos; Silveira, 2001). O processo interiorização, gera a necessidade do escoamento da produção do Oeste, e como resposta, cria-se a estrada de ferro São Paulo-Rio Grande, tendo em vista que as estradas de rodagem nos anos iniciais do século XX ligavam a capital, Florianópolis, somente até a cidade de Curitiba, na região Serrana. Esta ligação explicita a conexão tardia do território com as demais cidades catarinenses, como Lages, que na época já possuía um comércio ativo e estabelecido com o litoral e com estados vizinhos (Silva, 2016).

Esta articulação geográfica entre os polos produtores e consumidores é fundamental para a reprodução do espaço e uma significativa evolução econômica do Vale do Rio do Peixe, mas a estrada de ferro e seu processo de implantação também trazem consigo diversos conflitos quanto à posse do território e a controversa concessão às companhias estrangeiras que executaram a obra. João Teixeira Soares foi o engenheiro responsável pelo projeto (ver Figura 10), e fundou em 1880, junto à investidores europeus, a *Compagnie Chemins de Fer Sud Ouest Brésiliens*, com o objetivo de levantar os recursos necessários para a execução da ligação férrea. Em 1894, a concessão do empreendimento é transferida para a Companhia Estrada de Ferro São Paulo-Rio Grande (EFSPRG), a qual em 1908 é incorporada pela *Brazil Railway Company*, *holding* administrada pelo empreendedor americano Percival Farquhar, que muitas vezes fundava empresas extrativistas e de colonização, visando obter lucros sobre as terras a ele concedidas (Santos, 2000). Com a soberania em diversos campos econômicos fundamentais para Santa Catarina, a *Brazil Railway Company* é capaz de aliciar grandes forças políticas do estado, para assim alcançar seus objetivos livre de dificuldades burocráticas ou embargos legais (Pertile, 2008).

Figura 10: Percurso da Estrada de Ferro São Paulo-Rio Grande.



Fonte: Thomé (1983, p. 53). Elaborado pelo autor (2022).

A execução do trecho catarinense da Estrada de Ferro São Paulo-Rio Grande vai de 1908 a 1910, passando por uma cerimônia de inauguração de seu primeiro trecho, em 1909, celebrada com a presença do então Presidente da República, Affonso Penna. O corpo de trabalhadores responsável pela obra, segundo Machado (2001), é composto por habitantes locais, que sofrem com as consequências econômicas do favorecimento, por parte do Estado, de grandes pecuaristas e de companhias colonizadoras, evidenciando já neste início de século os males das concessões fornecidas às empresas internacionais.

O acordo firmado para a construção da obra, inicialmente com a Coroa, que mais tarde vem a se tornar o governo republicano, concede à *holding* de Farquhar quinze¹⁴ quilômetros de terras de cada lado da linha férrea para colonização. Por este motivo, funda-se a *Brazil Development & Colonization Company*, objetivando a promoção da regularização e comercialização das terras disponíveis ao longo dos trilhos (Pertile, 2008). Esta resolução oficial pode ser vista no primeiro parágrafo da cláusula VIII, presente no Decreto nº 6.533 de 1907:

¹⁴ Diversas literaturas consultadas alegam que a extensão de terra concedida à *Brazil Railway Co.* era de 15 quilômetros de cada lado da ferrovia, porém, o decreto nº 6.533 de 1907 afirma que esta faixa é de 20km.

§ 1º O povoamento effectuar-se-ha mediante a localização definitiva de famílias de imigrantes, habituadas a trabalhos de agricultura ou de industria, agro-pecuaria, como proprietarios de lotes regularmente medidos e demarcados, situados a margem ou dentro da zona de 20 kilometros para cada lado do eixo da estrada, formando nucleos ou linhas coloniaes, isto é, estradas de rodagem ladeadas de lotes (Brasil, 1907).

A demarcação destes lotes é feita pela própria companhia, sem acompanhamento do Governo de Santa Catarina, e o processo de conquista das terras, já habitadas por posseiros caboclos e proprietários oficialmente regularizados junto ao Estado, é comandado pelo Coronel Palhares, anteriormente um oficial da polícia do Paraná, que, a mando da *Brazil Development & Colonization Co.*, lidera um conjunto armado que age violentamente para possibilitar a nova ocupação imposta (Machado, 2001). Como se não suficiente, ações de desrespeito com a terra e seu povo seguiram sendo empreendidas, pois para a implantação da linha férrea e dos lotes para colonização, a mata nativa da região é devastada, e a madeira proveniente destas florestas é responsável por gerar lucro para a *Southern Brazil Lumber & Colonization Company*, mais uma subsidiária da *Brazil Railway Company*.

A *Lumber* era composta por um complexo de serrarias dispostas ao longo do território, com sua matriz localizada na cidade de Três Barras, no Planalto Norte de Santa Catarina. Esta madeireira inicia suas atividades em 22 de novembro de 1911, e recebe sua autorização para funcionamento em 04 de abril de 1913 (Valentini, 2009). Estima-se que na época era a maior serraria da América do Sul, extraíndo e beneficiando mais de 50 milhões de árvores de araucária da região, das quais eram transportadas via ferrovia até o porto de São Francisco do Sul, e exportadas para Europa e Estados Unidos, danificando assim, vastas áreas de mata nativa. Seu complexo possuía 60 hectares, com 214 casas abastecidas com água encanada e energia elétrica, além de quadra de tênis, exclusiva para os diretores e seus filhos. O perímetro era protegido por seguranças armados, e, dentro dele, eram raros os momentos em que se hasteava a bandeira brasileira, enquanto, o feriado americano de 04 de julho, dia da Independência, era celebrado com muita suntuosidade (Teich, 2005).

E é neste cenário que surge, em 1914, possivelmente a primeira das salas de cinema de Santa Catarina, o Cine Lumber (Teich, 2005), em Três Barras, na região Norte de Santa Catarina. Este cinema, localizado inicialmente na Vila Argentina, e

mais tarde transferido para o terreno da madeireira, tinha o objetivo de trazer entretenimento aos funcionários da empresa, funcionando em um galpão de madeira (ver Figura 11), com 250 lugares, e projetor à carvão. Munarim (2009) afirma que a Lumber trouxe o projetor dos Estados Unidos, e este era de similar qualidade aos melhores instalados em São Paulo e no Rio de Janeiro, na época. Os rolos de filme, inicialmente mudos, vinham também pela ferrovia, e, antes de cada sessão, o Concerto Nº 1 de Tchaikovsky era reproduzido, para anunciar o início da exibição. Por falta de uso e manutenção, a edificação passa por um processo de arruinamento e, aproximadamente cem anos depois de sua inauguração, acaba por desabar durante uma tempestade, em 2014¹⁵.

Figura 11: Cine Lumber, Três Barras, em 2012.



Fonte: Clic RBS (2012).

A construção da estrada de ferro transpondo o território catarinense expressa a expansão do capitalismo global, pode ser entendida como um processo de modernização, com base na infraestrutura configurada pelo empreendimento de Farquhar. Em paralelo, na acepção de Berman (2007), o cinema é estabelecido por

¹⁵ Blog Lumber Três Barras. O Cinema em Três Barras. Disponível em: lumbertresbarras.blogspot.com/2010/01/o-cinema-em-tres-barras.html. Acesso em 04 abr. 2022.

influência deste projeto, sendo uma expressão da cultura, uma superestrutura, expoente do modernismo. Assim, ferrovia e cinema, entendidos como modernização e modernismo, unem-se para que exista a experiência da modernidade ocidental em Santa Catarina.

Entende-se então, que este movimento demarca a transição do meio natural para o meio técnico (Santos; Silveira, 2001) no Oeste Catarinense, onde a cultura participa da formação do território, da mesma forma que as infraestruturas. A visão da formação do espaço como sendo produto das transformações impostas pelos meios de produção, é teorizada por Santos (1977), e pode ser aplicada sobre o recorte estudado, clarificando a influência da integração férrea e, com sua implantação, o estabelecimento dos cinemas, transformando esferas geográficas e sociais.

Em Vila Rio Capinzal, (emancipada como cidade de Capinzal apenas em 1949) na região Oeste, relata-se que como consequência do estabelecimento da ferrovia, empresários, donos de cinemas e ambulantes, alcançaram o povoamento no início da década de 1920, e passavam o dia circulando pela vila e anunciando as sessões noturnas, com filmes, ainda mudos, narrados pelo proprietário (Almeida, 2004). A cultura expressava também a hegemonia do capital.

A influência da estrada de ferro para o desenvolvimento foi notável, consolidando assentamentos ao longo de sua rota, que mais tarde crescem, e tornam-se cidades. De acordo com Santos e Silveira (2001), o desenvolvimento urbano do Brasil foi inicialmente movido pelo incentivo da administração pública, com a instalação de postos de fiscalização, que assim aglomeravam um contingente populacional, adjuntos aos serviços de mineração e agricultura. Além disso, os autores apontam cidades criadas por conta da passagem da estrada de ferro, que então possuíam uma capacidade de transporte muito superior do que pelas vias terrestres, e as ocupações incentivadas por companhias colonizadoras, como espaços em que o movimento de urbanização foi fortemente influenciado por poderes governamentais, evidenciando a influência das verticalidades sobre o território (Santos; Silveira, 2001).

Os planos de Percival Farquhar vão além da modernização com base no trem e no cinema: a Companhia exercia também a medição e ordenamento dos lotes, agora desmatados, para venda aos imigrantes europeus, movimento que será tratado adiante. Assim, o conglomerado de empresas de administração internacional passa a exercer grande poder sobre o território, sendo proprietário do principal meio de

transporte, e lucrando com a venda das terras concedidas e do produto delas extraído, a madeira (Valentini, 2009).

Esta atividade predatória, que resulta na devastação da fauna e da flora presentes no local, inflige danos também aos ocupantes da região, principalmente caboclos, pois com a extração da vegetação, animais nativos que habitavam as florestas, usualmente servindo de alimento por meio da caça, e os ervais, cultura basilar para a economia desta população, são suprimidos (Pertile, 2008). Santos e Silveira (2001) demonstram as consequências e a influência das políticas de acumulação de capital e dos vetores de modernização sobre o território, que, sendo exógenos aos lugares, os desarticulam, pois servem à lógica territorial global visando o lucro, usufruindo dos espaços que mais lhes convém.

Destaca-se aqui, que a Lumber possuía uma unidade na cidade de Calmon, no Oeste Catarinense, para a produção dos dormentes, peças em madeira de Imbuia, que apoiam as partes metálicas da via férrea. Esta serraria é predecessora ao grande complexo de beneficiamento de Três Barras (Teich, 2005), e, ao ser símbolo da produção de recursos para a implantação da estrada de ferro, e, por conseguinte de toda a perversidade do império de Farquhar, é incendiada por sertanejos rebeldes do contestado, em 1914 (Valentini, 2009).

Por fim, Machado (2001) afirma que a implantação da linha férrea, ao conectar com maior velocidade os polos produtores e consumidores, gera mais um impacto na já tão flagelada população cabocla, visto que, por um lado, suas fontes de extrativismo vegetal e animal foram reduzidas, e por outro, mesmo que se alcançasse o sucesso da produção excedente para comercialização com tropeiros, não seriam encontrados grupos consumidores, pois esta dinâmica torna-se obsoleta, já que agora as cargas passam via trem pela região (Machado, 2001).

Ressalta-se ainda a situação de desemprego em que se coloca essa população, já que o contingente de oito mil operários que estava empregado para a construção da estrada de ferro, é dispensado no ato de sua conclusão, e impedido, por Farquhar, de utilizar a ferrovia para transportar sua produção (Santos, 2000). Santos (2000) afirma: “Tratava-se de um grande empreendimento capitalista, impondo suas regras sem nenhuma consideração pelas populações locais, nem tampouco assumindo responsabilidades em consequência da grande mobilização de mão-de-obra” (Santos, 2000, p. 18).

A população até então residente no Oeste Catarinense passa entender o

Governo como favorável à entrada dos empreendimentos estrangeiros bem como suas demandas e suas consequências. A desocupação forçada e violenta das terras em que viviam, o desemprego após a execução da via férrea, o desmatamento das florestas que lhes serviam de subsistência e lhes geravam renda, e ainda, a obsolescência imposta sobre seu sistema econômico de comércio com os viajantes da região, preparou um cenário propício para indignação e revolta.

Neste espaço de vulnerabilidade social em que se encontravam, a mínima ação de solidariedade já seria capaz de conquistar sua confiança, e, assim, quando um monge italiano chamado João Maria d'Agostinho começa a percorrer o Sul do Brasil, e receitar remédios para as mazelas que afligiam esta população, logo considera-se este um Santo, de forma que rapidamente um grupo significativo de seguidores se organiza e passa a acreditar em suas profecias, fiéis passam a erguer cruzeiros em determinados locais de descanso do monge, e venerar as fontes naturais em que tomava água (Santos, 2000).

Em 1912, após a morte de São João Maria, surge Miguel Lucena, que se intitulava José Maria d'Agostini. Desertor da Polícia do Paraná, é associado ao profeta predecessor, e, da mesma maneira, alcança diversos seguidores rapidamente. José Maria organiza e cria uma hierarquização para os fiéis, provavelmente herança de seu passado militar, e a fixação do grupo se dá em uma fazenda nas proximidades da cidade de Curitiba. O Governo Estadual e a Prefeitura da cidade decidem que o monge deve se deslocar para o outro lado do Rio do Peixe (ver Figura 7), assim, José Maria é obrigado a deslocar-se para Irani, pertencente na época ao estado do Paraná ao estar na margem direita do curso d'água.

Este movimento acentua as tensões latentes no território contestado, resultando no envio, por parte do Governo Paranaense, de soldados para o território, visando dispersar a ocupação, entendida como uma invasão de terras (Santos, 2000). Somando-se a isso, a valorização fundiária resultante da ligação férrea faz ressurgir entre políticos de Santa Catarina e do Paraná, conflitos antigos quanto à posse e administração deste território. Com a convergência destes atores, é então montado o palco para a Guerra do Contestado (Pertile, 2008).

Quando o comandante paranaense João Gualberto chega com suas tropas à Irani, desenrola-se um combate, e, tanto este líder militar quanto José Maria são mortos. O conflito inicia em 1912, estendendo-se até 1915, nas proximidades da cidade, com o envolvimento de aproximadamente vinte mil pessoas, e resultando em

milhares de mortes. Os sertanejos do contestado eram compostos de pequenos proprietários caboclos, fazendeiros e seus agregados, pessoas negras e fugitivos, e, dentre os atores também se destacam os povos originários Kaingang, Xokleng e Guarani, que seguiam lutando para permanecer em seus territórios de origem (Santos, 2000).

A morte de seu profeta não afetou as estratégias guerrilheiras dos sertanejos do contestado, tendo em vista que estes passaram a proteger-se com a instalação de “redutos”, seguindo as instruções passadas por José Maria em vida. Como dito anteriormente, os combatentes causaram um incêndio que destruiu a filial da *Lumber* de Calmon, e, frequentemente atacavam os trens de Farquhar. Foram necessárias 13 expedições militares, controle das vias de abastecimento da região e o uso, pela primeira vez, de aviões como veículos bélicos em território brasileiro, para pôr fim à revolta. Este se deu em 1915, enquanto na esfera governamental, os estados do Paraná e Santa Catarina teciam um diálogo quanto à questão de limites (Santos, 2000).

Em 1917, com interferência do Governo Federal, a disputa pela administração do território que vinha acontecendo desde o início do século XX entre Paraná e Santa Catarina chega ao fim. Neste mesmo ano, objetivando consolidar a propriedade sobre o espaço, o Governo Estadual catarinense cria as cidades de Mafra, Porto União, Joaçaba (na época, Cruzeiro), e Chapecó, cada qual com sua própria comarca judiciária, igreja e escola (Santos, 2000).

Estas iniciativas, porém, não foram suficientes para urbanizar e “civilizar” o extremo oeste, que, aos olhos da administração pública, seguia abandonado e com pouco policiamento nos anos seguintes. Este argumento foi fundamental para a excursão denominada Bandeira Konder, uma viagem em 1929, onde o então Governador Adolfo Konder faz uma visita à região, passando por vilas como Passo Bormann, Limeira, Clevelândia e Mondaí, em busca de uma reintegração territorial e cultural destas com o Brasil (D'Eça, 1929).

A comitiva do político foi acompanhada pelo intelectual Othon Gama d'Eça, que registrou com detalhes os diversos percalços da jornada até a fronteira com a Argentina¹⁶. Durante a viagem, Konder encontra-se com Getúlio Vargas, personagem

¹⁶ Estes escritos citam a locomoção com automóveis, vilas com energia elétrica, salões de baile e clubes recreativos com palcos para apresentações, mas não há menção sobre salas ou sessões de cinema durante a passagem do Governador pelos povoados

que também busca em sua administração “civilizar” o povo a partir da educação e do nacionalismo, e que criou durante seu governo, o Instituto Nacional de Cinema Educativo, em busca da integração cultural do Brasil¹⁷ a partir da educação com base na inserção da sétima arte nas escolas (Monteiro, 2006). Ao atingir a fronteira oeste do Estado, chegando em Dionísio Cerqueira, Konder funda uma escola, uma sede para a Polícia Militar e nomeia o responsável pela arrecadação de impostos da vila, como mais uma forma de fortalecer o espaço nacional fronteiriço (D’Eça, 1929).

É a partir da década de 1920 então, nestes núcleos urbanos criados para demarcar a propriedade e o uso da terra, e nas vilas que começavam a se formar nos arredores das estações do trem de ferro, que se configura um cenário propício para o estabelecimento dos primeiros cinemas no Oeste de Santa Catarina.

2.1.2 O camponês migrante: Companhias Colonizadoras e a ocupação do território

Como resultado deste processo de criação de sedes urbanas, e da emergente necessidade de ocupar o território evitando novos conflitos, são estabelecidas as Companhias Colonizadoras. Estas empresas ordenavam e loteavam as terras do Oeste Catarinense para a venda de propriedades, normalmente com sua vegetação nativa já explorada pelo império de Farquhar. Assim, anunciavam terras férteis e baratas no Brasil, em um clima adequado para o plantio de um grande rol de alimentos, onde o padrão socioeconômico e cultural europeu pudesse ser mantido, ou até melhorado. Além disso, anunciava-se que famílias conseguiriam permanecer unidas, e que as comunidades seriam agrupadas por país, sendo ítalas ou teutas, objetivando a manutenção dos costumes de cada um dos grupos étnicos (Nodari, 2002).

Ao detalhar o processo de estabelecimento destes núcleos coloniais, Piazza (1994) apresenta relatos de que a empresa colonizadora Chapecó-Pepery, responsável pela organização de diversas sedes, dentre elas, “Porto Feliz de Mondahy” (atual cidade de Mondaí) demonstra preocupação com o bem-estar dos

¹⁷ Referente à Era Vargas, acreditamos que seja interessante destacar a criação do Território Federal do Iguaçu, por este presidente, em setembro de 1943. Objetivando intensificar o projeto de nacionalização em andamento, esta nova divisão territorial foi estabelecida abrangendo o Oeste e Sudoeste do Paraná, bem como o Oeste de Santa Catarina. Teve seu fim em setembro de 1946, e, segundo Lopes (2004), apesar de seu breve tempo de vida, foi responsável por muitos avanços nas áreas da educação, saúde, saneamento e comunicação.

colonos. Como evidência, têm-se o estabelecimento de escolas ao longo das “picadas”, proporcionando uma alta taxa de alfabetização, e a criação de comunidades religiosas, um grupo de canto, e um grupo de teatro.

Destaca-se aqui, que a colonização do território do Oeste Catarinense, por mais que administrada pelas Companhias, seguia as normas do Governo Estadual, o qual preestabelecia o perfil desejado de habitantes da região, para que, segundo este, houvesse uma ocupação de maneira ordenada sobre o território. Assim, para tal tarefa, foram selecionados os imigrantes já radicados no Brasil, principalmente no Rio Grande do Sul que eram persuadidos com o principal argumento de que, nas novas terras à venda notadamente mais baratas, existiria a possibilidade para que os núcleos familiares permanecessem unidos (Nodari, 2002).

Na situação em que se encontravam, o tamanho das propriedades começava a se tornar um problema, pois os filhos dos casais de imigrantes, a primeira geração de descendentes nascida no Brasil, passava a constituir seus próprios conjuntos familiares, e encontrava então dificuldade na aquisição de terras geograficamente próximas às de seus genitores. Além disso, parte das vantagens compra de terras em Santa Catarina era representada pela proximidade com a nova linha férrea, que supostamente deveria facilitar a conexão comercial da produção (Nodari, 2002).

Espíndola (1996) afirma também, que os diversos anos de uso das terras para agricultura no Rio Grande do Sul tornaram o solo pobre em nutrientes, e esta adversidade também contribuiu para a migração dos colonos. Assim, com a possibilidade da compra de terras contíguas para abrigar as crescentes famílias, e em adição às diversas vantagens proporcionadas pelas Companhias, como facilidades na forma de pagamento e auxílio no transporte até a Colônia, o Oeste Catarinense começa a ser oficialmente ocupado¹⁸.

As propriedades ofertadas pelas companhias possuíam, em média, 20 a 30 hectares, e contavam com campos para plantio, mata nativa para obtenção de madeira, estábulos e alguns instrumentos de trabalho. Os moinhos e galpões eram utilizados de forma comunitária, com a cooperação entre os moradores de lotes mais próximos (Espíndola, 1996). Como exemplo desta conformação inicial, tem-se Vila Oeste, atual cidade de São Miguel do Oeste, em que a Companhia Colonizadora Barth, Benetti & Cia Ltda. projetou o ordenamento da sede, e o loteamento das

¹⁸ Ressaltamos ainda, que a Revolução de 1923 ocorrida no Rio Grande do Sul exerceu também influência sobre as massas migratórias que se deslocam ao oeste (Reichert, 2010).

colônias. O processo se deu inicialmente com a construção de um galpão, com a finalidade de receber as famílias migrantes em suas primeiras noites na região, para que então construíssem suas próprias casas, com a madeira disponível nas imediações. Além do abrigo, a sede contava com um templo católico (Zalamena; Bavaresco, 2020). Afirma-se que, as novas colônias procuravam mimetizar no Oeste a conformação das existentes no Rio Grande do Sul, reforçando a ideia de que as terras ocidentais de Santa Catarina estavam vazias (Onghero, 2013).

O contingente migratório entendia que a ascensão social era inerente à mudança de estado. Espíndola (1996) destaca a fala de um de seus entrevistados, Ari Ciarini, filho de italianos radicados no Rio Grande do Sul, que migraram para Concórdia (SC) em 1925, onde prestaram o ofício de sapateiros: “O pessoal chamava Santa Catarina de ‘Novo Mundo’. Minha mãe dizia que eles foram meio iludidos pela ‘terra promissora’, que era só atravessar o Rio Uruguai que a fortuna tava feita. Bom, mas não deixou de ser uma verdade porque meu pai em 3 ou 4 anos foi melhorando de vida.”¹⁹.

Nodari (2002) destaca que os jovens adultos eram o principal alvo das empresas, como destacado em entrevista efetuada por Sandra Mara Roman²⁰ com Caetano Chiuchetta, descendente de italianos que migrou de Caxias do Sul (RS), também para Concórdia aos 23 anos: “Me mandaram aqui porque eu era moço e que convidasse mais rapaziada.”. O relato explicita uma das estratégias das companhias, que utilizavam a confiança entre as redes de familiares e amigos como forma de difusão de informações (Nodari, 2002).

No recorte espaço-temporal aqui estudado, conforma-se uma simbiose entre a cidade e o campo: enquanto a primeira carece dos insumos produzidos pela agricultura e pecuária, bem como pelo investimento, por parte da comunidade rural, nos serviços oferecidos no núcleo urbano, o segundo depende do mercado consumidor e da infraestrutura encontrada no núcleo urbano. Estas relações explicitam-se com clareza em entrevista, efetuada por Espíndola (1996), com Maria Ângela Fontana, moradora de Luzerna (SC):

¹⁹ Apud ESPÍNDOLA, C. J. As agroindústrias do Oeste catarinense: o caso Sadia. 1996. Dissertação de Mestrado defendida no Departamento de Geografia da Universidade de São Paulo. São Paulo, 1996.

²⁰ Apud. NODARI, E. S. Persuadir para migrar: a atuação das companhias colonizadoras. Esboços (UFSC), Chapecó, v. 10, p. 29-51, 2002.

Nós comprava farinha, açúcar, querosene e tecidos, tudo o que não podia ser plantado. Nós pagava com chiqueirada, a diferença ia pra caderneta. Tu tinha que ir no final do mês no escritório. Eles nunca logravam um tostão. Isto era bom porque se tu não tinha dinheiro pagava depois, mas era tudo marcado na caderneta.²¹

Neste relato fica clara a concentração de serviços de infraestrutura nos pequenos centros que começavam a se estabelecer, bem como a interdependência entre os territórios urbanos e rurais que estavam se conformando. A área de estudo analisada apresenta núcleos urbanos cuja força motriz vem principalmente do campo, com cidades subordinadas ao mundo rural, onde os serviços encontrados nas sedes só têm seu funcionamento garantido por conta do investimento camponês.

Assim, as diversas vantagens propagandeadas pelas Companhias Colonizadoras fomentaram a ambição dos novos moradores do Oeste em possuir os meios de produção e praticar seus diferentes ofícios, como a panificação, sapataria e artesanato, desvinculados do trabalho campesino. Aos poucos, desenvolvem-se núcleos com estes serviços, além de oficinas mecânicas, serrarias, e incipientes instalações de beneficiamento. Configuram-se as áreas urbanas, detentoras de estabelecimentos artesanais, escritórios das Companhias e comércio de importação e exportação, e as áreas rurais, onde se produz por meio da pecuária e agricultura o capital que usufrui dos serviços das cidades (Espíndola, 1996).

Esta dinâmica interdependente abrange, para além da esfera comercial, a cultura e o entretenimento oferecido nas cidades, o qual, nesta primeira metade do século XX no Oeste, frequentemente resumia-se à Clubes esportivos e de recreação, que aos poucos tornaram-se espaços de exibição cinematográfica itinerante, os primeiros “cinemas”.

2.2 OS CINEMAS EM CONTEXTOS NÃO COSMOPOLITAS

Como já mencionado anteriormente, o contexto de inserção das salas de rua no Oeste Catarinense é destoante com a ideia comum à que se atrela ao cinema: uma arte e técnica cosmopolita e da modernidade. Segundo Singer (1995) o cinema nasce

²¹ Apud ESPÍNDOLA, C. J. As agroindústrias do Oeste catarinense: o caso Sadia. 1996. Dissertação de Mestrado defendida no Departamento de Geografia da Universidade de São Paulo. São Paulo, 1996.

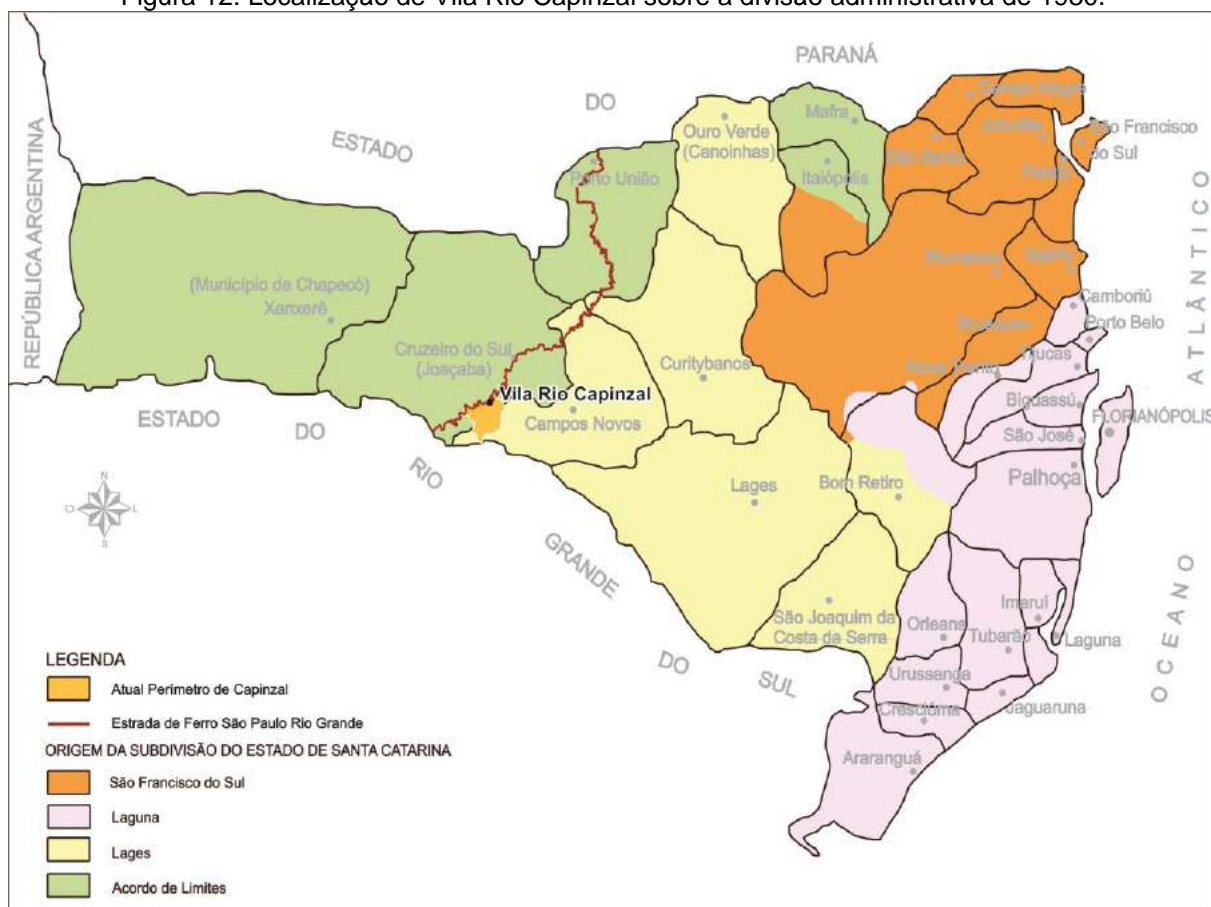
em um mundo que está passando por rápidas transformações, mudanças nos meios de transporte, a perigosa velocidade dos carros e a espetacularização das máquinas. E este ar urbano que emana urgência e evolução, é incorporado pela sétima arte nestes contextos. Alguns dos primeiros filmes em que a narrativa é empregada, como os do diretor D. W. Griffith, têm como seu tema central o suspense e a ação, e películas que exibiam batidas de carro, lutas e explosões faziam grande sucesso.

Assim, rapidamente as salas de cinema passam a figurar como expressão da modernidade ao longo de seu estabelecimento ao redor do globo, tanto pela experiência nova de uma sala escura, ornamentada, com imagens em movimento e cadeiras individuais, quanto pelas histórias que exibiam. Singer (1995), baseando-se em Benjamin e Kracauer, afirma que este aumento da intensidade do entretenimento popular correspondia então a este novo cotidiano moderno que se formava. Ao surgir em contextos fortemente urbanizados, a sétima arte é entendida como representante desta vida atribulada, do novo habitante citadino inserido nos moldes do capitalismo, ou seja, uma arte essencialmente urbana-industrial em sua gênese. Porém, devido ao forte vínculo da região Oeste com o mundo agrário desde o início da exploração capitalista sobre o território, as salas de cinema que ali se instalam longo do século XX são fortemente influenciadas por este contexto ruralizado.

2.2.1 As primeiras exhibições

As primeiras exhibições cinematográficas documentadas na região acontecem na então vila Rio Capinzal (ver Figura 12), às margens da EFSPRG e do Rio do Peixe poucos anos após a sucessão de conflitos decorrentes da transposição do território pela ferrovia e sua valorização. Ambulantes vinham de trem, e anunciavam as exhibições itinerantes pelas ruas da cidade. Eram sessões de cinema mudo, por isso, vez ou outra durante o filme, o ambulante tinha de incorporar o papel de narrador, auxiliando o entendimento da história. A atividade de exibição é então fixada no distrito, pelas mãos de João Vargas, que cria o Cine Avenida (Almeida, 2004).

Figura 12: Localização de Vila Rio Capinzal sobre a divisão administrativa de 1930.



Fontes: IBGE (2021c); IBGE (2011b); Brasil (2018); Sagaz e Leite (2016a). Adaptado pelo autor (2022).

Já em 1925, no salão comunitário desta Vila, conhecido como Cine Rádio (ver Figura 13), Alexandre Tomazoni, morador de Capinzal desde 1917, estabelece o segundo espaço de exibição, em uma edificação que recebia também bailes, e foi berço do rádio comunitário. De acordo com o Recenseamento de 1920 (Directoria Geral de Estatística, 1922), nesta época Vila Rio Capinzal possuía 3.351 habitantes. O salão ficava na Av. XV de Novembro, 200, onde hoje existe outra edificação que abriga uma loja de móveis e eletrodomésticos (Almeida, 2004; Dambros, 2019a).

Figura 13: Movimentação em frente ao Salão Cine Rádio, meados da década de 1950.



Fonte: Capinzal (2019).

Também em Rio Capinzal, se estabelece a primeira sala encontrada²² em que o cinema é uma atividade exclusiva, sem compartilhar seu espaço com bailes e eventos. Leonardo Spadini inaugura, em 18 de abril de 1929, o Cine Farroupilha. Possuindo 500 lugares (IBGE, 1959a), ficava também na Av. XV de Novembro, no Nº 255, exibindo películas em 16mm, com sessões nas terças, quintas, sábados e domingos, às 20h. Eram assistidas por um público acomodado em cadeiras de palha, que mais tarde foram substituídas por cadeiras especiais para cinema da empresa Móveis Cimo²³. A entrada para menores de 14 anos sem acompanhamento dos responsáveis era proibida, de forma que aos domingos existia então, uma sessão especial para esse grupo (Santos, 2010; Pellizzaro, 2012).

Além disso, afirma-se que como inicialmente a população de Capinzal não tinha o hábito de ir ao cinema, Spadini realizava uma sessão grátis, às quartas-feiras, chamada de “dia do pão-duro”. Relata-se que, o distrito passou por dificuldades no fornecimento de energia elétrica até o ano de 1958, e, por conta disso, os espectadores tinham de se dirigir às sessões das 20h com o uso de lanternas, consequência da falta de iluminação pública nas vias (Santos, 2010; Pellizzaro, 2012).

²² É importante destacar que as informações sobre as datas de inauguração de diversas salas são escassas ou imprecisas, dificultando a confirmação de que esta foi realmente a primeira sala de exibição exclusiva.

²³ A Móveis Cimo foi uma empresa moveleira que funcionou de 1921 a 1982, fundada em Rio Negrinho (SC), por conta da proximidade desta cidade com a Estrada de Ferro São Paulo Rio Grande. Era uma das principais fornecedoras de poltronas para cinema no território nacional (Silva, 2021).

O Cinema acontecia em uma edificação de madeira de araucária, árvore abundante na região, com dois andares e um porão (ver Figura 14). O primeiro andar servia como a bilheteria e a residência do proprietário, o segundo abrigava a sala de cinema, e abaixo, o porão, funcionava inicialmente para a moagem de café, e, mais tarde, para a criação de pintinhos (Pellizzaro, 2012).

Figura 14: Vila Rio Capinzal durante enterro, na década de 1950. Cine Farroupilha indicado com seta.



Fonte: Rede Catarinense de Notícias (2020).

Estas primeiras experiências do cinema na região já conseguem expressar algumas nuances acerca da formação do território, da atuação do capital sobre o espaço, da relação entre os cinemas e a modernidade, e do contexto predominantemente ruralizado que se estabeleceu no Oeste. Inicialmente, as primeiras exhibições acontecem na Vila como resultado da conexão férrea com outros polos urbanos de maior escala, em outros estados. Prova da influência da ferrovia encontra-se justamente neste pioneirismo das exhibições itinerantes, que ali aconteceram décadas antes de a sétima arte se popularizar por esta porção do estado.

Outra característica que se manifesta neste caso, é a estreita relação entre o cinema e a modernidade. O Cine Avenida traz em seu nome um dos principais símbolos das reformas urbanas higienistas. Por sua vez, o salão Cine Rádio, abrigava,

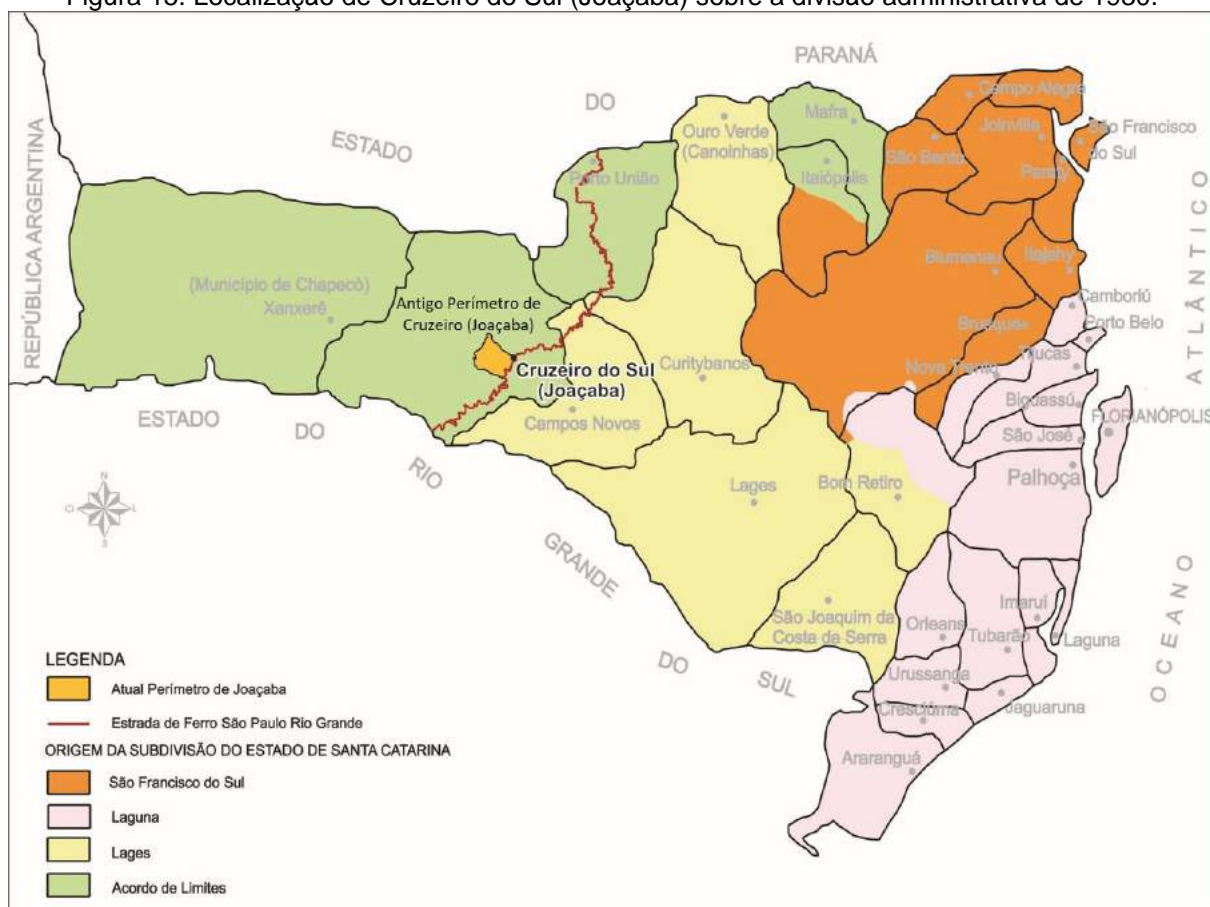
como descreve o nome, a sede da Rádio Sulina, a primeira rádio de Capinzal (Dambros, 2019a). Assim, em um único local, estavam reunidas formas de difusão midiática representantes de um emergente mundo globalizado e conectado por meio da rápida transmissão da informação, o que evidencia o processo que Santos e Silveira (2001) descrevem como a expansão do meio técnico, onde as formas de comunicação se difundem pelo território. Além disso, o processo da troca das cadeiras de palha por cadeiras especiais para cinema no Cine Farroupilha também representa o esforço em criar uma sala que se mantinha à par do progresso exigido pelos moldes globalizadores.

Por fim, a influência do contexto ruralizado representado pelo distrito é expressa nas narrativas a respeito do Cine Farroupilha. Tanto nas estratégias estabelecidas pelo proprietário para que esta atividade ainda nova, fosse aos poucos sendo incorporada no cotidiano; quanto pela falta de energia elétrica, que implicava no uso de lanternas para iluminar o caminho até a sala de cinema. Manifesta-se também na arquitetura vernacular com madeira de araucárias da região, que explicita o ciclo extrativista madeireiro, comum na área desde a implantação da linha férrea, e o abrangente uso do material para a construção das habitações do distrito. Além disso, o uso do porão para abrigar aves salienta a economia pautada na criação avícola, a qual se perpetuou, pois em Capinzal existe uma filial da *Brazil Foods S.A.* (BRF) para abate e comercialização destes animais. O Cine Farroupilha foi vendido na década de 1960 para Armando Viecelli, e funcionou até 1968 (Almeida, 2004). Atualmente no terreno, existe uma agência bancária.

2.2.2 Em busca da modernidade

Já nos anos iniciais da década de 1930, na cidade de Joaçaba (ver Figura 15), é fundado o Cine Progresso, o primeiro cinema encontrado com uma sala construída especialmente para abrigar a função. Ainda denominada Cruzeiro do Sul, a localidade possuía 1.333 habitantes urbanos, e uma população total de 8.852, de acordo com o Censo Demográfico de 1940 (IBGE, 1952).

Figura 15: Localização de Cruzeiro do Sul (Joaçaba) sobre a divisão administrativa de 1930.



Fontes: IBGE (2021c); IBGE (2011b); Brasil (2018); Sagaz e Leite (2016a). Adaptado pelo autor (2022).

A sala tinha 480 lugares, e era de propriedade de Afonso Schwartz (Luiz, 2013). Acontecia em uma edificação com traços arquitetônicos do *Art déco*, representando a chegada da experiência do cinema em sua totalidade: a modernidade expressa pela união da tecnologia da imagem em movimento com a ornamentação de vanguarda da fachada (ver Figura 16).

Figura 16: Cine Progresso, Joaçaba, meados da década de 1940.



Fonte: Pereira (2013).

Percebe-se que, quando esta imagem foi registrada, estavam sendo exibidos os filmes “Pistoleiros sem pistola” (*Hit the ice*) e “Jamais fomos vencidos” (*We’ve Never Been Licked*), de 1943. Enquanto *Hit the ice* é uma comédia sobre dois fotógrafos que são confundidos com assassinos por um gângster e acabam tendo que auxiliá-lo em um roubo à banco, e por fim tentam recuperar este dinheiro em um resort de esqui²⁴, *We’ve Never Been Licked* é um longa de propaganda da Segunda Guerra Mundial, com combates aéreos e armas químicas²⁵. O público de Joaçaba conhecia o mundo por meio do Cine Progresso, ao verem sobre a tela prédios em chamas, resorts de esqui, armas químicas e porta-aviões, em uma vila em que o próprio acesso à energia elétrica ainda era dificultoso.

Ressalta-se que, o Cine Progresso passa por um incêndio no ano de 1955, e é destruído, apesar dos esforços para apagar o fogo, feitos por um caminhão pipa, visto que a cidade não tinha corpo de bombeiros (Luiz, 2013). Atualmente no local em que

²⁴ IMDb. Pistoleiros sem Pistola. Disponível em: [imdb.com/title/tt0036004/?ref_=nv_sr_srsg_0](https://www.imdb.com/title/tt0036004/?ref_=nv_sr_srsg_0). Acesso em 23 jun. 2022.

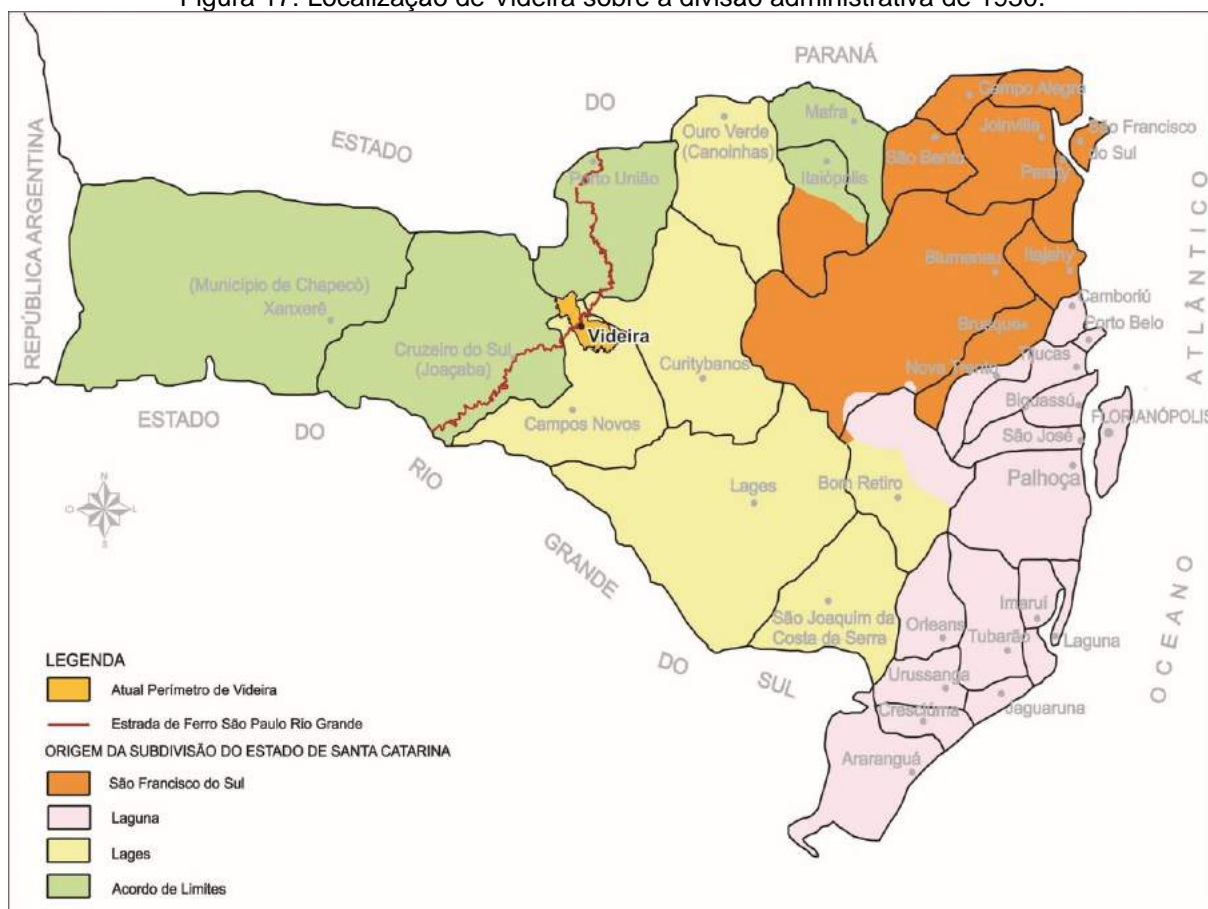
²⁵ IMDb. Jamais Fomos Vencidos. Disponível em: [imdb.com/title/tt0036518/?ref_=nv_sr_srsg_2](https://www.imdb.com/title/tt0036518/?ref_=nv_sr_srsg_2). Acesso em 23 jun. 2022.

existia a edificação, encontra-se uma praça. Por fim, recapitulando a análise da imagem, apreende o poder de concentração social da sala, na época uma das poucas, quando não a única, forma de lazer noturno nas cidades. A sétima arte passa então, a fazer parte do cotidiano deste mundo urbano ruralizado.

É interessante destacar que o Cine Progresso, após algumas transações, passa a ser gerido por Vitório Leduc (Pereira, 2013), que se estabelece em Joaçaba com sua família. Anos mais tarde, uma de suas filhas torna-se administradora de um hotel na cidade. Posteriormente, a família desloca-se para Toledo (PR), onde gerencia outro hotel (Beal, 2017), e onde também, uma das ruas da cidade recebe o nome do patriarca. Estes dados são importantes pois explicitam duas características percebidas ao longo das pesquisas. A primeira é a forte ligação entre as salas de exibição e hotéis, não apenas nesta região, mas em muitas cidades do estado, fato que expressa uma ideia de cosmopolitismo representada pela sétima arte e pelas hospedarias, em um mundo globalizado e conectado. A segunda é a homenagem ao dono do Cine Progresso, que se repete com diferentes proprietários em outras cidades, demarcando a influente atuação destes migrantes na região.

A terceira sala de cinema estabelecida no Oeste Catarinense, também às margens da estrada de ferro, explicitando a relação entre esta e o acesso ao cinema, é o Cine Guarani, na cidade de Videira (ver Figura 17). Na época, a localidade era uma vila chamada Perdizes, e possuía 1.322 habitantes urbanos, e uma população total de 5.730, de acordo com o Censo Demográfico de 1940 (IBGE, 1952).

Figura 17: Localização de Videira sobre a divisão administrativa de 1930.



Fontes: IBGE (2021c); IBGE (2011b); Brasil (2018); Sagaz e Leite (2016a). Adaptado pelo autor (2022).

Esta sala foi, assim como o Cine Progresso, edificada com a função de ser um cinema, abrindo as portas no ano de 1935²⁶. O Cine Guarani (ver Figura 18) possuía 812 lugares (IBGE, 1959a), traços arquitetônicos do *Art Déco*, e foi capaz de explicitar em sua dinâmica de funcionamento a influência da linha férrea, pois as sessões das 16h só aconteciam pontualmente, se o trem das 13:30h não estivesse atrasado, visto que os rolos de filme vinham de outras cidades, e tinham de ser verificados por meio de uma exibição de teste, antes da sessão pública²⁷. Afirma-se que sua tela era coberta por uma cortina vermelha, e tocavam-se músicas enquanto a exibição não iniciava, e então, soava-se um gongo e as cortinas se abriam, para a apresentação inicialmente do jornal da semana, e depois dos filmes ou seriados²⁸.

²⁶ PILATTI, Lodovino. Cine Guarani de Videira. YouTube. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=o0lxPqp1syQ>. Acesso em 11 out. 2021.

²⁷ VIDEIRA DE ANTIGAMENTE. Cine Guarani. Facebook. 31 mar. 2014. Disponível em: <https://www.facebook.com/VIDEIRAANTIGA/photos/699597840083023>. Acesso em 27 jul. 2022.

²⁸ VIDEIRA DE ANTIGAMENTE. Interior do Cine Guarani. Facebook. 16 abr. 2014. Disponível em: <https://www.facebook.com/VIDEIRAANTIGA/photos/711653818877425>. Acesso em 17 ago. 2022.

Figura 18: Cine Guarani, Videira.



Fonte: Videira de Antigamente (2014a).

Esta sala ficou em funcionamento até 1992, e foi então demolida, para atualmente funcionar como estacionamento de um supermercado. No depoimento de

antigos espectadores deste cinema, percebe-se também aqui o poder de atração social dos espaços de exibição, pois existem relatos de que habitantes de cidades vizinhas, como Iomerê, viajavam de caminhonete, com crianças na caçamba, até Videira para assistir aos filmes em cartaz (Piccoli, 2014).

As salas apresentadas acima expressam, de diversas formas, o movimento de busca pela modernidade que ia aos poucos se constituindo. Os Cines Avenida e Progresso trazem em sua nomenclatura um claro exemplo de como o cinema era atrelado à uma ideia de desenvolvimento. Como forma de colaboração com esta, o segundo traz traços arquitetônicos daquela que ficou conhecida como a linguagem do cinema. Além disso, é notável o uso destes atributos para a segregação social, como pode ser visto em um anúncio do jornal Cruzeiro de Sul, de 1933 (ver Figura 19):

Figura 19: Recorte do Jornal Cruzeiro, de Joaçaba, de 19 nov. 1933, onde anuncia-se o Cine Progresso como um local “Frequentado pela elite Cruzeirense”.



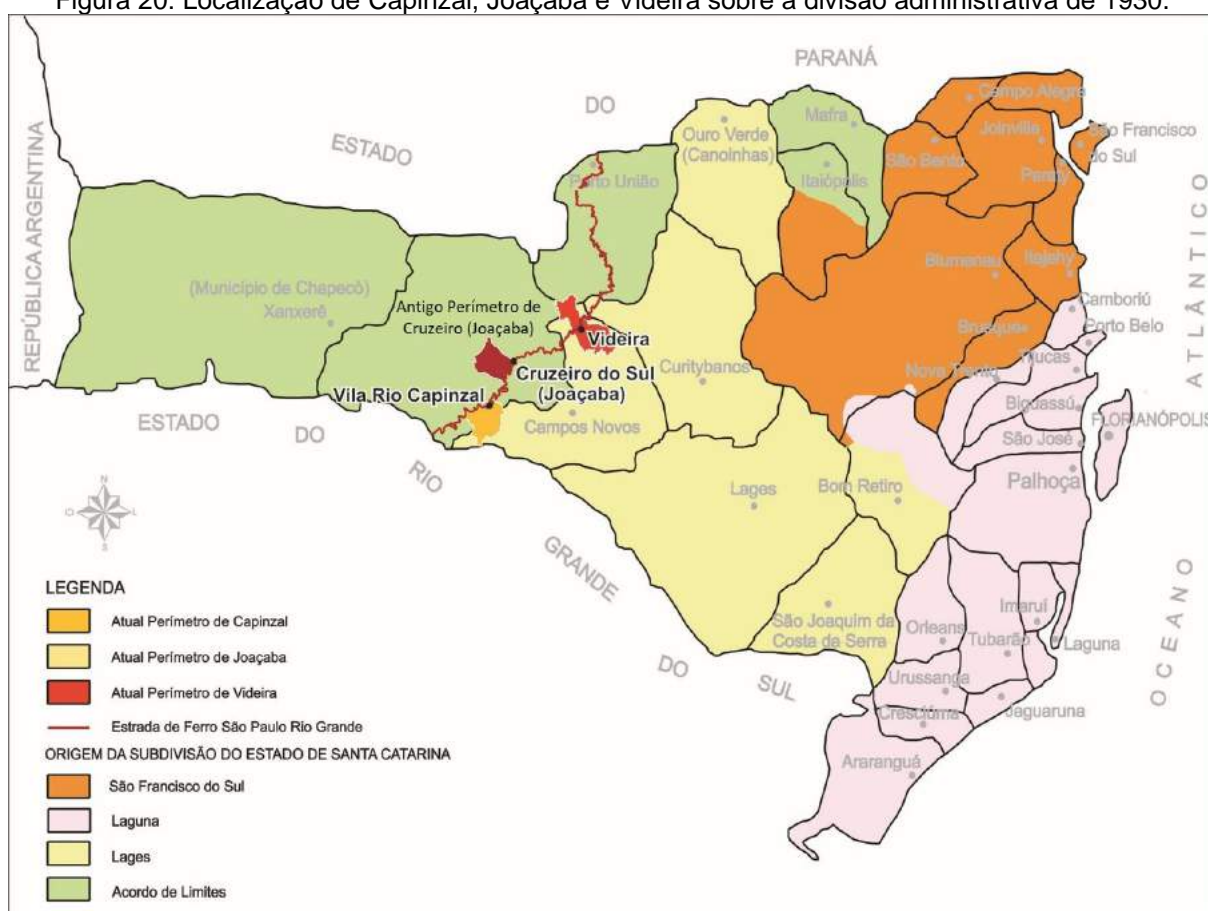
Fonte: Cruzeiro (1933)²⁹.

A maneira com a qual a sétima arte apresentou o mundo a estes espectadores campestres corresponde também a ideais deste novo mundo globalizado e moderno, assim como o movimento gerado por estes espaços, proporcionando formas de sociabilidade e lazer noturno. O Cine Guarani também se utiliza da ornamentação *Art Déco* para proporcionar a sensação de um espaço novo e alinhado às linguagens de vanguarda vistas no continente europeu. Vai além, ao adornar a sala e elaborar um ritual antes de começar as exibições dos filmes, que inclui o soar de um gongo, instrumento de origem asiática, e a apresentação de jornais noticiavam sobre o

²⁹ Cine Progresso. Jornal Cruzeiro, Cruzeiro do Sul, 19 nov. 1933. Disponível em: <https://hemeroteca2.cultura.sc.gov.br/docreader/DocReader.aspx?bib=886564&pesq=%22cine%20progresso%22&hf=hemeroteca.ciasc.sc.gov.br&pagfis=12>. Acesso em 24 ago. 2022.

mundo. Mais uma vez, o cinema busca ser global e cosmopolita, conectando estas pequenas cidades, às culturas e imagens inacessíveis por outro meio, e, novamente, é um vetor de atração social, ao ser potente o suficiente para trazer público de cidades vizinhas para dentro da sala escura. Ressalta-se que estas primeiras salas apresentadas se localizam ao longo da via férrea, evidenciando o poder deste elemento no desenvolvimento da região³⁰. Grande parte dos agrupamentos não eram considerados cidades, como pode ser visto abaixo, em uma representação da divisão territorial de 1930 (ver Figura 20).

Figura 20: Localização de Capinzal, Joaçaba e Videira sobre a divisão administrativa de 1930.



Fontes: IBGE (2021c); IBGE (2011b); Brasil (2018); Sagaz e Leite (2016a). Adaptado pelo autor (2022).

Entende-se, por fim, que estas tentativas de adequação dos cinemas aos moldes da modernidade tiveram, de certa maneira, êxito de acordo com os relatos de lotação. Porém, nesta, e em grande parte das salas de cinema, sejam elas *Art Déco*, *Ecléticas* ou em galpões de madeira, os filmes de maior sucesso retratavam o rural. Era na exibição de filmes de Mazzaropi e de Teixeira que se encontrava a sala

³⁰ Ferraz (2014) demonstra um processo semelhante no Rio de Janeiro, discutido na seção 4.1.

cheia. O público ansiava por instalações de ponta, por experiências similares às vistas em cinemas de grandes cidades, queriam para si a modernidade cosmopolita das metrópoles europeias, mas, curiosamente, demonstravam interesse pelo conteúdo de ruralidade sobre as telas, tão comum quanto seu cotidiano no campo.

2.3 O CINEMA NO RURAL E NO URBANO OESTE CATARINENSE

Como foi visto, as dinâmicas das cidades da região estudada tensionam a dicotomia estabelecida entre urbano e rural. Seja pela interdependência entre a população campesina e a infraestrutura urbana, ou pela influência, demonstrada acima de diversas formas, do mundo ruralizado sobre as configurações urbanas.

Ravazzoli (2018), discorre sobre o fenômeno geográfico que é a ida ao cinema em áreas urbanas e rurais, afirmando que os objetos geográficos, como as salas de exibição, não apenas estão alocados no território, mas sim intrinsecamente ligados ao espaço, de forma que dele herdam características, e assim influenciam as relações ali presentes.

O estudo do cinema com base nas categorias geográficas de urbano e rural, traz consigo diversas vantagens, como o entendimento dos processos socioespaciais e a possibilidade de comparação entre diferentes contextos geográficos ao longo do tempo. Portanto, para uma melhor compreensão da dinâmica dos cinemas e sua geografia, sob a ótica da ruralidade e, concomitantemente, da urbanidade, se faz necessária a conceituação dos termos Urbano e Rural, e a compreensão quanto à sua relação, questionando-se quanto à real existência de seu antagonismo, bem como a possibilidade de serem configurados como extremos, diante de um amplo e variado espectro de arranjos espaciais (Ravazzoli, 2018).

Assim, em um esforço para compreender os termos, a autora destaca algumas possíveis maneiras de distinção entre o território rural e o território urbano, com base em critérios: político-administrativos, como perímetros urbanos; de população ou densidade, com taxas que categorizam o espaço; econômicos, que se baseiam na influência das principais atividades do capital sobre o território; e, por fim, de presença de características urbanas no local, como pavimentação e sistemas de abastecimento de água. Ressalta-se que, a distinção entre os espaços urbanos e rurais pode se basear em mais de um, ou até mesmo todos os critérios acima (Ravazzoli, 2018).

Empiricamente, existe também no imaginário popular a cena rural, com uma

baixa densidade de habitantes, fazendas e espaços abertos, e a cena urbana, com uma grande densidade populacional e uma forte influência da ação humana sobre o território com suas grandes construções. Esta variedade de concepções tanto de ordem popular, quanto partindo de instituições e organizações administrativas, demonstra a multidimensionalidade do que se é entendido por Rural e Urbano. Isto se deve ao fato de que são termos cunhados em diferentes contextos sociais e históricos, adaptados para o estudo da geografia ao longo de todo o planeta, e estas adaptações levam então à algumas inconsistências, de ordem temporal, geográfica e conceitual (Ravazzoli, 2018).

A partir desta conclusão, a autora afirma que analisar a ida ao cinema com base nas categorias geográficas permite que se estude com maior precisão a experiência do espectador urbano e rural, e que se discuta de forma mais efetiva o caráter social e cultural das salas e seus contextos, em diferentes momentos temporais. Portanto, Ravazzoli frisa a importância fundamental de escolher dentre as categorias geográficas existentes, as que mais se adequam à conjuntura do estudo empreendido, e a partir de sua definição clara, afirma que será possível entender a completude dos fenômenos espaciais e sociais relacionados ao cinema, bem como clarificar os processos de distribuição e audiência das salas. Conclui seu raciocínio afirmando enfim, que o espaço rural e o espaço urbano não são, portanto, opostos, e que as cidades e o campo configuram nuances de uma abrangente gama de disposições espaciais: *“Living in a rural area in many societies does not preclude participation in urban life and vice versa; thus, the idea of a rural-urban continuum can be the one that best represents the contemporary context”*³¹ (Ravazzoli, 2018, p. 28).

A gênese do conceito do *continuum* entre rural e urbano remonta à década de 1930, e os debates quanto à questão se intensificam na década de 1960, como resposta às hipóteses dicotômicas. Esta teoria afirma que não existe uma divisão demarcada entre o campo e a cidade, e sim um espectro entre locais muito ruralizados e locais muito urbanizados. Em adição, afirma-se que mesmo em áreas rurais podem existir pontos com alta urbanização, assim como pontos com características do campo podem ser encontrados em perímetros urbanos (IBGE, 2017). Um contínuo entre o rural e o urbano é o que aparenta despontar na Santa Catarina do século XX, onde

³¹ Viver numa zona rural em muitas sociedades não impede a participação na vida urbana e vice-versa; assim, a ideia de um *continuum* rural-urbano pode ser a que melhor representa o contexto contemporâneo (Ravazzoli, 2018, p. 28, tradução nossa).

núcleos citadinos nascem e se desenvolvem em função do campo, e onde o campo encontra acesso à infraestrutura e mercado consumidor dos núcleos citadinos.

A partir da década de 1920 na região Oeste, cidades começam a se estabelecer, em um movimento de urbanização visto em todo o país que Santos (2007, p. 23) descreve como “simultaneamente resultado e condição do processo de difusão do capital”. Difusão esta que foi capaz não só de criar núcleos urbanos, mas também de inserir nestes, formas de cultura representantes deste capital global, como as salas de cinema.

2.3.1 A Urbanização do território

O processo de urbanização do Oeste catarinense perpassa o planejamento efetuado pelos agentes de colonização. Inicialmente, os primeiros colonos que adquiriam suas terras com as companhias colonizadoras são alocados em lotes com pouca, ou nenhuma infraestrutura, além de frequentemente serem locais isolados, sem acesso a um mercado consumidor para a venda de excedentes da produção. O primitivo planejamento das colônias é relatado na edição Nº 560 do jornal A República, de Florianópolis, de 26 de agosto de 1932³². O autor da reportagem, ao entrevistar os primeiros moradores da região, escreve que são os próprios colonizadores quem fazem os traçados das ruas em rudimentares cartas topográficas. Referindo-se à situação das cidades do Vale do Rio do Peixe, naquele momento, o jornalista declara que as iniciativas para implantação de infraestrutura pública têm de partir da própria população, visto que as sedes carecem de ruas pavimentadas, saneamento básico, medidas de higiene e acesso a serviços públicos. Encerra o artigo reivindicando auxílio do Governo Estadual para a solução de tais questões.

Essa situação perdura do início do movimento colonizador, na década de 1920, até meados de 1940, quando as sedes já apresentam um desenvolvimento mais avançado, e são então estabelecidas conexões viárias entre os núcleos citadinos, fundamentais para o desenvolvimento. A partir de então, a acumulação de capital por parte destes migrantes aumenta, e paralelamente, seus padrões socioeconômicos se diferenciam (Bernardes, 1952; Nodari, 2009), movimento que reflete também nas salas de cinema, que de galpões de madeira passam a edifícios em alvenaria,

³² M.V. Oeste Catarinense. Jornal República. Florianópolis, 26 ago. 1932. Disponível em: <http://hemeroteca.ciasc.sc.gov.br/republica/1932/REP1932560.pdf>. Acesso em 26 ago. 2022.

buscando a elitização do espaço e a segregação social.

Assim, as sedes coloniais, ao passarem pelas transformações impostas pelo capital, tornam-se aos poucos agrupamentos urbanizados. Bernardes afirma que “No seu aspecto urbano, a colonização foi mais bem-sucedida, constituindo-se uma rede importante de pequenas cidades, com comércio intenso e indústria variada” (Bernardes, 1952, p. 447). Este processo acontece de diferentes formas nas diversas sedes, visto que se realizava de acordo com o desenvolvimento agrícola, e com a possibilidade de escoamento dos produtos para venda (Nodari, 2009).

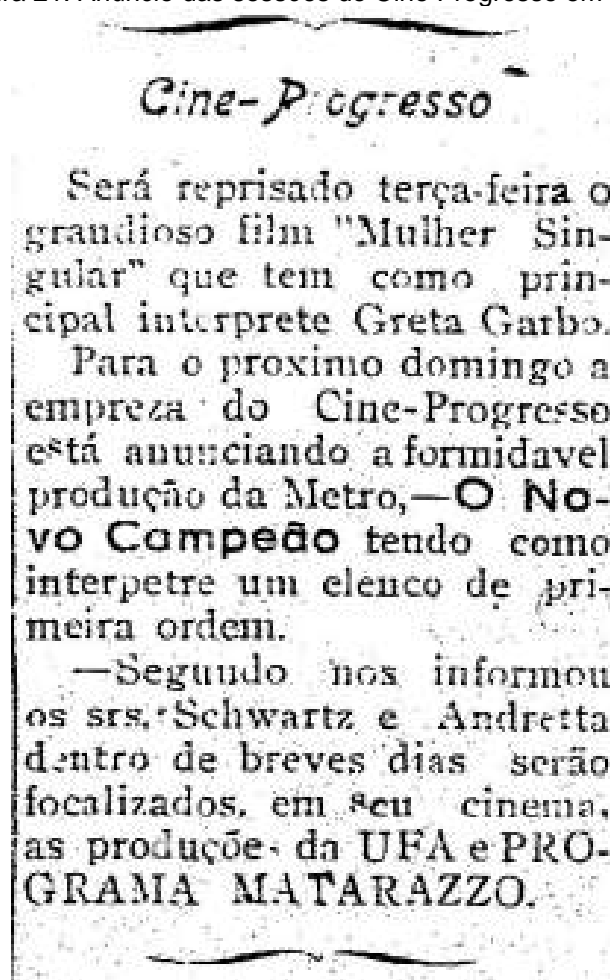
Em 1917, Chapecó e Joaçaba (na época, Cruzeiro) foram estabelecidas à mando do governo estadual, com o objetivo de ocupar e estabelecer fronteiras. Os locais definitivos das sedes, porém, foram motivo de conflitos nas esferas administrativas estaduais. Nos acordos feitos ao fim da Guerra do Contestado, a sede de Chapecó foi designada, provisoriamente, no distrito de Passo Bormann. Porém, o coronelismo e as elites portuguesas, enviadas para a região pela administração estadual, possuíam forte atuação sobre o território, e o estabelecimento de uma cidade tornou-se motivo de empasses. Assim, ao longo da década de 1920, a sede foi alterada diversas vezes entre o núcleo inicial e a Vila de Xanxerê. O imbróglio foi resolvido somente em 1931, quando fixa-se oficialmente a sede urbana em Passo dos índios, uma vila em local intermediário entre as duas sedes que brigavam por seu estabelecimento. Situação semelhante acontece em Joaçaba (Cruzeiro), que inicialmente é estabelecida em Limeira, nas proximidades da estrada de ferro e do Rio do Peixe, e passa por alterações, sendo instituída em Catanduva em 1919, e retornando em 1926 para a sede original (Nodari, 2009).

Estas movimentações pelo território resultam em certa turbulência na forma de assentamento destas cidades, e o posicionamento geográfico definitivo de cada uma, próximo ou não às vias de escoamento, influencia seu desenvolvimento. Joaçaba, ao situar-se adjacente à linha férrea, tem um crescimento populacional acelerado, favorecido pela chegada de migrantes via trem, enquanto Chapecó inicialmente era ligada por estradas precárias, que apresentavam diversos problemas, principalmente nas estações de cheias do Rio Uruguai (Nodari, 2009).

Esta disparidade inicial no desenvolvimento das duas cidades é demarcada pelas manifestações culturais aqui estudadas: as salas de cinema. Ressalta-se que existiam, além dos cinemas nas sedes, exibições ambulantes, destes mesmos proprietários das salas, ou de empresários que viajavam fazendo sessões itinerantes.

Porém, Nodari (2009, p. 72) afirma que “Apesar de haver povoados rurais importantes em ambos os municípios, eram os núcleos urbanos (Chapecó e Cruzeiro) e as sedes distritais que concentravam as atividades econômicas, sociais, religiosas e políticas da colônia”. Como resultado do crescimento pioneiro de Joaçaba, é nesta cidade que se estabelece o primeiro cinema em alvenaria, construído para abrigar a função de exibição, e com características de uma emergente modernidade: o já apresentado Cine Progresso. A data de sua inauguração é incerta, mas a primeira edição do jornal Cruzeiro, de 19 de novembro de 1933, já traz anúncios³³ das sessões que ali aconteciam (ver Figura 21).

Figura 21: Anúncio das sessões do Cine Progresso em 1933.



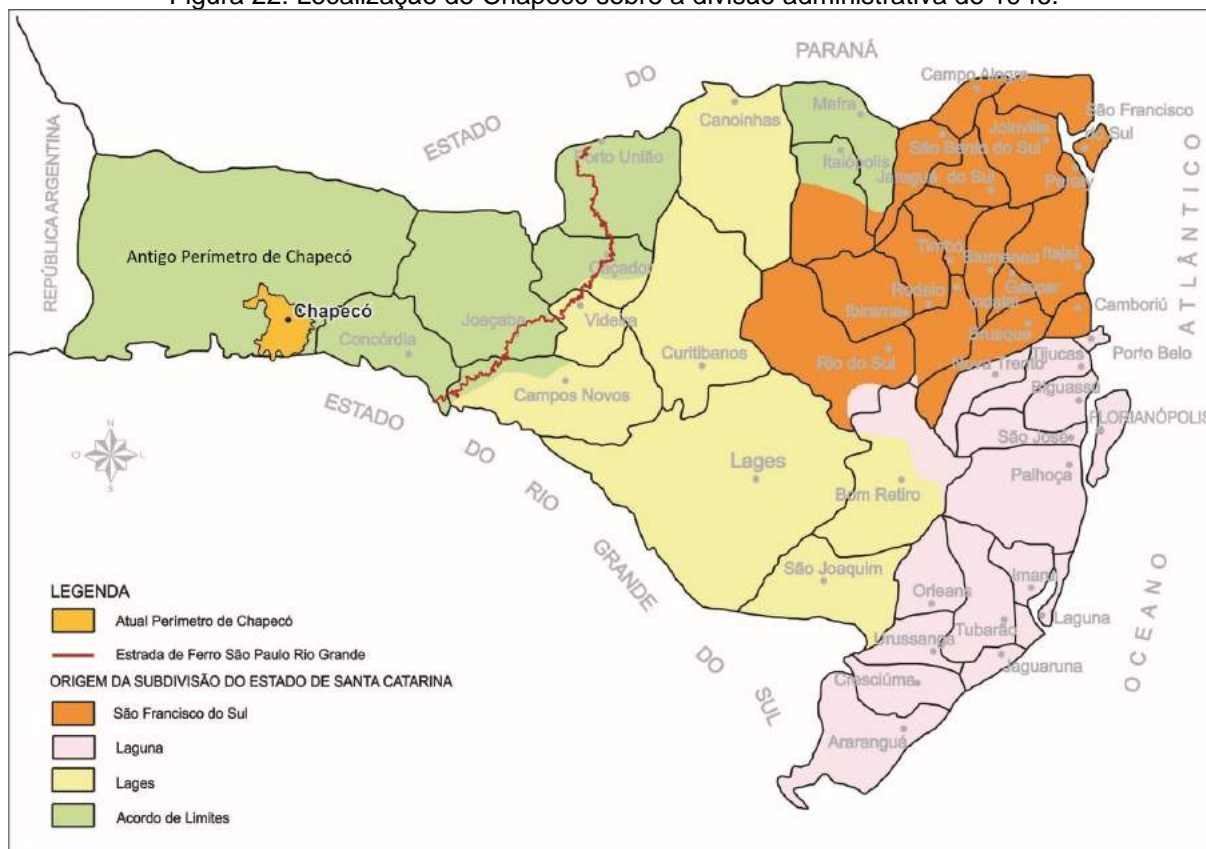
Fonte: Cruzeiro (1933)³⁴.

³³ É interessante ressaltar a menção feita pelo anúncio às produtoras MGM, UFA e Matarazzo. A distribuição cinematográfica de empresas internacionais é discutida na seção 4.1.

³⁴ Cine Progresso. Jornal Cruzeiro, Cruzeiro do Sul, 19 nov. 1933. Disponível em: <https://hemeroteca2.cultura.sc.gov.br/docreader/DocReader.aspx?bib=886564&pesq=%22cine%20progresso%22&hf=hemeroteca.ciasc.sc.gov.br&pagfis=12>. Acesso em 24 ago. 2022.

Enquanto isso, como resultado do acesso dificultoso à Chapecó, consequência de sua distância da estrada de ferro (ver Figura 22), uma sala de cinema só aparece na sede treze anos mais tarde, em 1946.

Figura 22: Localização de Chapecó sobre a divisão administrativa de 1946.



Fontes: IBGE (2021c); IBGE (2011b); Brasil (2018); Silva (2016). Adaptado pelo autor (2022).

O primeiro cinema da cidade é chamado de Cine Ideal (ver Figura 23), e funciona em um galpão de madeira, com 200 lugares (Thies, 2016). A baixa urbanização da vila é denunciada na imagem, pelas florestas de araucária ao fundo e a rua sem pavimentação. De acordo com o Censo Demográfico de 1950 (IBGE, 1953), Chapecó possuía 2.118 habitantes no núcleo urbano, e uma população total de 12.374.

Figura 23: Cine Ideal, nov. de 1952, com Osmar, Achylles Tomazelli e funcionário em frente à sala.



Fonte: Thies, 2016.

Achylles Tomazelli, proprietário do Cine Ideal, é natural de Guaporé (RS), e estabelece-se em Chapecó no ano de 1935, com o objetivo de investir na economia madeireira (Thies, 2016). É interessante apontar que o deslocamento deste empresário pelo território está de acordo com os movimentos migratórios vistos entre o Rio Grande do Sul e Santa Catarina nesta primeira metade do século. Além da sala de cinema e da extração madeireira, Achylles ocupou-se com ofícios de sapateiro e seleiro, e em 1940, fundou a primeira hidrelétrica da região, fornecendo energia para 18 casas da vila e um poste na rua principal (Thies, 2016). Mesmo sendo edificado anos mais tarde que o Cine Progresso, de Joaçaba, o Cine Ideal apresenta precariedade em suas instalações, fato que corrobora com o entendimento de que dificuldade de acesso à cidade influenciou diretamente em seu desenvolvimento.

As ações de Achylles em Chapecó revelam o que Nodari (2009) apresenta como um protagonismo dos atores políticos e das elites locais, compostas de descendentes de origem portuguesa, italiana ou alemã. Estas atuavam na organização espacial e social das cidades, criando formas de sociabilidade e alterando, ou estimulando a alteração da morfologia urbana. O faziam com base na edição do conteúdo dos jornais, na fundação de clubes e blocos carnavalescos, no incentivo à educação e na criação de eventos beneficentes. Tomazelli se caracteriza como parte dessa elite, ao investir na infraestrutura da cidade, com sua sala de cinema

e sua usina de geração de energia.

Estas ações vão ao encontro do movimento de urbanização que se percebe em Chapecó e Joaçaba ao longo das décadas de 1930 e 1940. Afirma-se que neste processo, existiu a preocupação com o embelezamento da cidade, seguindo “os mesmos padrões homogeneizantes da civilização ocidental moderna de desconstrução do rural, que era sinônimo de atraso” (Nodari, 2009, p. 75). As elites destes núcleos passam a empreender iniciativas de remodelamento da cidade, em busca de uma civilidade e um “ar” urbano. Para tanto, largas avenidas com canteiros centrais foram concebidas (ver Figura 24), e, nos dois núcleos, a energia elétrica foi, após diversos percalços, instalada (Nodari, 2009).

Figura 24: Vista da cidade de Chapecó.



Fonte: IBGE³⁵.

Thies (2016) relata que após a mudança de um sistema comandado pelo coronelismo e com o início das organizações políticas, e, por consequência,

³⁵IBGE - INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. [Avenida Getúlio Dorneles Vargas]: vista [panorâmica] da cidade: Chapecó, SC [s.d.]. Acervo dos municípios brasileiros. Disponível em: <https://biblioteca.ibge.gov.br/index.php/biblioteca-catalogo?view=detalhes&id=449109>. Acesso em 21 mar. 2023.

regularizações fundiárias, a ocupação urbana de Chapecó começou a conformar-se, com uma elite emergente situando-se no centro da cidade, e o restante da população em suas margens. Porém, como o primeiro Cine Ideal conformava-se em uma edificação simples e pouco requintada, este recebia o público de baixa renda (Thies, 2016).

Quando Joaçaba se estabelece, não existem iniciativas por parte das Companhias Colonizadoras ou do Governo Estadual para a implantação de lotes destinados à equipamentos públicos, e esta condição se coloca como um empecilho para as intenções de modernização da cidade. Nodari (2009), afirma que esta característica é comum aos núcleos que se estabelecem próximos da estrada de ferro, e que nestes, os lotes eram geralmente mais onerosos, coibindo sua compra.

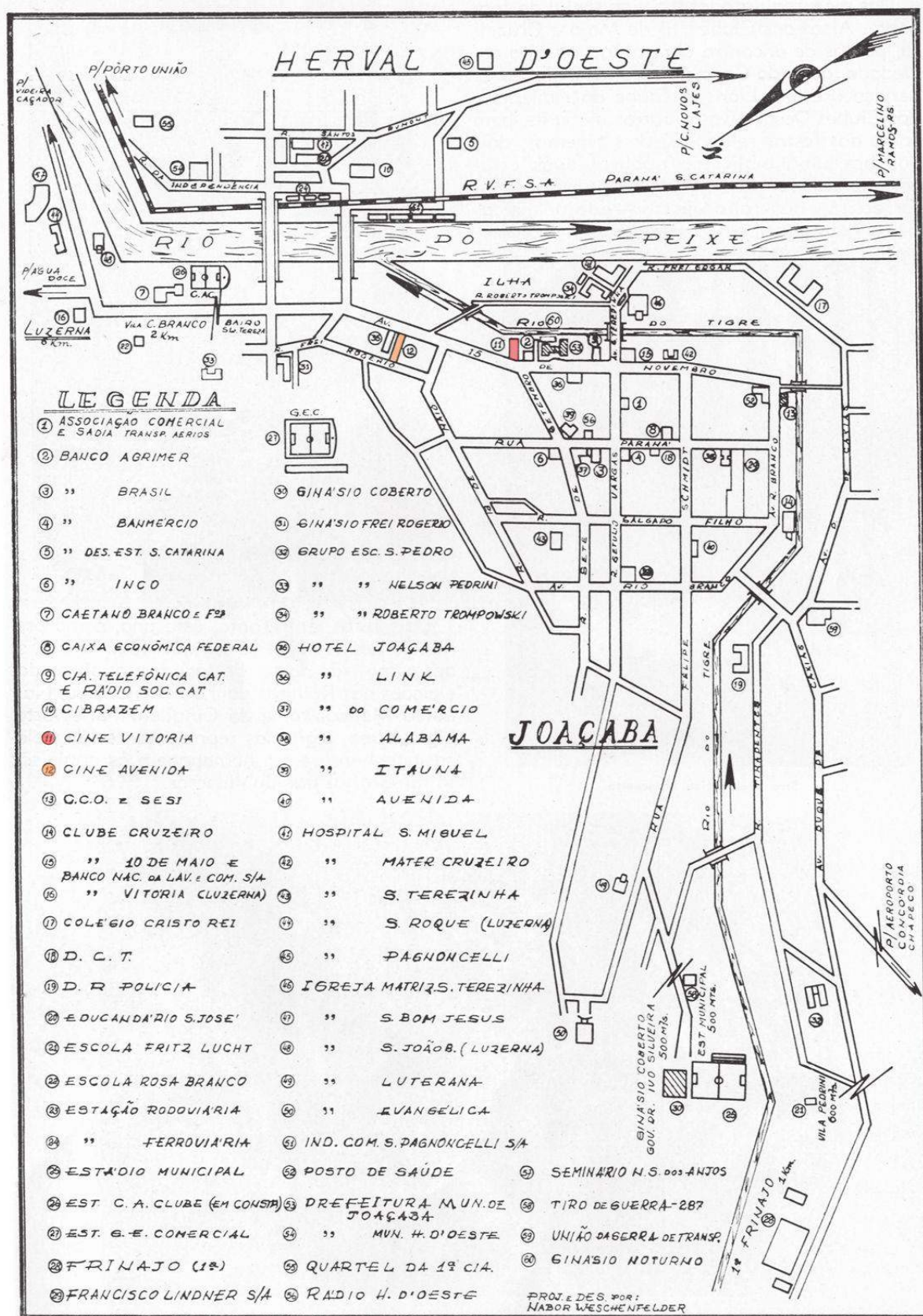
Além disso, a localização geográfica de Joaçaba também apresenta impasses, pois, ao ter surgido ao longo das sinuosidades do Rio do Peixe, que atua como demarcador de sua fronteira, e por ser cortada pelo Rio do Tigre, é impelida a adequar-se às formas do relevo e tem assim, sua expansão dificultada (Nodari, 2009). Como resultado, percebe-se na planta de Joaçaba e Herval d'Oeste, de 1967 (ver Figura 25, na página seguinte) a baixa regularidade da morfologia urbana, com quadras de diferentes dimensões e angulações variadas. De acordo com o Censo Demográfico de 1960, Joaçaba possuía uma população urbana de 7.821 habitantes, e uma população total de 9.890 habitantes (IBGE, 1968).

É interessante ressaltar que dentre os importantes equipamentos urbanos apresentados na legenda, como instituições financeiras e hotéis, os dois cinemas em funcionamento na época são destacados, o Cine Vitória, demarcado aqui em vermelho, e Cine Avenida, em laranja. Fato este que aponta o quão fundamentais eram estes espaços nas dinâmicas urbanas da Santa Catarina do século XX.

De forma distinta à Joaçaba, Chapecó apresenta um plano urbanístico bem estruturado, com uma mescla entre o traçado radial central e o ortogonal. O projeto (ver Figura 26, na página 77) foi idealizado por um dos colonizadores de maior atuação na região, Ernesto F. Bertaso, que demarca lotes para prédios públicos no núcleo da planta, para onde todas as ruas convergem, além de praças, na proposta da cidade (Nodari, 2009). De acordo com o Censo Demográfico de 1940, Chapecó possuía uma população urbana de 505 habitantes, e uma população total de 5.786 habitantes (IBGE, 1952).

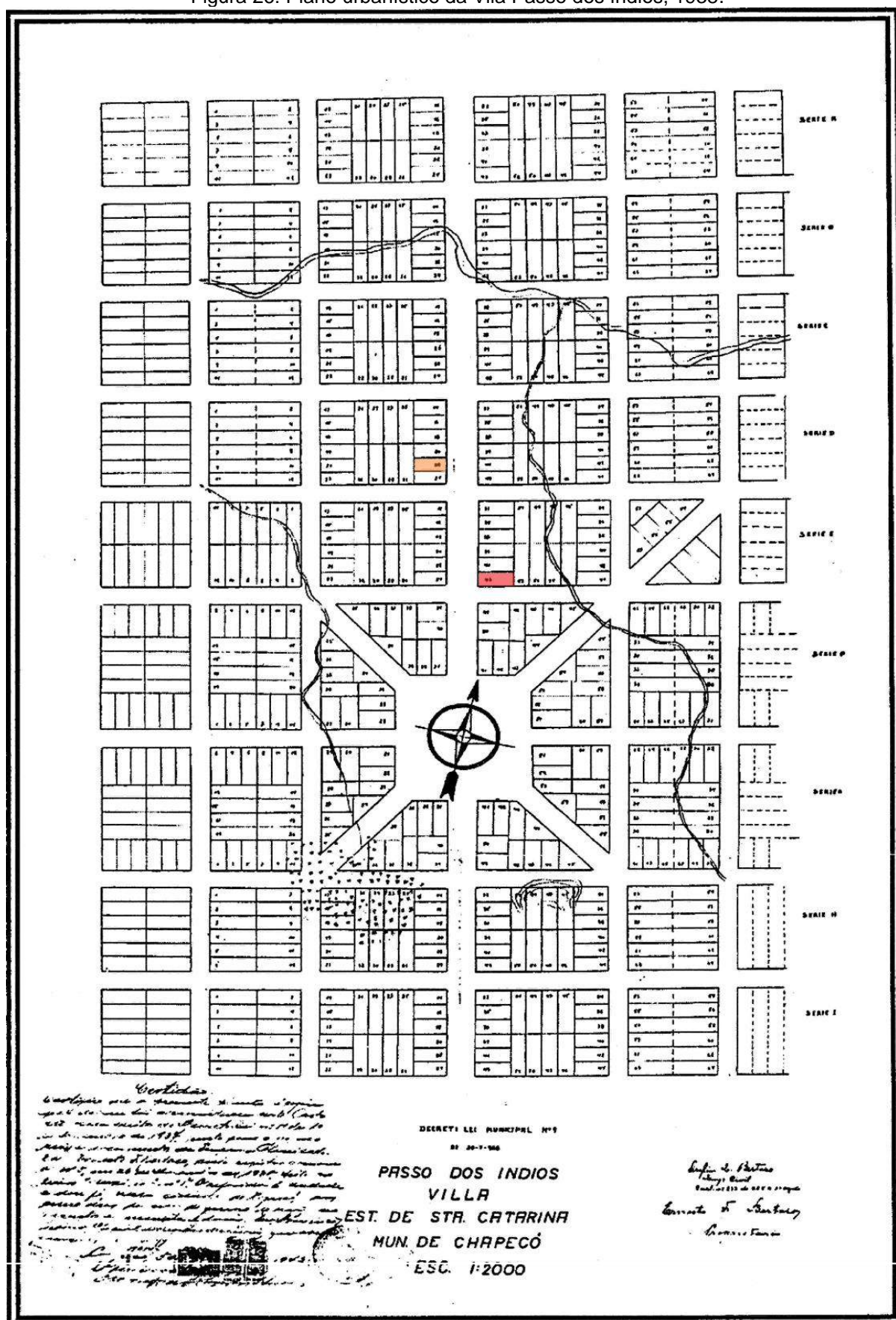
Figura 25: Planta das cidades de Joaçaba e Herval d'Oeste em 1967.

PLANTA INDICADORA DA CIDADE



Fonte: Queiroz; Ouriques; Marcos, (1967). Adaptado pelo autor (2022).

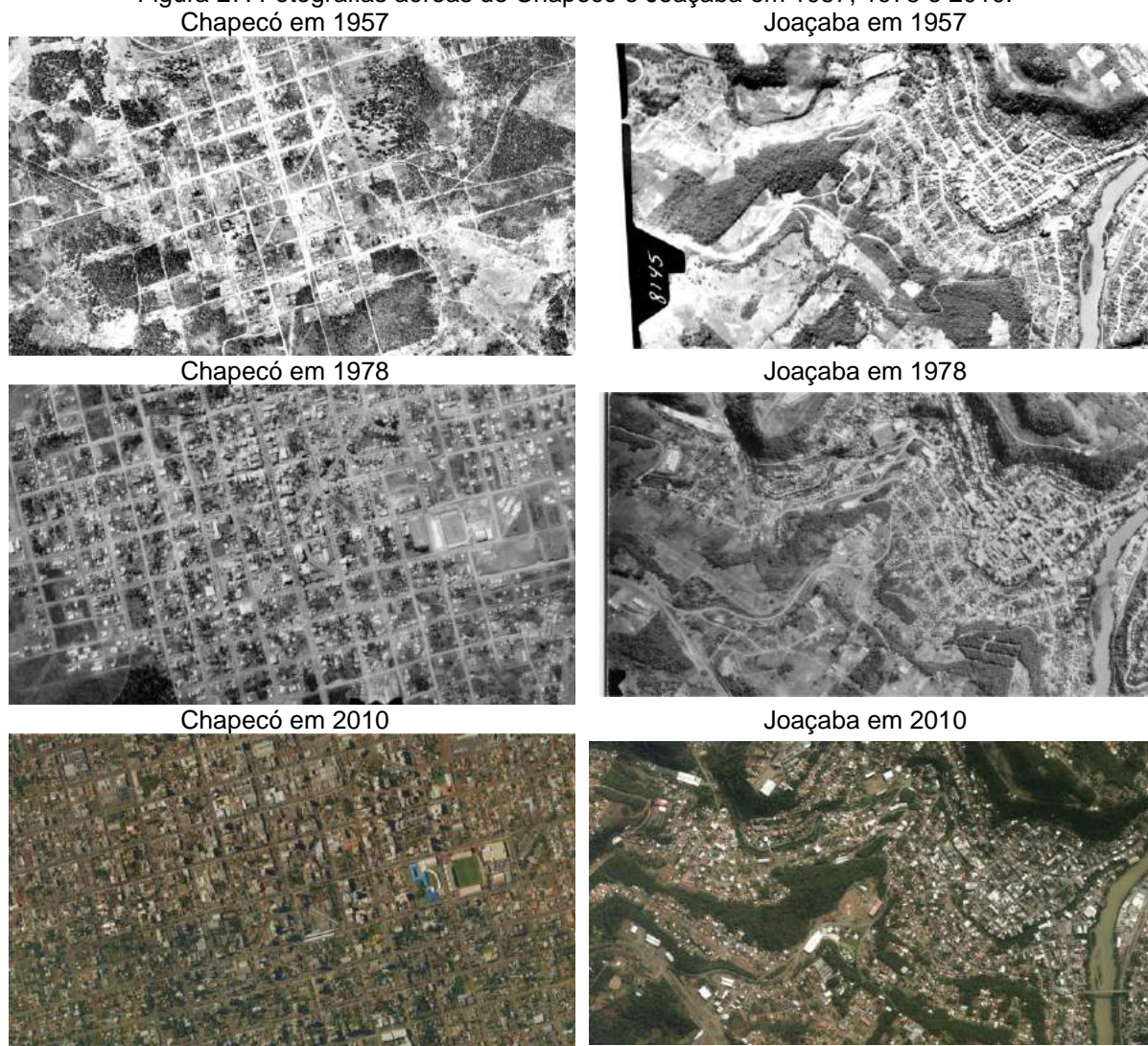
Figura 26: Plano urbanístico da Vila Passo dos índios, 1938.



Fonte: Biblioteca Municipal de Chapecó, apud Nodari (2009). Adaptado pelo autor (2022).

A possibilidade de um planejamento mais bem constituído em Chapecó, se dá também pelos fatores territoriais, visto que esta cidade possuía menos acidentes geográficos limitantes, do que Joaçaba (Nodari, 2009). No plano urbano acima, foram destacados os lotes em que existiram salas de cinema, contribuindo mais uma vez para o entendimento de que estes lugares ocupavam territórios de destaque e importância na malha urbana: em vermelho, a localização do primeiro Cine Ideal, em madeira, onde mais tarde o Cine Astral é edificado, em alvenaria, e, em laranja, a posição do segundo Cine Ideal, adjacente à esquina aonde Achylles Tomazelli estabelece o Hotel Ideal, inaugurado em 1946 e em funcionamento até a atualidade. As transformações urbanas podem ser testemunhadas também a partir da comparação da morfologia das duas cidades, analisando-se fotografias aéreas de 1957, 1978 e 2010 (ver Figura 27).

Figura 27: Fotografias aéreas de Chapecó e Joaçaba em 1957, 1978 e 2010.



Fonte: Secretaria de Estado do Planejamento (1957; 1978; 2013).

A partir da década de 1930, diversos agrupamentos do Oeste catarinense passaram a almejar este “ar” urbano, empreendendo iniciativas que visam a consolidação de uma ideia de civilidade, oposta ao mundo rural que os cercava. As cidades neste contexto eram sinônimo de progresso e desenvolvimento, e o cinema, arte do mundo moderno, contribuía para a consolidação desta imagem. Santoro (2005, p. 278), tratando sobre os cinemas de rua de São Paulo, afirma:

Mais do que possibilidade de acesso, a abertura de salas nos bairros funcionou, nas décadas de 30 a 50, como uma espécie de símbolo de emancipação dos bairros. Da mesma forma podemos dizer que o cinema se espalhou pelas cidades de interior. A imagem construída na metrópole serviu como ícone do progresso, e as cidades que passaram a ter cinemas eram tidas como importantes centros regionais, que aos poucos diferenciavam-se das cidades “provincianas” ao mesmo tempo que aproximavam-se da cultura cinematográfica das cidades conectadas com outros centros, mais cosmopolitas.

Prova de tal dinâmica está na emancipação da cidade de São Miguel do Oeste, componente da região aqui estudada. Sua primeira sala de cinema, o Cine Cacique, foi inaugurada em 1953 (Ceccon, 2012), quando o núcleo era ainda distrito de Chapecó. Porém, no ano seguinte, em 15 de fevereiro de 1954 (Secretaria da Fazenda, 2011) o agrupamento consegue sua emancipação, elevando-se à categoria de cidade. No cenário de urbanização que se realiza nesta metade de século, as salas começam a encontrar cada vez mais espaço, e, quando o sistema econômico passa por alterações, há um maior investimento nas infraestruturas de transporte, comunicação e eletricidade. A partir de tais mudanças, um contingente até então rural passa a se deslocar para as cidades, conformando-se como um potencial público, para o acelerado crescimento de salas de exibição que neste momento inicia-se.

3 LUZ, CÂMERA, INDUSTRIALIZAÇÃO: DA EXPANSÃO DO ACESSO AO FECHAR DAS CORTINAS

Como vimos anteriormente, o extrativismo vegetal tornou-se a principal atividade econômica no Oeste Catarinense ao longo da primeira metade do século XX, e foi justamente a exportação de erva-mate e de madeiras nobres o fator responsável pelo início da integração da região em nível nacional e internacional, seja por meio da estrada de ferro, ou pelo Rio Uruguai. Porém, a partir dos anos 1940, este modelo é afetado, tanto pela Segunda Guerra Mundial, que interfere na economia do Brasil e da Argentina, principal mercado consumidor, quanto pela crescente escassez de recursos devido à intensa exploração.

Ao mesmo tempo, os migrantes vindos do Rio Grande do Sul, passam a comercializar o excedente de suas produções da mesma maneira que faziam em seu estado de origem. Tinham como principal fonte de lucro a venda de suínos criados em cativeiro (ver Figura 28), que, quando atingiam peso para o abate, eram conduzidos a pé para o vilarejo mais próximo, onde um comerciante local os adquiria e os dirigia então para os pequenos frigoríficos de Chapecó ou Joaçaba (Pertile, 2008). Esta atividade se prova então fundamental para a consolidação de núcleos urbanos, incipientes redes de ligação e principalmente para a preparação de um cenário propício para o estabelecimento das agroindústrias, visto que a economia extrativista se mostrava em declínio.

Figura 28: Criação de porcos na cidade de Chapecó.

Fonte: IBGE³⁶.

Mamigonian (1966) afirma que na região Oeste de Santa Catarina, a agricultura nasce ligada à lógica de mercado, em um recorte temporal onde o crescimento urbano é incentivado pela produção agrícola, e o formato dos loteamentos planejados correspondem aos moldes capitalistas pretendidos pelas Companhias Colonizadoras. Surgem, aliados à policultura comercial, pequenos moinhos de trigo e frigoríficos de suínos, de propriedade dos migrantes vindos do outro lado do Rio Uruguai. Estas iniciativas baseadas nas transações *export-import*, foram capazes de subsidiar a criação de empresas de pequeno porte, que crescem ao comercializarem produtos locais.

Identifica-se assim, o desenvolvimento do setor econômico da parte ocidental de Santa Catarina. A pequena produção e o extrativismo, protagonistas durante a primeira metade do século XX passam a figurar em segundo plano face à implantação de indústrias mais articuladas com o sudeste brasileiro, a partir dos anos 1950, e de

³⁶IBGE - INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. Criação de porcos: Chapecó, SC: Chapecó [s.d.]. Acervo dos municípios brasileiros. Disponível em: <https://biblioteca.ibge.gov.br/index.php/biblioteca-catalogo?view=detalhes&id=449087>. Acesso em 21 mar. 2023.

sua expansão, ao longo de 1960-1970, quando estas abrem filiais no Rio Grande do Sul, Paraná, Mato Grosso e São Paulo.

Adequando-se às transformações pelas quais o mercado atravessa na década de 1970-1980, os frigoríficos têm de procurar novos públicos consumidores, implantando estratégias de ampliação de seu comércio, como a produção de novos cortes. Ao longo dos anos 1990 em meio à um cenário nacional de dificuldades econômicas, são então adquiridas por grandes corporações e incorporadas ao mercado financeiro, fato que transfere a administração destas companhias, inicialmente familiares e gerenciadas localmente, às organizações hegemônicas do mercado alinhadas com interesses globalizadores.

A industrialização não altera só as dinâmicas econômicas da região, mas também seu processo de urbanização, sua organização social, e, como consequência, suas formas de aproximação com a cultura, demarcadas aqui, como o movimento de expansão acelerado das salas de cinema de rua pelo território dos anos 1950 aos 1970, onde o Oeste Catarinense atinge seu ápice de espaços de exibição em funcionamento simultâneo, e posterior decadência, dos anos 1980 até a metade da década de 1990, quando estes fecham suas portas, em paralelo à conformação de um novo sistema social de lazer e o decorrente esvaziamento dos espaços de sociabilidade nas centralidades urbanas.

3.1 DO AGRO À INDÚSTRIA: TRANSFORMAÇÕES ECONÔMICAS, SOCIAIS E URBANAS

Entre a segunda metade do século XX e os anos 2000, o Oeste Catarinense passa por significativas alterações em diferentes escalas. A reprodução intensiva do modo de produção industrial começa a substituir a pequena produção mercantil, e, mais tarde, as agroindústrias tornam-se objetos centrais nas dinâmicas econômicas da região, e alcançam os mercados nacional e internacional. Paralelamente uma massa de trabalhadores rurais encontra-se desempregada, iniciando um êxodo rumo às crescentes cidades, de incipiente urbanização. Como resultado, conforma-se uma classe operária que vêm a coincidir com os espectadores, das salas de cinema de rua em constante crescimento nesse período.

3.1.1 As décadas de 1940 e 1950: a gênese e a expansão da indústria frigorífica

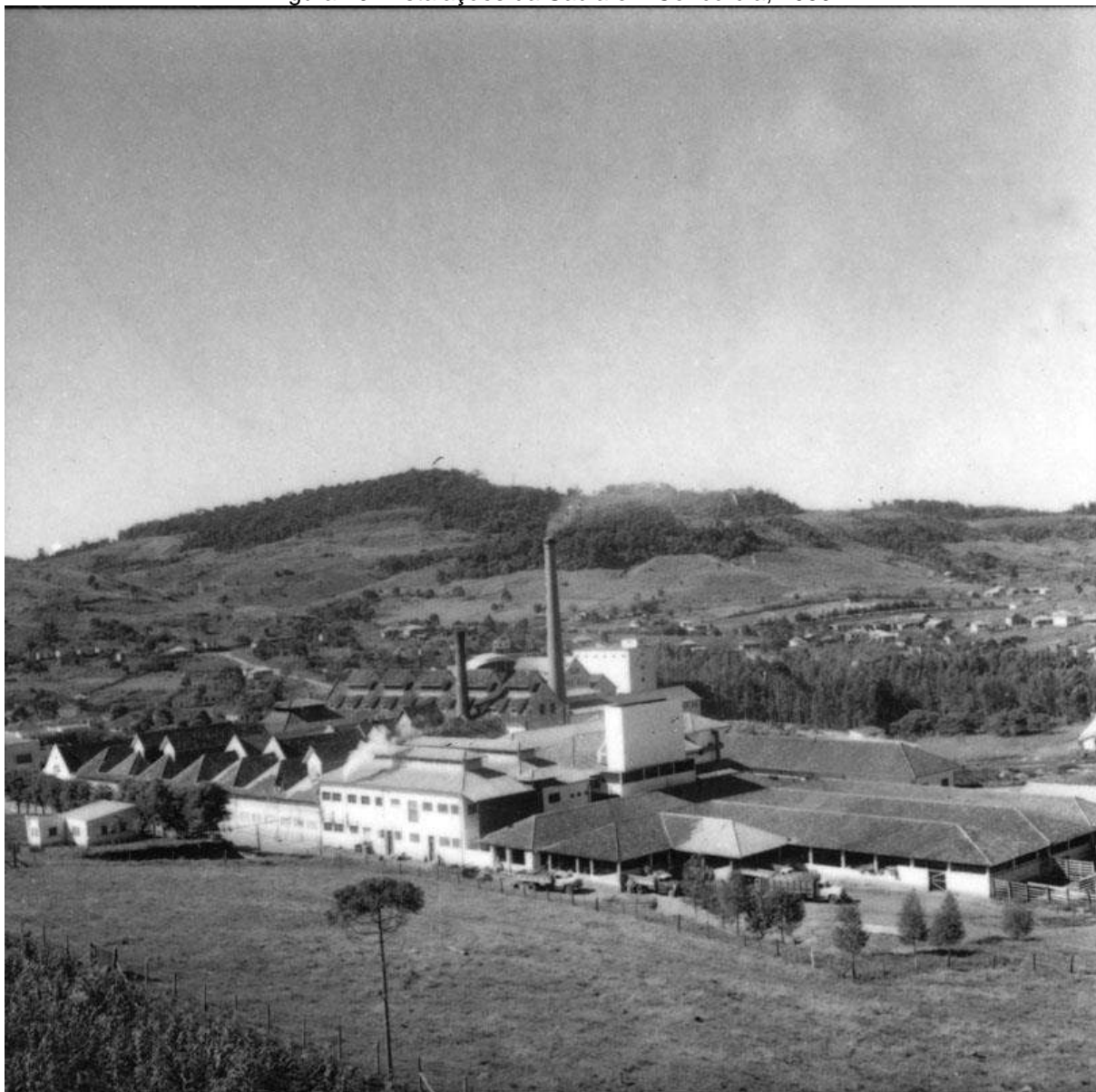
Até os anos 1940, a economia do Oeste de Santa Catarina se desenvolvia com base na comercialização de suínos vivos, porém, esta produção torna-se menos lucrativa, visto que frigoríficos de São Paulo passam a dominar o setor. Como consequência, buscando reintegrarem-se ao mercado, os produtores tornam-se empreendedores, proprietários de pequenos frigoríficos. Este movimento baseia-se na estratégia de investimento dos lucros proporcionados pela produção excedente do campo, para o estabelecimento de instalações industriais (Pertile, 2008).

Como exemplo notável, tem-se o comerciante Atílio Fontana, filho de agricultores italianos, cujo pai trabalhou na construção da via férrea, adquiriu um lote de 25 hectares, e em 1917, investiu no estabelecimento de uma casa comercial. Atílio chega à Santa Catarina em 1921, onde ocupa-se no armazém de Casimiro Tisian, e, ao mesmo tempo, enfarda alfafa por conta própria, enviando o produto para o Sudeste, seguindo o exemplo de comerciantes do Rio Grande do Sul e São Paulo, buscando exercer a conexão entre a produção da região e os mercados consumidores das cidades maiores (Espíndola, 1996).

Esta relação prova-se lucrativa, pois, anos mais tarde, Fontana adquire um hotel em Bom Retiro do Cruzeiro (atual Luzerna), e, em 1925, transforma-o em casa comercial. Segue ampliando seu patrimônio, ao ser convidado pelo prefeito de Concórdia a administrar um frigorífico na cidade, e torna-se assim, um dos sócios fundadores da S.A. Indústria e Comércio Concórdia (Sadia) (ver Figura 29), sinalizando a então incipiente industrialização do Oeste a partir da década de 1940³⁷ (Espíndola, 1996).

³⁷ Espíndola (1996) relata que parte do sucesso do empreendimento de Fontana encontra-se no fato de que este possuía exclusividade na compra de suínos desde a cidade de Caçador (SC) até Marcelino Ramos (RS), tornando a prosperidade de seus concorrentes dificultosa. Destaca-se que, o trajeto mencionado (Caçador-Marcelino Ramos) corta o Oeste Catarinense de norte a sul, por meio da Estrada de Ferro São Paulo Rio Grande.

Figura 29: Instalações da Sadia em Concórdia, 1959.



Fonte: IBGE (1959b)

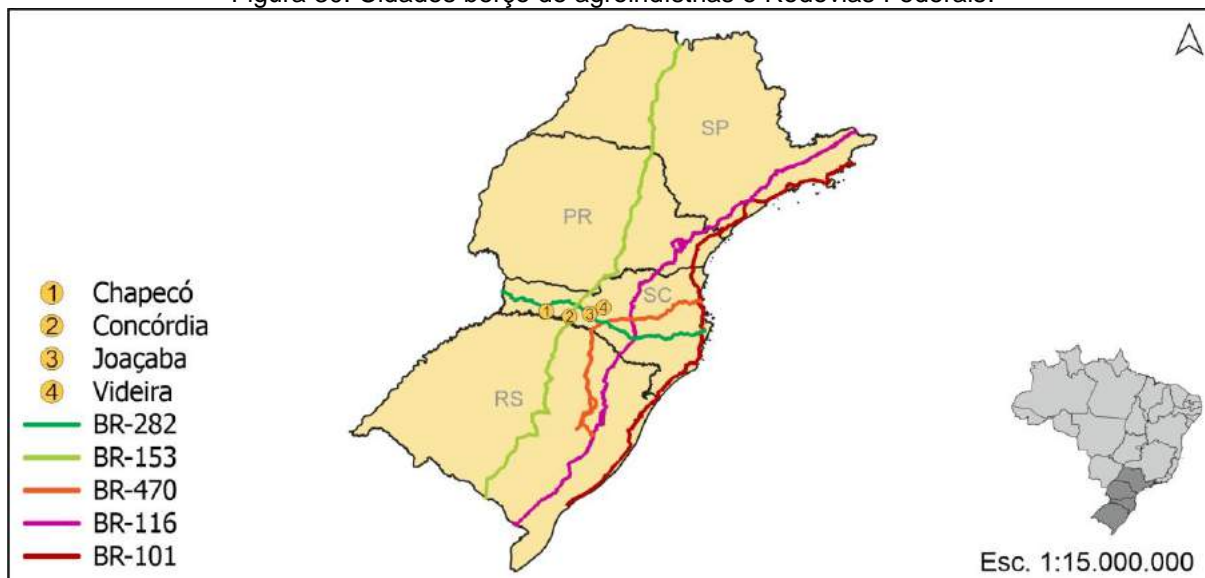
Para efetuar a aquisição do frigorífico e gerar capital inicial, Attilio vende suas casas comerciais, em um movimento que Pertile (2008) caracteriza como uma mudança de um Fontana comerciante, para um Fontana industrial. Uma contribuição importante a este movimento de incipiente industrialização acontece em cenário nacional, a partir dos anos 1930 durante o governo Vargas, visto que a urbanização passa a acontecer de forma acelerada, assim como o crescimento da população operária, consumidora dos produtos alimentares que são então processados na região (Pertile, 2008).

Os primeiros frigoríficos se estabelecem ao longo do Vale do Rio do Peixe, nas

margens da estrada de ferro, por consequência de um transporte facilitado que, na época, era isento de custos, apoiado pelo governo federal. Em 1940, na cidade de Videira, uma das estações férreas, nasce uma empresa que vem a tornar-se a Perdigão S.A., em 1942 é estabelecido o Comércio e Indústria Saulle Pagnoncelli, em Herval d'Oeste (cidade gêmea de Joaçaba), também ao longo da EFSPRG, e em 1943 é fundada em Concórdia a Sadia (Pertile, 2008), que fundamentou a criação de um desvio ferroviário no distrito de Volta Grande, próximo à estação de Marcelino Ramos (RS), para o transporte de sua produção também via trem (Espíndola, 1996).

Com o aumento da atividade pecuária, cresce a demanda também no campo da agricultura, com a expansão de lavouras de milho destinadas à alimentação animal, o que mostra que a instalação dos frigoríficos ao longo do Vale do Rio do Peixe não afeta somente os núcleos urbanos onde se estabelecem, mas também toda a região vicinal (Pertile, 2008). Além disso, as possibilidades de transporte dos produtos – alimento para os animais, animais para os frigoríficos, carne processada para o mercado consumidor – também interferem nas dinâmicas do desenvolvimento, pois, segundo Espíndola (1996), até 1950, a única forma de enviar a produção para outros estados, era pela linha férrea, porém, a viagem levava em média três dias até São Paulo, o que impossibilitava o carregamento de carnes que necessitavam de refrigeração. A utilização de rodovias, por sua vez, era da mesma forma dificultosa, visto que as BRs 470, 282 e 153 (ver Figura 30), bem como as muitas das rodovias estaduais, careciam de pavimentação (Espíndola, 1996).

Figura 30: Cidades berço de agroindústrias e Rodovias Federais.



Fonte: Brasil (2021). Elaborado pelo autor (2023).

É válido ressaltar, que a *Brazil Railway Company* foi encerrada em 1917, em consequência de uma administração corrupta. Desta forma, em 1940, termina o prazo de 50 anos de concessão da linha férrea atribuída pelo Governo Federal, e assim, a via é revertida para uma autarquia, a Rede de Viação Paraná-Santa Catarina (RVPSC), que mais tarde, em 1957, é agregada às outras autarquias que então constituem a Rede Ferroviária Federal S.A. (RFFSA). Ao longo dos anos 1960, com um maior investimento em infraestrutura rodoviária, a ferrovia passa a tornar-se obsoleta, e em sequência entra em processo de deterioração a partir dos anos 1970. Em 1996 o trecho é privatizado, passando à empresa Ferrovia Sul Atlântico S.A., que prometia sua restauração. Em 1998 Ferrovia Sul Atlântico S.A. é transformada na América Latina Logística S.A. (ALL), a qual desativa totalmente o tráfego da linha (Thomé, 2005).

Por conta destas dificuldades logísticas, o Grupo Sadia adquire em 1950, caminhões com isolamento térmico, e constrói câmaras frias para armazenamento de sua produção. No início desta década, a BR-116 foi aberta, ligando a cidade de Lages, na região central de Santa Catarina à Curitiba (PR) encurtando a viagem rumo ao Sudeste, pois não se fazia mais necessária a chegada até a costa leste do estado (via BR-101), para seguir em direção à São Paulo (ver Figura 30). Além disso, como consequência da expansão do mercado consumidor no Sudeste, a Sadia adquire um avião para carga de seus produtos, em 1952, que passa a fazer viagens semanais

para São Paulo (ver Figura 31). Em 1954, a companhia adquire mais duas aeronaves, e em 1955 nasce a Sadia S.A. Transportes Aéreos, sob influência de Nereu Ramos (Espíndola, 1996). Com a melhoria das estradas de rodagem na região e no estado, o transporte aéreo de cargas torna-se menos vantajoso. Assim, em 1965, a Sadia S.A. Transportes Aéreos passa a transportar passageiros, e em 1970 é transformada na Transbrasil S.A. Linhas Aéreas (Espíndola, 1996). A produção de suínos pela região Oeste rapidamente se consolida, e torna-se a maior do estado na década de 1950, e durante os anos 1960, avança a expansão dos frigoríficos baseada também no apoio estatal (Pertile, 2008).

Figura 31: Avião da Sadia no Aeroporto de Joaçaba em 1957.



Fonte: IBGE (1957).

3.1.2 De 1960 a 2000: da indústria nacional ao mercado mundial

Além das diversas formas de apoio do Estado, Pertile (2008) destaca fatores que auxiliaram na consolidação da produção agroindustrial nesta região na segunda metade do século XX. Desde o uso da estrada de ferro e as conexões por ela proporcionadas; a criação de ligações rodoviárias e a aquisição de caminhões frigoríficos e aviões; a adequação às demandas do mercado, com a mudança das espécies suínas ali criadas; a contratação de força de trabalho especializada; a instalação de filiais em outros estados e a criação de empresas para produção das

próprias embalagens. Como resultado, ao longo da década de 1960 e 1970, o Oeste Catarinense se configura como forte polo produtor para o mercado nacional e internacional. A respeito deste processo, Rocha (2004) afirma que as indústrias rapidamente adquiriram características de monopólios, exercendo grande influência sobre o mercado, ao dificultarem o crescimento de outras iniciativas similares e a expansão de concorrentes. Para isso, organizaram atividades principais em grandes unidades fabris, e atividades de suporte, como as de transporte, embalagem e mecânicas, em locais geograficamente próximos. Nos territórios de menor industrialização, interferiam na economia ao especializarem a produção agrícola, integrando-a às necessidades de insumos das empresas (Rocha, 2004).

Para além da produção de proteína animal, nos anos 1960 e 1970, a região passa a fornecer grãos para o mercado nacional (Rio de Janeiro e São Paulo), e participa ativamente do comércio estadual. Neste mesmo período, é criado o Banco Regional de Desenvolvimento do Extremo Sul (BRDE), que passa a beneficiar o Oeste com diversos incentivos, como investimentos em infraestrutura, expansão de indústrias, implantação de novos empreendimentos e ampliação de armazéns, silos e frigoríficos (Pertile, 2008).

Entre o fim da década de 1970 e ao longo da década de 1980, as agroindústrias do Oeste Catarinense têm de se adequar, novamente, para permanecer no mercado de maneira competitiva. Durante este período, o sistema capitalista encontra instabilidades, e a globalização passa ter seus efeitos sentidos também na região. Como resposta, as linhas de produção passam por um processo de modernização, são criados cortes especiais de aves voltados à novos mercados, e objetivando agregar mais valor aos produtos. A estratégia é tão bem-sucedida que as exportações de frango crescem 267% de 1984-1991, segundo Pertile (2008, p.139), fazendo com que a região não seja mais especializada apenas em suínos, mas também em aves, que anos mais tarde, figuram como o principal bem a ser exportado pelo estado.

Porém, os altos investimentos públicos geraram um crescimento e uma diversificação tão expressiva nestas iniciativas locais, que acabaram por resultar em uma expansão para outros estados, como Paraná, Rio Grande do Sul, e para o Sudeste e Centro-oeste do Brasil. A Sadia, estabelecida em Concórdia, passa a instalar filiais em SP e no RS já na década de 1950, sendo ampliada para o Paraná e Mato Grosso ao longo dos anos 1960 e 1970, além de concentrar-se cada vez mais em São Paulo. A Perdigão, nascida em Videira, passa a atuar também no Rio Grande

do Sul a partir de 1974, e, por sua vez, a Coopercentral Aurora, da região de Chapecó, convergiu sua expansão ao longo de Santa Catarina e do Rio Grande do Sul (Espíndola, 1996; Pertile, 2008).

Pertile (2008, p.165) afirma que das três empresas, a Sadia foi a que mais se afastou da região, de forma que na década de 1990, mais de 75% da empresa estava fora do Oeste. Sobre isso, é interessante ressaltar que no ano de 1992, o Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico e Social (BNDES) apoiou esta empresa com um total de 12,3 milhões de dólares para a instalação de um complexo industrial em Campo Grande (MS), voltado ao processamento e refinamento de soja (BNDES, 1992).

Em relação a este período, Rocha (2004) afirma que as políticas nacionais de abertura às importações e desestímulo às exportações provenientes do Plano Collor (1990), ocasionaram diversas consequências para o setor industrial catarinense, e é este cenário de baixa nos preços por conta da concorrência externa, aliada à uma grande oferta interna de produtos, que resulta na falência de diversos empreendimentos, ou faz com que estes sejam vendidos à fundos de pensão. Este foi o caso da Perdigão S.A., vendida em 1995 para um grupo de fundos composto por diversas entidades, como a Caixa de Previdência dos Funcionários do Banco do Brasil (Previ) e a Real Grandeza/Centrais Elétricas de Furnas. Ainda como consequência das políticas econômicas do início da década de 1990, Espíndola (1996, p.56) afirma que a Sadia reduziu seus investimentos de 98,9 milhões de dólares, em 1990, para 60 milhões em 1991 e 51 milhões em 1994, e que em 1993 teve de paralisar o abate nos frigoríficos de Araçatuba e Andradina no estado de São Paulo.

Ainda assim, a agroindústria catarinense seguiu liderando o mercado e resistindo às adversidades econômicas pelas quais o país passou ao longo da década de 1990. De acordo com Rocha (2004, p. 224-225), em 1991, o produto líder em exportação no estado foi a carne de frango, e em 2000, este produto seguiu sendo o bem mais exportado. Em 2003, segundo a mesma autora, a exportação de cortes de aves seguiu crescendo, mantendo-se no topo do ranking da comercialização internacional, além de a suína figurar em quarto lugar (Rocha, 2004).

3.1.3 Transformações sociais e urbanas: êxodo rural e a classe operária

Fato é que as agroindústrias, desde sua gênese até a atualidade, exerceram fundamental influência nas dinâmicas de desenvolvimento da região, refletindo em mudanças importantes também nas cidades e nos movimentos de migração e êxodo urbano e rural. Ao analisarmos os movimentos populacionais, com base nos censos demográficos do IBGE do século XX e XXI, percebemos um Oeste bastante rural³⁸, onde a população urbana só vai superar a campesina na década de 1990 (ver Quadro 1 e Gráfico 1).

Quadro 1: Evolução populacional do Oeste Catarinense³⁹.

População	1920	1940	1950	1960	1970	1980	1991	2000	2010	2022 ⁴⁰
Urbana	-	22.657	41.989	96.527	176.989	340.704	532.959	702.616	860.563	-
%	-	12,42	14,35	20,24	23,74	36,58	50,70	62,92	71,67	-
Rural	-	159.879	250.743	380.458	568.693	590.626	518.124	414.150	340.149	-
%	-	87,58	85,65	79,76	76,26	63,42	49,30	37,08	28,33	-
Total	36.481	182.536	292.732	476.985	745.682	931.330	1.051.083	1.116.766	1.200.712	1.357.869

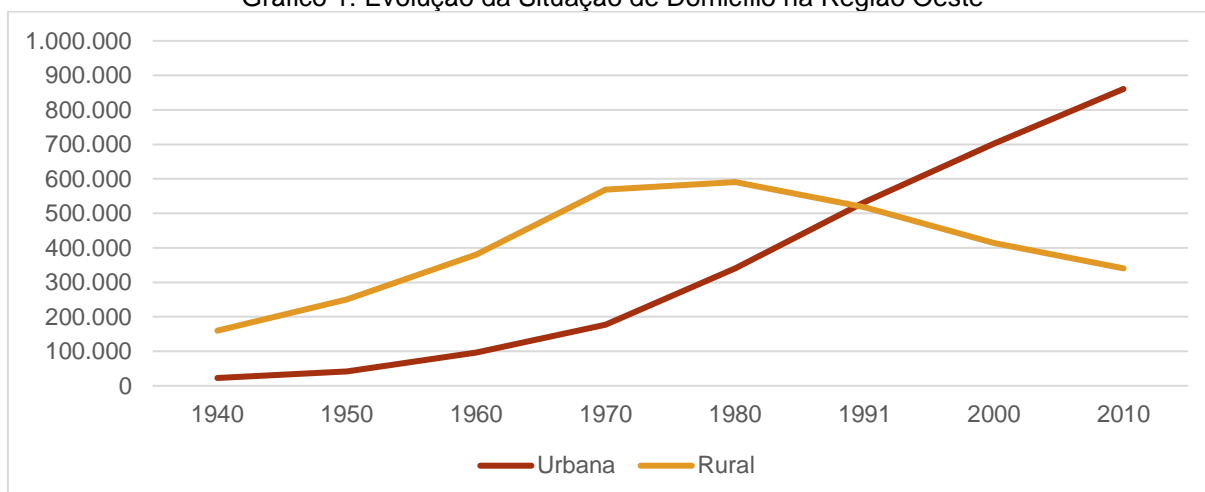
Fontes: Directoria Geral de Estatística (1922); IBGE (1952; 1953; 1968; 1973; 1983; 1991; 2000; 2010)

³⁸ Ressalta-se que a diferenciação entre população Urbana e Rural passa a ser feita pelo IBGE somente a partir do recenseamento de 1940, quando são discriminadas situações urbanas, suburbanas e rurais, baseando-se nas diferentes divisões determinadas pela administração municipal. Esta metodologia se repete nos censos de 1950 e 1960. No documento de 1960, acrescenta-se a seguinte descrição: “Como Quadros Urbano e Suburbano entendem-se as áreas correspondentes às Cidades (sedes municipais) ou às Vilas (sedes distritais). O Quadro rural abrange toda a área situada fora dos limites das Cidades e Vilas” (IBGE, 1968, p. IX). O Censo de 1970 segue a mesma metodologia, com descrição idêntica ao seu predecessor, porém aglutinando os quadros urbano e suburbano. Na década de 1980, da mesma forma, divide-se a população entre situação Urbana ou Rural. Na apuração de 1991, explicita-se novamente que a divisão do binário urbano-rural é fundamentada nas variadas leis municipais, e esta metodologia estende-se pelos censos de 2000, 2010.

³⁹ Por uma questão de compatibilização dos resultados, os quadros suburbanos, presentes nos censos de 1940-1960 foram somados aos quadros urbanos, resultando na mesma divisão dual encontrada nas pesquisas de 1970-2022. Além disso, é fundamental explicitar que a somatória dos valores considerou todas as cidades que fazem parte da Mesorregião Oeste Catarinense (IBGE, 1990), mesmo quando estas ainda eram distritos pertencentes a outros municípios, externos ao recorte. Como exemplo, temos o caso do distrito de Liberata, atual cidade de Fraiburgo, na região Oeste, cuja população foi contabilizada na tabela, mas que nos censos de 1940, 1950 e 1960 é apresentada como parte de Curitiba, uma cidade do Planalto Serrano.

⁴⁰ Até a publicação deste documento, o Recenseamento de 2022 não teve seus resultados completos publicados. Desta forma, apresentamos somente o valor total da população do Oeste Catarinense.

Gráfico 1: Evolução da Situação de Domicílio na Região Oeste



Fontes: Directoria Geral de Estatística (1922); IBGE (1952; 1953; 1968; 1973; 1983; 1991;2000;2010)

Este movimento resulta em uma urbanização tardia, em relação ao acelerado processo visto em todo país principalmente a partir da década de 1980. Desta forma, a cidade do Oeste mantém, ao longo de seu desenvolvimento, laços com o mundo agrário que a subsidia economicamente. O desenvolvimento dos municípios acontece em função do processo produtivo das agroindústrias ao longo da segunda metade do século XX, e grande parte das atividades que se instalam nestes centros, são voltadas a este mercado, e paralelamente, a maioria da população é empregada ou pela própria fábrica, ou nos empreendimentos de apoio à produção. Este movimento acontece como resultado da industrialização brasileira, estimulada pelas políticas de Kubitschek, e traz consequências para a pequena produção familiar, que ou se adequava à modernização da agricultura, ou tinha de deixar o campo, e passar a viver nas cidades, como mão de obra operária (Pertile, 2008; Lemos, 2020).

Desta forma, são delineadas com mais precisão as classes sociais desta conjuntura, compostas pelos proprietários das agroindústrias, donos dos meios de produção, e, portanto, das formas de organização espaciais e administrativas, e pelos jovens camponeses que possuíam apenas sua força de trabalho, os então operários, agora moradores das cidades. No âmbito rural, os agricultores tiveram de se associar às indústrias, em um esquema de integração da produção, que torna a venda das mercadorias exclusiva à empresa agroindustrial, e que exige padrões rígidos de higiene e alimentação dos animais. Os produtores que não conseguem se alinhar à estas diretrizes, são excluídos do sistema e apresentam dificuldade em competir com as grandes companhias. Junto a estes, estão os povos originários e os caboclos, que compõem então os setores marginalizados do processo de urbanização, e ocupam

assim as periferias urbanas (Alba, 1998).

Este território ruralizado vai então ganhando cidades cada vez maiores em população, bem como investimentos em infraestrutura. Em 1963, é criada pelo Governo Estadual, a Secretaria de Estado dos Negócios do Oeste, visando uma maior integração da administração estadual com a região. Este órgão investe na construção de pontes, na implantação de edificações públicas, ligações elétricas e até na ampliação de aeroportos. Destaca-se ainda que foi responsável pelo estabelecimento de 272km de estradas, e também pela recuperação de mais 329km, fator fundamental para o desenvolvimento da região, e para conexão com a faixa leste do estado (Alba, 1998; Lemos, 2020).

É com o impulso das iniciativas da Secretaria de Estado dos Negócios do Oeste que a BR-282 é efetivamente inaugurada na década de 1970, ainda que incompleta. Esta rota é fundamental para a ligação do Oeste com o Litoral catarinense, estabelecendo enfim uma maior relação entre esta região e a capital estadual. É importante ressaltar, que as rotas para o Rio Grande do Sul e Paraná também foram aprimoradas, fortalecendo ainda mais as relações já presentes entre o Oeste e estes estados (Barbosa, 2013; Lemos, 2020). Entende-se que estas transformações foram fundamentais para o desenvolvimento regional. Sobre o assunto, Santos (1982, p. 97) afirma que “A não integração do território, impedindo a livre circulação dos elementos da economia (homens, bens, capitais), freia, por si só, o desenvolvimento”.

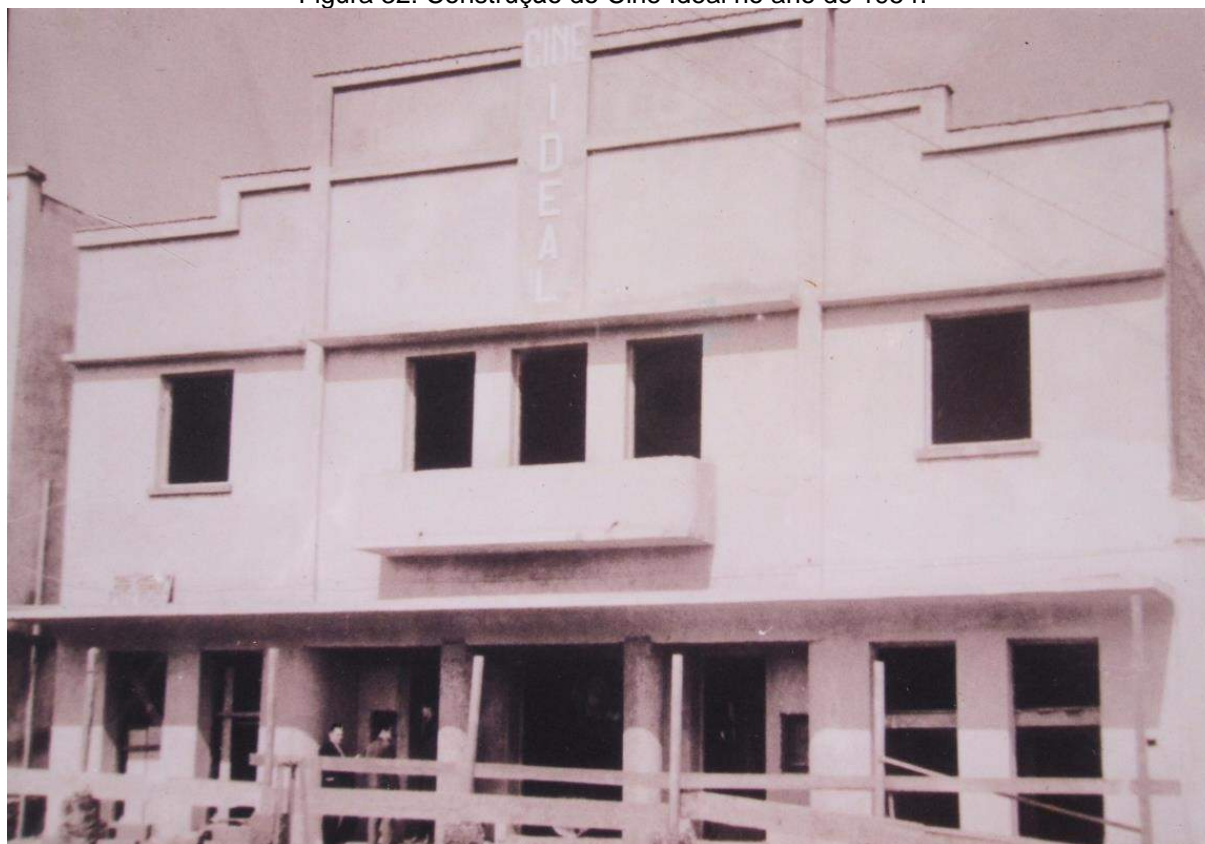
Estes investimentos beneficiam em primeiro lugar a implantação e reprodução do sistema agroindustrial, fortalecendo as classes proprietárias dos meios de produção. Como resultado, conformam-se partir dos anos 1970, núcleos urbanos que refletem a diferenciação dos estratos sociais, em que grandes mansões beiram largas e iluminadas avenidas, em contraste a moradias precárias, localizadas longe de infraestruturas básicas (Alba, 1998).

A segregação econômica é claramente expressa pela história dos cinemas da cidade de Chapecó, pois, em 1957, onze anos após a inauguração do primeiro Cine Ideal, apresentado no Capítulo 2 (página 33), Osmar Tomazelli, filho do pioneiro Achylles, edifica o novo Cine Ideal, em alvenaria, com 750 lugares, tapete vermelho e com uma cortina que cobria a tela, bordada com o nome do cinema. Face à antiga sala de cinema da cidade, um precário galpão de madeira, a sala deslumbrava seu público em seus primeiros anos (Thies, 2016):

“Era um salão grande, pouco iluminado, com luminárias laterais em forma de vasos e no teto tinha lâmpadas coloridas. Dois corredores dividiam a sala em três partes de assentos. Os assentos eram de madeira, sem estofados e retráteis, o chão era de assoalho, a tela grande, a cortina marrom e tinha bordado o nome Cine Ideal. O palco era alto, não muito amplo e havia algo como um mezanino, onde as pessoas circulavam, normalmente, servia para as paqueras. Às vezes, tinha apresentações de espetáculos. Existia um som ambiente e tocavam boa música antes do início do filme.” (Hermes, 2016, apud Thies, 2016, p. 46-47).

Porém esta imagem degradou-se rapidamente por conta de diversos fatores. No ano de 1965, Enor Tomazelli, primo de Osmar, conta que a sala sofre uma infestação de pulgas, que rende ao estabelecimento o apelido de “Cine Pulguento”. Enor afirma que este fato ocorre devido à grande quantidade de gatos que se escondiam atrás da tela de projeção. Além disso, relata-se o novo Cine Ideal (ver Figura 32) passa a ser visto na sociedade como um local desconfortável e inferior onde, de acordo com entrevistas, espectadores frequentemente fumavam, atiravam ovos, comida, e cuspiam em outras pessoas, e estes comportamentos eram associados pela população, às classes operárias e de baixa renda (Thies, 2016).

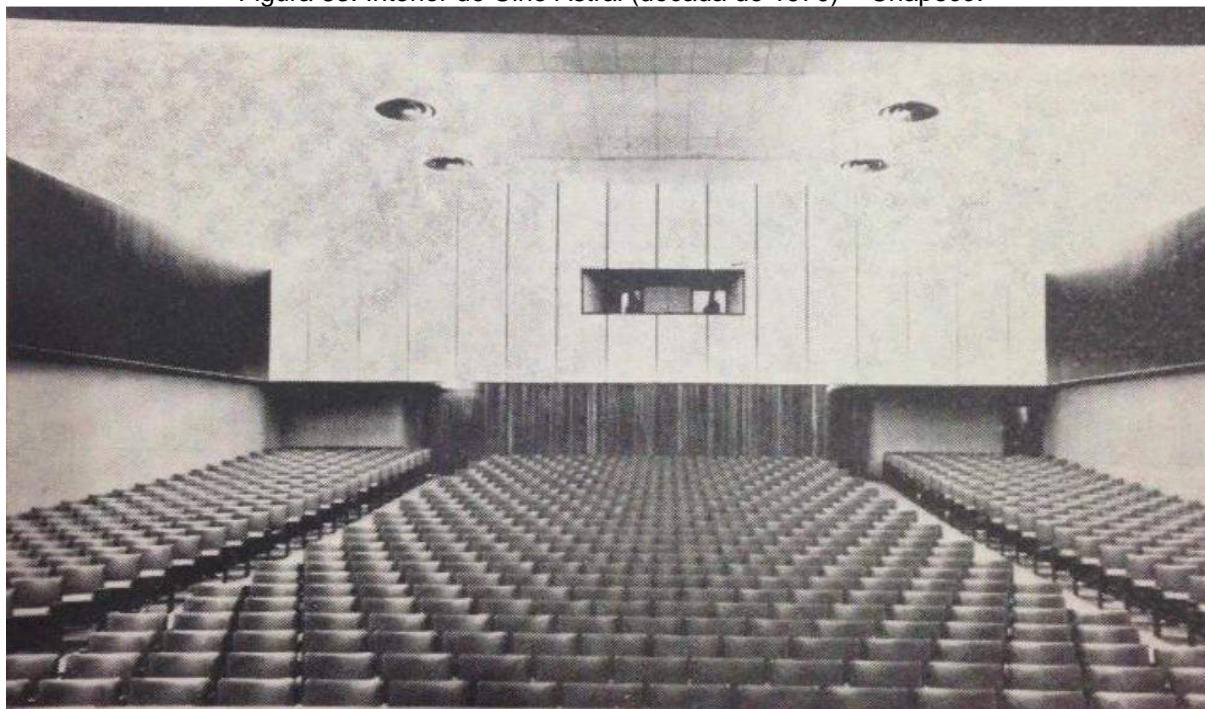
Figura 32: Construção do Cine Ideal no ano de 1954.



Fonte: Thies (2016, p. 32)

Osmar Tomazelli então decide implantar um novo cinema na cidade, o Cine Astral (ver Figura 33). Contando com 990 lugares, apartamentos sobre a sala de projeção, projetores da marca italiana *Prevost*, e com sonorização *Dolby Stereo*, sendo inaugurada em 1973 (Thies, 2016).

Figura 33: Interior do Cine Astral (década de 1970) – Chapecó.



Fonte: Thies (2016, p. 34).

Relata-se que o cinema possuía ventiladores de teto e tomadas de ar sob as cadeiras, que eram da cor verde escuro, enquanto o piso era revestido de carpete vermelho. Segundo o proprietário, Osmar Tomazelli, apesar de existirem 990 poltronas, a sala chegou a receber 1100 pessoas durante a década de 1980, que se sentavam no chão, ou ficavam em pé, principalmente quando os filmes exibidos eram de Mazzaropi e de Teixeira (Thies, 2016). Tomazelli conta que o projeto do Cine Astral foi baseado em um cinema da cidade de Criciúma:

Eu já conhecia muitos cinemas de Porto Alegre (RS), entre outros, então, eu mandei fazer um projeto, mas antes meu cunhado que era um engenheiro me disse: - por que você não vai a Criciúma vê o cinema que tem lá? Então, eu fui vê, era muito bonito, eu gostei muito, então, pedi que me fizesse um projeto baseado nas ideias, nos ângulos daquele cinema. As pessoas pediam por um cinema confortável, luxuoso, com uma ótima qualidade no som e na acomodação. (Tomazelli, 2016, apud Thies, 2016, p. 33-34)

A partir de uma análise da arquitetura do Cine Astral (ver Figura 34), entende-se que o cinema de Criciúma sobre o qual o projeto se baseou é o do Cine Ópera (ver Figura 35), em que elementos como a relação com a rua, a partir de pilotis e marquise, a disposição de apartamentos sobre a sala de cinema, com varandas adjacentes à um núcleo central, se repetem.

Figura 34: Cine Astral, Chapecó, 1973.



Fonte: Serrano (2018).

Figura 35: Cine Ópera, Criciúma, 1970.



Fonte: IBGE (1970).

O Cine Astral alinha-se com o conceito de inovação a partir de seus equipamentos de ponta e de sua arquitetura modernista, que, em uma evidente busca pela reprodução das dinâmicas das salas de cinema vistas à leste do estado, com foco na segregação social, inspira seus volumes e organização espacial no Cine Ópera. Em entrevista, Tomazelli testemunha a elitização do público por conta na melhora das instalações:

Os projetores eram da melhor qualidade que existiam no Brasil, e também fizemos troca de equipamento do antigo Cinema Ideal, trocamos por filmes com um homem de São Paulo. E, instalamos o som com dolby stereo, também o melhor que existia no país. Depois das mudanças no cinema o público aumentou, e a frequência de pessoas, mais de gravata começaram a visitar o ambiente [...]. (Tomazelli, 2016, apud Thies, 2016, p. 34-35)

O tópico aqui discutido teve o intuito de demonstrar que as indústrias, ao consolidarem seu papel hegemônico na economia do Oeste Catarinense, organizaram também, direta ou indiretamente, a urbanização da região, as dinâmicas sociais das

idades e inclusive, o processo de implantação de salas de cinema. A seguir, discutiremos como se deu este processo, e quais foram os componentes, regionais e nacionais, que incentivaram as salas de cinema a atingirem o seu ápice de funcionamento simultâneo.

3.2 A SÉTIMA ARTE DEMOCRATIZADA: OS CINEMAS NO CONTEXTO AGROINDUSTRIAL

As mudanças na economia, nas organizações sociais e na morfologia das cidades abriram as portas para a sétima arte se expandir pelo território. Em grande medida, a industrialização influenciou o estabelecimento ou a melhoria de infraestruturas fundamentais para a abertura das salas de rua. Assim, presenciou-se um ápice de cinemas em funcionamento simultâneo na década de 1970, democratizando o acesso à esta forma de lazer e cultura. Estes espaços tomam então o holofote como grandes pontos atratores de público e geradores de sociabilidade nas cidades, alterando suas dinâmicas e figurando como importantes marcos no cotidiano urbano destes núcleos.

3.2.1 A influência das infraestruturas na expansão do parque exibidor

Como resultado do processo de urbanização, consequência da industrialização da região, as salas de cinema começam a se estabelecer de forma mais intensa no Oeste Catarinense. Estes espaços se multiplicam com mais facilidade também por conta da instalação de infraestruturas que subsidiavam seu funcionamento, como as já mencionadas ligações rodoviárias, e a eletricidade.

A rede elétrica nesta região, só é efetivamente estabelecida a partir da segunda metade do século XX, de forma que até este momento, as exhibições dependiam de geradores de energia, como é o caso da vila de Rio Bonito (atual município de Tangará), onde a sétima arte já era parte do cotidiano em 1932, doze anos antes da instalação de uma hidrelétrica capaz de levar energia ao núcleo (Martelli, 2019; Moraes, 2019). Relata-se que em um dos quartos do Hotel da cidade, Raymundo Piccoli instalou uma máquina de projeção, que funcionava com a energia do motor de um *Ford Bigode*, desmontado para servir à função, já que, segundo relatos, as estradas da região careciam de condições adequadas para o uso do carro (Martelli, 2019).

A falta de energia elétrica se configurava como um empecilho em diversas cidades, mas não foi suficiente para impossibilitar a instalação de salas de cinema na primeira metade do século XX, como pode ser visto no relato de Ilga e Dorli Bartz (2022)⁴¹, de Cunha Porã: “Ah sobre cinema tem história para contar, naquela época não tinha luz, foi tocado à motor, então, no meio do filme apagou a luz e o pessoal ficou no escuro, arrebatava fita, uma confusão”.

Moraes (2019) discute a evolução da rede elétrica nesta porção do território, afirmando que se estabelece inicialmente por conta das indústrias madeireiras, normalmente atreladas às pequenas hidrelétricas, e em outros casos, é gerada a partir de termoelétricas, como na cidade de Concórdia, onde inicialmente a própria companhia colonizadora se utilizava de um gerador acionado pelo motor de um automóvel para distribuir energia pela colônia, e, mais tarde, concebeu uma usina geradora com base na queima de madeira.

É interessante ressaltar que os proprietários das salas de cinema com frequência se caracterizavam também como vetores de uma modernização das cidades, como é o caso de Achylles Tomazelli, que antes mesmo de possuir uma sala de cinema, administrava uma serraria e uma pequena usina hidrelétrica, que, segundo Enor Tomazelli, foi responsável pela primeira lâmpada acesa de Chapecó (Thies, 2016).

Nodari (2009) demonstra, com base na análise de jornais da década de 1930 e 1940, que o estabelecimento da rede de energia nesta cidade não foi um processo fluido. A autora apresenta a edição de 11 de junho de 1932 do jornal *A República*, de Florianópolis, a qual afirma que em breve a eletricidade seria instalada na vila. Porém este fato só se concretiza oito anos após a notícia, quando, em 4 de agosto de 1940, o jornal *A Voz de Chapecó*, da cidade homônima, informa que mesmo com alguns defeitos, a iluminação é testada e demonstra-se de boa qualidade. Afirma-se ainda que a instabilidade se estendeu ao longo da década, de forma que podem ser encontradas reclamações quanto à baixa voltagem da rede em publicações do ano de 1948 (Nodari, 2009, p. 78-79).

A relação entre infraestrutura e as salas de cinema é discutida também por Quintes (2022), quando o autor disserta sobre os anos iniciais da exibição em Campos dos Goytacazes, e demonstra como a Estrada de Ferro Campos–São Sebastião foi

⁴¹ BARTZ; Ilga; BARTZ, Dorli. Entrevista concedida via Instagram à Luís Eduardo Candeia. São Leopoldo, RS, 10 fev./16 mar. 2022.

fundamental para a instalação da energia elétrica, e, como consequência, uma maior facilidade na reprodução destes espaços, proporcionando a interiorização da sétima arte no Estado do Rio de Janeiro.

O processo é semelhante em Santa Catarina, pois com o estabelecimento de redes viárias e de eletricidade, o território passa a se tornar cada vez mais adequado à instalação de salas de cinema. Além do desenvolvimento destas infraestruturas básicas, os avanços nos meios de comunicação foram também fundamentais para a multiplicação dos espaços de exibição ao longo dos anos 1950, 1960 e 1970. De acordo com Goularti Filho (2018, p. 276) “Transportes, comunicações e energia formam a tríade da infraestrutura social básica que é determinada e determinante do processo global da produção”.

Este momento de expansão de infraestruturas para subsidiar a industrialização é periodizado por Santos e Silveira (2001) como o meio técnico-científico-informacional, e acontece como resposta às dificuldades impostas pela falta de conexões entre os diferentes polos regionais em um país de dimensões continentais como o Brasil.

Sobre esta fase então, Goularti Filho (2018) detalha o processo de expansão das comunicações em Santa Catarina, a iniciar pelas agências postais, e serviços telegráficos. Afirma que a instalação de telégrafos também acontece em paralelo ao próprio desenvolvimento do estado, de forma que o litoral catarinense os recebe em primeiro lugar, com estações em Desterro (Florianópolis), Laguna, Itajaí e São Francisco, em 1867. O Planalto Serrano é alcançado somente em 1896, com a instalação da unidade de Lages, e em 1903 quando do estabelecimento em Campos Novos. O Oeste Catarinense, por fim, passa a ter conexão com o restante do estado a partir de 1929 (Goularti Filho, 2018).

Julgamos interessante destacar o relato de Othon Gama d'Eça durante a Bandeira Konder, em 1929, onde o autor, ao narrar sua passagem pela cidade de Mondaí, afirma que se utiliza da estação telegráfica, e que existe iluminação elétrica no local. Quando a expedição atinge Barracão, na fronteira com a Argentina, descreve, de acordo com as concepções da época:

Se é verdade que, apertando um botão elétrico, é possível matar-se um mandarim nos confins da China, no instante em que empina o seu papagaio amarelo, pode-se também, com este simples movimento, arrancar um homem do seu isolamento e dar-lhe uma breve noção da vida que em torno dele fumega, tumultua e marcha irresistivelmente. O telégrafo teve este poder

milagroso: levou a Barracão, sob a forma da notícia, o Brasil e o Mundo. E trouxe a Florianópolis a barbaria em que vivia Barracão! (D'Eça, 1929) ⁴².

Assim, os serviços de comunicação se multiplicaram pelo Estado, seguidos pela telefonia e pela radiofonia, sendo a segunda, fundamental para a dinâmica política e agroindustrial, e também frequentemente atrelada à história das salas de cinema. Comassetto (2005) afirma que as emissoras de rádio foram importantes investimentos das agroindústrias, sendo usadas para divulgação dos modelos de integração da produção, no final da década de 1960, e posterior orientação ao agricultor sobre como tratar os animais que seriam enviados para abate. Além disso, as emissoras eram utilizadas para informar aos criadores quanto à entrega dos lotes de animais e sua alimentação, bem como seu posterior recolhimento para processamento industrial. A estratégia é tão bem-sucedida, que muitas empresas seguem dela se utilizando até a atualidade. As rádios prestaram também papel fundamental nas decisões político-administrativas da região, pois ao serem controladas pela gestão agroindustrial, serviam de instrumento de campanha a favor das decisões que melhor favoreciam a lógica de acumulação do capital (Comassetto, 2005; Pertile, 2008).

Como visto na seção 2.2.1 (página 55), uma das primeiras salas de cinema a serem implantadas no Oeste foi o Cine Rádio, em que em um mesmo estabelecimento eram exibidas películas, e efetuadas transmissões de rádio comunitária. Esta estreita relação entre os meios de comunicação se repete na história de diversos cinemas, como Mondaí, Fraiburgo e Capinzal.

Em Mondaí, Carl Hermann Weiss foi proprietário do único cinema da cidade, o Cine Uruguai, inaugurado em 1950, contando com 150 lugares (ver Figura 36). Porém, mais interessante para a discussão aqui proposta é o fato de que Weiss foi também Rádio Técnico na Rádio Porto Feliz, além de instalar a primeira torre de televisão da cidade⁴³.

⁴² D'EÇA, Othon Gama. ...aos espanhóis confinantes. Barracão, Santa Catarina, 08 maio 1929. Disponível em: literaturabrasileira.ufsc.br/documentos/?action=download&id=138158. Acesso em 23 fev. 2023.

⁴³ ROSIN, Evandro. Faleceu às 18h00 desta terça-feira (3), Carl Hermann Weiss, também conhecido como Germano Weiss[...]. Mondaí, 4 jul. 2018. Disponível em: www.facebook.com/hipnosesetentista.rocknrooll/posts/pfbid02EMrqtDZk7ATTrU8dvy4yTaTwyNftQYi2SivbgNSFiUk6Fm4RMQ2pKm1ZXB8xZYCpl. Acesso em: 28 mar. 2023.

Figura 36: Cine Uruguai, de Mondaí.



Fonte: Acervo do Museu Municipal Pastor Karl Ramminger, 2022.

Mais tarde, em 1976, é inaugurado o Cine e Teatro Real, na cidade de Fraiburgo, já apresentado na introdução da presente dissertação. Contando com 500 lugares, a sala era de propriedade de Altino Luiz Miguel, que era também Rádio Técnico, desde os 14 anos de idade. Miguel conta:

Eu desde jovem gostava de cinema, pois nesta época com 14 anos, fiz um curso de Radiotécnico por correspondência, vivia fazendo minhas adaptações e fazendo minhas projeções cinematográficas. Com minhas caixinhas de madeira e lâmpada de lanterna, porque eu não tinha luz elétrica na minha casa. Como não tinha dinheiro para comprar lentes, usava papel celofane (transparente), colava figuras e projetava numa parede num pano branco, era ruim, eu gostava do sucesso (MIGUEL, Altino Luiz. Entrevista concedida via e-mail à Luís Eduardo Candeia, em 02 maio de 2018).

Do relato, extrai-se tanto a relação e o interesse que este proprietário possuía nas invenções da modernidade, atreladas à meios de comunicação, quanto a precariedade das infraestruturas presentes durante a infância e adolescência de Miguel, que não possuía luz elétrica. Ao mesmo tempo, é interessante ressaltar que o curso prestado pelo entrevistado foi realizado por correspondência, apontando que esta forma de comunicação já se mostrava minimamente efetiva na época.

Por fim, apresenta-se o caso do Cine Glória/Odete, inaugurado em 1963 na cidade de Capinzal (ver Figura 37). Esta sala foi de propriedade inicialmente de Ernesto e Eduardo Zortéa, passando mais tarde para Armando Viecegli, e por fim, à Saul Parisotto. Os últimos dois, em conjunto com outros empresários, fundaram a Rádio Capinzal, no ano de 1980. Esta emissora segue em funcionamento até a atualidade (Varela, 2020).

Figura 37: Construção do Cine Glória, primeira metade da década de 1960.



Fonte: Rádio Barriga Verde (2017).

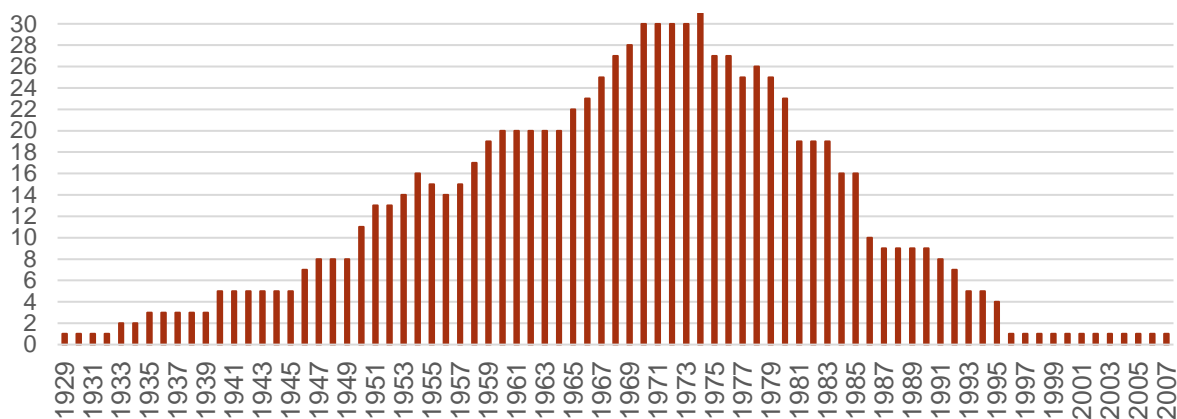
3.2.2 O Clímax: Salas de Rua no terceiro quartel do século XX

As agroindústrias passam a se estabelecer de forma mais vigorosa no Oeste Catarinense, como resultado deste processo de consolidação das infraestruturas, fundamentalmente a elétrica, a rodoviária e a de comunicação, em paralelo ao cenário nacional de desenvolvimento de um mercado de produtos de origem agropecuária, processados industrialmente ao longo dos anos 1950 e com mais intensidade na década de 1960 (Delgado, 1985).

Estas empresas, além de demandarem um amplo contingente produtor em áreas rurais, são também condutoras de um processo de aumento da população

urbana, que se configura como a classe operária. E é neste arranjo que os cinemas passam então a se expandir com mais facilidade, como pode ser visto no gráfico abaixo (ver Gráfico 2). Percebe-se um crescimento mais acentuado ao longo da década de 1960, alinhado com o referido movimento de urbanização das cidades e vilas da região.

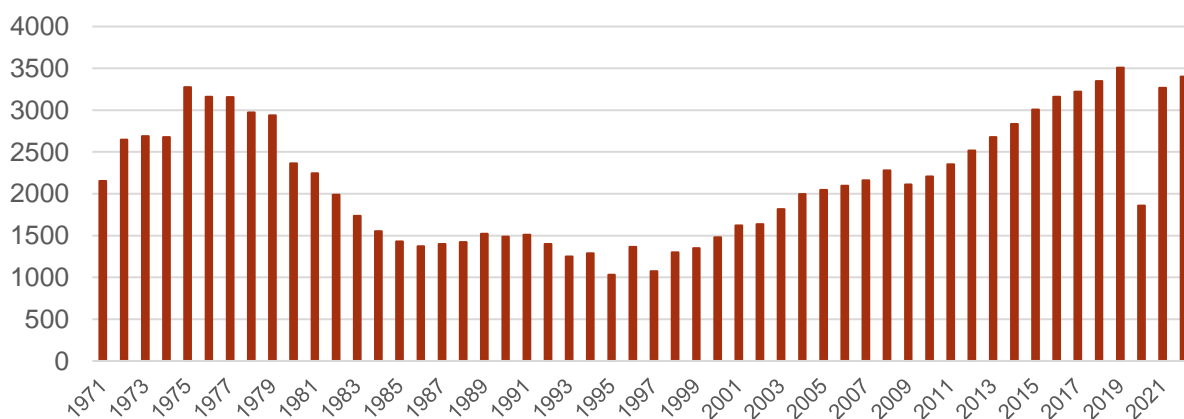
Gráfico 2: Número de cinemas de rua em funcionamento no Oeste Catarinense (1929-2007).



Fonte: Elaborado pelo autor, 2023.

Nota-se também um segmento temporal onde caracteriza-se um ápice de salas em funcionamento simultâneo, entre os anos de 1970 e 1974, e é interessante ressaltar que esta é uma dinâmica encontrada também nas salas em cenário nacional, como pode ser visualizado no gráfico abaixo (ver Gráfico 3). Durante a década de 1970, o número de salas de cinema atinge um auge que só vem a ser superado em 2018, porém em um formato completamente diferente, a ser tratado a seguir.

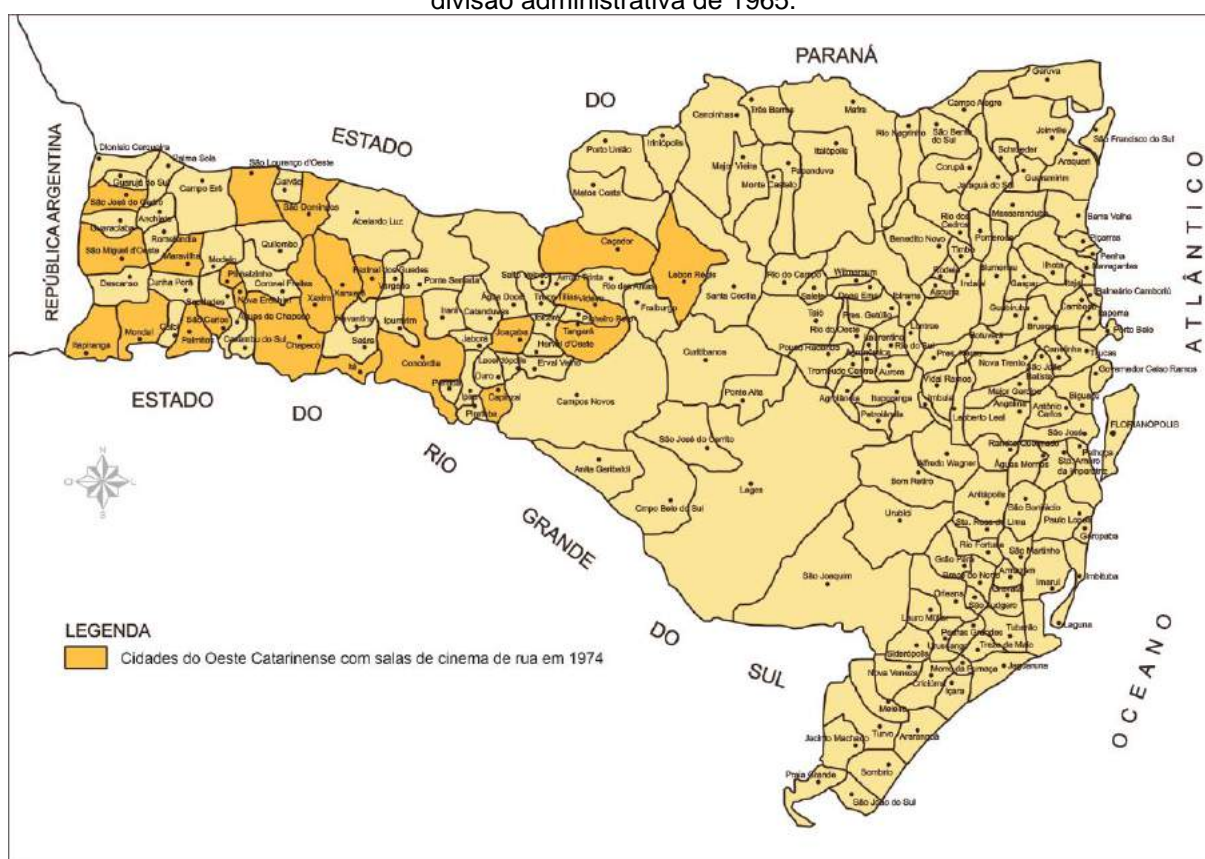
Gráfico 3: Número de salas de cinema no Brasil entre 1971 e 2022.



Fonte: Ancine (2023). Adaptado pelo autor.

Destaca-se que neste auge de cinemas em funcionamento, durante a intensa onda de industrialização, grande parte do território do Oeste Catarinense possuía acesso às salas de cinema de rua, como pode ser visto na imagem abaixo (ver Figura 38) elaborada sobre a divisão administrativa de 1965, demarcando cidades com cinema no ano de 1974⁴⁴. A divisão de 1965 foi escolhida pois acredita-se que esta apresenta com maior fidelidade a conformação do território na época, visto que cronologicamente, a próxima divisão mapeada no Atlas Geográfico de Santa Catarina (Silva, 2016) é somente do ano de 1986. Percebe-se na figura a abundância de espaços de exibição.

Figura 38: Cidades do Oeste Catarinense que possuíam salas de cinema de rua em 1974, sobre divisão administrativa de 1965.



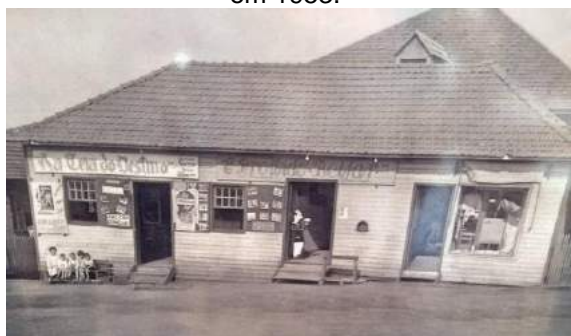
Fonte: Silva (2016). Adaptado pelo autor (2023).

As salas que despontam ao longo das décadas de 1960 e 1970, já não apresentam a simplicidade campesina vista ao longo da primeira metade do século.

⁴⁴ No mapa estão destacadas apenas 23 cidades, apesar de existirem 31 cinemas, pois Caçador, Chapecó, Joaçaba possuíam duas salas diferentes, Lebon Régis e Palmitos tiveram seus espaços computados duas vezes por conta dos dois endereços de seus cinemas, assim como Pinhalzinho, contada três vezes ao possuir uma sala fixa e outra com dois endereços. Ainda, a cidade de Luzerna só foi emancipada em 1995, e por esta razão não é demarcada no mapa, apesar de possuir cinema em 1974.

No mesmo ritmo em que o ciclo rural foi substituído pelo agrário, em que a economia madeireira foi substituída pela agroindustrial, as salas de cinema em galpões de madeira, como primeiro Cine Cacique de São Miguel do Oeste (ver Figura 39), e o Salão Preuss de Maravilha (ver Figura 40), são sucedidas por edificações em alvenaria, em linguagens arquitetônicas contemporâneas e atributos tecnológicos que buscavam imprimir a ideia da modernidade em suas sedes, como o Cine Bandeirante, de São Lourenço do Oeste (ver Figura 41), e o Cine Luz, de Xanxerê (ver Figura 42).

Figura 39: Primeiro Cine Cacique, inaugurado em 1953.



Fonte: Folha do Oeste (2018)⁴⁵

Figura 41: Cine Bandeirante, inaugurado em 1961.



Fonte: Acervo Museu Lourenciano
Comercindo Pedersetti

Figura 40: Salão Preuss/Cine Avenida/Cine Geremia, inaugurado em 1954.



Fonte: Acervo Museu Padre Fernando

Figura 42: Cine Luz, inaugurado em 1966.



Fonte: Acervo Ivo Zolet

Com base nestas transformações, percebe-se o quanto as salas de cinema são capazes de expressar as mudanças econômicas e culturais nas diferentes cidades do

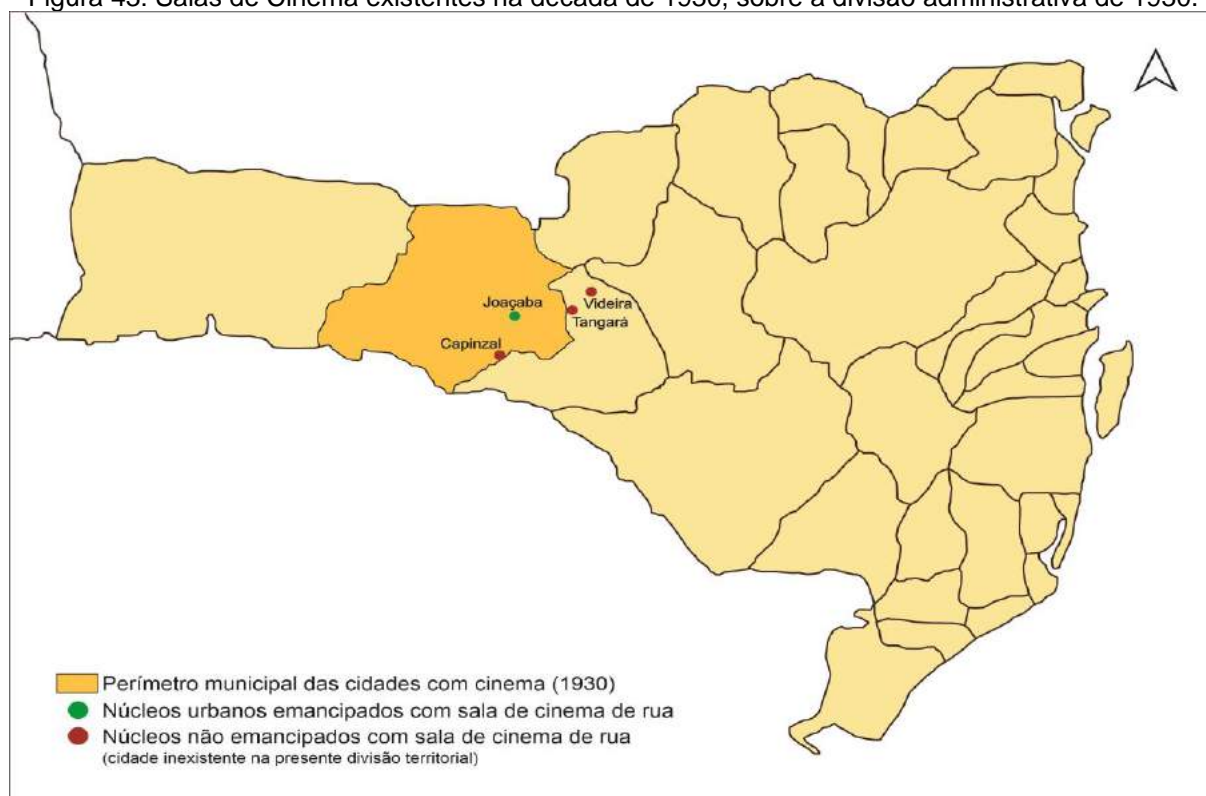
⁴⁵ FOLHA DO OESTE. Cine Theatro Cacique em 1956. São Miguel do Oeste: 2018. Disponível em: <https://www.facebook.com/folhadooeste/photos/a.318726541479301/1849632181722055/>. Acesso em 30 mar. 2023.

Oeste Catarinense. Os espaços buscavam, quando possível, um alinhamento com as linguagens arquitetônicas de vanguarda, como o *Art Déco* e o Modernismo. A primeira, empregada com maior intensidade ao redor do globo nos anos iniciais do século, chega ao Oeste nas décadas de 1950 e 1960 buscando a ideia de inovação e contraste face às edificações em madeira. Nas palavras de Maziero, Campos e Godoy (2021, p. 174) “essa arquitetura expressa o desejo do novo e não necessariamente o novo propriamente dito”, justamente por ser empregada tardiamente em relação ao restante do Estado. As cidades passam a aspirar a urbanidade de grandes centros a partir da organização espacial e das formas arquitetônicas, e este movimento de urbanização resulta em transformações também no acesso à cultura.

3.2.3 As protagonistas: Cidades com maior número de salas

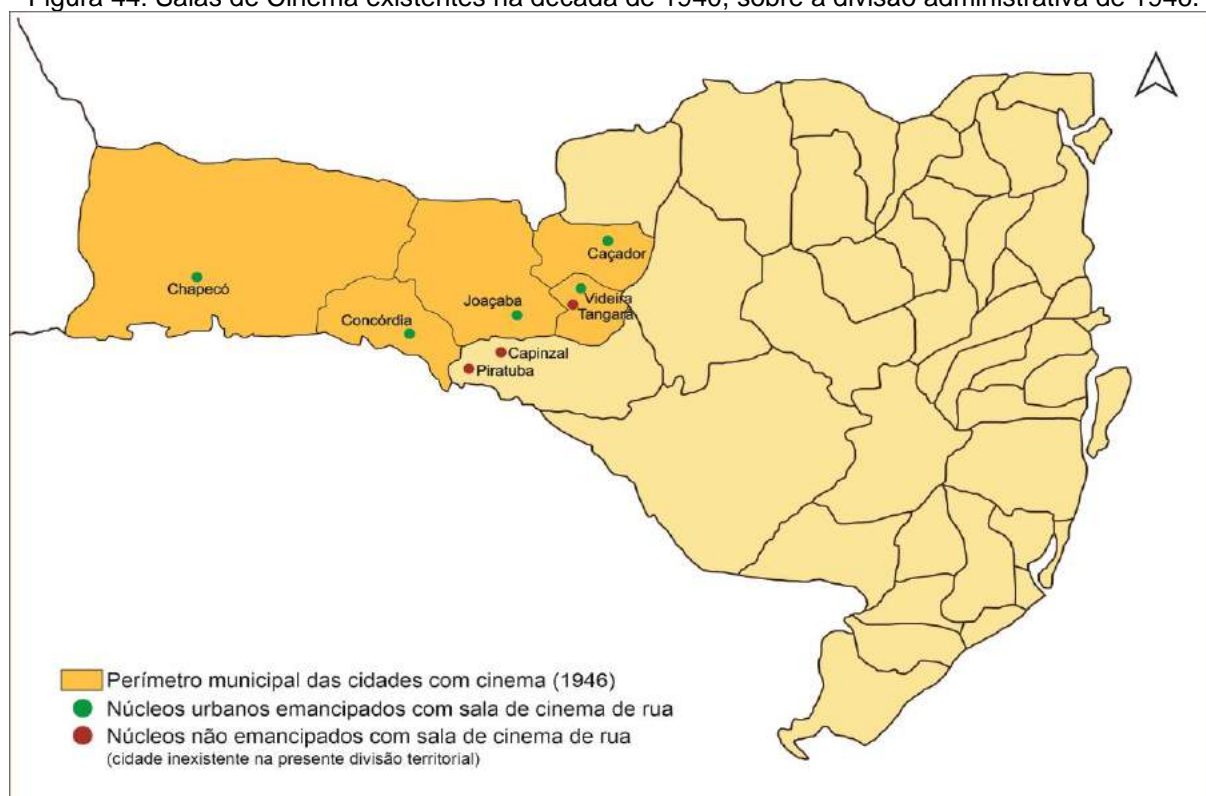
De início, a população urbana é escassa, bem como o acesso à recursos financeiros e investimentos mais intensos nas possíveis formas de lazer. Quando as cidades passam a crescer, com o desenvolvimento das forças produtivas, um novo público se conforma, e de forma a adequarem-se à emergente demanda, as salas de cinema se desenvolvem. A seguir, apresentaremos a evolução da divisão territorial do Estado de Santa Catarina em conjunto com as salas de cinema de rua existentes durante as décadas de 1930 a 1990, objetivando representar os processos emancipatórios e a expansão de salas sobre o território. Ressalta-se que para as salas que funcionaram ao longo da década de 1930 (ver Figura 43), a divisão administrativa corresponde ao do ano de 1930; para as salas da década de 1940 (ver Figura 44) e 1950 (ver Figura 45), a divisão é a de 1946, para as salas existentes nas décadas de 1960 (ver Figura 46) e 1970 (ver Figura 47), a divisão utilizada foi a de 1965, e, por fim, para os cinemas de rua dos decênios de 1980 (ver Figura 48) e 1990 (ver Figura 49), a divisão correspondente para a representação é a de 1991.

Figura 43: Salas de Cinema existentes na década de 1930, sobre a divisão administrativa de 1930.



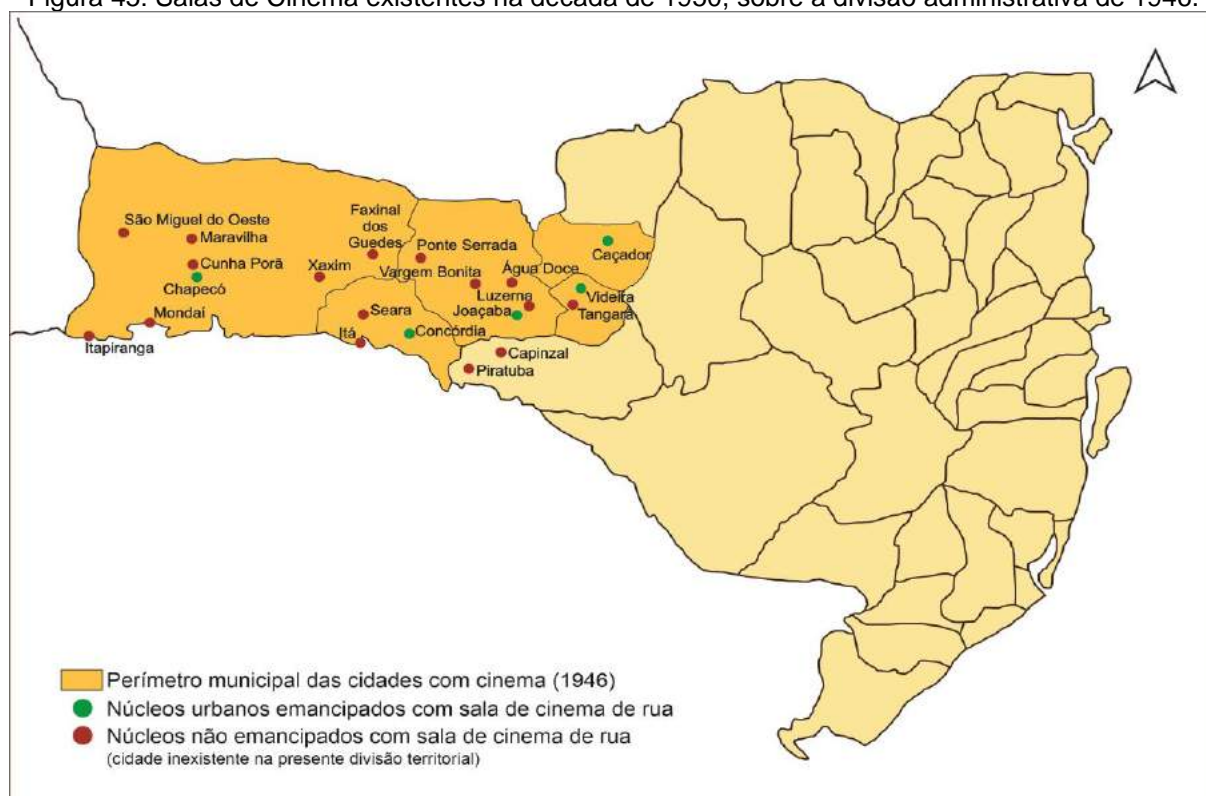
Fonte: Sagaz e Leite (2016a).

Figura 44: Salas de Cinema existentes na década de 1940, sobre a divisão administrativa de 1946.



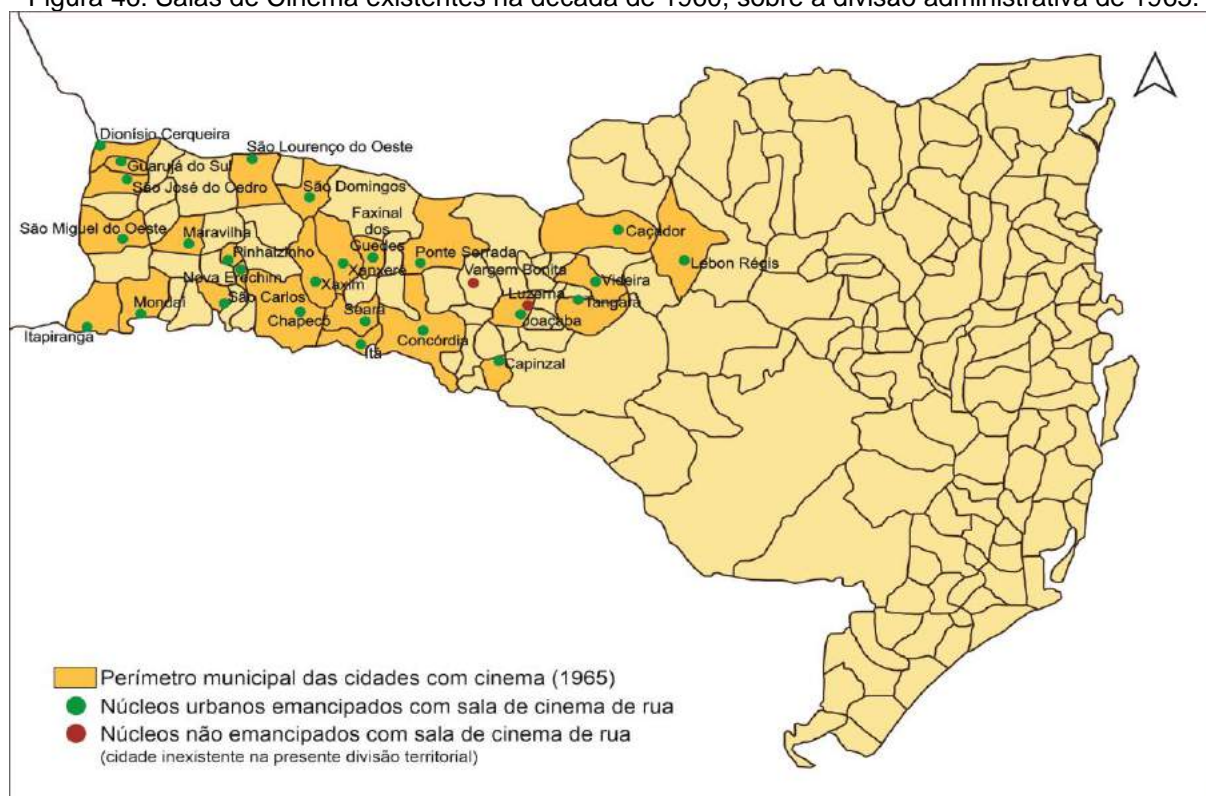
Fonte: Sagaz e Leite (2016b).

Figura 45: Salas de Cinema existentes na década de 1950, sobre a divisão administrativa de 1946.



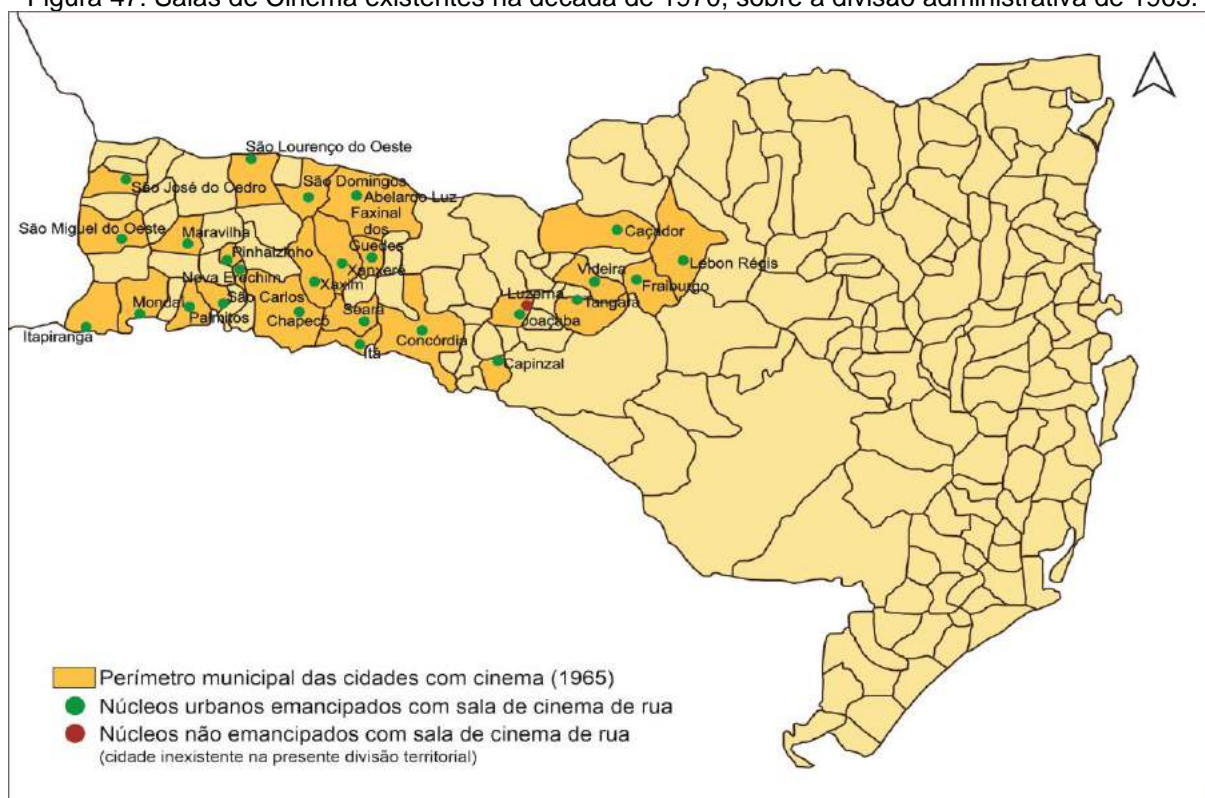
Fonte: Sagaz e Leite (2016b).

Figura 46: Salas de Cinema existentes na década de 1960, sobre a divisão administrativa de 1965.



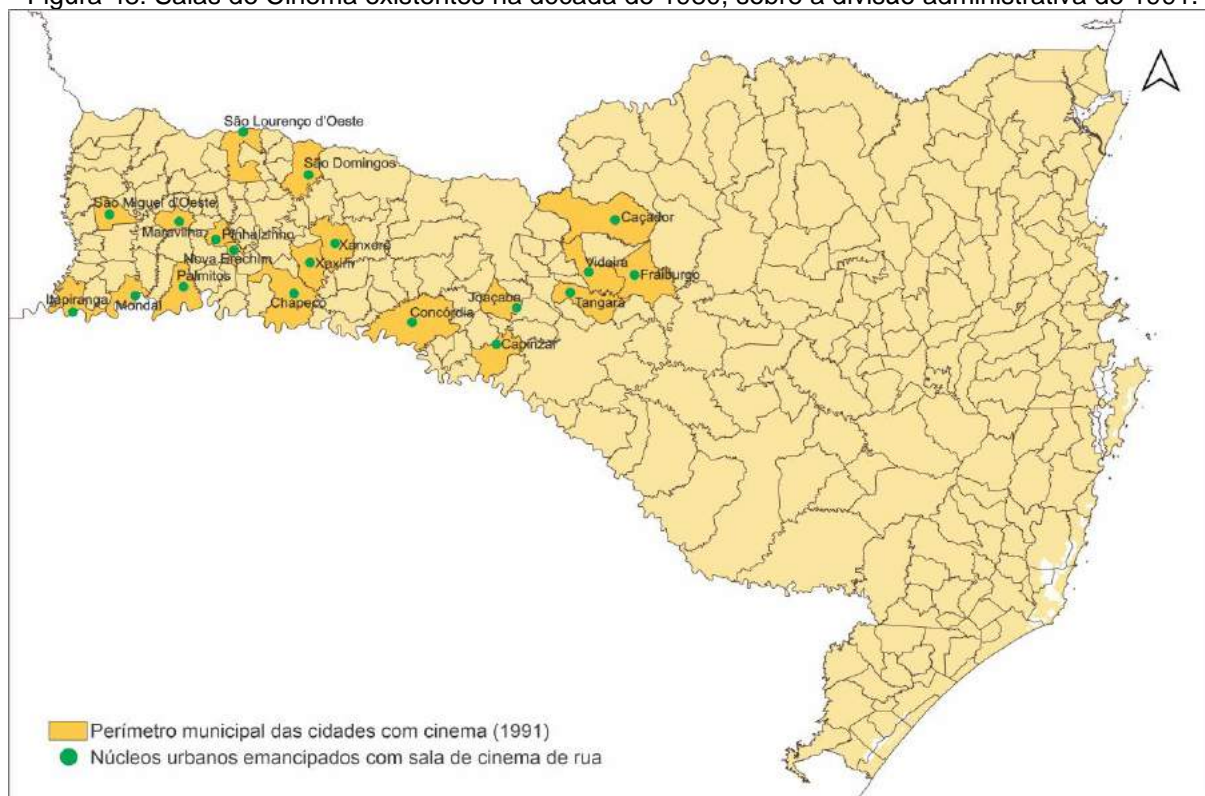
Fonte: Sagaz e Leite (2016c).

Figura 47: Salas de Cinema existentes na década de 1970, sobre a divisão administrativa de 1965.



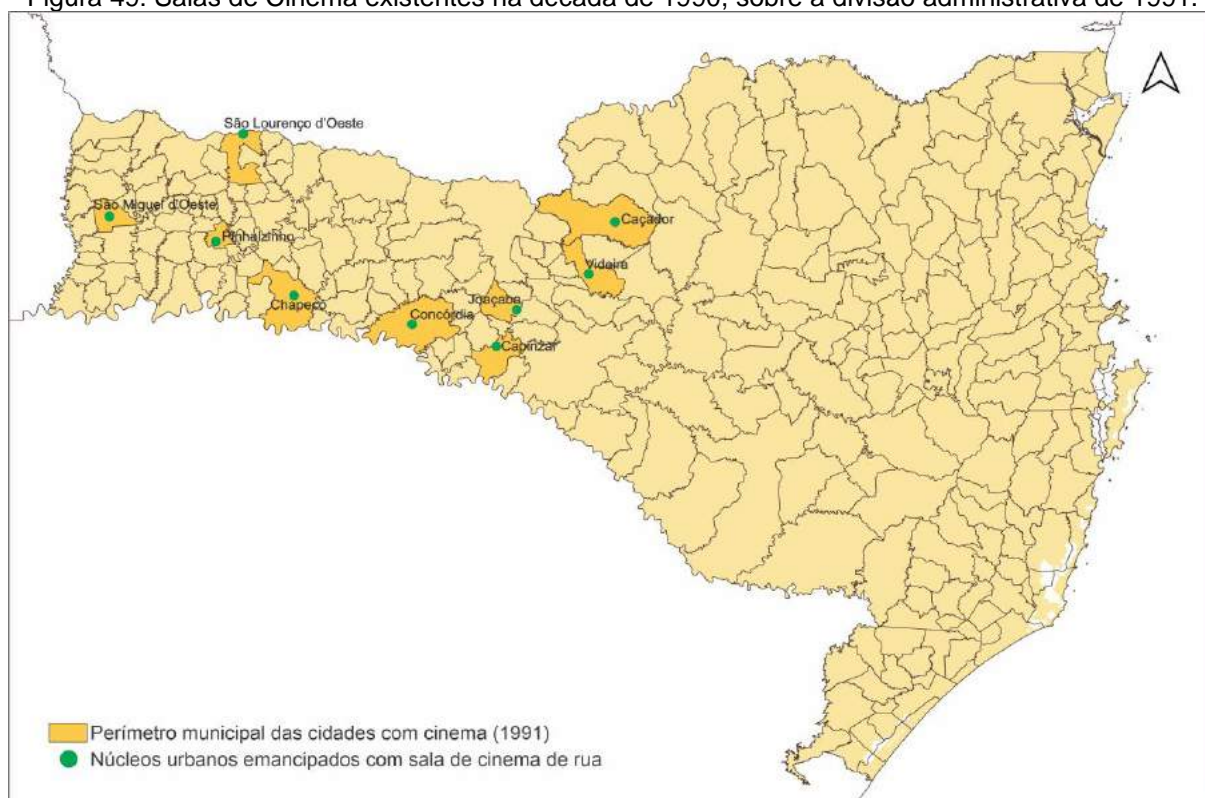
Fonte: Sagaz e Leite (2016c).

Figura 48: Salas de Cinema existentes na década de 1980, sobre a divisão administrativa de 1991.



Fonte: Sagaz e Leite (2016d).

Figura 49: Salas de Cinema existentes na década de 1990, sobre a divisão administrativa de 1991.



Fonte: Sagaz e Leite (2016d).

Na sequência histórica acima apresentada, constam as 62 salas de cinema de rua encontradas pela pesquisa, as quais funcionaram ao longo do século XX no Oeste de Santa Catarina. O quadro abaixo (ver Quadro 2) sumariza o número de salas que as diferentes cidades possuíram em sua história.

Quadro 2: Número de salas de cinema de rua encontradas nas cidades do Oeste Catarinense ao longo do século XX⁴⁶.

Cidade	Nº Salas de Cinema de rua	Cidade	Nº Salas de Cinema de rua
Capinzal	4	Fraiburgo	1
Joaçaba	4	Guarujá do Sul	1
Tangará	4	Itá	1
Caçador	3	Luzerna	1
Chapecó	3	Maravilha	1
Palmitos	3	Mondaí	1
Pinhalzinho	3	Nova Erechim	1
Abelardo Luz	2	Piratuba	1
Concórdia	2	Ponte Serrada	1
Itapiranga	2	Rio das Antas	1
Lebon Régis	2	Romelândia	1
São Miguel do Oeste	2	São Carlos	1
Seara	2	São Domingos	1
Vargem Bonita	2	São José do Cedro	1
Xaxim	2	São Lourenço do Oeste	1
Água Doce	1	Saudades	1
Cunha Porã	1	Videira	1
Dionísio Cerqueira	1	Xanxerê	1
Faxinal dos Guedes	1	Total	62

Fonte: Elaborado pelo autor, 2023.

Ao analisarmos as cidades com maior número de salas, duas questões ficam evidentes. A primeira, discutida no Capítulo 2 (página 33), se caracteriza como a fundamental importância da malha ferroviária para a integração do território e consequente instalação de salas de cinema. Capinzal, Joaçaba e Tangará contaram com quatro salas de cinema ao longo de sua história, enquanto Caçador possuiu três. Todas estas cidades faziam parte da rota ferroviária, possuindo estações em seu perímetro urbano. Chapecó, por sua vez, também apresenta três salas, e este número pode ser justificado pelo assunto tratado na presente seção, a expansão agroindustrial e a urbanização acelerada destas cidades, que passam a receber um contingente operário em seus núcleos urbanos na segunda metade do século XX.

É errôneo afirmar, porém, que o processo de industrialização afetou apenas

⁴⁶ A contagem de número de salas por cidade foi efetuada considerando a localização do estabelecimento. Se um mesmo cinema muda de local ou de edificação, mesmo mantendo sua nomenclatura, este é contabilizado de acordo com cada uma de suas diferentes instalações.

estas cidades, visto que toda a região foi influenciada, e cidades como Joaçaba e Capinzal, citadas acima, receberam também grandes complexos industriais ao longo de seu desenvolvimento, interferindo novamente no número de salas presentes nestas sedes. Desta forma, consideramos importante também apresentar o caso da cidade de Concórdia, que, por mais que apresente apenas duas salas em sua história, foi berço de uma das principais agroindústrias brasileiras.

É ainda interessante ressaltar que dentre as primeiras posições da lista aparecem ainda os municípios de Palmitos e Pinhalzinho, ambos com três salas. Entretanto, nos dois casos, este fato se justifica muito mais pela mudança de localização de pequenos cinemas, do que por fatores econômicos ou culturais que potencialmente aumentariam a quantidade ou a imponência dos estabelecimentos. Por fim, destaca-se que em 2019, antes da brusca alteração das estatísticas por conta da pandemia de COVID-19, a relação de habitantes por sala em Santa Catarina era de 48.100, ou seja, para cada uma das 149 salas existentes naquele ano no Estado, existiam quase 50.000 espectadores (Ancine, 2020). Este número foi aqui exposto objetivando uma melhor comparação com os índices de habitantes/sala abaixo para cada uma das cidades elencadas como “protagonistas” por conta do seu maior número de cinemas.

3.2.3.1 Capinzal

Em Capinzal, o Cine Avenida, o Cine Rádio e o Cine Farroupilha desenvolveram-se na primeira metade do século XX, exprimindo o cenário colonial e rudimentar de sua época (ver 2.1.1, na página 40), onde a vila era movimentada pelas dinâmicas cotidianas da via férrea. Ressalta-se que, no Recenseamento de 1920 (Directoria Geral de Estatística, 1922), a população totaliza 3.351 habitantes. Considerando um possível funcionamento simultâneo dos cines Rádio e Farroupilha (entre o fim da década de 1920 e início da década de 1930), pode-se estimar uma relação de aproximadamente 1.675 habitantes/sala.

Mais tarde, alinhando-se com os novos moldes decorrentes do processo de industrialização regional, nasce no início da década de 1960, o Cine Glória/Odete, apresentado acima (Figura 37), em um período temporal em que a população totalizava 12.750. A relação entre o número de habitantes e salas de cinema nesta época, considerando o funcionamento simultâneo do Cine Farroupilha e do Cine

Glória (entre meados de 1963 a 1968) é de 6.375 habitantes/sala.

Um importante marco na história econômica de Capinzal reside no ano de 1948, quando é fundado o Frigorífico Ouro⁴⁷, que comercializava seus produtos no mercado nacional, principalmente em São Paulo. Ao longo do tempo, este estabelecimento cresce em conjunto com as Indústrias Reunidas Ouro S.A., a qual interferia no desenvolvimento da economia com a produção de bebidas, compra e venda de cereais, casas comerciais, olarias e serrarias, além da produção e comercialização de carnes, e o Cine Glória/Odete figura como testemunha deste crescimento. Em 1979, a Perdigão S.A., que já empreendia uma estratégia de expansão territorial de suas indústrias desde o início da década, adquire a nova planta do Frigorífico Ouro, onde atua até a contemporaneidade, sendo fundamental para a economia de Capinzal (Faccin, 2019; Pertile, 2008).

3.2.3.2 Joaçaba

Em Joaçaba, são estabelecidas outras três salas de cinema, além do Cine Progresso/Rex (ver Figura 50), testemunha da expansão cultural por conta da integração férrea.

⁴⁷ Amigos de Capinzal. Indústria Reunidas Ouro S.A. - Frigorífico Ouro. Facebook: facebook.com/watch/?v=597318481432634. Capinzal: 18 set. 2021. Acesso em 12 abr. 2023.

Figura 50: Alunos do Centro Educacional Roberto Trompowsky em visita ao Cine Progresso, em 1944.



Fonte: Pereira (2013)

Em 1940, em um cenário de aceleração da urbanização⁴⁸, esta cidade recebe seu segundo cinema, o Cine Imperial, de propriedade de Bruno Cantergiani. Este estabelecimento possuía 600 lugares, e, como mais um exemplo da estreita relação entre os meios modernos de comunicação que então se constituíam, foi palco da transmissão inaugural da Rádio Catarinense, em 1945 (ver Figura 51). Em adição, como evidência da importante presença da sétima arte no cotidiano urbano, relata-se que o aumento do valor dos ingressos foi motivo de manifestação popular (ver Figura 52), onde Cantergiani foi representado por um boneco de pano, sendo simbolicamente sepultado (Pereira, 2013).

⁴⁸ O Comércio e Indústria Saulle Pagnoncelli, frigorífico importante para a região, é inaugurado em 1942 na cidade (Pertile, 2008).

Figura 51: Inauguração da Rádio Catarinense no Cine Imperial, 1945.



Fonte: Luiz (2019).

Figura 52: Sepultamento simbólico do proprietário do Cine Imperial, na década de 1950.



Fonte: Pereira (2013).

Considerando o funcionamento simultâneo do Cine Progresso/Rex e do Cine Imperial (1940 a 1955), em um período em que a população somava 16.854 habitantes (IBGE, 1952), pode-se estimar uma relação habitante/sala de 8.427. Já em 1959, uma das salas mais imponentes da região é estabelecida em Joaçaba, com sua inauguração registrada na Revista Brasileira dos Municípios, do IBGE (IBGE, 1959c). Era de propriedade de Miguel Kopstein Russowsky, uma figura importante para a cidade, sendo também fundador do Hospital São Miguel, onde atuou como clínico geral e cirurgião até o ano de 2006 (Joaçaba, 2018). Pereira (2013) afirma que Russowsky foi ainda responsável pela construção dos primeiros edifícios de Joaçaba, dentre eles o Cine Vitória, que contava com 1550 poltronas, e espaço para mais 150, e foi nomeado em homenagem à esposa do proprietário. Este mesmo autor descreve com detalhes as dinâmicas de funcionamento desta sala:

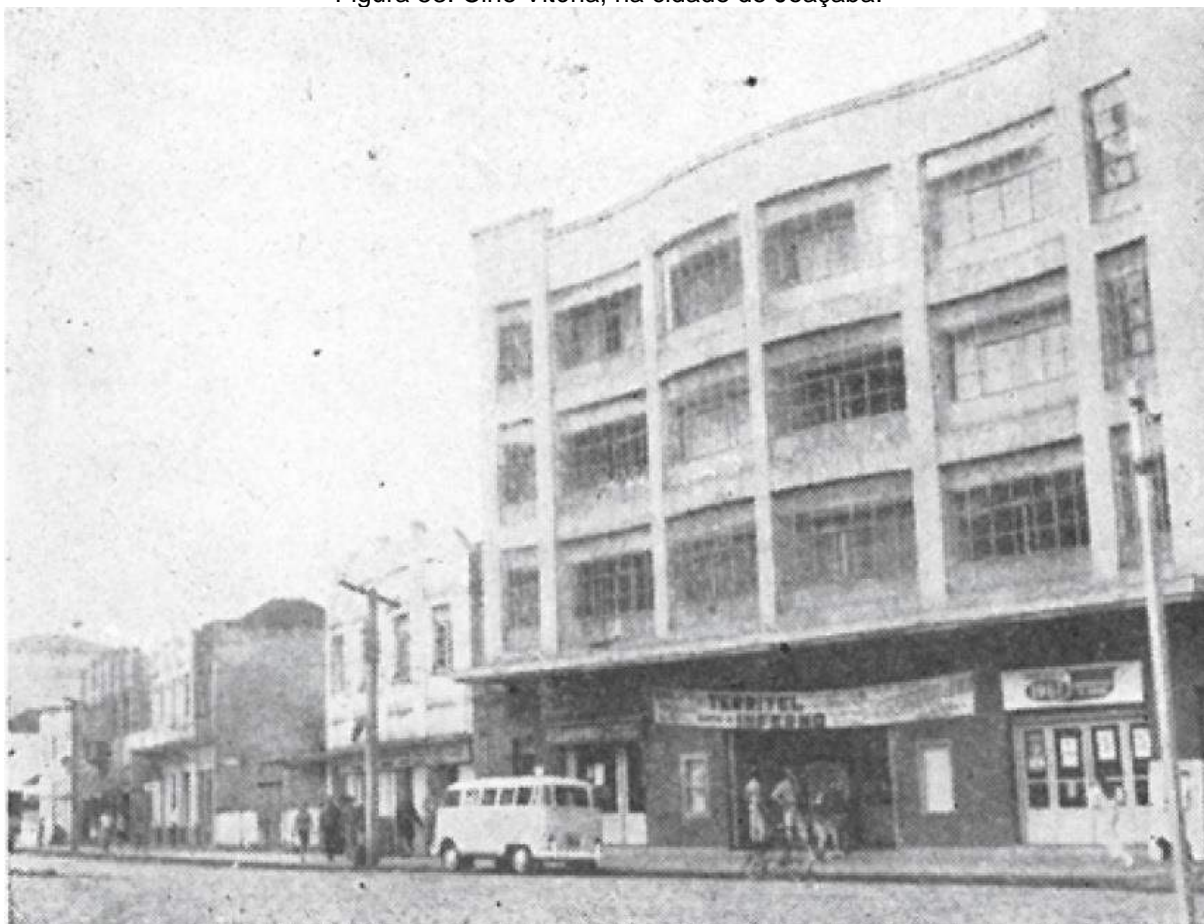
A luxuosa construção tinha um enorme hall de entrada, decorado por ricos vasos pretos de porcelana e espelhos de cristal bisotado, tudo muito chique. As cortinas e a decoração feitas pelo Sr. Franc Slavic, o seu Chico, natural da Iugoslávia e radicado em nossa cidade. Os irmãos Vivas Fernandes, de origem espanhola, auxiliavam em tudo: Hortêncio era o operador, ou projetista dos filmes; Químico era o porteiro, Botânico o responsável pela gerência, Germinal fiscalizava a bilheteria, contratado pela companhia distribuidora dos filmes. O Sr. Miranda era o fiscal da Justiça, responsável pela fiscalização da entrada de menores e da carteirinha de estudantes, e o soldado Machado fazia o papel de “lanterninha”, enquanto Walmor Dozza cuidava do financeiro. Outro espanhol, Manoel Durán, oriundo de Santiago de Compostela providenciava na bombonière o suprimento de balas e refrigerantes necessários para acompanhar as aventuras e os romances projetados na tela.⁴⁹

Pereira (2013) afirma ainda, que as sessões eram precedidas por exibições do Canal 100, com notícias (que segundo o autor, chegavam desatualizadas aos cinemas da região), e partidas de futebol, durante as quais os espectadores se comportavam como se os lances estivessem acontecendo ao vivo. Ainda, relata-se que o primeiro filme exibido nesta sala foi *A Última Caçada* (*The Last Hunt*) de 1956, e que a exibição de maior bilheteria foi a produção *O Corintiano*, de Mazzaropi (1966)⁵⁰. A edificação ainda existe, possuindo quatro andares, de forma que a sala de cinema funcionava no térreo (ver Figura 53).

⁴⁹ PEREIRA, Antônio Carlos. No Escurinho do Cinema } EXITO 57 Ago/Set 2013. Os Discos do Bolinha. Disponível em: <osdiscosdobolinha.blogspot.com/2013/08/no-escurinho-do-cinema-exito-57-agoset.html>. Acesso em 18 set. 2021.

⁵⁰ PEREIRA, Antônio Carlos. “Cineclubes Miguel Russowsky”. Facebook: 26 ago. 2018. Disponível em: <https://www.facebook.com/photo.php?fbid=10212861100984849&set=a.10212860280604340&type=3>. Acesso em 11 abr. 2023.

Figura 53: Cine Vitória, na cidade de Joaçaba.



Fonte: Queiroz, Ouriques e Marcos (1967).

É possível perceber na imagem a imponência da edificação, sobressaindo-se tanto pelo número de pavimentos, quanto pelos traços arquitetônicos, contrastando com o entorno. A sala traduz a ascensão econômica pela qual a cidade estava passando ao longo da década de 1950, quando da consolidação e expansão da economia agroindustrial. Infere-se também, que no período da foto, estava em exibição a película *Terrível como o Inferno* (*To Hell and Back*) de 1955. Na década de 1960, Joaçaba contava com 9.890 habitantes (IBGE, 1968)⁵¹. Entre o período de 1959 e 1967, o Cine Vitória foi o único em funcionamento na cidade, de forma que o número de habitantes equivale à relação habitante/sala. Pereira (2013) conta que este cinema estava atrelado ao circuito da Rede Arco-íris, da cidade de Lages (SC), e que, em 1985 sofre um incêndio que interrompe o seu funcionamento. Atualmente, a edificação

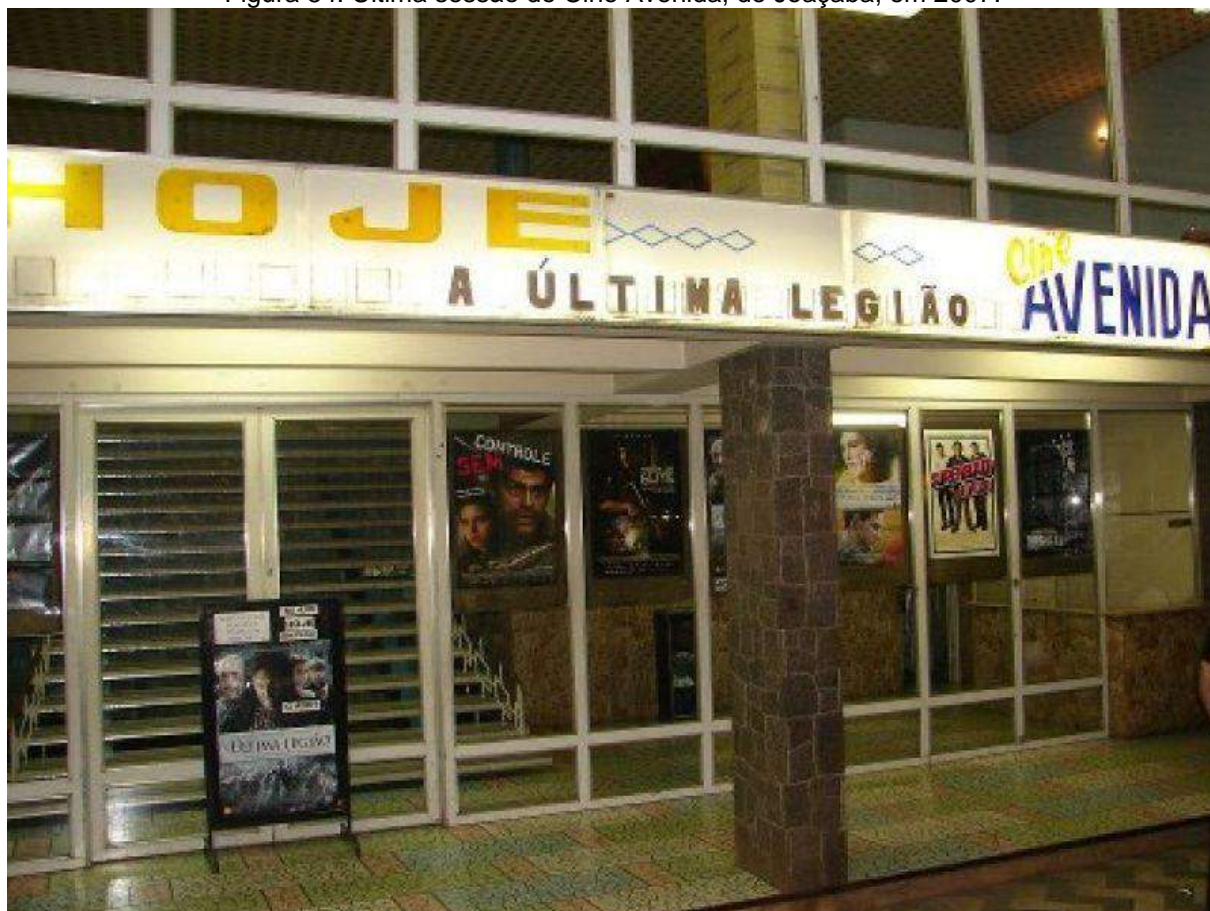
⁵¹ A diminuição do número de habitantes de Joaçaba entre os Censos de 1950 e 1960 se dá provavelmente por conta das diversas emancipações de seus distritos, que começam a acontecer nesta época.

abriga uma Igreja, uma loja de eletrodomésticos e salas comerciais.

Por fim, é estabelecida em Joaçaba a sala de cinema de rua que vem a se tornar a última a fechar as portas na região Oeste, o Cine Avenida, também de propriedade de Miguel Russowsky. Este fato atesta o quanto Russowsky era ligado à cultura, sendo, além de proprietário dos dois cinemas, poeta sonetista e trovador, de forma que produziu diversos livros, ocupou a Cadeira nº 28 da Academia Sul-Brasileira de Letras, e redigiu o hino de Joaçaba. Relata-se ainda que esta importante figura foi também investidora do ramo de hotelaria em seus últimos anos de vida (Joaçaba, 2018).

Russowsky inaugura sua segunda sala de cinema em 1967, em um cenário onde o Oeste Catarinense passa a desenvolver-se mais rapidamente, com base também em iniciativas de apoio estatal, como discutido anteriormente. Durante o período de 1967 a 1985, ocorre o funcionamento simultâneo dos cines Vitória e Avenida, em uma Joaçaba que contava, de acordo com o Censo de 1970 (IBGE, 1973), com uma população de 14.599 habitantes. Estes números resultam na relação habitante/sala de aproximadamente 7.299. Contando com 350 lugares (Gazzóla, 2007), a sala era notadamente menor que o Cine Vitória, porém, foi a única que conseguiu manter-se em funcionamento após a virada do milênio, fechando suas portas somente em 2007, exibindo em sua última sessão o filme *A Última Legião* (*The Last Legion*), lançado no mesmo ano (ver Figura 54). Atualmente, as instalações onde o cinema funcionava recebem uma loja de móveis e eletrodomésticos (Pereira, 2013).

Figura 54: Última sessão do Cine Avenida, de Joaçaba, em 2007.



Fonte: Rádio Catarinense (2013)⁵².

Como apontado anteriormente, Joaçaba é sede do Comércio e Indústria Saulle Pagnoncelli a partir de 1942, dois anos após a criação do Cine Imperial, e segue crescendo nas décadas seguintes em diversos ramos econômicos. A produção agrícola foi a principal fonte de renda ao longo da década de 1950, quando se estabelece o Cine Vitória, e, na década de 1960, quando da inauguração do Cine Avenida, diversas indústrias passam a se instalar na cidade, de forma que a produção alimentícia se consolida, e é até hoje, fundamental para a economia do núcleo e sua região (Regensburger, 2006).

3.2.3.3 Tangará

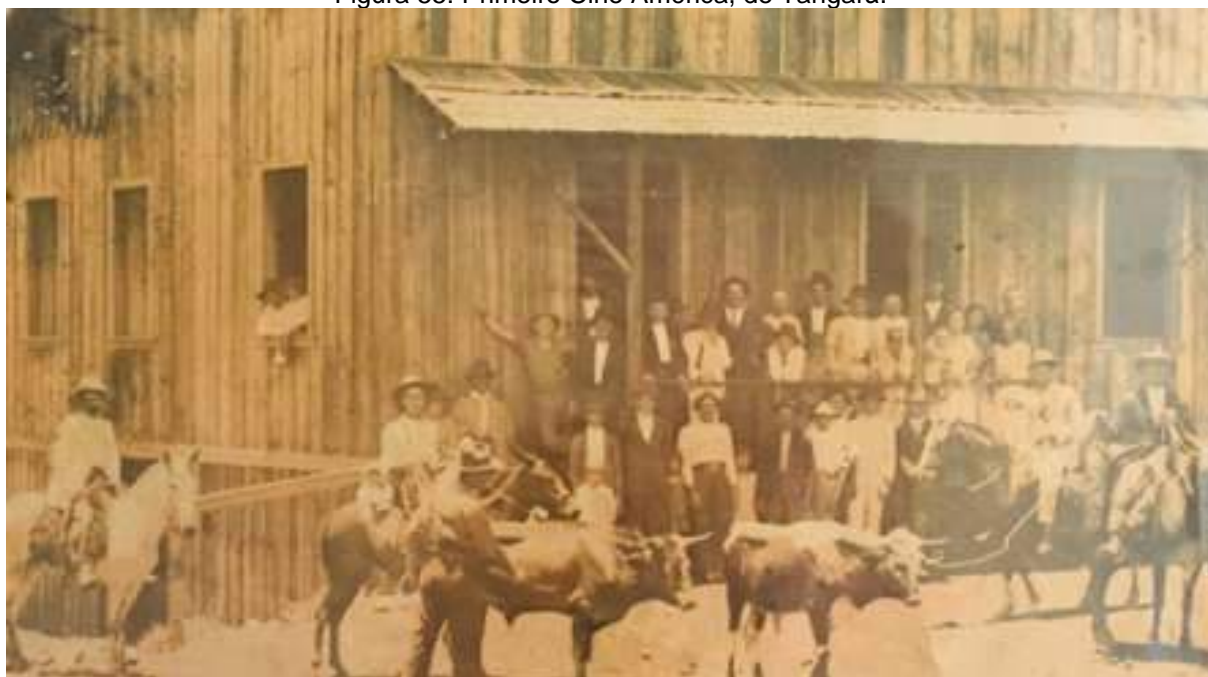
Por sua vez, a terceira cidade do Quadro 2, Tangará, mais uma das estações

⁵² CATARINENSE, Rádio. Cinema em Joaçaba: Captação de recursos depende da criação do Conselho de Cultura. Joaçaba: 18 jul. 2013. Disponível em: <https://www.radiocatarinense.com.br/portal/noticias_detalhe.php?id=3765>. Acesso em: 18 set. 2021.

da Estrada de Ferro São Paulo – Rio Grande, possuiu em sua história quatro espaços de exibição cinematográfica. O primeiro, datado de 1932, foi apresentado no início do presente capítulo, e acontecia em um dos cômodos do hotel da cidade, funcionando em moldes rudimentares. A então vila possuía 5.221 habitantes, de acordo com o Recenseamento de 1920 (Directoria Geral de Estatística, 1922).

Esta experiência inicial foi sucedida pela primeira sala de Tangará, o Cine Ideal, de propriedade de Eduardo Dellatorre, um empreendedor que foi proprietário de salas na região do Vale do Itajaí. Este espaço, porém, funcionou por um breve período de tempo, entre 1946 e 1948, quando foi atingido por um incêndio. De acordo com o Censo de 1940 (IBGE, 1952), Tangará possuía no período 5.451 habitantes. Três anos mais tarde, em 1951, Antônio e seu filho⁵³ Raymundo Feijó Gaião, tendo José Grassi como sócio, inauguram o primeiro Cine América⁵⁴ (ver Figura 55), em uma edificação de madeira, com 440 lugares (IBGE, 1959a), que funciona até 1958 (Martelli, 2019).

Figura 55: Primeiro Cine América, de Tangará.



Fonte: Martelli (2019).

⁵³ MILLARCH, Aramis. Aqueles tempos dourados com imagens de sonhos nas telas. 09 jan. 1992. Castro, PR. Disponível em: <https://www.millarch.org/artigo/aqueles-tempos-dourados-com-imagens-de-sonhos-nas-telas>. Acesso em 11 out. 2021.

⁵⁴ Ressalta-se que a numeração das salas foi feita pelo autor, para diferenciar os espaços de exibição, visando facilitar a compreensão do leitor.

No Censo de 1950, década de funcionamento desta sala, a cidade apresenta 9.009 habitantes (IBGE, 1953). Antônio, Raymundo e José encerram as atividades do primeiro Cine América em 1958 para então iniciarem uma nova fase de seu empreendimento, inaugurando no mesmo ano o 2º Cine América, em uma edificação de alvenaria, com 600 lugares (Queiroz; Ouriques; Marcos, 1967; Martelli, 2019). Vera Dellatorre de Oliveira conta:

Nos anos 58,59, o cinema era cuidado pelo Raymundo Feijó Gaião, pessoa que fez de tudo para a recreação da cidade, tanto no esporte como no cinema e na rádio, nos sábados à tarde ele colocava alto falante e colocava músicas lindas, eu nessa época tinha uns 11 anos e lembro que toda a cidade ouvia as músicas, já que não tinha TV, e muitas pessoas nem rádio tinham. Tangará deve muito ao Raymundo, que amava essa terra (Oliveira, apud Martelli, 2019).

Na descrição acima percebe-se novamente a associação dos cinemas com as estações de rádio, além da forte influência no cotidiano por conta do alto-falante, que indicava o início das sessões. Durante a década de 1960, período próximo à inauguração do segundo Cine América, Tangará conta com 7.180 habitantes. O Cine América (ver Figura 56) funcionou até meados de 1980 (Martelli, 2019), e localizava-se no centro da cidade, em uma edificação de três pavimentos, que existe até a atualidade, abrigando comércios.

Figura 56: Cine América, de Tangará.



Fonte: Martelli (2019).

Tangará localiza-se a aproximadamente 20km da cidade de Videira, berço da Companhia Catarinense de Banha, que vem a se tornar a Perdigão S.A. Esta empresa desenvolve-se rapidamente, e entre as décadas de 1940 e 1960, passa a atuar na produção de ração, melhora geneticamente aves e suínos, e implanta também a dinâmica de integração com os produtores (Fraga, 2018). Por conta da proximidade geográfica, Tangará é influenciada por estes processos, e possui outras indústrias com foco na assistência às atividades agroindustriais.

Ainda, é importante ressaltar que a região recebeu uma parcela de descendentes de italianos na década de 1920, os quais encontraram no clima da região, condições adequadas para seguir praticando a vinicultura, assim como faziam no Rio Grande do Sul. Esta atividade provou-se de fundamental importância para o desenvolvimento da cidade, e hoje figura como um dos principais ramos da economia de Tangará⁵⁵. Assim, pode-se identificar como as diferentes fases da economia influenciaram a implantação das salas de cinema. Inicialmente, como uma das estações da via férrea, durante um movimento de colonização por migrantes, as primeiras exibições acontecem. Quando da gênese e conformação da lógica agroindustrial na região, é instaurado o primeiro Cine América, na década de 1950, e,

⁵⁵ TANGARÁ, Portal de turismo de. Conheça Tangará. Disponível em: <https://turismo.tangara.sc.gov.br/sobre-a-cidade/conheca-tangara/>. Acesso em 17 abr. 2023.

ao fim deste decênio, em uma conjuntura de expansão da agroindústria, onde a classe operária urbana cresce, bem como o poder de compra, o Cine América é edificado em alvenaria, com mais tecnologia, buscando identificar-se com a modernidade.

3.2.3.4 Caçador

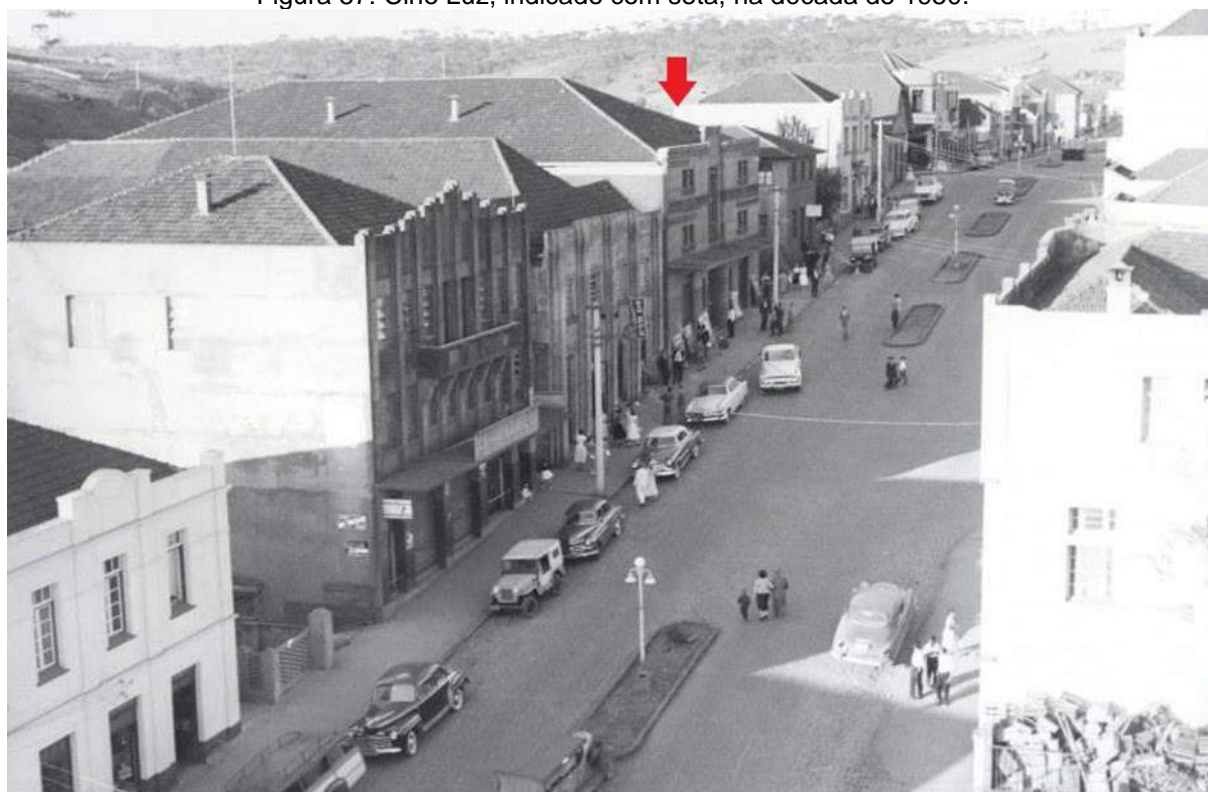
Relata-se que as primeiras exhibições da então Vila Rio Caçador eram sem som, e aconteceram no Cine Ideal, iniciativa de Olimpio Vergett. Este circulava pela região com seu projetor, pelos povoamentos que hoje são as cidades de Lebon Régis e Faxinal dos Guedes. Em meados 1932, quando da conquista do voto feminino, Vergett viajou pela região com sua máquina fotográfica, além do equipamento de exibição, para produção dos títulos de eleitoras das mulheres locais. No Censo de 1940 (IBGE, 1952), Caçador figura com 7.836 habitantes. As narrativas sobre este primeiro cinema são vagas, carecendo de dados fundamentais como a localização e as datas de abertura e fechamento. Afirma-se apenas, que o proprietário transferiu o Cine Ideal para os sócios Pressanto e Tortato, os quais trabalharam juntos até a chegada do cinema com som⁵⁶.

Já em 1947, é inaugurado o Cine Luz (ver Figura 57), com 980 lugares, em uma edificação com três pavimentos, no centro da cidade (Valentini, 2010). Os relatos sobre o cotidiano desta sala também compreendem a troca de revistas em quadrinhos antes das sessões, e a sala de cinema como um dos pontos principais da sociabilidade noturna, dos roteiros urbanos: “Saia da matinê dançante do Apolo e ia direto pro cinema”⁵⁷.

⁵⁶ VERGETT, Presciliana Aires de Arruda. Entrevista concedida à Taiguara Marodim. Caçador, SC. 01 ago. 2016. Disponível em: <http://academialetras2014.blogspot.com/2016/08/episodios-historicos-de-cacador-i.html?q=cine>. Acesso em 11 out. 2021.

⁵⁷ LEMOS, Edel Isabel Thiesenn de. Cine Luz em Caçador. Caçador, 12 maio 2020. Facebook: <https://www.facebook.com/groups/AntigoCacador/permalink/4123046897737996/>. Acesso em 14 abr. 2023.

Figura 57: Cine Luz, indicado com seta, na década de 1950.



Fonte: Zanotto (2015)⁵⁸.

Na década de 1950, Caçador contava com 14.665 habitantes (IBGE, 1953). Esta sala sofreu um incêndio em junho de 1980, reabrindo somente no final de 1983⁵⁹. Em 05 de agosto daquele ano, é registrado um CNPJ do Cine Luz, em que consta a administração pela Empresa Meridional de Cinemas, da cidade de Lages⁶⁰. A sala fica em funcionamento até 1995, de forma que hoje, o espaço abriga uma loja de móveis e eletrodomésticos⁶¹.

Enquanto isso, em 1960, é inaugurado o Cine Líder, que, mais tarde, tem seu nome alterado para Avenida. A sala contava com 1300 lugares, e, de acordo com relatos dos espectadores, era um local “amplo, com cadeiras estofadas, cortinas de veludo [...] era um luxo só”⁶². Afirma-se também em entrevistas, que as duas salas, o

⁵⁸ ZANOTTO, Mauro. Casa Ferro/Clube Apolo/Cine Luz. Facebook: <https://www.facebook.com/photo.php?fbid=1075118039164864&set=a.891599190850084&type=3>. Acesso em 14 abr. 2023.

⁵⁹ LEMOS, Edel Isabel Thiesenn de. Cine Luz em Caçador. Caçador, 12 maio 2020. Facebook: <https://www.facebook.com/groups/AntigoCacador/permalink/4123046897737996/>. Acesso em 14 abr. 2023.

⁶⁰ CADASTRO EMPRESA. Cine Luz - Empresa Meridional de Cinemas LTDA. Disponível em: Cine Luz 82.642.067/0012-47: empresa de Caçador/SC (cadastroempresa.com.br). Acesso em 14 abr. 2023.

⁶¹ LEMOS, Edel Isabel Thiesenn de. Cine Luz em Caçador. Caçador, 12 maio 2020. Facebook: <https://www.facebook.com/groups/AntigoCacador/permalink/4123046897737996/>. Acesso em 14 abr. 2023.

⁶² GARCIA, Terezinha Nunes apud Valentini (2010, p. 70).

Cine Luz e o Cine Líder, eram bastante frequentadas, e comumente formavam-se filas para acesso aos estabelecimentos (Valentini, 2010). Sobre as dinâmicas sociais envolvendo as salas de cinema em Caçador, Severo⁶³ conta:

Eu não perdia uma matinê de domingo e geralmente ficava também para a chamada primeira sessão, que antecedia a sessão da noite. Era comum assistir a matinê num cinema e a primeira sessão, geralmente com filmes mais sérios, no outro. Na adolescência frequentei mais o Cine Avenida, onde eventualmente passavam filmes com mais qualidade artística, era maior e mais chique do que o Luz. Os dois seguiam o ritual do soar do gongo, apagar das luzes e abertura da cortina vermelha[...].

O Cine Líder/Avenida funcionou ao longo de 23 anos, quando, em 1983, uma enchente atingiu a cidade, e a sala de cinema, que teve suas instalações comprometidas e teve que encerrar suas atividades. Durante o período de funcionamento desta sala de cinema (1960-1983), estava em funcionamento também o Cine Luz. Assim, de acordo com o Censo de 1970 (IBGE, 1973), onde constam 26.378 habitantes, a relação habitante/sala totaliza 13.189.

A evolução econômica de Caçador está também atrelada à passagem da via férrea, a qual possibilitou o escoamento da exploração madeireira, primeira atividade comercial de maior relevância na cidade. Este ramo foi fundamental para o desenvolvimento urbano, crescendo ao longo dos anos 1940 e 1950 (Wergenes; Nór, 2023), de forma que o Cine Luz é estabelecido também como testemunha deste ciclo. Corroborando com este argumento, Giesbrecht (2015) relata que a estação original da vila, em madeira, passa por um incêndio em 1941, sendo somente reinaugurada em 1946, porém em alvenaria, e trazendo estilemas do *Art Déco*, representando assim o avanço financeiro da localidade. Em 1960, data de abertura do Cine Líder/Avenida, foi também inaugurada uma ponte, integrando melhor o tecido da cidade, que é cortada pelo Rio do Peixe, além de ter sido criado o Aeroporto Municipal Carlos Alberto da Costa Neves.

Percebe-se aqui a precisão com a qual a sala de cinema demarca o auge econômico da cidade, expresso além do cinema, pelo aprimoramento do sistema de transportes e pela integração aérea. Durante as décadas de 1970 e 1980, instaura-se uma crise no ramo madeireiro, por conta da escassez de matéria prima, amplamente

⁶³ SEVERO, Fernando. Fiquei muito feliz [...]. Caçador, 04 set. 2020. Facebook: <https://www.facebook.com/groups/AntigoCacador/permalink/4659767700732577/>. Acesso em 14 abr. 2022.

explorada das florestas nativas. Assim, são constituídas outras indústrias, como a Indústria Sulbrasileira de Calçados S.A. (Sulca), inaugurada em 1975. Em 1983, uma grave cheia atinge o Rio do Peixe, trazendo diversas perdas para a cidade, atingindo também o Cine Líder/Avenida, que é forçado a encerrar seu funcionamento. Por fim, o Cine Luz segue em atividade até o meio da década de 1990, em um cenário de crescimento de exportações da produção local, porém de queda da popularidade e aderência de público às salas de cinema⁶⁴.

3.2.3.5 Chapecó

Chapecó expressa seu desenvolvimento econômico com clareza nas transformações pelas quais as salas de cinema da cidade passam. O primeiro Cine Ideal (ver Figura 23) se configura nos moldes coloniais da arquitetura em madeira, em uma época em que a vila, de 12.374 habitantes (IBGE, 1953), ainda apresentava diversos problemas com infraestruturas básicas, como a eletricidade. Anos mais tarde, o segundo Cine Ideal (ver Figura 32) é estabelecido, em um cenário de ascensão financeira e cultural, que também pode ser testemunhada pelo fato de que a família Tomazelli, proprietária dos cinemas, passa a administrar o primeiro hotel de alvenaria da cidade, em atividade até a atualidade (Thies, 2016). No Censo de 1960 (IBGE, 1968), quando da inauguração desta sala, Chapecó traz uma população de 17.212 habitantes.

Por fim, o Cine Astral (ver Figura 34) ocupa o terreno do primeiro Cine Ideal, mas já no cenário de uma Chapecó industrial, com infraestruturas urbanas consolidadas e integrada ao mercado nacional (ver Figura 58). De 1973 a 1985, o segundo Cine Ideal e o Cine Astral coexistem, e, baseando-se nos dados do Censo de 1970 (IBGE, 1973), encontramos uma relação habitante/sala 13.967.

⁶⁴ CAÇADOR, Município de. História. Caçador: 27 out. 2020. Disponível em: <https://www.cacador.sc.gov.br/cms/pagina/ver/codMapaltem/107375>. Acesso em 17 abr. 2022.

Figura 58: Cine Astral durante a década de 1980.



Fonte: Serrano (2016).

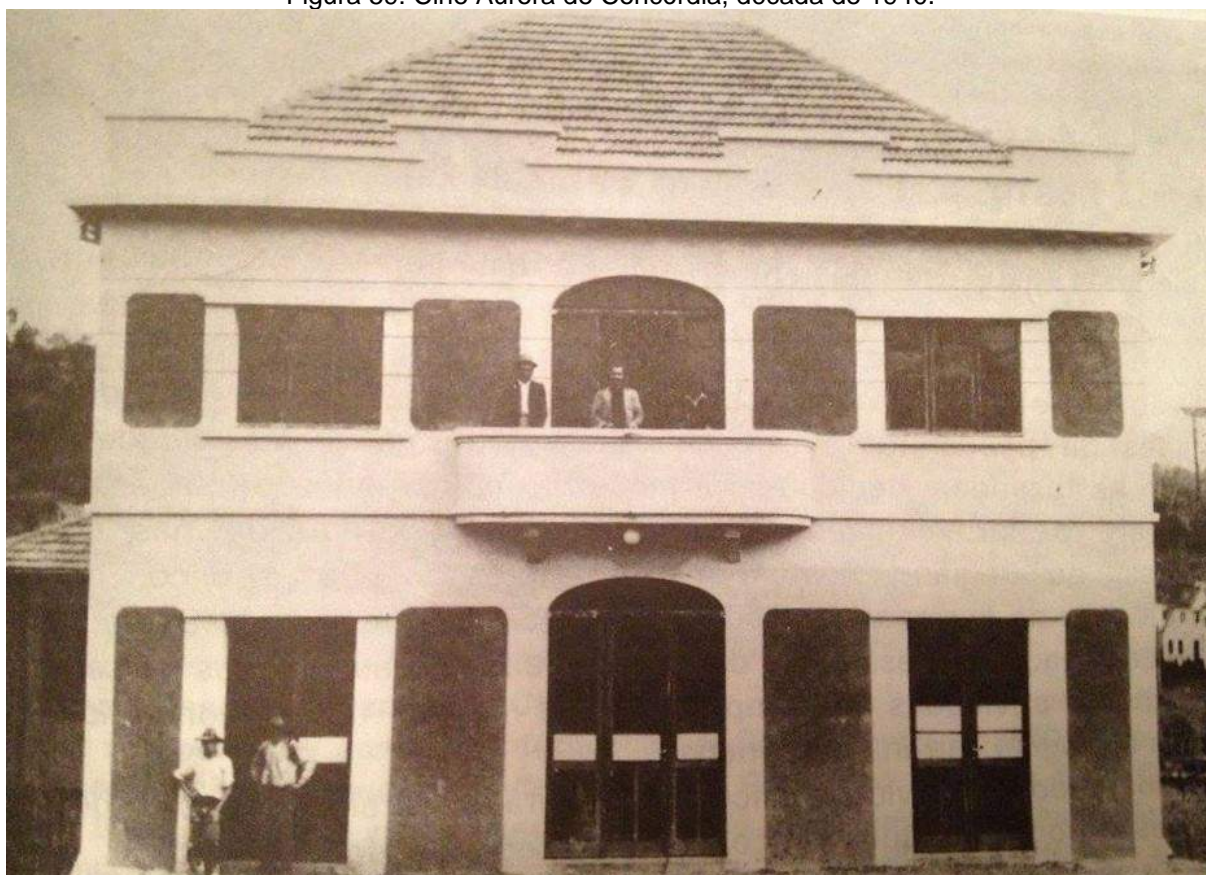
3.2.3.6 Concórdia

Por fim, em Concórdia, três anos antes do estabelecimento oficial da Sadia S.A., é construído o Cine Aurora (ver Figura 59), inaugurado no dia 7 de setembro de 1940. Era de propriedade de Elias Melém, e possuía 380 lugares, sendo comprado, ainda na década de 1940, por José Colombo⁶⁵, natural de Vacaria (RS) e sua esposa, Margarida Fontana Colombo, natural de Antônio Prado (RS)⁶⁶, o que mais uma vez ilustra a transferência das famílias descendentes de imigrantes, para o Oeste de Santa Catarina.

⁶⁵ KUSSLER, Raul. Entrevista concedida via e-mail à Luís Eduardo Candeia. Concórdia: 02 mar. 2018.

⁶⁶ FAMILY SEARCH. Margarida Fontana. Disponível em: ancestors.familysearch.org/en/L4GT-1B2/margarida-fontana-1904-1985. Acesso em 11 maio 2022.

Figura 59: Cine Aurora de Concórdia, década de 1940.



Fonte: Sarayva (2015).

Ao ser comprada por José, a sala passa a ser chamada de Cine Colombo, e funciona por mais alguns anos no local⁶⁷. No Censo de 1940, Concórdia possui 11.511 habitantes. Como testemunha das redes urbanas e conexões que se estabeleciam entre as cidades, demarcadas também pelo movimento econômico gerado pela indústria da exibição cinematográfica, relata-se que os equipamentos de projeção do Cine Colombo foram vendidos para o Cine Real, da cidade vizinha de Itá⁶⁸. Com este dado, infere-se que o Cine Aurora/Colombo, fechou suas portas em meados de 1955, visto que este é o ano de inauguração do Cine Real. A edificação original do Cine Aurora foi demolida, no local existiu uma concessionária de veículos, e, atualmente, um supermercado atacadista foi edificado no terreno.

O fechamento do primeiro Cine Colombo se dá por conta da mudança de endereço desta sala, que permanece sob administração de José e Margarida Colombo, os quais constroem a edificação do segundo Cine Colombo (ver Figura 60), com 1060 lugares (IBGE, 1959a), em alvenaria, e servindo também de moradia à

⁶⁷ KUSSLER, Raul. Entrevista concedida via e-mail à Luís Eduardo Candeia. Concórdia: 02 mar. 2018.

⁶⁸ HERMES, Jussara. Entrevista concedida via e-mail à Luís Eduardo Candeia. Itá, set. 2016.

família⁶⁹. A data da inauguração deste espaço é incerta, porém, sabe-se que estava em funcionamento em 1959, quando da publicação da Enciclopédia dos Municípios Brasileiros (IBGE, 1959a) que acusa sua presença na cidade⁷⁰.

Figura 60: Cine Colombo/Império no início da década de 1970.



Fonte: Acervo de Luiz Alberto Mazzoco (2022)⁷¹.

Em entrevista, Luiz Alberto Mazzoco conta que foi gerente do Cine Colombo durante 1976 a 1979, e que, quando este cinema foi comprado pela Rede Arco-íris, de Lages, passou a ser chamado de Cine Império. A sala contava com camarotes, dois projetores, e cadeiras de madeira, que com o passar dos anos, foram estofadas. As sessões ocorriam diariamente, com sessões duplas aos sábados. Mazzoco acrescenta que uma das melhores bilheterias durante seu tempo de gerência foi do filme *Inferno na Torre* (*The Towering Inferno*) de 1974, e que as películas exibidas eram selecionadas pela própria Arco-íris⁷².

⁶⁹ MAZZOCO, Luiz Alberto. Entrevista concedida via Facebook Messenger à Luís Eduardo Candeia. Concórdia, 10 jan. 2022.

⁷⁰ KUSSLER, Raul. Entrevista concedida via e-mail à Luís Eduardo Candeia. Concórdia: 02 mar. 2018.

⁷¹ MAZZOCO, Luiz Alberto. Entrevista concedida via Facebook Messenger à Luís Eduardo Candeia. Concórdia, 10 jan. 2022.

⁷² MAZZOCO, Luiz Alberto. Entrevista concedida via Facebook Messenger à Luís Eduardo Candeia. Concórdia, 10 jan. 2022.

É interessante destacar que o conteúdo exibido em tela também sofre alterações influenciadas pela nova lógica mercadológica do cinema. De Mazzaropi, Teixeira e seu conteúdo campesino, as películas passam a representar o moderno, a cultura citadina e estadunidense. O filme citado acima, *Inferno na Torre*, trata de um incêndio em um arranha-céus na cidade de São Francisco, apresentando aos espectadores de Concórdia, símbolos do cosmopolitismo global. A entrada da produção hollywoodiana nos circuitos de exibição representa a característica industrial que toma o mercado cinematográfico, adaptando-o à massificação da cultura, e relacionando as dinâmicas locais com os movimentos de mundialização do capitalismo.

Esta sala seguiu em funcionamento até meados de 1995, tendo como última exibição, o filme *O Rei Leão* (*The Lion King*) de 1994⁷³. Aqui, novamente, as salas exprimem o desenvolvimento econômico de seu contexto, de forma que o Cine Aurora/Colombo se instala no município pouco tempo antes do florescimento do processo agroindustrial, e mais uma vez, quando este se desenvolve ao longo dos anos 1950 e 1960, a sala é ampliada e modernizada, adequando-se aos novos padrões financeiros e sociais que se configuram. No Censo de 1960, Concórdia possui 25.246 habitantes.

3.2.4 Salas de cinema de rua: estrelas das áreas centrais

As salas de cinema só passam por um processo de expansão quando os territórios urbanos se mostram adequados à tal, quando a indústria ali já está estabelecida, e um contingente operário se conforma. Porém, ao estabelecerem-se nestes centros, os cinemas também geram mudanças no cotidiano e nas dinâmicas do lugar.

Sobre esse processo Santos (2014, p. 33) afirma: “Os objetos geográficos aparecem nas localizações correspondentes aos objetivos da produção num dado momento e, em seguida, pelo fato de sua própria presença, influenciam-lhes os momentos subsequentes da produção”. Esta lógica aplica-se tanto para as agroindústrias, quanto para os cinemas. As primeiras se consolidam no Oeste Catarinense buscando responder à lógica da produção capitalista, e, ao se

⁷³ KUSSLER, Raul. Entrevista concedida via e-mail à Luís Eduardo Candeia. Concórdia: 02 mar. 2018.

estabelecerem na região, interferem nas dinâmicas econômicas e na conformação das áreas centrais, onde, como consequência, introduzem-se os espaços de exibição, os quais passam a interferir na cidade econômica e socialmente. Corrêa (2005, p. 39) disserta “Verifica-se uma certa sincronia entre o emergir do capitalismo em sua fase plenamente industrial e o aparecimento da Área Central. Processo, forma e também as funções estão assim conectados”.

Em adição, como a industrialização interfere profundamente no modo de produção e nas formas de trabalho, surgem a indústria cultural, e a cultura de massa, com base nas dinâmicas de atuação do capital (Coelho, 1993). No Brasil pós Golpe de 1964, consolida-se o que Ortiz (2001) identifica como “capitalismo tardio”, onde o parque industrial se expande, devido à maiores investimentos no setor. Consequentemente, a produção cultural e o mercado de bens culturais também passam por um crescimento, de forma que o público operário se soma ao rural, e a programação, bem como o espaço de exibição, se transformam, passando de uma expressão da ruralidade para uma expressão da modernidade.

De acordo com Ortiz (2001) o cinema nacional se estrutura em moldes industriais a partir da década de 1970, o que explica o ápice dos espaços de exibição acima apresentado, mais especificamente na metade desta década tanto em cenário nacional, quanto no Oeste Catarinense. Fato é que estas salas foram fundadas no território aqui estudado a partir do fim da década de 1920, proporcionando lazer urbano e sociabilidade noturna desde sua gênese, porém sem caracterizarem efetivamente nos moldes da comunicação em massa que se consolidam a partir de 1970. Para Sorlin (2001, p. 30, apud Ferraz, 2014a, p. 80) o cinema foi “(...) *la première forme indiscutable de loisir de masse*”⁷⁴, muito atrelado às mudanças sociais geradas pelas fábricas. Segundo Ferraz (2014a), esperava-se que o lazer fosse capaz de agir como um momento de recuperação das forças de trabalho, além de motivar o operário durante sua intensa jornada.

Assim, as massas começam a conformar o grande público que preenche as salas cada vez maiores, durante as décadas de 1960 e 1970 na região estudada. Xavier (1978) demonstra que a partir da massificação do espetáculo caracterizado pelo cinema, alteram-se também características do conteúdo exibido em tela, voltado à círculos sociais específicos (população operária), e buscando substituir os lazeres

⁷⁴ “(...) a primeira forma indiscutível de lazer de massa” (Tradução de Talitha Gomes Ferraz).

urbanos até então disponíveis, como peças de teatro, circos e shows de variedades. Por fim, o autor afirma ainda que durante esse processo, a produção cinematográfica se volta à lógicas industriais, causando a dissolução dos padrões artesanais, sendo replicada com maior facilidade.

É importante abordar que, apesar de o Oeste Catarinense ter sido ocupado com base em moldes de exploração capitalista global a partir de sua colonização (ver 2.1.2, na página 51), e de ter sido influenciado por políticas desenvolvimentistas nacionais, sua industrialização se dá de forma tardia, mas também, acelerada. Este movimento é expresso pelas nuances apresentadas pelo processo de desenvolvimento das salas de cinema das cidades aqui estudadas. Desta forma, o cinema, em formato de lazer em massa, alcança a região em paralelo à acelerada industrialização, e altera assim a experiência da espetação, a partir do conteúdo exibido, da modernização das edificações e da elitização da atividade.

Para Acciaiuoli (apud Ferraz, 2014b), o cinema nasce sem reivindicar um espaço para que a atividade se desenvolva. Este acontece em feiras, salões e teatros, até o momento em que, nas palavras da historiadora, decide se “sedentarizar”. É então que:

[...] as cidades não só lhe dão um lugar, como ainda contratam os seus melhores arquitetos para desenharem um edifício que não seja parecido com edifício nenhum que a humanidade já tivesse conhecido. Um edifício adequado àquela arte, e mais: uma construção que tenha um rosto, que será a fachada. Um rosto através do qual se possa reconhecê-lo ao passar nas ruas. E, de repente, nasce o edifício que simboliza, em minha opinião, o século XX: o cinema (Acciaiuoli, Marina, apud Ferraz, 2014b, p. 131).

A ida às salas de cinema, novas “estrelas” dos centros urbanos da região na segunda metade do século XX, começa a ser incorporada nos hábitos cotidianos, figurando como uma prática de lazer moderna, atrelada intimamente às dinâmicas de entretenimento das classes trabalhadoras (Ferraz, 2014a).

A partir da discussão aqui apresentada, foi possível entender como o território foi passando por transformações que resultaram em configurações adequadas para a expansão das salas, de forma que estas, além de multiplicarem-se com rapidez, foram capazes de refletir as mudanças econômicas pelas quais as cidades estavam passando. Por fim, quando são estabelecidas nestes centros, tornam-se parte do cotidiano, influenciando as formas de sociabilidade, os pontos de interesse no tecido urbano e parte do setor comercial, que se adequa às demandas dos espectadores.

Em sequência, discutiremos o período da segunda metade da década de 1970 até os anos 2000, quando as salas de cinema de rua vivem um intenso processo de fechamento, por conta de diversos fatores.

3.3 A RUA ESVAZIADA: DOS CENTROS URBANOS AOS CENTROS DE CONSUMO

Até a metade da década de 1970, as salas de cinema no Oeste de Santa Catarina seguiram se multiplicando, atingindo seu ápice em 1974, como visto no Gráfico 2 (página 104). Naquele ano, 31 espaços de exibição funcionaram simultaneamente⁷⁵ na região, em 24 cidades. O cinema estava presente no cotidiano, e acompanhando o crescimento urbano promovido pela industrialização.

Porém, a partir de 1975, inicia-se aos poucos um processo de decadência das salas de rua. Essa queda está ligada a diversos fatores:

- Às mudanças nas relações sociais, nos hábitos cotidianos de lazer e sua individualização, e o impacto destes fatores na morfologia das cidades, esvaziando as áreas centrais e transformando o conceito da rua no imaginário popular como um lugar de lazer, para a rua como um lugar apenas de passagem;
- Às crises econômicas no país e no campo da produção nacional, que passa a ser muito custosa, e da distribuição cinematográfica, que busca concentrar-se em praças mais lucrativas;
- À flutuação do valor dos ingressos;
- À massiva entrada de multinacionais no mercado brasileiro, apoiadas por políticas neoliberais;
- E ainda, à privatização das formas de lazer, seja para salas de estar domésticas, onde os novos protagonistas eram os televisores e o *home vídeo*, ou para os nascentes *shopping centers*, que emanam grande poder de concentração pautado na elitização do público-alvo e na junção de funções comerciais e de entretenimento, com notáveis andares de estacionamento, adequados ao modelo rodoviarista em expansão (Simis, 2017). Assim, o Oeste Catarinense, bem como o Brasil, chega

⁷⁵ Ressalta-se que o Cine Guarani, de Lebon Régis, o Cine Apolo, de Palmitos, e o Cine Imperador de Pinhalzinho, foram contabilizados duas vezes, pois todos possuíram duas locações distintas.

ao século XXI com raros exemplares deste modelo de exibição.

3.3.1 A individualização do lazer e o esvaziamento da Área Central

Para entender-se o movimento de fechamento das salas de cinema de rua, é fundamental o reconhecimento do processo pelo qual a própria rua enfrenta durante o final do século XX. Durante a gênese e reprodução dos cinemas, ela representava um ambiente moderno, cenário da contemporaneidade e das práticas sociais urbanas. Baudelaire eternizou a imagem lírica de uma rua que era sinônimo da vida urbana, símbolo da modernidade, vitalidade e diversidade. Palco dos encontros cotidianos, configurava-se como meio articulador não apenas de deslocamento, mas também de sociabilidade, comércio e lazer. Nas pequenas cidades, eram as *Main Streets*, enquanto que nas metrópoles realizavam-se como os *Boulevards*, as largas avenidas, resultantes da experiência emblemática das reformas urbanas de Paris (Berman, 2007).

João do Rio, escritor brasileiro, disserta sobre a intensa vida urbana que se dava nas ruas do Rio de Janeiro do início do século XX, eram o lugar do cotidiano, do inesperado, dos encontros, da agitada vida citadina, e também das notáveis filas defronte aos cinemas. A originalidade da imagem em movimento é expressa pelo autor, que afirma que “O cinematographo é bem moderno e bem d’agora. Essa é a sua primeira qualidade. Todos os generos de arte perdem-se no tempo distante” (Rio, 1909, p. 7). Percebe-se a forte relação entre a modernidade expressa pela agitação das ruas, com a novidade tecnológica e moderna representada pelos cinemas. A rua era símbolo do moderno, e moderno era estar na rua.

Porém, após a I Guerra Mundial, o movimento Modernista, na arquitetura e no urbanismo, e a implantação do Fordismo, nos meios de produção, refletem em um novo modo de vida que propaga a ideia completamente oposta, de que a rua era um espaço sujo, hostil e obsoleto. Este conceito foi basilar para a onda de reconstrução das cidades europeias pós II Guerra Mundial, e, assim como a fase anterior do pensamento urbanístico, influenciou a organização espacial das cidades brasileiras. As ruas passam a ser abandonadas, e até destruídas, em busca da construção de autoestradas que ligariam então a nova cidade setorizada, com zonas residenciais, comerciais e de entretenimento segregadas. Nasce assim parques industriais, bairros e até cidades-dormitório e os novos símbolos do lazer e comércio do fim do

século XX, os *shopping-centers* (Berman, 2007).

As grandes distâncias entre residência, escola e trabalho, fazem com que a locomoção tome significativa parcela do tempo da nova rotina do homem moderno do século XX, e na segunda metade deste período, inicia-se um movimento de interiorização da sociabilidade e das formas de lazer. Gomes (2010) afirma que os serviços de telefonia, radiofonia e televisão, penetram com facilidade no cotidiano da sociedade das metrópoles, convertendo-se em ícones básicos do mobiliário doméstico. Como resultado, “o lazer, as necessidades de abastecimento e comunicação social, são assim cada vez mais intermediados por máquinas que permitem um deslocamento solitário e virtual” (Gomes, 2010, p. 183).

Para Wenders (1994), a televisão foi capaz de isolar o espectador das salas de cinema, pois não há mais a necessidade de expor-se às inseguranças da rua, sair de casa, esperar em filas, possivelmente correndo o risco do encontro com o estranho, o diverso, e compartilhar a experiência social da especiação com desconhecidos. O cunho comunitário da sala de cinema passa a ser indesejado, obsoleto.

Os televisores começam a ser incorporados no cotidiano das maiores cidades a partir da década de 1960. A aquisição deste aparelho passa a ser encorajada pelas políticas econômicas provenientes do Golpe Militar de 1964, as quais buscavam o desenvolvimento dos bens de consumo e a integração nacional (Simis, 2017). Hamburger (2005) coaduna dados quanto ao percentual de domicílios com televisores, demonstrando esta evolução (ver Quadro 3).

Quadro 3: Porcentagem de domicílios com televisores, 1960-1991.

	1960	1970	1980	1991
Região Sul (%)	0,80	17,3	60,5	79,7
Brasil (%)	4,6	22,8	56,1	71

Fonte: Hamburger (2005, p. 75). Adaptado pelo autor (2023).

Aufere-se do quadro, a exponencial proliferação dos televisores nos lares brasileiros. Ressaltamos que após a década de 1970, a Região Sul apresentou um maior índice de aparelhos por residência que o próprio cenário nacional, e é justamente neste momento que as salas de cinema começam a perder seu público. Trazendo a discussão para o recorte aqui estudado, temos o depoimento de Velina Tecla Berwanger⁷⁶ a respeito do primeiro aparelho de televisão da cidade de

⁷⁶ BERWANGER. Velina Tecla. Entrevista concedida via e-mail à Luís Eduardo Candeia, Itapiranga, 12 set. 2016.

Itapiranga:

Em abril de 1969 foi trazido o primeiro aparelho de TV do Rio de Janeiro por Humberto Engel, instalado no Hotel Mauá com péssimo som e imagem em preto e branco. A descida do homem na lua em 21.06.1969 foi o primeiro espetáculo televisivo assistido por uma multidão que se reuniu em frente ao Hotel Mauá.

Simis (2017) afirma que esta geração então já não frequenta mais as salas de cinema, e quando o faz, é com menos intensidade, pois ocupa as horas extra laborais com a televisão. A via pública, por sua vez conforma-se, apenas como espaço de circulação, e o habitante da cidade restringe-se a sair de casa cada vez menos, e quando necessário, utiliza-se dos automóveis para tal, que o guiarão para um local preciso e seguro, e que representa pouco risco de choque com sua realidade.

Elitizam-se assim os meios de sociabilidade e entretenimento, em que as classes médias escolhem estar protegidas com seus semelhantes, enquanto os estratos sociais mais baixos da população passam a ocupar os espaços públicos, de forma que as centralidades então se tornam o lugar de prevalência do circuito inferior da economia. Como de pouco interesse para o capital, as iniciativas para uma melhora dessa situação são parcas, e o cidadão urbano médio, o qual já sai de sua unidade habitacional hermética protegido pela lataria de seu automóvel, mal percebe a presença do outro ao longo de seus trajetos urbanos (Gomes, 2010).

Sennett (2001) argumenta que as modificações na vida pública decorrem de um longo processo temporal, desde a queda do Antigo Regime (aproximadamente em 1453), acompanhando as transformações sociais e urbanas em paralelo ao desenvolvimento do capitalismo, e então resulta em uma recente personalização do indivíduo, com uma maior valorização do particular e exclusivo, originando grupos cada vez mais excludentes e perversamente intimistas. Nas cidades, esta visão resulta no abandono dos espaços públicos, e em uma ressignificação das ruas, que agora são vistas meramente como um meio de movimentação: são o lugar dos veículos, a conexão entre dois pontos, e não mais um espaço de permanência, interação social e trocas.

O automóvel é a forma de locomoção pelo território, é o símbolo dessa nova vida moderna em que a velocidade e a otimização do tempo são primordiais, não se usa o carro para ver a cidade, para vivenciar o espaço público, pois este agora é só o ambiente que se interpõe entre a casa e o trabalho, e se as ruas não são adequadas

para um alto tráfego, ou contam com diversos semáforos ou impedimentos, o cidadão moderno se irrita, e fica frustrado por ser obrigado a permanecer mais tempo no espaço da rua. Sobre isso, Sennett (2001, p. 28) afirma “A tecnologia da movimentação moderna substitui o fato de estar na rua por um desejo de eliminar as coerções da geografia”. Alega que os seres humanos precisam de espaços específicos em locais públicos, que tenham a finalidade de encontro e sociabilidade, e, quando este direito lhes é negado, quando o espaço público está morto, o lógico escape é a reprodução destas relações em meios íntimos, empobrecendo exponencialmente a vivência urbana (Sennett, 2001).

Esta privatização das relações que outrora se davam em meio público, atingem invariavelmente as salas de cinema de rua, de duas formas: a primeira, pautada na privatização e individualização do lazer, diminuindo a aderência do público às salas, e a segunda, baseada na morte dos espaços públicos e da rua, que ao ser remodelada e/ou estar presente no imaginário popular como apenas local de passagem, deixa de ser um espaço convidativo, palco de relações sociais, e passa a ser vista como hostil e desconfortável ao pedestre.

Por fim, Han (2015) demonstra que a partir do início do século XXI a transformação de uma sociedade da produção em uma sociedade do desempenho, seguiu contribuindo para a privatização do lazer e da sociabilidade. Nesta nova organização, a máxima performance resulta em uma massa trabalhadora exausta e apática, porém voltada a entregar resultados independentemente de seu bem-estar físico e psicológico. Assim, o tempo livre da população trabalhadora passa a ser preenchido não mais com atividades de descanso ou entretenimento, como os cinemas, mas sim com ocupações que buscam também o desenvolvimento pessoal, como academias e cursos de especialização.

As mudanças nos meios de produção e as reformas urbanas da segunda metade do século XX infligiram grande impacto na forma com a qual a sociedade relaciona-se com as salas de cinema e os novos modos de lazer. A morte da rua, os meios de comunicação individualizando o lazer, e, recentemente, a sociedade do desempenho, prestaram importantes papéis na onda de fechamento de salas de cinema de rua, tanto no Brasil, quanto no Oeste Catarinense.

É interessante notar que, por ser repleta de cidades pequenas, e por conta de sua distância de grandes centros, a região não atravessa todos estes processos de maneira simultânea ao cenário nacional, e também não com a mesma intensidade,

porém, obtém resultados semelhantes. Como já discutido, o rodoviarismo e as reformas urbanas começam a ser implantadas efetivamente somente na segunda metade do século XX, em escalas bastante reduzidas, adequadas ao contexto. Além disso, o modelo de centros comerciais representado pelos *shoppings*, não consegue se desenvolver por este território na virada do século, justamente por sua dinâmica ser de consumo em grande escala, voltada à grandes centros urbanos, e, os televisores, por sua vez, alcançam o Oeste também com inicial precariedade, devido à posição periférica do lugar, na malha urbana brasileira.

3.3.2 Crises internas, o capitalismo global e os centros de consumo como resposta

Após a II Guerra Mundial, a importação de películas americanas passa a acontecer com mais vigor, em um modelo de venda por lotes, que impedia o exibidor de selecionar o conteúdo exibido em sua sala, e preenchia totalmente a programação. Com preços convidativos, estes pacotes tomaram o espaço dos filmes nacionais, dificultando a distribuição da produção brasileira. A partir de 1948, políticas de tabelamento do preço dos ingressos de cinema foram implementadas, categorizando os diversos tipos de sala de acordo com seu equipamento e ornamentação, e conformando a distinção de salas de bairro e salas centrais, as quais possuíam a vantagem da estreia. Esta política também gera prejuízo à produção nacional, que perde espaço de exibição às películas americanas, selecionadas para estreia nos cinemas lançadores. Rapidamente, os exibidores independentes perdem espaço nas cidades, e as grandes empresas de distribuição passam a arrendar os cinemas, aplicando uma estratégia de exibição extensiva de suas películas (os *blockbusters* – “*arrasa quarteirões*”) (Simis, 2017).

A década de 1980 e a crise que a acompanha foi a maior responsável pela diminuição de público nas salas de cinema, e, conseqüentemente, da quantidade e da capacidade destes estabelecimentos. Os grandes palácios da primeira metade do século tornam-se obsoletos ao aproximarem-se dos anos 2000, e são frequentemente divididos para otimização do espaço, demolidos ou sucumbem à especulação imobiliária, transformando-se em estacionamentos, igrejas, lojas, depósitos ou supermercados (Simis, 2017).

As pequenas salas passaram a figurar como principais exemplares de cinemas,

mas ainda assim, com dificuldades devido à tributação e a falta de clientela. Estes cinemas remanescentes, sobrevivem de maneira precária, com qualidade de som e projeção inferior, poltronas sem estofamento ou com este danificado, e ornamentação empoeirada ou sem manutenção. Nas cidades maiores, inicia-se a transferência para dentro do *shopping center*, elitizando a atividade, que se torna exclusiva a quem tenha os meios de pagar pelos ingressos, que aumentam de 0,18% do salário-mínimo em 1961, para 3,28% em 1988 (Simis, 2017).

A partir de 1969, quando é estabelecida a Empresa Brasileira de Filmes (Embrafilme), o cinema brasileiro protagoniza um ápice em sua produção, onde frequentemente produziam-se mais de 100 filmes por ano, por conta do apoio à realização, bem como à distribuição e exibição prestado por essa empresa. Estas produções conquistam o público popular, que se torna mais frequente nas salas de cinema. Prova de tal afirmação está na própria queda de audiência que assola os cinemas na década de 1980, tanto pelo aumento do preço dos ingressos (quando o Plano Cruzado entra em vigor em 1986, congelando os preços, este mesmo público retorna às salas de rua), quanto pelas políticas de estímulo ao consumo de bens, como os televisores, que foram capazes de inseri-los no cotidiano popular (Simis, 2017).

A extinção da Embrafilme acontece em 1990, por ordens do Governo Collor, o que freia quase por completo a produção cinematográfica, afastando, de maneira definitiva, os estratos mais baixos da população. Neste cenário que se conformava, mesmo sem o crescimento de público, o número de salas de cinema volta a crescer, a partir da entrada de diversas multinacionais estrangeiras como a *United Cinema International* (UCI) e a Cinemark (Simis, 2017).

Inicia-se então o deslocamento das salas de cinema, em escala intraurbana, para *shoppings*, e em escala regional, para as cidades maiores (Pozzo, 2020), criando vazios centrais nas cidades pequenas, tão comuns no Oeste Catarinense. O deslocamento geográfico dos equipamentos de acordo com os interesses do capital, é expresso por Santos e Silveira (2001) da seguinte forma: “[...] Para cada uma delas [empresas], o território de seu interesse imediato é formado pelo conjunto dos pontos essenciais ao exercício de sua atividade, nos seus aspectos mais fortes” (Santos, Silveira, 2001, p. 292-293).

Quando então, os modelos de cinema de rua deixam de ser lucrativos, a estratégia é de que a atividade migre para um novo cenário que emergia: o das salas

em *shoppings*, em polos urbanos regionais, adornadas com os atrativos da modernidade, reposicionando o cinema no círculo de atividades cotidianas e tornando-o novamente lucrativo. A este processo ainda se acrescentam as influências do neoliberalismo, que abre o mercado brasileiro para a entrada de multinacionais do ramo, e estas empresas passam a operar em território nacional configurando-se como grandes blocos consolidados, de difícil concorrência (Simis, 2017).

A maioria dos pequenos empresários não consegue adequar suas salas para que possuam também os atributos oferecidos pelas empresas internacionais (Simis, 2017), e estas agora com amplo poder sobre o mercado, podem usufruir de uma seletividade sobre o território, que acaba por segregar e assim punir as “populações mais pobres, mais isoladas, mais dispersas e mais distantes dos grandes centros e dos centros produtivos” (Santos, Silveira, 2001, p. 302).

A lógica neoliberal de uso do território proporciona então esta seletividade das salas de cinema sobre o espaço, de forma que se concentram nas metrópoles e cidades regionais, em busca de uma maior quantidade de público, ao mesmo tempo que têm seus custos de funcionamento e manutenção reduzidos por conta da especialização dos serviços oferecida nos grandes centros. Como resultado, criam-se vazios de consumo, os quais incentivam o êxodo rural e também urbano, rumo à estas cidades maiores (Santos, Silveira, 2001). Assim, salas de cinema e parte de seus espectadores, são agregados ao movimento de expansão das metrópoles brasileiras.

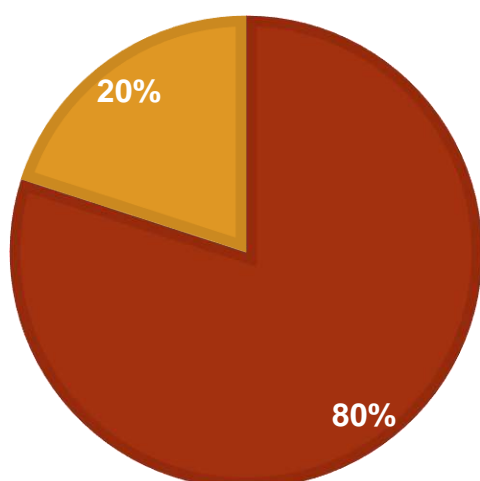
Além deste deslocamento regional, os cinemas também se movimentam em escala intraurbana, saindo das áreas centrais das grandes cidades em expansão, rumo aos complexos comerciais (Pozzo, 2020). Esta dinâmica testemunha a atuação do neoliberalismo sobre o território, a qual Santos (1996) define como a influência das verticalidades no cotidiano e no espaço. Estas são forças que atuam em favor de níveis superiores da economia, de acordo com os interesses do setor hegemônico, resultando em rotinas disciplinadas e obedientes, as quais impõem seus meios de funcionamento às atividades locais, de tempo lento e ligadas à rotina banal.

Como apresentado no subcapítulo 3.2.2 (página 103), o ápice de cinemas em cenário nacional acontece em 1975, com 3.276 salas, número este que só vem a ser superado em 2018, quando alcança-se 3.347 salas de exibição no Brasil. Os 43 anos que separam estes dois momentos culminantes presenciaram as alterações econômicas, urbanas, políticas e sociais acima citadas. Desta forma, Pozzo (2020) demonstra que a distribuição geográfica das salas de cinema não permaneceu a

mesma, havendo agora uma concentração em núcleos mais populosos, o que dificulta o acesso da população que não vive nestas regiões, à estes espaços. Segundo a Agência Nacional do Cinema (Ancine), em 1970, 80% das salas de cinema estavam localizadas fora dos grandes centros urbanos (ver Gráfico 4) (Ancine, 2019a), enquanto que, em 2018, em momento anterior à pandemia, 57% deles se estabeleciam em municípios com uma população de mais de 500 mil habitantes (ver Gráfico 5) (Ancine, 2022). Aproximando-se estes dados para Santa Catarina, onde prevalecem cidades com menos de 50 mil habitantes (IBGE, 2021b), é possível compreender o forte impacto que este movimento gerou nas salas de exibição então existentes.

Gráfico 4: Localização das salas em 1970⁷⁷.

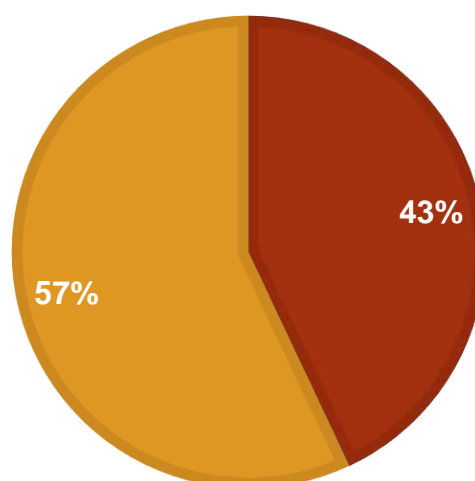
■ Núcleos urbanos menores
■ Núcleos urbanos maiores



Fonte: Ancine (2019a)
Adaptado pelo autor.

Gráfico 5: Localização das salas em 2018.

■ Núcleos urbanos com -500 mil hab.
■ Núcleos urbanos com +500 mil hab.



Fonte: Ancine (2019c).
Adaptado pelo autor.

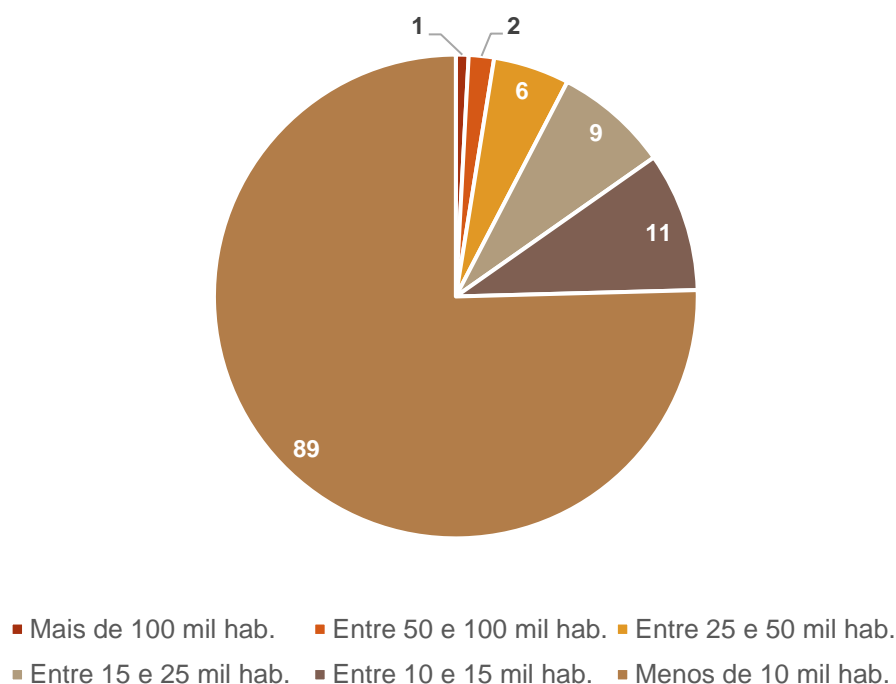
Com a análise destes dados, desenha-se um panorama que expressa o processo de deslocamento geográfico do Cinema pelo território, que partiu dos grandes centros, popularizando-se através das pequenas cidades, e, finalmente, passou por um movimento de transformação que leva a atividade a concentrar-se novamente nas cidades maiores (Pozzo, 2020).

⁷⁷ Ressalta-se que a Agência Nacional do Cinema (Ancine, 2019a) não especifica o critério para a denominação de “Núcleos urbanos maiores” e “Núcleos urbanos menores”, ou qualquer dado numérico que possa clarificar o conceito.

Destaca-se ainda, a grande relevância que as cidades médias e pequenas tiveram na democratização do acesso à sétima arte, pois foi com base nestas configurações urbanas, que a atividade alcançou grande parte do país. A região Sul do Brasil possui uma grande densidade de cidades médias, configurada como uma “rede urbana democrática” segundo Corrêa (1989), que foi responsável, nos tempos áureos do Cinema, pela também democratização de seu acesso.

Aproximando a análise para o Estado de Santa Catarina, encontramos uma rede urbana que apresenta ausência de cidades com mais de 1 milhão de habitantes, presença marcante de cidades intermediárias, que se configuram como capitais regionais, em todas as regiões, e a predominância da cidade pequena. Assim, o cinema encontrou campo para multiplicar-se ao longo do século XX, mas, ao atravessar este período, não foi capaz de sustentar as demandas de público ou financeiras para o funcionamento dos espaços de exibição de acordo com os novos moldes *multiplex* (complexos com diversas salas, normalmente em *shoppings* ou centros comerciais, os quais dão preferência à exibição de *blockbusters* internacionais). De acordo com o Censo Demográfico de 2010, o Oeste Catarinense contava com apenas uma cidade de mais de 100 mil habitantes em seu território, e somente duas com mais de 50 mil, como pode ser observado no gráfico abaixo (ver Gráfico 6).

Gráfico 6: Faixa Populacional das 118 cidades do Oeste de Santa Catarina no Censo de 2010.

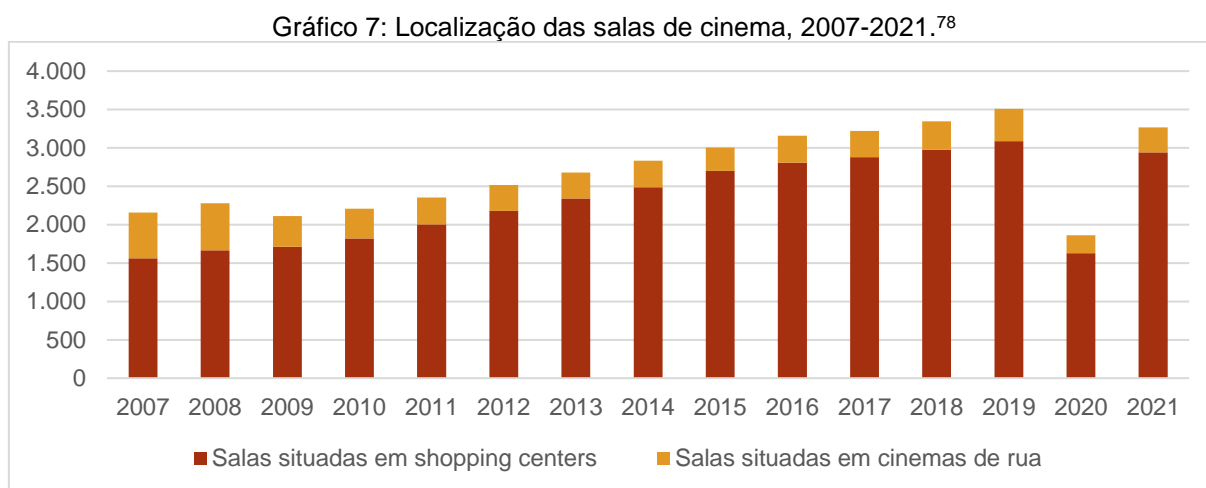


Fonte: IBGE (2010). Elaborado pelo autor.

Na contemporaneidade, a privatização das salas de exibição é encontrada também na incorporação de cinemas à infraestrutura dos condomínios de luxo, classificados por Caldeira (1997) como enclaves fortificados, grandes ilhas territoriais isoladas do tecido urbano por muros, câmeras e vigilância 24h, pois o espaço público segue sendo propagandeado como hostil. Ao mesmo tempo, insinua-se uma dinâmica cíclica da relação com a rua e os espaços abertos, pois, ainda que incipiente, é notável a implantação de centros comerciais no modelo *Outlet Village*, onde predomina a horizontalização da circulação, que se dá a céu aberto, mimetizando as antigas relações do comércio com a rua nas Áreas Centrais (Corrêa, 2005), porém com base na elitização do espaço, a partir da implantação de lojas de luxo. Os centros das cidades, os quais inicialmente ganhavam vida com a sociabilidade gerada pelo comércio durante o dia e pelos cinemas durante a noite, são abandonados e, agora, inspiram uma organização espacial que responde a lógica do capital, e segregando classes e, novamente, o acesso ao cinema.

É interessante ressaltar a estratégia adotada durante o processo de decadência das salas de rua por alguns proprietários em Santa Catarina, notadamente no Planalto Serrano e no Vale do Itajaí, que consistiu em formar redes de cinemas capazes de resistir às transformações impostas pelas mudanças de fins do século XX,

e que na contemporaneidade são expoentes do modelo *multiplex*: a Rede Cine Gracher e a Rede Arco-íris de Cinema, hoje denominada Arcoplex. O gráfico abaixo (ver Gráfico 7) demonstra este crescimento do modelo de sala de shopping, ao mesmo tempo em que as salas de rua apresentam diminuição ou, no máximo, estagnação em seu número de exemplares.



Fontes: Ancine (2013); Ancine (2015a); Ancine (2015b); Ancine (2022).

Assim, as salas de cinema de rua do Oeste Catarinense enfrentam uma onda de fechamento, deixando boa parte das cidades e suas áreas centrais sem acesso à esta arte, seu caráter cultural e educativo, e a sociabilidade por ela gerada. Em 2010, uma distinta iniciativa ocorre na cidade de São Miguel do Oeste, onde inaugura-se o Cine Peperi, uma sala de cinema com 200 lugares, exibição de filmes 2D e 3D, que se situa na rua, em uma edificação que abriga a Rede Peperi de Comunicação (Folha do Oeste, 2010). Além disso, a mesma Rede inaugura em 2018, uma nova sede na cidade vizinha de Itapiranga, a qual também abriga uma sala de cinema (Domenico, 2018). Durante sua construção, em 2016, seria a menor cidade brasileira com sala de cinema, uma das quatro, naquele ano, a estarem presentes em municípios com menos de 20 mil habitantes, ao lado de Cesário Lange, em São Paulo, Remígio, na Paraíba, e a também catarinense Otacílio Costa, localizada na região serrana (Cavalcanti, 2016).

Porém, estas salas são exceções, visto que, em 2023, os cinemas da região não estão nas ruas, porém, tampouco são em geral encontrados em *shoppings*, pois

⁷⁸ Destaca-se que existe uma queda do número de salas de rua entre os anos de 2008 e 2009, mas este movimento não traduz a realidade, visto que o decréscimo ocorre pelo fato de que até 2008, a Ancine agrupava salas de cinema fora de *shopping* com salas com localização ignorada.

mesmo este equipamento não consegue prosperar nestes núcleos, por conta do consumo de massa que exigem. Logo, cidades como Caçador, Videira, Fraiburgo e Concórdia, possuem cinemas anexados à supermercados, Joaçaba possui uma unidade da Rede Gracher, do Vale do Itajaí, anexada à uma loja de departamentos e Chapecó, por figurar como polo regional, é capaz de sustentar um *shopping center*, com quatro salas de cinema. Por fim, ressalta-se que devido às imposições sanitárias em vigor durante a pandemia de COVID-19, foram observadas iniciativas de cinema *drive-in*, como a promovida pela Prefeitura de São Lourenço do Oeste, no cenário de sua VII Semana de Teatro (Curioletti, 2020).

3.3.3 Um final não tão feliz: de salas de sonhos às salas comerciais

Como resultado dos processos acima descritos, as salas de cinema começam a ser utilizadas para outras funções, devido à sua privilegiada localização central. Ressalta-se que diversos destes edifícios já foram planejados com uso misto, possuindo apartamentos em seus andares superiores, função que foi capaz de se perpetuar ao longo das transformações urbanas, e que pode denotar uma visão de valorização do centro como moradia, desde a concepção destes projetos. Ainda assim, apenas 11 edificações dentre as apresentadas até o momento neste texto, sobreviveram até a contemporaneidade, e nenhuma ainda funciona como cinema. O Cine Colombo/Império, de Concórdia, teve sua sala convertida em um templo religioso (ver Figura 61).

Figura 61: Cine Colombo/Império na década de 1970 e sua edificação em 2019.



Fontes: Acervo de Luiz Alberto Mazzoco (2022)⁷⁹; Street View (2019D).

A edificação do Cine Astral, de Chapecó, abriga no térreo uma galeria comercial, além de apartamentos nos andares superiores (ver Figura 62).

Figura 62: Cine Astral em funcionamento e sua edificação em 2019.



Fontes: Tomazelli (2016); Street View (2019b).

O Cine Luz, de Caçador, teve seu espaço transformado em uma loja de móveis e eletrodomésticos (ver Figura 63).

⁷⁹ MAZZOCO, Luiz Alberto. Entrevista concedida via Facebook Messenger à Luís Eduardo Candeia. Concórdia, 10 jan. 2022.

Figura 63: Cine Luz na década de 1970 e sua edificação em 2022.



Fontes: Thiesen (2020); Street View (2022A).

A edificação do Cine América, de Tangará, tornou-se uma livraria, e também possui apartamentos nos andares superiores (ver Figura 64).

Figura 64: Cine América em funcionamento e sua edificação em 2019.



Fontes: Martelli (2019); Street View (2019a).

O Cine Avenida, de Joaçaba, atualmente é uma loja de móveis e eletrodomésticos (ver Figura 65).

Figura 65: Cine avenida em funcionamento e sua edificação em 2022.



Fontes: Pereira (2013); Street View (2022C).

O Cine Vitória, da mesma cidade, também recebe uma loja de móveis e eletrodomésticos, um templo religioso, e uma escola de artes marciais, tamanhas suas dimensões (ver Figura 66).

Figura 66: Cine Vitória em funcionamento e sua edificação em 2012.



Fontes: Queiroz, Ouriques e Marcos (1967); Street View (2012A).

A edificação do Cine Luz, de Xanxerê, abriga apartamentos no andar superior, salas comerciais e uma lanchonete no térreo (ver Figura 67).

Figura 67: Cine Luz em funcionamento e sua edificação em em 2019.



Fontes: Acervo Ivo Zolet; Street View (2019c).

O Cine Bandeirante, de São Lourenço do Oeste, foi transformado em uma sala comercial, onde funciona uma loja de móveis e eletrodomésticos, e em seus andares superiores, situam-se apartamentos (ver Figura 68).

Figura 68: Cine Bandeirante em funcionamento e sua edificação em 2012.



Fontes: Acervo Museu Lourenciano Comerciando Pedersetti; Street View (2012B)

O Cine Glória, de Capinzal, possui salas comerciais em suas instalações (ver Figura 69).

Figura 69: Cine Glória em construção e detalhe de sua edificação em 2022.



Fontes: Rádio Barriga Verde (2017); Street View (2022D).

O Cine Ideal, de Chapecó, teve sua sala convertida em uma loja de calçados (ver Figura 70).

Figura 70: Cine ideal em construção e sua edificação em funcionamento em em 2022.



Fontes: Thies (2016); Street View (2022B).

E por fim, o primeiro cinema aqui apresentado, o Cine Real, de Fraiburgo, é na contemporaneidade uma casa funerária (ver Figura 71), com uma sobreposição de funções que beira o humor ácido, a respeito do destino destes espaços de exibição.

Figura 71: Cine Real na segunda metade da década de 1970, e sua edificação em 2021.



Fontes: Modena (2021); Street View(2021).

4 ENREDOS COTIDIANOS: INTERAÇÕES ENTRE AS SALAS DE CINEMA E SEU CONTEXTO RURAL

O capítulo final desta produção se debruça sobre aspectos singulares expressos nos relatos coletados pela pesquisa, apresentando as particularidades manifestadas pelo diálogo entre as salas de cinema e seu contexto de inserção rural configurado pelas centralidades dos núcleos urbanos do Oeste Catarinense. Por conta desta distinta conjuntura, são observadas dinâmicas pouco comuns no campo da distribuição e da exibição cinematográfica. A análise da história oral evidencia informações relevantes quanto ao desenvolvimento da região em uma escala micro, porém repleta de importância para a compreensão do papel fundamental que as antigas salas de cinema prestaram nas cidades desta porção do Estado.

Portelli (1997) afirma que a história oral conta menos sobre eventos, e mais sobre significados, evidenciando acontecimentos desconhecidos, ou pontos de vista pouco explorados sobre os eventos conhecidos, além de figurar como uma ferramenta de expressão da perspectiva das classes não hegemônicas. O autor apenas adverte que as narrativas têm de passar por uma verificação factual. Aqui, a ordem é inversa, pois até então foram expostos os eventos cruciais para a formação do território estudado e suas salas de cinema, e as informações verbais coletadas e a seguir apresentadas trazem a comprovação dos fatos, ainda que a partir de outras perspectivas. Assim, este capítulo de fechamento busca concentrar histórias banais, para tecer, comprovar e completar o quadro geral de toda a trajetória discutida até o momento, desde a gênese até o fechar das portas das salas de cinema.

4.1 OS CAMINHOS DA SÉTIMA ARTE: MOVIMENTOS *DO E PARA* O CINEMA

O cinema é uma arte que tem sua operação dependente do território, suas infraestruturas e diferentes formas espaciais. Aqui, utilizaremos de tal informação para destacar e analisar os movimentos de ambulantes e das salas pela região, bem como as movimentações que a sétima arte gerou pelo território, e pelo globo, seja de equipamentos, filmes, proprietários ou espectadores. Ao funcionarem no Oeste Catarinense, as salas de cinema de rua acabaram por demarcar as movimentações possíveis e cotidianas durante trechos do século XX, momento em que o registro de informações, principalmente em relação às regiões mais afastadas como esta, era ainda precário.

Como visto anteriormente, as infraestruturas de transporte foram fundamentais para a expansão econômica e cultural do Oeste de Santa Catarina. De início, a partir da ferrovia, ambulantes adquirem acesso mais facilitado à região e apresentam a imagem em movimento à seus moradores, com base na integração territorial com as cidades e estados cortados pela via férrea. Trusz (2008) demonstra como estes exibidores foram fundamentais para a inserção do cinema no cotidiano urbano, e assim facilitarem a posterior fixação de salas. Em concordância, Freire (2022) apresenta em detalhe a história do fotógrafo Marc Ferrez, apontado como primeiro distribuidor de filmes do Brasil, e mostra que em seu catálogo, já em 1905, em um cenário de incipiente comercialização no ramo, constavam além das películas em si, também todo o equipamento para as sessões itinerantes, anunciando-os como essenciais para “montar uma empresa para exploração das cidades e centros do interior dos nossos estados” (Ferrez, 1905 apud Freire, 2022, p. 28). A exibição ambulante por meio dos cinematógrafos, bem como das lanternas mágicas e aparelhos de projeção do gênero, preparou o terreno para a expansão de salas de cinema em Santa Catarina e no Brasil.

Mais tarde, quando os cinemas se sedentarizam em espaços fixos, esta itinerância segue acontecendo, pois os proprietários dos empreendimentos realizavam exibições em cidades vizinhas, como é relatado por Wilson Petry, filho de Valentim Petry, dono do Cine Seara, da cidade homônima: [Valentim] “Atuava no interior dos atuais municípios de Seara, Arabutã, Concórdia, Ipumirim, Xavantina, Arvoredo, Itá e Paial, todos em Santa Catarina.”⁸⁰ Ressalta-se que dentre as sedes municipais citadas, a mais distante localiza-se a 45km de Seara. Esta prática torna-se comum, sendo relatada também em Nova Erechim por Jaime Franzon. O proprietário do cinema da cidade conta que ia para os municípios de Modelo, Serra Alta, Jardinópolis, Coronel Freitas, União do Oeste e Pinhalzinho, dentre as quais a mais distante é a sede de Coronel Freitas, a aproximadamente 46km. Este empresário afirma que anunciava a sessão com um alto-falante sobre seu carro, que era estacionado em locais altos e em direção à cidade, estratégia aplicada para que mais pessoas pudessem ouvir o comunicado (A Sua Voz, 2010), a qual repete-se de outras maneiras em diferentes salas, fato que será discutido na seção 4.2.

Por fim a atuação de ambulantes é destacada, dentre as entrevistas e

⁸⁰ FRANKE, Ciro; PETRY, Wilson. Entrevista concedida via e-mail à Luís Eduardo Candeia. Seara, 19 jan. 2022.

informações coletadas nas cidades de Anchieta⁸¹, Formosa do Sul⁸², Flor do Sertão, Iraceminha e Riqueza⁸³ além de Rio das Antas, onde conta-se que um exibidor visitava o distrito de Ipomeia: “Era uma Belina bege com a inscrição Cinerama na porta e o cara tinha um projetor e uma tela ele instalava num ambiente escuro e cobrava a entrada” (Bordignon, 2020). Estas exhibições itinerantes, inicialmente próximas às estações férreas e mais tarde no interior dos municípios, foram capazes de alastrar a magia da imagem em movimento para populações bastante simples, de hábitos camponeses, as quais tinham difícil acesso até própria a energia elétrica. Aconteceu-se daí o quanto foram fundamentais para a expansão da visão de mundo desta parcela de catarinenses, e quão ímpares eram estas experiências em âmbito cotidiano. A respeito deste tema, Trusz (2008, p.111) afirma:

A primeira década da história do cinema foi marcada [...] pelo caráter esporádico, temporário, descontínuo e fragmentado da exibição, traço que não se extinguiu imediatamente após a abertura das salas especializadas permanentes, já que os exibidores itinerantes continuaram ocupando teatros locais para suas temporadas.

Retornando à questão da via férrea, Ferraz (2014a) demonstra como as salas de cinema desenvolveram-se próximo às estações da chamada Leopoldina *Railway*, um conjunto de linhas que cruzava a zona de mesmo nome, na cidade do Rio de Janeiro, o qual foi administrado por uma companhia baseada em Londres a partir de 1898. O molde se repete na região estudada, pois, das 15 cidades do Oeste que se estabeleceram nas estações da ferrovia São Paulo Rio Grande durante seu funcionamento, 8 possuíam salas de cinema em seu perímetro. Em adição, é fundamental entender que Ipira, era cidade-gêmea de Piratuba, que possuía cinema, assim como Ouro em relação à Capinzal, e Herval do Oeste à Joaçaba. Assim, pode-se afirmar que das 15 somente 4, Calmon, Pinheiro Preto, Ibicaré e Lacerdópolis eram estações que não tinham acesso rápido à cinemas (ver Figura 72).

⁸¹ GRANELLA, Mariela Katia. Entrevista concedida via WhatsApp à Luís Eduardo Candeia, Anchieta, 2016.

⁸² FRIGO, Daiane. Entrevista concedida via e-mail à Luís Eduardo Candeia. Formosa do Sul, 12 set. 2016.

⁸³ POZZO, Renata Rogowski. Entrevista com moradores de Flor do Sertão, Iraceminha e Riqueza. Iraceminha, 2015.

Figura 72: Núcleos municipais do Oeste com Salas de Cinema ao longo da estrada de ferro .



ANA (2016); IBGE (2021c); IBGE (2011b); Brasil (2018). Elaborado pelo autor (2023).

O trem, então símbolo da velocidade, foi fundamental para a economia, para a integração e também para o cinema, por sua vez sinônimo de novidade, das máquinas e de uma forma inédita de entretenimento. Para além das exhibições itinerantes, as próprias películas começam a circular pelo espaço a partir da via férrea, entre as salas de cinema que começam se fixar pelo Oeste Catarinense.

A estreita relação entre o trem e o cinema não é exceção de Santa Catarina, e nem mesmo do Brasil, sendo também expressa em Tepperman (2008), onde relata-se que filmes educacionais a respeito da agricultura circulavam por este meio de transporte na região de Ontário, no Canadá, durante a década de 1910. Ao longo do texto já citamos que o Cine Guarani, de Videira (2.2.2, ver página 59) possuía sua programação ligada aos horários de chegada do trem, de forma que se este atrasava, a própria sessão tinha de ser adiada. Em Tangará (3.2.3.3, ver página 120), também uma das estações, a ligação fica clara no relato de Matchelo Tadeu, que afirma “Meu Pai José Socha era chefe da estação de trem e era ele que recebia os rolos de filmes e entregava para o Pila (José Grassi)”⁸⁴. Ainda, Fátima Sonaglio descreve em entrevista o caminho das latas de filme saindo de São Paulo, até o Cine Estrela (inaugurado aproximadamente em 1957 e fechado aproximadamente em 1960), da cidade de Ponte Serrada:

⁸⁴ TADEU, Matchelo apud Martelli (2019).

“[...] elas [as fitas] vinham de São Paulo, vinham de Trem, de São Paulo até Joaçaba, aí Joaçaba, vinha o motorista do ônibus né, e trazia, entregava essas fitas pro Pai ali né, e a mesma coisa era feita na devolução, quando eles mandavam de volta. Então era tudo via Trem, porque não existia nenhuma linha de ônibus na época, que fazia esse caminho assim, tão distante né [...]. (Sonaglio, Fátima. Entrevista concedida via telefone à Luís Eduardo Candeia. Pinhalzinho, 28 abr. 2022.)

Fátima relata o extenso caminho percorrido pelas películas, não só ao longo da via férrea, mas também pelas rodovias que começam a ser estabelecidas na região. A utilização de transporte público é um procedimento recorrente de acordo com as entrevistas coletadas. São diversos exemplos como o de Ary Fiorini, um dos proprietários do Cine Odeon (inaugurado em 1974 e fechado em 1992), de Pinhalzinho, o qual afirma que os rolos de filmes vinham de ônibus, de Porto Alegre⁸⁵.

É desta cidade também que Velina Berwanger⁸⁶, de Itapiranga, conta que se originavam os filmes exibidos no Cine Teatro União (inaugurado em 1958 e fechado em 1978), enviados pela distribuidora Zaniratti, empreendimento de comercialização do ramo audiovisual existente até hoje⁸⁷. Também da capital gaúcha, eram os filmes exibidos no Cine Astral, de Chapecó (ver 3.2.3.5, na página 127), os quais demoravam cerca de quatro meses para sair do Rio Grande do Sul e chegar à esta cidade (Thies, 2016). Osmar Tomazelli detalha este processo:

Eu tinha um programador, Rodolfo Merchiona de Porto Alegre, ele contratava e me mandava à relação com o valor, se eu aprovasse, então, ele ia marcando de acordo com os dias das semanas e a disponibilidade dos filmes e já fazia os cartazes dos filmes e me enviava junto, ele já é falecido. [...] Eles cobravam porcentagem para passar os filmes. Os outros não, os outros eram valor único de aluguel, os filmes que chegavam em Chapecó, sempre vinham de Porto Alegre, porque as companhias eram de lá, Fox do Brasil, MGM, Columbia, entre outras. Ao todo eram umas sete distribuidoras, mas, eu não me lembro mais os nomes (Tomazelli, Osmar apud Thies, 2016, p.40)

Trusz (2008) ao discutir a distribuição e exibição em Porto Alegre, apresenta a relação desta com o Rio de Janeiro, de onde eram enviados os materiais necessários para as exibições no Sul. Assim, é provável que muitos dos filmes e equipamentos

⁸⁵ FIORINI, Ary. Entrevista concedida via telefone à Luís Eduardo Candeia. Chapecó, 04 fev. 2022.

⁸⁶ BERWANGER, Velina Tecla. Entrevista concedida via e-mail à Luís Eduardo Candeia, Itapiranga, 12 set. 2016.

⁸⁷ ZANIRATTI, Audiovisuais. Nossa história. Disponível em: <https://lojazaniratti.com.br/sobre/>. Acesso em 20 jul. 2023.

que alcançaram o Oeste de Santa Catarina fossem provenientes da então Capital Federal. Enquanto isso, em Itá, a conexão se dava com a capital paranaense: “Os filmes pertenciam a uma companhia de Curitiba/PR e eram alugados, vinham de ônibus dentro de uma lata, e o pagamento do aluguel seguia no retorno dentro das latas.”⁸⁸, e esta relação se repetia em Abelardo Luz: “[as películas] vinham de Curitiba, quando o ônibus não atrasava ou esquecia de entregar.” (Beghini, 2016). Esta movimentação não se resumia à modais terrestres, visto que Jorge Ortiz, sócio proprietário do Cine Cacique de São Miguel do Oeste, narra que seu cinema ficou por 15 dias sem novos filmes, por conta de uma enchente e nevasca em 1965, a qual impossibilitou embarcações de cruzarem o Rio Uruguai rumo ao Rio Grande do Sul (Ortiz, apud Ceccon, 2012).

Duas questões derivam das descrições acima: a primeira é a parca conexão, já mencionada anteriormente, que o Oeste possuía com o litoral catarinense e sua capital, visto que as redes eram estabelecidas entre as outras duas capitais da região Sul, e também com São Paulo. A conexão com Florianópolis só vai acontecer a partir da segunda metade do século XX, como discutido em 3.1.3 (página 92). O segundo assunto que chama atenção quanto à distribuição, é a elucidação de conexões urbanas macro, entre estes pequenos núcleos locais e grandes metrópoles, mas também conexões micro, como por exemplo a relação de São Miguel do Oeste com Guarujá do Sul e São José do Cedro, pois era da primeira que partiam os filmes para os outros dois núcleos menores^{89,90}, e de Luzerna com Campina da Alegria (Vargem Bonita), Fraiburgo e Tangará, pois estas cidades compartilhavam os rolos de filme⁹¹.

A demarcação de redes urbanas a partir das salas de cinema não se resume apenas ao movimento de ambulantes e de latas de filme, sendo também expressa pelo próprio público que, atraído pela sétima arte, saía de suas cidades ou vilarejos rumo às salas de cinema. É tanto o caso de espectadores de Iomerê, cidade vizinha de Videira, que se deslocavam cerca de 10km rumo ao Cine Guarani (Piccoli, 2014), de Volnei Signor, morador de Passo das Antas, um distrito de Abelardo Luz, de onde este ia a pé até o centro da cidade por 5km de estradas de chão rumo às sessões do

⁸⁸ HERMES, Jussara. Entrevista concedida via e-mail à Luís Eduardo Candeia. Itá, set. 2016.

⁸⁹ GRIMM, Nilda. Entrevista concedida via Facebook Messenger à Luís Eduardo Candeia. Guarujá do Sul, 16 jul. 2022.

⁹⁰ WILL, Fernando Júlio. Entrevista concedida via Facebook Messenger à Luís Eduardo Candeia. São José do Cedro, 02 fev. 2022.

⁹¹ KNOLSEISEN, Maria Cristina. Entrevista concedida via Facebook Messenger à Luís Eduardo Candeia. Luzerna, 01 fev. 2022.

Cinetur (Rainha FM, 2020), e de muitos dos espectadores do cinema de Nova Erechim, pois de acordo com seu proprietário, Jaime Franzon, “As pessoas do interior vinham de cavalo, de caminhão e a pé, com os lampiões” (A Sua Voz, 2010). Em consonância, Dirceu Suzin relata:

Mas o cinema aqui fez muito sucesso, teve umas épocas que o Ary Fiorini ele trazia filmes do Teixeirinha, nossa senhora! O pessoal vinha de caminhão do interior. Quando vinha Teixeirinha, Para Pedro, os filmes do José Mendes aqui, regional, sabe? Da cultura gaúcha né? (SUZIN, Dirceu. Entrevista concedida via telefone à Luís Eduardo Candeia. Pinhalzinho, 10 mai. 2022.)

O deslocamento entre as cidades, as novas estradas asfaltadas e a incipiente utilização de automóveis faziam com que o Oeste buscasse, à sua maneira, uma representação de um mundo moderno, conectado, cosmopolita. Pode ser por tal conceito, que algumas das primeiras experiências aconteceram em salões de hotéis, como em Tangará (3.2.3.3, na página 120), e Itá, onde o Cine Real funcionou por dois anos na hospedaria de Ermínio Mazzoco⁹². Além disso, Achylles Tomazelli, fundador dos cinemas de Chapecó, constrói em 1946, mesmo ano de inauguração do primeiro Cine Ideal, e ao lado desta sala de cinema, o Hotel Ideal, o primeiro em alvenaria da cidade (Thies, 2016). Em Ponte Serrada Arcelino Sonaglio, proprietário do Cine Estrela, compra tanto o hotel, quanto a rodoviária, denotando o forte vínculo entre as redes de transporte, o cosmopolitismo e a sétima arte. Fátima Sonaglio, filha de Arcelino, ainda afirma que seu pai adquire, anos mais tarde, mais um hotel na cidade de Chapecó⁹³.

Ainda, conexões regionais entre o Planalto Serrano, o Norte e o Oeste de Santa Catarina são elucidadas de outras duas maneiras distintas, a partir da exibição cinematográfica, pois é na cidade de Lages, no Planalto, que nasce a Rede Arco-íris de Cinema (inicialmente denominada Empresa Meridional de Cinemas, e na contemporaneidade, Arcoplex Cinemas), citada diversas vezes no presente texto, que passa a adquirir salas de cinema de rua, principalmente nas décadas de 1970 e 1980. Dentre nossas pesquisas, este foi o caso do Cine Guarani, de Videira⁹⁴, do Cine

⁹² HERMES, Jussara. Entrevista concedida via e-mail à Luís Eduardo Candeia. Itá, set. 2016.

⁹³ SONAGLIO, Fátima. Entrevista concedida via telefone à Luís Eduardo Candeia. Pinhalzinho, 28 abr. 2022.

⁹⁴ CINE GUARANI, Resumo da empresa. Transparência.cc. Disponível em: <https://transparencia.cc/dados/cnpj/82642067001328-SC-empresa-meridional-de-cinemas-ltda/>. Acesso em 20 jun. 2023.

Império, de Concórdia⁹⁵, do Cine Luz, de Caçador⁹⁶, do Cine Vitória, de Joaçaba (Pereira, 2013), do Cine Alegria, de Vargem Bonita e do Cine Real, de Fraiburgo⁹⁷. Simis (2017) discute este processo em cenário nacional, afirmando que as redes de exibição e distribuição se formam, tirando proveito da exclusividade na exibição de certos títulos, o que acaba por prejudicar exibidores independentes, e assim, estes circuitos passam a arrendar suas salas de cinema.

Já a ligação do Oeste com o Norte Catarinense se dá a partir do mobiliário das salas de cinema estabelecidas na região estudada, mais especificamente, as poltronas fabricadas pela Móveis Cimo S.A., fundada na cidade de Rio Negrinho, em 1921. O negócio se desenvolveu com base no beneficiamento de madeira próximo à Estrada de Ferro São Paulo Rio Grande, de forma que esta empresa forneceu cadeiras especiais para cinema para diversas cidades de Santa Catarina e do Brasil, também por conta da integração férrea (Silva, 2021). Em diversas fotografias internas encontradas, podem ser identificadas as poltronas da companhia (ver Figura 73 e Figura 74).

Figura 73: Interior do Cine Guarani, de Videira.



Fonte: Videira de Antigamente (2016).

Figura 74: Interior do Cine Alvorada, de São José do Cedro.



Fonte: Rigotti (2018).

A região aqui estudada tem sido palco de integração entre Estados, objeto de especulação imobiliária, e espaço difusão e conflito cultural desde o final do século XIX. Invariavelmente, estes temas influenciaram a instalação de salas de cinema, e

⁹⁵ KUSSLER, Raul. Entrevista concedida via e-mail à Luís Eduardo Candeia. Concórdia, 02 mar. 2018.

⁹⁶ CINE LUZ – EMPRESA MERIDIONAL DE CINEMAS LTDA. Cadastro Empresa. Disponível em: <https://cadastroempresa.com.br/cnpj/82.642.067/0012-47-cine-luz-empresa-meridional-de-cinemas-ltda>. Acesso em 20 jul. 2023.

⁹⁷ MIGUEL, Altino Luiz. Entrevista concedida via e-mail à Luís Eduardo Candeia, Fraiburgo, 02 maio 2018.

ficam evidentes quando se lança a luz às questões étnicas e de imigração. Há, no Oeste de Santa Catarina, experiências de colonização com precisas demarcações de nacionalidade, como é o caso da colônia Porto Novo, atual cidade de Itapiranga. Era popularmente conhecida como *Volkverein für deutschen Katholiken* (Sociedade popular para os católicos de língua alemã), e foi estruturada pelos padres da Companhia de Jesus em 1912, como resposta ao aumento demográfico das colônias alemãs do Rio Grande do Sul (Piazza, 1994). A origem e a religião dos moradores de Itapiranga permaneceram como fortes traços culturais ao longo do tempo, e a segregação entre diferentes grupos é demarcada também quando são analisados os relatos referentes à sétima arte na cidade. Velina Tecla Berwanger, em entrevista, conta:

Em Itapiranga por volta de 1958 havia rumores da vinda de protestantes com o intuito de instalar uma casa de cinema. O *perigo* [grifo nosso] foi afastado pela iniciativa dos associados do Clube Sete de Setembro, cujo presidente na época era Lauro Giehl, que se anteciparam e no mesmo ano adquiriram um projetor de Filmes em 16 mm de marca TERTA SOUND (TCHECO) da MESBLA de Porto Alegre/RS. (BERWANGER. Velina Tecla. Entrevista concedida via e-mail à Luís Eduardo Candeia, Itapiranga, 12 set. 2016).

A forte influência do catolicismo na comunidade é destacada em outros momentos da entrevista, quando Velina⁹⁸ comenta “Em terras Itapiranguenses os primeiros sintomas de rebeldia dos leigos contra normas da Santa Madre Igreja surgiram no Clube Sete de Setembro quando eram exibidos alguns filmes classificados como “de pouco pudor.””. Este relato é bastante rico, sendo possível a discussão da já mencionada conexão da região com a capital gaúcha, Porto Alegre, mas levantando principalmente a questão da manutenção da forte religiosidade e etnicidade que se tenta preservar nesta comunidade católica com costumes alemães, de forma que a simples possibilidade de instalação de uma sala de cinema por parte de praticantes do protestantismo é vista como uma ameaça. O nacionalismo também é percebido em colônias de majoritários descendentes de italianos. Em entrevista, Cícero Machado, de Lebon Régis, conta:

Oly Peretto era um apaixonado por cinema. Ele ia a Curitiba e trazia alguns bons filmes na época, como Sissi a Imperatriz, Dr. Jivago, Dez Mandamentos e algumas outras grandes produções da época. Mas o forte do público dele

⁹⁸ BERWANGER. Velina Tecla. Entrevista concedida via e-mail à Luís Eduardo Candeia, Itapiranga, 12 set. 2016.

eram os faroestes. Django, A Sombra de um Colete, Dólar Furado e outras produções italianas da época, Antony Di Stefano, Juliano Gema, John Wayne e outros Cowboys da época. (MACHADO, Cícero. Entrevista concedida via Facebook Messenger à Luís Eduardo Candeia, Lebon Régis: 02 fev. 2022.)

A predileção do público por filmes com a temática *Western* será explorada de maneira mais profunda na seção 4.2, onde discutiremos o conteúdo exibido nestas salas. Em Chapecó, Enor Tomazelli conta também que era perceptível a preferência por películas produzidas na Itália, e relaciona este fato ao alto número de descendentes de imigrantes deste país na cidade (Thies, 2016). Tanto em relatos sobre o Cinetur, de Abelardo Luz (Rainha FM, 2020), e na narrativa abaixo, sobre o Cine Luz, de Xanxerê, a película italiana “Dio, come ti amo!”, de 1966 aparece em destaque:

“Lá, filmes italianos, como “Dio Come Ti Amo”, com Gigliola Cinquetti e vários de Elvis Presley, como “Seresteiro de Acapulco”, animavam as sessões do fim de semana. Sem contar os Westerns, que arrancavam sapateadas sincronizadas dos mocinhos e mocinhas para imitar a cavalgada dos cavalos” (Fabita, 2008).

Por sua vez, o protagonismo de descendentes de alemães na instalação de salas de cinema é explorado por Müller (2022), de forma que a autora destaca a notável quantidade de espaços de exibição no Vale do Itajaí, região à leste do Estado de Santa Catarina, a qual expressa até hoje a predominância da cultura germânica. Dentre os donos de cinemas do Vale, destaca-se para a pesquisa aqui apresentada a trajetória de Eduardo Dellatorre, que possuiu o primeiro cinema em sala fixa de Tangará, colônia majoritariamente ítala, o Cine Ideal, o qual funcionou a partir de 1946, sendo consumido por um incêndio em 1948 (Martelli, 2019). Anos mais tarde, em 1967, Dellatorre abre seu primeiro cinema em Balneário Camboriú, o Cinerama, com 1200 lugares, e segue empreendendo no ramo, inaugurando em 1973 o Auto Cine, um cinema *drive-in* com 350 vagas. Por fim, estabelece em 1984 o Cine Itália (Müller, 2022). Salienta-se aqui a nomenclatura da última sala, remetendo também à descendência de seu proprietário.

A migração, tanto de outros estados e países para Santa Catarina e também intraestadual, está demarcada nas histórias de cinemas, como a de Dellatorre. É frequente nos relatos o movimento de colonos do Rio Grande do Sul rumo ao Oeste de Santa Catarina, como explorado em 2.1.2 (página 51), e estes normalmente figuram como proprietários e funcionários das salas. Deste modo, por conta do

volumoso conteúdo quanto à origem dos personagens atrelados aos cinemas, foi produzida a tabela contida no Apêndice A, apresentando as redes estabelecidas entre cada uma das salas e as diferentes cidades, seja por meio da distribuição, da propriedade ou da operação das salas, sumarizando o conteúdo a respeito da movimentação, expresso por esta subseção.

4.2 *FRAMES* DO COTIDIANO: DIALÉTICA ENTRE A RURALIDADE E A MODERNIDADE

O estabelecimento de salas de cinema na região aqui estudada foi responsável por interessantes dinâmicas simbióticas entre a ruralidade e a modernidade. Ícones de um novo mundo cosmopolita implantados no centro de vilas campestres, e uma das poucas, quando não a única opção de lazer, atuavam como locais fundamentais para o cotidiano destas pequenas cidades, e, como tais, absorveram hábitos e costumes de seus espectadores. Desta relação surge a discussão apresentada neste capítulo, buscando elucidar como se deu a dialética entre estes elementos aparentemente tão díspares.

A formação do território ocidental de Santa Catarina resultou em pequenas cidades, normalmente demarcadas etnicamente devido à colonização, e com sua economia e costumes fortemente atrelados à agricultura. O emblemático caso do Cine Farroupilha de Capinzal, apresentado na seção 2.2.1 (página 55), onde aves para o abate eram criadas no porão do cinema, é um dos principais exemplos da relação entre o mundo rural e a sétima arte, mas está longe de ser o único. Relatos do primeiro contato destes espectadores campestres à nova tecnologia são frequentes, como na primeira sessão de Chapecó, onde havia cenas de chuva e o público, ao concluir que realmente estava chovendo, saiu da sala para cobrir seus cavalos (Florêncio, 2015).

De maneira semelhante, Sonia Bossa conta sua experiência no Cine Central, de Luzerna: “meu primeiro filme, era uma criança, assisti um filme com muitos aviões, acho que era filme de guerra, e cada um que passava na tela, eu abaixava na poltrona. Fui assistir com minha tia ... nunca esqueci desse dia”⁹⁹. Por sua vez, Ilga Bartz afirma “lembro como se fosse hoje que passou um filme acho que foi Tarzan, e Nelson fugiu

⁹⁹ BOSSA, Sônia. Comentário na publicação de HOFFELDER, Danilo. Luzerna: 12 maio 2020. Disponível em: facebook.com/danilo.hoffelder/posts/pfbid025FmWogx2P69c5i6aeLkQeSCjT9Ny9dtNKzxjJpv8TNokPyfgKR8dqGBP58S9VdERI. Acesso em 22 jun. 2023.

para casa e se escondeu embaixo da cama de medo do leão”¹⁰⁰. Por fim, Pedro Penteado do Prado relata que era uma criança quando de seu primeiro contato com o cinema:

Afastei uma cortina pesada e sentei na última cadeira (de assento de palha) para ver o filme - coisa que eu nunca tinha visto nada igual! Não fiquei muito tempo lá dentro. Era filme de índios e cowboys, correria de cavalos, muitos tiros, etc. Num repente apareceu um trem vindo na minha direção e eu criança, me assustei com medo de ele me acertar! Disparei porta a fora [...]. (PRADO, Pedro Penteado do. Entrevista concedida via Facebook Messenger à Luís Eduardo Candeia, Lebon Régis: 15 jan. 2022.)

Aufere-se das informações acima o quanto o cinema era capaz de deslumbrar, ao ponto de assustar este público, ao proporcionar experiências tão ímpares em sua realidade, e curiosamente reações tão próximas às vistas nas primeiras projeções dos Lumière na França. Porém, não demora até que estes novos equipamentos de lazer urbano passem a ser incorporados no cotidiano.

São frequentes as narrativas quanto à movimentação, geralmente noturna, proporcionada por estes espaços. Adair Benini descreve o roteiro traçado em Maravilha durante a década de 1970: “Quando a missa terminava, todos iam assistir aos filmes no cinema. Não tinha televisão. Então, isso era um divertimento. O filme terminava por volta das 22h30. Depois, as pessoas iam para os bailes na região”¹⁰¹. Em São José do Cedro, as atividades noturnas eram concentradas em uma única edificação: “como esquecer das sessões de Sábados e Domingos que seus términos eram aguardados para que se iniciasse uma outra sessão na famosa e inesquecível Boate A Ladeira que funcionava embaixo do Cinema.”¹⁰². O Cine Alvorada era de grande importância nesta cidade, de maneira que “Nos Domingos a noite o Preto Foppa (Darci) organizava uma fila que sai da rodoviária até o cinema. Todo mundo

¹⁰⁰ BARTZ, Ilga; Bartz, Dorli. Entrevista concedida via Instagram à Luís Eduardo Candeia. São Leopoldo, RS, 10 fev. 2022.

¹⁰¹ BENINI, Adair. Entrevista concedida à PREFEITURA DE MARAVILHA. Cinema. Maravilha, 31 mar. 2013. Disponível em: <https://www.maravilha.sc.gov.br/cms/pagina/ver/codMapaltem/3637>. Acesso em 03 fev. 2022.

¹⁰² WILL, Decio. Comentário na publicação de RIGOTTI, Paulo. Memórias de São José do Cedro SC – Fotos Antigas. São José do Cedro: 02 abr. 2020. Disponível em: <https://www.facebook.com/paulo.rigotti.7/videos/1832213336841044/?idorvanity=235844606563874>. Acesso em 23 jun. 2023.

cantando e saracoteando.”¹⁰³, por fim, Maria Ethel Kasper¹⁰⁴ conta sua experiência nesta sala:

[...] O cinema era uma das nossas diversões, não faltávamos nem com chuva, ruas sem calçamento, inicialmente até a energia elétrica era desligada quando o filme acabava, então usávamos lanterna para iluminar o caminho até em casa. Mas éramos felizes e não sabíamos...

Os relatos indicam o quanto as salas de exibição eram populares e fundamentais para as diferentes cidades que as abrigavam. Dirceu Suzin, entrevistado da cidade de Pinhalzinho, resume muito bem a questão na seguinte frase: “o cinema aqui, não era uma questão de cultura, era uma questão de hábito.”¹⁰⁵. Sendo uma das poucas opções de entretenimento, a ida ao cinema extrapola o interesse pelo conteúdo projetado em tela, e transforma as salas em pontos luminosos de sociabilidade cotidiana.

José Henrique Dal Cortivo, sócio proprietário do Cine Effectus de São Miguel do Oeste assevera “Quando trabalhei no cinema eu aprendi, que a atração na época não era a película, o filme, e sim o cinema, porque não tinha muita opção de lazer” (Ceccon, 2012). Assim, a dinâmica de funcionamento destes espaços passa a interferir na própria dinâmica social dos núcleos. São frequentes os relatos sobre crianças e adolescentes realizando a troca de revistas em quadrinhos em frente ao cinema antes de cada uma das sessões¹⁰⁶. Sobre isso, Romeu Scirea Filho (2020), referindo-se ao Cine Luz, de Xanxerê, conta:

Nas matinês de domingo à tarde outro ritual acontecia, antes de entrar no cinema: Quase toda a “piaçada” comparecia com “gibis” debaixo do braço, para trocar os já lidos por outros. Os gibis da Ebal eram os mais valorizados, pela qualidade gráfica, pelos heróis e pelas histórias contadas. Às vezes um gibi da Ebal era trocado por dois ou três dos outros. As histórias em quadrinhos do Pato Donald & Tio Patinhas e família ainda eram difíceis de achar por aqui, mas logo começaram a circular. A maioria dos gibis eram

¹⁰³ CORÁ, Jair Luiz. Comentário na publicação de RIGOTTI, Paulo. Memórias de São José do Cedro SC – Fotos Antigas. São José do Cedro: 02 abr. 2020. Disponível em: <https://www.facebook.com/paulo.rigotti.7/videos/1832213336841044/?idortvanity=235844606563874>. Acesso em 23 jun. 2023.

¹⁰⁴ KASPER, Maria Ethel. Comentário na publicação de RIGOTTI, Paulo. Memórias de São José do Cedro SC – Fotos Antigas. São José do Cedro: 02 abr. 2020. Disponível em: <https://www.facebook.com/paulo.rigotti.7/videos/1832213336841044/?idortvanity=235844606563874>. Acesso em 13 jan. 2022.

¹⁰⁵ SUZIN, Dirceu. Entrevista concedida via telefone à Luís Eduardo Candeia. Pinhalzinho, 10 mai. 2022.

¹⁰⁶ VIDEIRA DE ANTIGAMENTE. Cine Guarani. Facebook. 31 mar. 2014. Disponível em: <https://www.facebook.com/VIDEIRAANTIGA/photos/699597840083023>. Acesso em 27 jul. 2022.

sobre mocinhos e bandidos, bang bang [...]¹⁰⁷.

Esta prática repete-se em Caçador, onde Paulo Roberto da Silva narra que eram trocados gibis antes da entrada no cinema¹⁰⁸, e em Chapecó, onde Antônio Herbes Hermes conta que a barganha acontecia em frente ao Cine Ideal. Hermes ainda relata que a ida ao cinema era tão importante na rotina, que durante a semana ele e seus amigos procuravam fazer alguma atividade remunerada, como entregar jornais, para conseguirem pagar por seus ingressos. A própria troca de histórias em quadrinhos envolvia, por vezes, trocas financeiras com esse fim (Thies, 2016). Reinaldo Assis Pelizzaro (2012, p. 102) conta que para conseguir dinheiro para as sessões do Cine Farroupilha, de Capinzal, fazia brinquedos para vender aos seus amigos, de acordo com o conteúdo do filme:

[...] se era de bang-bang, eu entrava sorrateiramente na marcenaria do Vovô Zortéa, exatamente quando ele dormia, após o almoço, ligava a serra fita e fabricava uma porção de revólveres de madeira, para vender para meus amigos... já, se o filme era de Tarzan, entrava no mato que tínhamos no fundo do terreno de nossa casa, e calmamente fazia alguns arcos e flechas, usando o barbante do correio da Tia Maria...[...].

Do relato extrai-se o quanto as histórias exibidas em tela foram capazes de influenciar o pensamento e expandir o olhar do público. A manifestação do conteúdo exibido em tela no cotidiano fica clara no relato de Beatriz Maria Pisani, da cidade de Tangará, que conta: “Como esquecer os seriados que passavam aos domingos depois do filme. Os cartazes eram lindos, minha Tia Dica Pisani guardou uma fotografia para fazer o vestido de 15 anos da filha Heloisa. Claro passou muito tempo e caiu da moda” (Pisani, apud Martelli, 2019). Enquanto isso, em Chapecó, foi por meio da tela do Cine Ideal que grande parte da população conheceu cenários marinhos, como afirma Enor Tomazelli (apud Thies, 2016, p. 43):

Quando você está assistindo um filme, ali tem a portaria, tem histórias, tem lugares, então, você começa a associar uma coisa à outra. Uma vez que passou um filme com transatlântico, a maioria não conhecia, não sabia como era, e pôde assistir na tela. Meu Deus! Como não afunda esse troço, muitos

¹⁰⁷ SCIREA FILHO, Romeu Scirea. Quirera Gourmet. Xanxerê: 30 abr. 2020. Disponível em: https://rondapolicia.net.br/noticia/quirera-gourmet-30-04-2020/?fb_comment_id=2967759529937864_2969031163144034. Acesso em 13 jan. 2022.

¹⁰⁸ SILVA, Paulo Roberto da. Comentário na publicação de Edel Isabel Thiesenn De Lemos. Caçador: 12 maio 2020. Disponível em: <https://www.facebook.com/groups/AntigoCacador/permalink/4123046897737996/>. Acesso em 23 jun. 2023.

diziam. Naquela época, o cinema foi a melhor coisa que aconteceu [...].

Afirma-se ainda que tanto nesta sala quanto em diversas outras aqui pesquisadas, as sessões eram iniciadas com a exibição de jornais, com notícias que, apesar de desatualizadas, possuíam seu valor educacional. Os cinemas configuram-se então não como apenas equipamentos de lazer, mas também de expansão cultural, influência nos costumes e popularização de ideias hegemônicas. Neste sentido, podem ser vistos como aparelhos privados de hegemonia, na visão de Gramsci, pois buscam implantar no imaginário popular, a partir do conteúdo em tela, novos ideais e modos de vida provenientes das camadas dominantes da sociedade (Moraes, 2010). Ao refletir sobre o impacto do Cine Pepperi, Velina Berwanger¹⁰⁹ afirma:

Em Itapiranga não é ousado afirmar que o cinema foi uma ameaça para alguns leigos puritanos da pequena cidade. Cada sessão de filme apresentava novas ideias e consequentemente, provocava uma quebra de paradigmas, revelando novas culturas que modificam o ambiente social, gerando oportunidades, desenvolvendo a cidadania e a economia local.

Como ambientes atratores de público, acabaram por reunir também ao seu redor, pontos comerciais, interessados nas possibilidades proporcionadas por este fluxo. Em Videira, em frente ao Cine Guarani, existia uma banca, onde Michal Bilous, apelidado de Russo, vendia doces e pipoca aos espectadores¹¹⁰. Em Luzerna, a edificação do Cine Central abrigava também um bar e uma loja, além da residência dos proprietários¹¹¹. Relata-se que também concentrava a função de rodoviária da cidade, e sorveteria (Hoffelder, 2019). Dirceu Suzin¹¹² conta que ao lado do Cine Odeon, de Pinhalzinho, existia uma lanchonete onde o público reunia-se antes da sessão:

[...] tinha o som, uma caixa de som, [...] e tinha uma música, que era a música de quando ia começar o filme. Toda vez tu largava ela... eu tenho na cabeça a canção, sabe? Em português. Porque do lado do Cinema, tinha uma lanchonete, que também é hoje uma loja de eletrodomésticos, [...]. Então o

¹⁰⁹ BERWANGER, Velina Tecla. Entrevista concedida via e-mail à Luís Eduardo Candeia, Itapiranga, 12 set. 2016.

¹¹⁰ VIDEIRA, Câmara Municipal de Vereadores de. Mesários Voluntários e Doadores de sangue e medula óssea serão isentos de taxa de inscrição em concurso. Videira: 29 mar. 2017. Disponível em: <https://www.camaravideira.sc.gov.br/imprensa/noticias/Noticias/98/2015/414774>. Acesso em 23 jun. 2023.

¹¹¹ KNOLSEISEN, Maria Cristina. Entrevista concedida via Facebook Messenger à Luís Eduardo Candeia, Luzerna, 01 fev. 2022.

¹¹² SUZIN, Dirceu. Entrevista concedida via telefone à Luís Eduardo Candeia, Pinhalzinho, 10 mai. 2022.

peçoal tava ali na lanchonete e tal, e quando dava a musiquinha... E era o local que o cara levava a namoradinha, pra se encontrar. Tinha muito namoro no cinema.

Desta forma, delinear-se dinâmicas simbióticas entre os espaços de exibição e comércios adjacentes. Ferraz (2012) apresenta práticas semelhantes na Barra da Tijuca, no Rio de Janeiro, afirmando que os cinemas se aliaram às atividades comerciais, ao mesmo tempo que estas se aproveitaram das possibilidades geradas pelos cinemas. À título de curiosidade, a música descrita por Dirceu no relato acima é “Puppet on a String” de Paul Mariat. A utilização de alto-falantes para atração de clientes se repete também em diversas salas, como no Cine Guarani, de Dionísio Cerqueira¹¹³, no Cine Guarujá, de Guarujá do Sul¹¹⁴, no Cine Guarani, de Lebon Régis¹¹⁵, no Cine Apolo, de Palmitos¹¹⁶, no Cine Real, de Itá, aonde era reproduzido o “Tema de Lara (*Lara’s Theme*)” do filme *Doutor Jivago*¹¹⁷, e no Cine Alvorada, de São José do Cedro, onde era reproduzida a música “Theme From Tchaikovsky’s First Piano Concerto” interpretada por Ray Conniff¹¹⁸, além dos já citados Cine América, de Tangará, Cine Odeon, de Pinhalzinho, e também no Cinema de Nova Erechim.

A sétima arte se enraizou com grande eficácia no cotidiano, de forma que até as poltronas passaram a possuir usuários fixos: “Eu e meus irmãos sentávamos sempre no mesmo lugar, segunda fila bem na frente. Meu pai também tinha seu lugar e como usava chapéu, colocou um prego na parede ao lado do assento para pendurá-lo”. (Serrano, apud Thies, 2016).

Ao longo do tempo, o encanto inicial com a novidade que era a imagem em movimento foi se perdendo, e o público passou a ver a sala de cinema como local de encontro e sociabilidade, além de ser um espaço escuro, permitindo certo anonimato. Desta característica, surgem tanto “transgressões” inofensivas, como as descritas por

¹¹³ ANDERLE, Naidés. Comentário na publicação de Celso Luiz Gasparotto. Dionísio Cerqueira: 30 mar. 2015. Disponível em: <https://www.facebook.com/photo.php?fbid=1024095690953970&set=a.992603120769894&type=3>. Acesso em 27 jul. 2023.

¹¹⁴ GRIMM, Nilda. Entrevista concedida via Facebook Messenger à Luís Eduardo Candeia. Guarujá do Sul: 16 jul. 2022.

¹¹⁵ MACHADO, Cícero. Entrevista concedida via Facebook Messenger à Luís Eduardo Candeia, Lebon Régis: 02 fev. 2022.

¹¹⁶ KRUGER, Marlene. Entrevista concedida via Facebook Messenger à Luís Eduardo Candeia. Palmitos: 04 fev. 2022.

¹¹⁷ HERMES, Jussara. Entrevista concedida via e-mail à Luís Eduardo Candeia. Itá: set. 2016.

¹¹⁸ RIGOTTI, Paulo. Memórias de São José do Cedro SC – Fotos Antigas. São José do Cedro: 02 abr. 2020. Disponível em: <https://www.facebook.com/paulo.rigotti.7/videos/1832213336841044/?idorvanity=235844606563874>. Acesso em 13 jan. 2022.

Scirea Filho, de Xanxerê: “O Cine Luz vivia lotado e também era o melhor ponto de encontro da cidade para futuros namoradinhos. Uma das “taras” dos casaizinhos era só pegar na mão da menina quando apagava a luz e começavam os trailers”, quanto transgressões prejudiciais, como as descritas por Osmar Tomazelli: “Existia pessoas de todos os tipos, alguns, chegaram a cuspir nas pessoas, outros jogavam ovos, além da bagunça com as balas da bombonieri e pipocas”. Osmar ainda afirma que as poltronas estofadas do Cine Astral, de Chapecó, foram cortadas com navalhas (Tomazelli, apud Thies, 2016).

As próprias salas de cinema, principalmente quando da gênese da atividade, possuíam instalações simples, longe do que vêm a se tornar os Cine Palácios, atrelados à imagem mais difundida de cinema pelo país. O Cine Imperial de Joaçaba, por exemplo, era conhecido como Pulgueiro do Bruno de acordo com Pereira (2013), devido às infestações frequentes do animal. O 2º Cine Ideal, de Chapecó, também sofre com este inseto, no ano de 1965, onde relata-se que gatos infestados se escondiam atrás da tela de projeção. As modestas instalações deste cinema refletiam também em falta de segurança para os funcionários, Amarildo Gasparin narra que foi eletrocutado enquanto fazia a limpeza da máquina de projeção durante sua adolescência (Gasparin, apud Thies, 2016).

A baixa qualidade do espaço físico dos primeiros cinemas era frequente, como relata Altino Luiz Miguel, sobre o Cine Alegria, uma sala de cinema edificada em Campina da Alegria, uma vila operária pertencente à indústria Celulose Irani: “como havia dificuldade das telhas naquela época, a empresa do papel liberou tonéis metálicos para serem abertos, endireitados e servia como cobertura do cinema, quando chovia fazia muito barulho[...]”¹¹⁹. Tanto em Nova Erechim (A Sua Voz, 2010) quanto em Ponte Serrada¹²⁰, relata-se que a tela era improvisada, com panos ou lençóis brancos, evidenciando desta forma também os moldes pouco sofisticados com os quais o cinema chega à região. Em Maravilha, as fitas do Cine Avenida eram levadas da rodoviária à sala de cinema por Silvio Mattos, que as carregava em um carrinho de mão, em troca de ingressos¹²¹. Enquanto isso, a sala de madeira era

¹¹⁹ MIGUEL, Altino Luiz. Entrevista concedida via e-mail à Luís Eduardo Candeia. Fraiburgo: 02 maio 2018.

¹²⁰ SONAGLIO, Fátima. Entrevista concedida via telefone à Luís Eduardo Candeia. Pinhalzinho, 28 abr. 2022.

¹²¹ MATTOS, Silvio. Comentário na publicação de Câmara de Vereadores de Maravilha. Maravilha: 25 jun. 2020. Disponível em:

habitada por morcegos, e suas cadeiras eram de palha (Prefeitura de Maravilha, 2013). Antes das poltronas da supracitada Móveis Cimo tomarem as salas de cinema, as cadeiras de palha eram comuns nestes espaços. Dentre os relatos coletados, é o caso tanto de Maravilha, quanto de Lebon Régis¹²², Cunha Porã¹²³, Palmitos¹²⁴ e São Miguel do Oeste (Ceccon, 2012). Entende-se daí as transformações pelas quais o cinema passa para adequar-se ao contexto ruralizado do Oeste Catarinense em sua gênese, entre as décadas de 1920-1940.

Em muitas das cidades em que vem a se fixar, a exibição cinematográfica inicia-se em clubes recreativos ou salões de baile, utilizando-se dos vãos proporcionados por estes espaços para a disposição de cadeiras em frente à telas improvisadas. Mais tarde, quando os cinemas são edificadas e a atividade fixada, frequentemente compartilham seu auditório para a realização de shows, concursos, teatros, cerimônias inaugurais e formaturas. Como exemplo, temos o caso de João Carlos da Silva¹²⁵, espectador que afirma ter presenciado um show de Teixeirinha e Mary Terezinha no Cine Royal, de Faxinal dos Guedes. Este cantor, ator e cineasta é frequentemente citado nos relatos coletados, em conjunto com o também popular Amácio Mazzaropi.

Sejam em salas de madeira, ou nas mais ornamentadas em alvenaria, a predileção por conteúdo do cinema popular se repete. Ary Fiorini, um dos proprietários do Cine Odeon de Pinhalzinho afirma que os filmes de maior público eram Teixeirinha e Mazzaropi¹²⁶, e em consonância, Maria Helena Tomazelli conta que quando da exibição de películas destes personagens, a fila para o 2º Cine Ideal de Chapecó se estendia até a outra quadra, e que todos eram recebidos, de forma que os espectadores sentavam no chão ou ficavam em pé (Thies, 2016). Adair Benini, de Maravilha corrobora com estes relatos, afirmando que: “Mazzaropi, Tônico e Tinoco,

<https://www.facebook.com/camaramaravilha/photos/a.405679622930136/1453189724845782/?type=3>. Acesso em 27 jun. 2023.

¹²² PRADO, Pedro Penteado do. Entrevista concedida via Facebook Messenger à Luís Eduardo Candeia, Lebon Régis: 15 jan. 2022

¹²³ Bartz, Dorli. Entrevista concedida via Instagram à Luís Eduardo Candeia. São Leopoldo, RS, 10 fev. 2022.

¹²⁴ KRUGER, Marlene. Entrevista concedida via Facebook Messenger à Luís Eduardo Candeia. Palmitos: 04 fev. 2022.

¹²⁵ SILVA, João Carlos da. Esse casarão da foto [...]. Faxinal dos Guedes: 10 nov. 2021. Disponível em:

<https://www.facebook.com/joaocarlos.dasilva.3152/posts/pfbid0Ydo9gYvk7SjNBPzmU7qCR5ujF2GprPEgNkkbwNinz1sDewK7rg9erJ8WjZtCgk5RI>. Acesso em 27 jun. 2023.

¹²⁶ FIORINI, Ary. Entrevista concedida via telefone à Luís Eduardo Candeia. Chapecó: 04 fev. 2022.

Spartacus, Teixeira e o faroeste eram filmes que lotavam a sala de cinema”¹²⁷. A boa recepção de películas de Mazzaropi pode ter sido provocada pelo sentimento de empatia com o conteúdo visto em tela. Abreu (1981) afirma que:

A platéia dos filmes de Mazzaropi é formada pelo contingente que migrou do campo para as cidades. A sua trajetória, nos anos 50 e 60, coincide com o processo de desenvolvimento urbano: modernização, industrialização, crescimento econômico. Este processo tinha como invólucro o chamado desenvolvimentismo – chamada ideológica que significava queimar etapas para construir uma sociedade industrial “desenvolvida”. O que significava também, negar o atraso. Tratar tudo o que tivesse aura de atrasado como algo a ser rejeitado. Neste contexto o rural surge como imagem do atrasado. Mazzaropi vem preencher este espaço: representar para as novas massas urbanas o conservadorismo.

Assim, este personagem camponês abriu espaço e conquistou grande público no Oeste Catarinense por conta de sua representatividade, sendo um caipira muito similar aos que o assistiam na região, retratando valores antigos, conservadores e enraizados na cultura católica, de pecado e mudança (Abreu, 1981). Além disso, o próprio sobrenome e descendência do ator e cineasta atinge diretamente a grande população de filhos e netos de italianos radicados no território estudado, os quais buscavam de diversas maneiras a manutenção de seus costumes e traços culturais de seus ancestrais.

Seja pela caracterização do comportamento do morador do campo no novo contexto moderno que se conforma nas cidades, pela sua constituição ética e moral pautada na religião, ou até a similitude proporcionada por raízes europeias, Mazzaropi consegue conquistar a maior parte do público do interior, resultando em salas lotadas e recordes de bilheteria, como indica Antônio Carlos Pereira¹²⁸, a respeito do Cine Vitória, de Joaçaba, de 1550 lugares (Pereira, 2013). Fato é que o processo de êxodo rural não é exclusividade desta região, e este é apontado por Abreu (1981) como um dos maiores motivos para o sucesso deste tipo de filme em todo o território nacional. Por sua vez, Monteiro (2013) demonstra que mesmo que exibidas nos grandes centros, como São Paulo, as sessões de Mazzaropi eram atendidas pelo público das classes operárias e de periferia, frequentemente migrantes do campo. O mesmo autor

¹²⁷ BENINI, Adair. Entrevista concedida à PREFEITURA DE MARAVILHA. Cinema. Maravilha, 31 mar. 2013. Disponível em: <https://www.maravilha.sc.gov.br/cms/pagina/ver/codMapaltem/3637>. Acesso em 03 fev. 2022.

¹²⁸ PEREIRA, Antônio Carlos. “Cineclube Miguel Russowsky”. Facebook: 26 ago. 2018. Disponível em: <https://www.facebook.com/photo.php?fbid=10212861100984849&set=a.10212860280604340&type=3>. Acesso em 11 abr. 2023.

também identifica o paralelismo temporal entre o aumento da população urbana e a diminuição da rural, com os anos de ascensão e maior sucesso do ator e cineasta.

O gênero *Western* ou Faroeste também é bastante citado nas narrativas, Velina Berwanger afirma: “[...] os gêneros, que atraíam mais público, eram os filmes “Faroeste”, as séries “Mazzaropi”, “Sissi” de Romi Schneider e os de cunho religioso. Os filmes de aventuras e caçadas “Safári” e os religiosos sempre eram bem aceitos.”¹²⁹. Para além da produção nacional, foram diversas as películas estrangeiras exibidas nestas salas. Tomando como fonte anúncios do Cine Luz¹³⁰, da cidade de Caçador, durante o fim da década de 1940, encontramos exhibições de filmes estadunidenses¹³¹, italianos¹³², britânicos¹³³, uma película alemã¹³⁴, uma mexicana¹³⁵ e uma austríaca¹³⁶. A partir da análise do conteúdo, percebe-se que grande parte das produções anunciadas pelo jornal, eram norte-americanas. Isto se deve ao fato de que a distribuição estadunidense monopoliza a importação de filmes a partir do fim da Primeira Guerra Mundial, criando dificuldades para a produção nacional e sua distribuição, que se estendem até pelo menos os anos 1950 (Simis, 2017). Como resposta a este movimento, Vargas toma medidas a partir de 1932, que vêm a eclodir na obrigatoriedade da exibição de produções nacionais nas salas de cinema, conhecida popularmente como Cota de Tela. Logo, é provável que no Cine Luz existiram exhibições de películas nacionais, apesar de estas não terem sido anunciadas no jornal (Simis, 2009).

Outro aspecto sobre o qual a indústria americana interferiu no país foi a reprodução das salas, bem como de seu conteúdo, por meio da popularização do formato 16 mm, criado pela *Eastman Kodak Company*. Daronco (2017) demonstra como a filmagem e projeção de filmes nesta milimetragem foi fundamental para o cineclubismo na cidade de Porto Alegre, ao ser mais acessível financeiramente e de

¹²⁹ BERWANGER. Velina Tecla. Entrevista concedida via e-mail à Luís Eduardo Candeia, Itapiranga, 12 set. 2016.

¹³⁰ A Imprensa. Cine Luz. Edições do ano de 1949 disponíveis no Arquivo Público de Caçador; LEMOS, Daniel. Entrevista concedida via WhatsApp à Luís Eduardo Candeia. Caçador: 14 set. 2022.

¹³¹ O Exilado (1947); Do Lodo Brotou uma Flor (1947); Um Sonho e uma Canção (1946); O Máscara de Ferro (1939); Geronimo (1939); Covardia (1947); O Ovo e Eu (1947); Singapura (1947); Em Cada Coração um Pecado (1942); Espelho d’Alma (1946); Sempre Te Amei (1946); Sua Única Saída (1947); Prisioneiro do Passado (1947); Fantasia Mexicana (1945); Escrava Sedutora (1947), e Calcutá (1947).

¹³² Sublime Recordação (1945); O Delito (1947); O Bandido (1946) e Roma, Cidade Aberta (1945).

¹³³ O Condenado (1947); Os Irmãos (1947); Grandes Esperanças (1946) e Neste Mundo e no Outro (1946).

¹³⁴ Noite de Baile (1939).

¹³⁵ Selva de Fogo (1945).

¹³⁶ Encantos de La Boheme (1937).

mais fácil manuseio que os então profissionais 35 mm.

No Oeste Catarinense, estas características representaram uma maior viabilidade no estabelecimento de salas de cinema. Jaime Franzon, de Nova Erechim, conta que os filmes encomendados da capital gaúcha eram de 16 mm (*A Sua Voz*, 2010). A projeção neste padrão repete-se, pelo menos, no 2º Cine América, de Tangará (Martelli, 2019); no Cine Central, de Luzerna¹³⁷, no 1º Cine Alegria de Vargem Bonita, e no Cine Real, de Fraiburgo¹³⁸, no Cine Farroupilha, de Capinzal (Santos, 2010), no Cine Teatro União, de Itapiranga¹³⁹ e no 1º Cine Seara, onde o projetor era um RCA Victor 400, posteriormente substituído por um nacional, da Indústria de Equipamentos Cinematográficos (IEC)¹⁴⁰.

Finalmente, julgamos interessante tecer uma breve reflexão a respeito da nomenclatura destes espaços de exibição, devido à percepção de que muitos dos nomes trazem consigo diversos significados e intenções. Frequentemente, as salas eram batizadas de acordo com a ideia almejada de novidade, tecnologia, e adequação à modernidade, em contraste aos centros das pequenas cidades em que se inseriam, como é o caso dos Cines Rádio; Progresso; Central; Luz, que se repete duas vezes, Avenida, que se repete por quatro, e Ideal, por cinco. Em consonância com este tom de inovação, temos os Cines Aurora e Alvorada, alinhando-se ao sentido de um novo momento para a cidade, e os Cines Estrela, Astral e Apolo, os quais buscam no tema espacial, sua conexão com o moderno. O uso de terminologia proveniente da monarquia em busca de destaque também foi percebido, como nos Cines Imperial, Império, Imperador, Royal e Real, utilizado em duas salas.

Para além das questões de um novo mundo globalizado e moderno, muitos cinemas tiveram seu nome atribuído com inspiração em movimentos marcantes na história da região, como os Cines Farroupilha e Bandeirante, o primeiro, referindo-se à Guerra dos Farrapos (1835-1845) e, o segundo, aos exploradores que cruzavam a região em busca de recursos. Destaca-se também o acentuado uso de termos indígenas, como nos Cines Guarujá, Tupi, Cacique, adotado por duas salas, e Guarani

¹³⁷ KNOLSEISEN, Maria Cristina. Entrevista concedida via Facebook Messenger à Luís Eduardo Candeia. Luzerna, 01 fev. 2022.

¹³⁸ MIGUEL, Altino Luiz. Entrevista concedida via e-mail à Luís Eduardo Candeia, Fraiburgo, 02 maio 2018.

¹³⁹ BERWANGER. Velina Tecla. Entrevista concedida via e-mail à Luís Eduardo Candeia, Itapiranga, 12 set. 2016.

¹⁴⁰ FRANKE, Ciro; PETRY, Wilson. Entrevista concedida via e-mail à Luís Eduardo Candeia. Seara, 19 jan. 2022.

ou Guarany, empregado em cinco estabelecimentos, testemunhando a forte presença de povos originários nesta porção do território, e também, possivelmente, a influência do movimento da Semana de Arte Moderna de 1922. Por fim, são diversos os espaços de exibição que recebem o nome das cidades em que foram estabelecidos. De maneira geral, seja por meio de símbolos da então vigente contemporaneidade, marcos da tecnologia ou acontecimentos históricos, as salas do Oeste procuram relacionar a conjuntura rural com a emergente modernidade, que se conformava em harmonia com a exibição cinematográfica.

O diálogo entre a arte urbana caracterizada pelo cinema, e o mundo rural no qual se insere proporcionou as diversas situações acima discutidas, desde reações de choque quando do primeiro contato, passando pela influência da sétima arte no cotidiano, seja pela sociabilidade ou pelas alterações nas dinâmicas econômicas e rotineiras das cidades, até chegarmos na influência do Oeste sobre as salas, com a simplicidade das instalações, o comportamento excepcional durante as sessões, e a preferência por películas que representavam este mesmo dia a dia rural.

4.3 DO FERVOR ECONÔMICO AO ARDER DAS CHAMAS: PARALELISMO ENTRE AS DINÂMICAS ECONÔMICAS E AS SALAS DE CINEMA

Como explorado ao longo do texto, as salas de cinema foram instrumentos capazes de demarcar as diferentes fases de urbanização das cidades. Inicialmente em galpões de madeira, quando o próprio núcleo assim se estabelecia. Mais tarde em modestas edificações em alvenaria, adequadas à atividade exibidora, mas ainda assim com certa precariedade, quando da incipiente industrialização, e, por fim, realizada em sua plenitude em grandes salões ornamentados, nas cidades onde a agroindústria se estabelece com maior intensidade.

A madeira, como foi visto, foi o principal produto de exploração a partir da construção da Estrada de Ferro São Paulo Rio Grande, era abundante nas florestas da região e assim, foi amplamente empregada na arquitetura das edificações locais. Com frequência, quando estes núcleos atingiam certa importância comercial, salas de cinema eram neles empregados. Exemplos emblemáticos são os do Cine Alegria, de Campina da Alegria, estabelecido em uma vila operária de uma indústria de papel, de forma similar ao próprio Cine Lumber, na madeireira de Farquhar, além dos cinemas de Chapecó, pertencentes à família Tomazelli, a qual, como já citado aqui, se desloca

para a cidade justamente para investir no ramo madeireiro (Thies, 2016). Ainda, temos o Cine Piratuba, idealizado por Leopoldo Ko Freitag, um dos primeiros colonizadores da então Vila Rio do Peixe (hoje Piratuba), onde este estabelece também sua empresa de beneficiamento de madeira (Piratuba, 2019).

Tangenciamos no subcapítulo 2.3.1 (página 69) que os proprietários das salas de cinema do Oeste configuraram-se como vetores da modernização do espaço, atuando na instalação de infraestruturas básicas, porém, a atuação destes personagens vai além, sendo frequentemente atrelada à inserção de outras inovações no cotidiano, com destaque à radiofusão (ver 3.2.1, na página 98). Para além deste exemplo, ressalta-se a atuação de Olímpio Vergett, proprietário da primeira sala de cinema de Caçador, que circulou pelas cidades de Faxinal dos Guedes e Lebon Régis na década de 1930, quando da conquista do voto feminino, com sua máquina fotográfica para produção dos títulos de eleitoras das mulheres locais¹⁴¹. Mais tarde, na década de 1980, as comunidades do interior de Lebon Régis, recebem exhibições itinerantes, proporcionadas por Oly Peretto, dono do Cine Guarani, que, na época, era candidato à prefeito da cidade. Cícero Machado¹⁴² conta:

No início de 80, Oli foi candidato a Prefeito de Lebon Regis e em seus comícios ele passava filmes com uma tela móvel e um motor estacionário. Aí já era o que os eleitores do interior gostavam, tipo Tropeiro Velho, Menino da Porteira, Cabocla Tereza e por aí a fora.

Novamente aqui, fica explícita a preferência por conteúdos rurais, pela população rural, aqui empregados para alcançar a afeição do público. A proximidade política com a sétima arte repete-se também em São Miguel do Oeste, onde Leolino Baldissera, sócio do Cine Cacique, foi também vereador por duas vezes, além de prefeito, por três. Durante seus mandatos, pavimentou as ruas da cidade, e instalou as redes elétrica e telefônica. Foi ainda sócio da Rádio Peperi, atual Rede Peperi de Comunicação, administradora do supracitado Cine Peperi, que é gerenciado na contemporaneidade por seu filho, Adilson Baldissera.

Também em São Miguel do Oeste, se dá a atuação de outro protagonista na história das salas de cinema da região. Jorge Ortiz foi um migrante, natural de

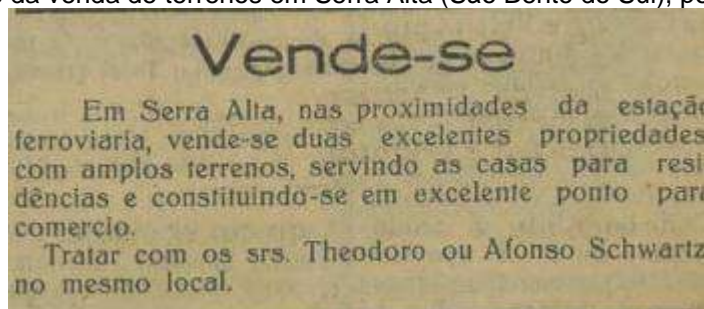
¹⁴¹ VERGETT, Presciliana Aires de Arruda. Entrevista concedida à Taiguara Marodim. Caçador, SC. 01 ago. 2016. Disponível em: <http://academialetras2014.blogspot.com/2016/08/episodios-historicos-de-cacador-i.html?q=cine>. Acesso em 11 out. 2021.

¹⁴² MACHADO, Cícero. Entrevista concedida via Facebook Messenger à Luís Eduardo Candeia, Lebon Régis: 02 fev. 2022.

Soledade no Rio Grande do Sul, o qual assumiu o Cine Cacique em 1955, que na época era de propriedade de Alcides Mariani (Martelli, 2019). Ortiz expande o negócio para outras cidades da região, ao distribuir filmes para o Cine Alvorada, de São José do Cedro¹⁴³, alugar uma cabine de projeção em 35mm para o Clube Sete de Setembro, de Itapiranga, em 1969, além de compartilhar os filmes exibidos em São Miguel com este espaço¹⁴⁴, e, também, por locar as instalações do Cine Odeon, de Pinhalzinho¹⁴⁵.

Por fim, destacamos a ampla atuação e poder econômico destes donos de cinema com base no anúncio abaixo, no jornal Correio do Povo de Jaraguá do Sul, datado de 1947, onde afirma-se que Afonso Schwartz, proprietário do Cine Progresso de Joaçaba, possuía terras para venda na área vicinal da estação de Serra Alta, atual cidade de São Bento do Sul, na região Norte do estado (ver Figura 75).

Figura 75: Anúncio da venda de terrenos em Serra Alta (São Bento do Sul), por Afonso Schwartz.



Fonte: Correio do Povo (1947).

Além do estímulo prestado por estes importantes atores na instalação das salas de cinema, já discutimos, no Capítulo 3 (página 81), como estas passam a se reproduzir com mais frequência em paralelo à criação e crescimento das agroindústrias. Em Itapiranga, Velina Berwanger conta que o crescimento econômico baseado na industrialização, em especial por conta do frigorífico Safrita, foi responsável por alavancar as atividades de exibição cinematográficas que aconteciam na Sociedade Sete de Setembro, as quais abriram caminho para o Cine Pepperi, que vem a ser edificado especialmente para a função na cidade.

A partir daí, inicia-se um processo de evolução das instalações dos cinemas,

¹⁴³ WILL, Fernando Júlio. Entrevista concedida via Facebook Messenger à Luís Eduardo Candeia. São José do Cedro, 02 fev. 2022.

¹⁴⁴ BERWANGER, Velina Tecla. Entrevista concedida via e-mail à Luís Eduardo Candeia, Itapiranga, 12 set. 2016.

¹⁴⁵ FIORINI, Ary. Entrevista concedida via telefone à Luís Eduardo Candeia. Chapecó, 04 fev. 2022.

adequadas agora à uma nova configuração social proveniente da industrialização. Como resultado, a atividade que antes era cotidiana e onde as classes baixas frequentemente compareciam é elitizada, como explica Romeu Scirea Filho¹⁴⁶, a respeito do Cine Luz, de Caçador:

Lá por 1960/70 as matinês do domingo eram o melhor programa da juventude, e de acesso restrito, o ingresso não era baratinho. Para ir ao cinema, colocava-se “roupa de domingo” – uma tradição da classe média local. Na entrada tinha um borbonière chic, a sala de projeção comportava cerca de mil pessoas, e tinha um pequeno mezanino no andar de cima, ao lado da salinha de projeção.

Nas cidades em que existiam mais do que uma sala, como Chapecó e Caçador, a dinâmica da segregação acontecia com mais clareza, de acordo com a qualidade das acomodações e o conteúdo exibido por cada um dos cinemas. Fernando Severo, de Caçador, conta que ia ao “Cine Avenida, onde eventualmente passavam filmes com mais qualidade artística, [e que este] era maior e mais chique do que o Luz”¹⁴⁷.

Assim se deram transformações socioeconômicas e também urbanas, refletidas nas salas de cinema, que, por algumas décadas, foram pontos luminosos nas dinâmicas noturnas das pequenas cidades do Oeste. Sua localização central, porém, acaba por tornar-se uma adversidade quando a atividade exibidora perde forças, visto que as taxas que incidem sobre a área central aumentam, dificultando a manutenção dos cinemas de rua, com cada vez menos público. Os grandes salões que antes eram símbolo do urbano, moderno e cosmopolita, principais pontos de sociabilidade e trocas culturais, tornam-se então alvo da especulação imobiliária, sendo transformados em lojas ou templos religiosos.

Em nossas entrevistas, as datas de inauguração das salas são relatadas com frequente exatidão, contando com o dia, mês e ano do acontecimento. Já as datas de fechamento são normalmente bastante vagas nas narrativas, mesmo sendo mais recentes cronologicamente. Acreditamos que esta disparidade se deve ao fato de os cinemas, ao serem implantados, representavam a modernidade, eram pontos chave das cidades, e, quando de seu fechamento, a atividade exibidora já não era tão

¹⁴⁶ SCIREA FILHO, Romeu Scirea. Quirera Gourmet. Xanxerê: 30 abr. 2020. Disponível em: https://rondapolicia.net.br/noticia/quirera-gourmet-30-04-2020/?fb_comment_id=2967759529937864_2969031163144034. Acesso em 13 jan. 2022.

¹⁴⁷ SEVERO, Fernando. Fiquei muito feliz [...]. Caçador, 04 set. 2020. Facebook: <https://www.facebook.com/groups/AntigoCacador/permalink/4659767700732577/>. Acesso em 14 abr. 2022.

rotineira no cotidiano das populações da região, e assim, sua perda não foi cravejada na memória popular com a mesma intensidade de sua inauguração.

Exceção à esta regra, foram os cinemas que passaram por incêndios: ao configurarem-se como grandes acidentes, dentro de pequenas cidades, estes eventos são mais precisamente documentados. Seja pelas precárias instalações elétricas, ou pela inflamabilidade das películas, o fogo foi o trágico final de um significativo número de cinemas do Oeste, a começar pelo pioneiro Cine Farroupilha, de Capinzal, que sucumbe às chamas em 01 de dezembro de 1968 (Almeida, 2004). O emblemático Cine Progresso, de Joaçaba, é também arrasado por um incêndio, e tem sua edificação destruída em 1955 (Luiz, 2013). Os exemplos se estendem vastamente, alcançando o Cine Ideal, de Tangará, destruído pelo fogo em 1948 (Martelli, 2019), o Cine Luz, de Caçador, que após o incidente em junho de 1980 reabre em 1983¹⁴⁸, o Cine Piratuba, da cidade homônima¹⁴⁹, o Cine Vitória, de Joaçaba, que tem seu funcionamento encerrado em 1985 por conta das chamas (Pereira, 2013), e o Cine Central, de Luzerna (ver Figura 76), acometido por um grande incêndio que ocasionou a perda total da edificação, em julho de 1978¹⁵⁰ (ver Figura 77).

Figura 76: Cine Central em funcionamento.



Fonte: Acervo de Maria Cristina Knolseisen.

Figura 77: Incêndio no Cine Central, em 1978.



Fonte: Acervo de Maria Cristina Knolseisen.

Inicialmente tímidos símbolos de uma urbanidade em ascensão, as salas

¹⁴⁸ LEMOS, Edel Isabel Thiesenn de. Cine Luz em Caçador. Caçador, 12 maio 2020. Facebook: <https://www.facebook.com/groups/AntigoCacador/permalink/4123046897737996/>. Acesso em 14 abr. 2023.

¹⁴⁹ ROGGE, Cláudio Victor. Direto ao Ponto 60- Edição 816. Piratuba: 03 fev. 2022. Disponível em: <https://www.facebook.com/100006571665140/posts/3273300599565630/?sfnsn=wiwspmo>. Acesso em 06 jul. 2023.

¹⁵⁰ KNOLSEISEN, Maria Cristina. Entrevista concedida via Facebook Messenger à Luís Eduardo Candeia. Luzerna, 01 fev. 2022.

acabaram por demarcar diversas fases do crescimento das cidades, além das mudanças sociais e econômicas que acompanharam este processo. Se desenvolveram em paralelo às suas respectivas áreas centrais, porém em certa conjuntura, deixaram de protagonizar o movimento noturno, cessando, desta forma, com este progresso análogo ao dos municípios, porém ainda assim, neste ato final, demarcando transformações urbanas, econômicas e sociais, as quais foram o próprio motivo de seu declínio.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Na presente dissertação buscamos concentrar esforços na análise do paralelismo entre a formação socioespacial da região Oeste de Santa Catarina, e as salas de cinema que lá se conformaram com uma rica gama de peculiaridades, expressando a ruralidade impregnada nos hábitos sociais, na economia e na cultura. Procuramos demonstrar como estes espaços de exibição cinematográfica acompanharam o desenvolvimento das cidades e do território, sendo de possível utilização como demarcadores da economia, das redes urbanas e das manifestações culturais. O texto foi dividido em três partes, duas delas, os Capítulos 2 e 3, trataram a respeito da formação do Oeste e das salas de cinema que analogamente ali se desenvolvem, durante a primeira, e a segunda metade do século XX, respectivamente. Já o Capítulo 4 fez amplo uso da história oral, extraída de diversas fontes, para testemunhar o desenrolar dos fatos expressos nos dois capítulos anteriores, a partir da ótica dos donos destas salas, seus espectadores, e pessoas envolvidas no funcionamento dos cinemas do Oeste de Santa Catarina.

Durante o desenvolvimento desta dissertação, foram percebidos dois distintos momentos, fortemente atrelados às mudanças econômicas e sociais da região. A partir de tal conclusão, destinamos uma seção desta produção para cada um dos diferentes períodos. O primeiro é discutido ao longo do Capítulo 2, onde exploramos a temática desde as ocupações iniciais dos povos originários, até meados de 1950, quando principal o modo de produção começa a se transformar da agricultura de subsistência para a agroindústria. Apresentamos também as primeiras experiências de exibição e as incipientes mudanças na atividade, onde salas modestas viram cinemas que buscavam certa ligação com a modernidade.

Com a elaboração de tal Capítulo, demonstramos como a turbulenta formação deste território o desconectou dos momentos econômicos e sociais vividos no restante do Estado, interferindo inclusive em uma tardia urbanização, que se dá a partir da vinda de migrantes descendentes de europeus. Como consequência, a própria exibição cinematográfica acontece de forma desconexa e posterior ao restante de Santa Catarina, e se dá muito mais voltada ao eixo São Paulo – Rio Grande, efeito da transposição da estrada de ferro sobre o Oeste.

Assim, foi possível destacar como aconteceram os primeiros contatos entre a modernidade da exibição cinematográfica e a ruralidade expressa pelo território neste

período temporal, alicerçados pela fundamental influência das infraestruturas, principalmente as de transporte; dos hábitos e da cultura trazida pelos migrantes; e da economia baseada na pequena produção e incipientes indústrias. Concluímos a seção com a comparação entre os processos de urbanização das cidades de Chapecó e Joaçaba, demonstrando a partir de tal método, o quanto os elementos acima citados foram essenciais para o desenvolvimento dos núcleos urbanos, e, paralelamente, ao estabelecimento de salas de cinema, bem como seus moldes de funcionamento e estilemas arquitetônicos.

Em sequência, produzimos o Capítulo 3, o qual buscou contemplar o período entre 1950 e 2000, onde infraestruturas e conjunturas econômicas e sociais abrem espaço para o processo de industrialização. Com o território urbanizado, resultado dos eventos da primeira metade do século, pequenas indústrias começam a se instalar, seja pela oportunidade criada pelo espaço urbano e suas infraestruturas, seja pela necessidade de competir com o mercado frigorífico paulista em expansão.

Com base em tal movimento, a região conforma-se como berço de agroindústrias que, em primeiro momento, durante o fim da década de 1940 e a década 1950, eram iniciativas familiares, mas rapidamente desenvolvem-se, e adentram a década de 1960 como indústrias nacionais, posteriormente expandindo seu mercado ao redor do globo.

Os então núcleos rurais baseados na agricultura mercantil, transformam-se em cidades voltadas ao funcionamento ótimo do agronegócio, passando por reformas urbanas higienistas e alterações em âmbito político e social, como resultado direto da metamorfose do sistema econômico da região. Novamente então, as salas de cinema de rua acompanham as mudanças de seu contexto de inserção, porém encontrando conjunturas férteis para sua reprodução, pois o território contava finalmente com infraestruturas consolidadas, também frutos do processo de industrialização.

Assim, com o pleno funcionamento da energia elétrica e das redes viárias e ferroviárias, encurtam-se distâncias e o uso de equipamentos elétricos, como projetores, torna-se facilitado. Produto de tal cenário é uma acelerada ampliação de cinemas ao longo dos anos 1960 e 1970, democratizando o acesso à esta forma de arte, que alcança o ápice de salas em funcionamento simultâneo em 1974, fato que corrobora nossa hipótese de que a exibição e o estabelecimento de seus espaços são capazes de demarcar diferentes momentos da economia urbana destas cidades.

Este momento histórico foi explorado, detalhando a história da exibição

cinematográfica nas cidades consideradas “protagonistas”, tanto por seu maior número de salas, quanto por representarem as ondas de desenvolvimento econômico, inicialmente a ferroviária, e mais tarde, a agroindustrial. Especificamos assim, cada um dos cinemas de Capinzal; Joaçaba; Tangará; Caçador; Chapecó e Concórdia. Embasados em tal exposição, demonstramos o poder atrator destes espaços nos núcleos urbanos, e como a conformação das Áreas Centrais, alinhada com a própria industrialização, foi também responsável pelo estabelecimento das salas.

Por fim, encerramos o capítulo tratando dos múltiplos fatores que causaram a derrocada dos cinemas de rua a partir da segunda metade da década de 1970, processo que culminou no atual cenário de salas majoritariamente atreladas à *shopping centers*. Demonstramos que aspectos sociais, como a individualização do lazer, seja por conta da popularização televisão, do *home video* ou dos *shopping centers*, resultaram no esvaziamento das Áreas Centrais, atingindo diretamente os cinemas de rua; também apresentamos as mudanças econômicas que acabaram por ser danosas às salas de cinema, como a entrada de multinacionais no mercado, o aumento no valor dos ingressos e as crises financeiras atravessadas pelo país neste período temporal.

Estando este quadro construído, desde o início das salas, passando pelo seu clímax e derrocada, encerramos o Capítulo 3 apresentando o atual estado de cada um dos cinemas ilustrados no corpo do trabalho até aquele momento, enfatizando o argumento de que estes espaços acompanharam o desenvolvimento dos núcleos urbanos sendo símbolos de modernidade, porém em certo ponto, tornaram-se eles mesmos, obsoletos para as novas formas as quais a modernidade tomou.

Por fim, no Capítulo 4, aproximamos o campo de visão, até então focado no desenvolvimento socioeconômico da região como um todo, apresentando correlações entre as dinâmicas cotidianas de diferentes cidades e suas salas de cinema, a partir da história oral.

Dividimos esta seção em três partes, de forma que inicialmente analisamos os fluxos gerados pelos espaços de exibição, seja para seu estabelecimento, funcionamento ou especulação. São diversos exemplos testemunhando dinâmicas intraurbanas e regionais, elucidando conexões e redes de cooperação entre cidades, e possíveis movimentações rotineiras e orgânicas associadas à atividade exibidora. A segunda parte dedica-se a correlacionar os costumes campestres da cultura local e as experiências vividas por essa população nas salas de cinema. Concretizamos, a

partir das entrevistas e relatos encontrados, nosso argumento de que os espaços de exibição foram tomados pela ruralidade local, mas também influenciaram o imaginário popular destes espectadores, conformando uma mútua influência entre um espaço rural permeado pelo moderno, e uma atividade moderna manipulada pelo contexto campesino. Por fim, na terceira subseção tratamos do paralelismo entre os ciclos econômicos e o estabelecimento das salas, da influência dos proprietários destes espaços nos meios de produção, a nível urbano e regional, e, por fim, de como os cinemas desapareceram gradualmente, também como testemunhas da modernidade.

Ao trilhar este caminho ao longo das diferentes seções do trabalho, entendemos que o leitor pôde compreender a forte e mútua influência entre o cinema e o mundo rural do Oeste Catarinense, elementos aparentemente antagônicos em sua essência, mas que configuraram uma distinta dialética naquele contexto. A partir de tal discussão, buscamos agregar a expressão cultural representada pela exibição cinematográfica, de seus anos iniciais ao fim do século XX, ao campo do Planejamento Territorial, demonstrando assim o quanto tal manifestação foi fundamental para o Desenvolvimento Regional. Além disso, esperamos, com a difusão dos dados e análises aqui apresentadas, estimular o interesse por parte da população e da administração pública na potência das manifestações culturais como forma de melhoria da vida social urbana, principalmente nas Áreas Centrais das cidades, frequentemente tomadas quase que totalmente pela função comercial diurna na contemporaneidade.

É interessante ressaltar que o trabalho aqui proposto não procura esgotar a pesquisa de salas de cinema de rua na região Oeste Catarinense, mas sim agregar o que foi possível ser encontrado até o momento com as particularidades impostas pelo contexto de produção da dissertação, a qual foi iniciada em 2021, quando o mundo começava a se recuperar da pandemia de COVID-19. Assim, as entrevistas que coletamos aconteceram à distância, por diferentes meios de comunicação, além de parte das informações ter sido encontrada em comunidades em redes sociais, blogs e matérias jornalísticas. Fontes primárias preferiram pouco ou nenhum contato, e algumas foram inclusive vítimas do vírus, e arquivos municipais permaneceram fechados por diversos meses neste contexto. Deste modo, preparamos material para que futuramente possa-se partir desta pesquisa, para o refinamento e exploração minuciosa do tema de forma presencial nas diferentes cidades que abrigaram salas de cinema.

Finalmente, com a produção desta pesquisa, buscamos demonstrar formas com as quais as salas de cinema, além de indicarem gradações do processo de formação socioespacial do território, foram representantes ímpares de uma Modernidade Rural, onde um mundo moderno adentra um modesto cotidiano campesino. Deste sublime encontro, surgiram histórias de cinemas que foram tomados pela ruralidade, ao mesmo tempo que modernizaram seu contexto, cinemas que protagonizaram doces lembranças, presentes até a contemporaneidade no imaginário popular, cinemas que figuraram como palco de encontros, risadas, sonhos e lágrimas, cinemas que uniram casais, fortaleceram amizades, introduziram ambições de vida, e que foram uma janela, aberta para o mundo. Salas de cinema que morreram nas ruas, mas que seguem vivas, na memória.

REFERÊNCIAS

Lista de colaboradores e pessoas entrevistadas:

Adilson Baldissera;	Ivandel Chaves;
Alfonso Dupont;	João Bosco Suttilli;
Altino Luiz Miguel;	Jorge Migliorini;
Amarildo Pedro Biscaro;	Juliano Fiorini;
Ary Fiorini;	Jussara Hermes;
Célia Regina de Bortoli;	Luiz Alberto Mazzoco;
Celso Grimm;	Luiz Carlos Colombo;
Cícero Machado;	Magda Sella;
Ciro Franke;	Maria Cristina Knolseisen;
Claudio Luiz Savaris;	Maria Irene Schoppen;
Cleusa Ko Freitag;	Mariela Katia Granella;
Daiane Frigo;	Marlene Kruger;
Daniel Lemos;	Nilda Grimm;
Dirceu Suzin;	Padre Lucas Henrique;
Dorli Bartz;	Paula Dupont;
Edel Isabel Thiesen;	Pedro Penteado do Prado;
Eva Teresinha Candeia;	Raul Kussler;
Evandro Rosin;	Regina Maria Schiavini Colombo;
Evandro Scarioti;	Reinaldo Assis Pelizzaro;
Fabiano Colombo;	Rolando Ko Freitag;
Fátima Sonaglio;	Romeu Scirea Filho;
Fernando Fiorentin;	Solange Gaboardi;
Fernando Júlio Will;	Tanara Rosane Zunkowski;
Glaucia Fiorini;	Tania Colombo;
Hugo Gemmer;	Teresinha Gemelli Mandelli;
Ilga Bartz;	Tiago Gheno;
Isidório Bertulino Pereira;	Velina Tecla Berwanger;
Iunes Ferraz;	Wilson Petry.

Entrevistas:

BARTZ, Dorli; BARTZ, Ilga. Entrevista concedida via rede social Facebook à Luís Eduardo Candeia. São Leopoldo, RS, 16 mar. 2022.

BERWANGER. Velina Tecla. Entrevista concedida via e-mail a Luís Eduardo Candeia, Itapiranga, 12 set. 2016.

BORTOLI, Célia Regina de. Entrevista concedida via WhatsApp a Luís Eduardo Candeia. Salto Veloso, 12 set. 2022

DUPONT, Alfonso. Entrevista concedida por intermédio de Paula Dupont, a Luís Eduardo Candeia. São Carlos, 24 fev. 2022.

FERRAZ, Iunes. Entrevista concedida via Facebook a Luís Eduardo Candeia. 20 jan. 2022.

FIORINI, Ary. Entrevista concedida via telefone a Luís Eduardo Candeia. Chapecó, 04 fev. 2022.

FONTANA, Ismael. Fotografia enviada para Luís Eduardo Candeia em entrevista via rede social Facebook, em 28 jan. 2022.

FRANKE, Ciro; PETRY, Wilson. Entrevista concedida via e-mail à Luís Eduardo Candeia. Seara, 19 jan. 2022.

GEMMER, Hugo. Entrevista concedida via WhatsApp a Luís Eduardo Candeia. Mondaí, 18 fev. 2022.

GRIMM, Celso. Entrevista concedida a Luís Eduardo Candeia. Guarujá do Sul, 01 mar. 2022.

HENRIQUE, Padre Lucas. Entrevista via WhatsApp concedida a Luís Eduardo Candeia. São Domingos, 25 jan. 2022.

HERMES, Jussara. Entrevista concedida via e-mail a Luís Eduardo Candeia. Itá, set. 2016.

KNOLSEISEN, Maria Cristina. Entrevista via Facebook concedida à Luís Eduardo Candeia. Luzerna, 01 fev. 2022.

KO FREITAG, Cleusa. Entrevista via Facebook concedida à Luís Eduardo Candeia. Piratuba, 07 fev. 2022.

KO FREITAG, Rolando. Entrevista via Facebook concedida à Luís Eduardo Candeia. Piratuba, 16 jul. 2022.

KUSSLER, Raul. Entrevista via e-mail concedida à Luís Eduardo Candeia. 02 mar. 2018

LEMONS, Daniel. Entrevista concedida via WhatsApp a Luís Eduardo Candeia. Caçador, 14 set. 2022.

MACHADO, Cícero. Entrevista via Facebook concedida a Luís Eduardo Candeia, Lebon Régis, 02 fev. 2022.

MANDELLI, Teresinha Gemelli. Entrevista concedida via WhatsApp a Luís Eduardo Candeia. Dionísio Cerqueira, 23 mar. 2022.

MAZZOCO, Luiz Alberto. Entrevista via Facebook concedida à Luís Eduardo Candeia. Concórdia, 10 jan. 2022.

MIGUEL, Altino Luiz. Entrevista concedida via e-mail a Luís Eduardo Candeia, em 02 maio de 2018.

PEREIRA, Isidório Bertulino. Entrevista via WhatsApp concedida a Luís Eduardo Candeia. 20 jan. 2022.

PRADO, Pedro Penteado do. Entrevista via Facebook concedida a Luís Eduardo Candeia, em 15 jan. 2022.

SUTTILI, João Bosco; SCARIOTI, Evandro. Entrevista via e-mail concedida à Luís

Eduardo Candeia. São Lourenço d'Oeste, 31 jan. 2022.

SUZIN. Dirceu. Entrevista via telefone para Luís Eduardo Candeia. Pinhalzinho, 10 mai. 2022.

WILL, Fernando Júlio. Entrevista via Facebook, concedida a Luís Eduardo Candeia. São José do Cedro, 02 fev. 2022.

Jornais e Revistas:

A SUA VOZ. Hoje é dia de Cinema. Nova Erechim. Ed. 233. 14 jul. 2010. Caderno Requite.

ABREU, Nuno César. "Anotações sobre Mazzaropi, o Jeca que não era Tatu". Revista Filme Cultura, n. 40, ago/out 1982. Disponível em: <https://www.museumazzaropi.org.br/sucesso/anotacoes-sobre-mazzaropi-o-jeca-que-nao-era-tatu/#:~:text=O%20humor%20em%20Mazzaropi%2FJeca,agressividade%20transformadora%20do%20pastel%C3%A3o%20circense>. Acesso em 29 jun. 2023

CAVALCANTI, Glauce. Um cinema para chamar de seu. O Globo – Economia, p. 38. Disponível em: <https://acervo.oglobo.globo.com/consulta-ao-acervo/?navegacaoPorData=201020161023>. Acesso em 18 maio 2023.

CECCON, Débora. Jornal O Líder. A Magia do Cinema no Extremo Oeste. 03 nov. 2012. Disponível em: http://wh3.com.br/galerias/olider/02112012_1146.pdf. Acesso em 13. jan. 2022.

CORREIO DO NORTE. Aniversariantes da Semana. Canoinhas, 15 out. 1967. Disponível em: <http://hemeroteca.ciasc.sc.gov.br/jornais/correiodonortecanoinhas/1977/CDN19771441.pdf>. Acesso em 12 set. 2022.

CORREIO DO POVO. Vende-se. Jaraguá do Sul: 01 jun. 1947. Disponível em: <http://hemeroteca.ciasc.sc.gov.br/correiodopovo/1947/CDP19471430.pdf>. Acesso em 04 jul. 2023.

INFORME. Trem pagador faz a próxima parada na cidade de Capinzal. Cleide Fátima. Disponível em: https://issuu.com/jornal_informe/docs/informe_cacador_ed2360. Acesso em 15 set. 2022.

JORNAL CRUZEIRO. Cine Progresso. Jornal Cruzeiro, Cruzeiro do Sul, 19 nov. 1933. Disponível em: <https://hemeroteca2.cultura.sc.gov.br/docreader/DocReader.aspx?bib=886564&pesq=%22cine%20progresso%22&hf=hemeroteca.ciasc.sc.gov.br&pagfis=12>. Acesso em 24 ago. 2022.

MARTELLI, Isadora Borsoi. História do Cinema em Tangará. Jornal Vitória, Tangará, 02 set. 2019.

O ESTADO. Celso Ramos no Oeste. Florianópolis, 08 set. 1958. Disponível em: <http://hemeroteca.ciasc.sc.gov.br/oestadopolis/1958/EST195813425.pdf>. Acesso em 16 set. 2022.

O ESTADO. Partido Social Democrático. Florianópolis, 23 abr. 1954. Disponível em: <http://hemeroteca.ciasc.sc.gov.br/oestadofpolis/1954/EST195411877.pdf>. Acesso em 05 set. 2022.

TEICH, Daniel Hessel. 50 milhões de árvores nos vagões da ferrovia. O Estado de S. Paulo, São Paulo, 06 mar. 2005. Economia & Negócios, p. B9.

Mídias Sociais:

BOLINHA, Antônio Carlos Pereira. Facebook. 29 maio 2013. Disponível em: <https://www.facebook.com/photo.php?fbid=4912256926788&set=a.4912244966489&type=3>. Acesso em 05 set. 2022.

BORDIGNON, Sandro José. Comentário na publicação de Silvia Tschá Siqueira. Rio das Antas de Antigamente, 5 jun. 2020. Disponível em: <https://www.facebook.com/groups/3171143729598723/permalink/3205621996150896/>. Acesso em 16 jun. 2023.

CALLFASS, Fernando. Baita lembrança recebida hoje do amigo [...]. Facebook, 9 jan. 2021. Disponível em: <https://www.facebook.com/callfass/posts/pfbid0hSE5Ci42DDkSUNz26NnBygR8qSLdgMJmo4QcKF9YzfthMpSiP4BKgDYHQizE93ECI>. Acesso em 15 set. 2022.

CÂMARA DE VEREADORES DE MARAVILHA. O #TBT de hoje é todo especial. Facebook, 27 fev. 2020. Disponível em: <https://www.facebook.com/camaramaravilha/photos/a.405679622930136/1453189724845782/>. Acesso em 12 set. 2022.

CAMPINA DA ALEGRIA. Frente ao Cine Alegria [...]. Facebook, 8 fev. 2015. Disponível em: <https://www.facebook.com/754303194632071/photos/a.755308707864853/831674110228312/>. Acesso em 14 set. 2022.

CAPINZAL, Curiosidades da cidade de. A HISTÓRIA DO RÁDIO EM CAPINZAL Vídeio 13 da série Curiosidades. 27 ago. 2019. Disponível em: <https://www.facebook.com/watch/?v=369794770356451>. Acesso em 24 maio 2022.

DAMBROS, Luiz Alcides Bareta. Sociedade de Capinzal, Vídeio 13 da Série Curiosidades. Capinzal, 2019b. Disponível em: <https://www.facebook.com/watch/?v=369794770356451>. Acesso em 25 ago. 2022.

DANZER, Gerson. Foto de Arlindo Vogel, posse do PRIMEIRO PREFEITO DE MARAVILHA SC. Facebook, 06 mar. 2013. Disponível em: <https://www.facebook.com/photo.php?fbid=518189588220371&set=a.297821286923870&type=3>. Acesso em 12 set. 2022.

DORI, Bruno Pace. Memória Chapecó. O Cine Astral foi inaugurado em 1973... Facebook, 06 mar. 2019. Disponível em: <https://www.facebook.com/memoriachapeco/posts/2280397828871635/>. Acesso em 16 set. 2022.

FIORENTIN, Fernando. Mais algumas fotos do antigo Cinema. Facebook, 30 jun. 2016. Disponível em: <https://www.facebook.com/fernando.fiorentin/posts/pfbid0DmnZcBDAAhDnsS36jKaq>

PRGJaZ1nf9LJYuY2KEceGyER6i6QfXLXh8hmw8uZEVKml. Acesso em 13 set. 2022.

FOLHA DO OESTE. Cine Theatro Cacique em 1956. Facebook, 4 abr. 2018.

Disponível em:

<https://www.facebook.com/folhadooeste/photos/a.318726541479301/1849632181722055/>. Acesso em 12 set. 2022.

GASPAROTTO, Celso Luiz. Da Caixinha de Recuerdos do Papai [...]. Facebook, 8 mar. 2015. Disponível em:

<https://www.facebook.com/photo.php?fbid=1024095690953970&set=a.992603120769894&type=3>. Acesso em 14 set. 2022.

GRIMM, Gabriela. Pessoal bom dia Alguém recorda do CINEMA em Guarujá do Sul? [...]. Facebook Memórias de Guarujá, 23 maio 2020. Disponível em:

<https://www.facebook.com/groups/519445485143879/permalink/945329972555426/>. Acesso em 15 set. 2022.

HISTÓRIA DO FUTEBOL EM SANTA CATARINA. TORINO. Facebook, 05 out. 2014. Disponível em:

<https://www.facebook.com/HistoriaDoFutebolDeSantaCatarina/posts/pfbid02sRYsGGMLaHDD2mZm9TPA7HTxFUcwiiioZC215ianeQr7JMvbNxcip2AbNCXCi8SHPI>. Acesso em 12 set. 2022.

HOFFELDER, Danilo. CINE CENTRAL DE LUZERNA SC BONS TEMPOS!!.

Facebook: 30 mar. 2019. Disponível em:

<https://www.facebook.com/danilo.hoffelder/posts/pfbid02cDbyytnNGZVmd3vgzNgnF1cA56ZW494bXBZRYedGoZgn6H6WA3bF1C5uAcnt59FQl>. Acesso em 12 set. 2022.

HOFFELDER, Danilo. CINE CENTRAL.DE LUZERNA!!(HOJE SCHOPPIN).

Facebook, 12 maio 2020. Disponível em:

<https://www.facebook.com/danilo.hoffelder/posts/pfbid0kWmDHFythMn4hFF1e5DkXT5zoy3oxCNouwTg3TRpqF6msSizc4E1wJTjLbo4XRql>. Acesso em 12 set. 2022.

MEMÓRIA CHAPECÓ. O Cine Ideal, primeiro de Chapecó. Chapecó, 29 jan. 2019.

Facebook: memoriachapeco. Disponível em:

<https://www.facebook.com/memoriachapeco/posts/pfbid0UCNQhkWcr2MVrcjRutmccVGmbFeXn7KUFVy2RZ6NCAv3uiAiYHUDx9SVTpk43NHkl>. Acesso em 31 jan. 2022.

MIGLIORINI, Jorge. Cine Royal - Faxinal dos Guedes. Facebook, 21 ago. 2021.

Disponível em:

<https://www.facebook.com/jorge.migliorini/posts/pfbid02Crvkrs25QRfoDe8kdiyRKsR6Lbqz3U89f5PdeGjUzCrEw9tv59iaUYwopPajrxfWI>. Acesso em 13 set. 2022.

MODENA, Julio. Recordar é viver... Facebook, 22 ago. 2021. Disponível em:

<https://www.facebook.com/groups/1642951382592433/permalink/3170450849842471/>. Acesso em 16 set. 2022.

PEREIRA, Antônio Carlos. Cineclube Miguel Russowsky. Facebook, 26 ago. 2018.

Disponível em:

<https://www.facebook.com/photo.php?fbid=10212861100984849&set=a.10212860280604340&type=3>. Acesso em 13 set. 2022.

PEREIRA, Isidório Bertulino. Recordando minha adolescência em 1977 [...]. Facebook, 3 maio 2019. Disponível em: <https://www.facebook.com/isidoriobertulino.pereira/posts/pfbid0CusqfZJ9u8gTYS7u6UeJs4XHrghCs6uPt36YHvCWY3EbtYhoXxKchCfDvJ2R888El>. Acesso em 13 set. 2022.

PICCOLI, Pj. Comentário na publicação de Videira de Antigamente. Facebook, 01 abr. 2014. Disponível em: <https://www.facebook.com/VIDEIRAANTIGA/photos/a.695102423865898/699597840083023/?type=3>. Acesso em 16 jun. 2023.

PRADO, Pedro Penteado do. Este é o Clube Tiradentes... Facebook, 30 nov. 2014. Disponível em: <https://www.facebook.com/photo/?fbid=786312304837479&set=a.542947342507311>. Acesso em 16 set. 2022.

RAINHA 89FM. Você lembra ou é da época em que o município de Abelardo Luz tinha cinema?. Facebook, 26 jun. 2020. Disponível em: <https://www.facebook.com/watch/?v=760150451433143>. Acesso em 12 set. 2022.

RIGOTTI, Paulo. Cine Alvorada apresenta... Facebook Memórias de São José do Cedro, 22 abr. 2018. Disponível em: <https://www.facebook.com/groups/235844606563874/posts/993889594092701/>. Acesso em 15 set. 2022.

ROGGE, Cláudio Victor. Direto ao Ponto 50 - Edição 806 – Publicada em 24 de novembro/2021. Facebook, 24 nov. 2021. Disponível em: <https://www.facebook.com/claudiopiratuba/posts/pfbid02WDsw8bhxLfiAgMGv87MdTmQzN5xibvtTYq4Ub9jFseH6EcB9LqWXWwv3Zx8X1f57l>. Acesso em 06 set. 2022.

SARAYVA, Stella Maris. Primeiro Cinema de Concórdia, Cine Colombo. Anos 40/50. Joaçaba, 25 abr. 2015. Facebook: Stella Maris Sarayva. Disponível em: <https://www.facebook.com/photo.php?fbid=929685190414934&set=o.528286190517197&type=3>. Acesso em 31 jan. 2022.

SCHABARUM, Luiz Felipe. Foto do antigo Clube independente [...]. Facebook, 25 ago. 2020. Disponível em: <https://www.facebook.com/photo/?fbid=2076359385829645&set=gm.2712291835713638>. Acesso em 13 set. 2022.

SEIDEL, Marilene. Quem lembra do cinema e assistiu aos filmes do Mazzaropi?. Rio das Antas de Antigamente. Rio das Antas, 27 maio 2020. Disponível em: <https://www.facebook.com/groups/3171143729598723/permalink/3181084665271296/>. Acesso em 16 set. 2022.

SERRANO, Arley. Cine Astral. Esquina da Getúlio com a Rio Branco. Chapecó, 29 jun. 2016. Facebook: arley.serrano.9. Disponível em: <https://www.facebook.com/photo/?fbid=562739597241794&set=a.387529598096129>. Acesso em 26 abr. 2023.

SERRANO, Arley. Prédio do Cine Astral quase pronto, em 1973. Chapecó, 2 nov. 2018. Facebook: arley.serrano.9. Disponível em: bit.ly/3HKn4NP. Acesso em 23 jun. 2022.

SEVERO, Fernando. Fiquei muito feliz quando encontrei essa foto [...]. Facebook, 4 set. 2020. Disponível em: <https://www.facebook.com/groups/AntigoCacador/permalink/4659767700732577/>. Acesso em 06 set. 2022.

SMO, Eve. Romelândia, não sei ano!. Facebook, 2 ago. 2020. Disponível em: <https://www.facebook.com/photo/?fbid=3350861548279048&set=gm.950447548712819>. Acesso em 16 set. 2022.

STOLZ, Mônica. Facebook, 1 jun. 2020. Rio das Antas de Antigamente. Disponível em: <https://www.facebook.com/groups/3171143729598723/permalink/3194389617274134/>. Acesso em 16 set. 2022.

TEIXEIRA, Michel. Antigo Bar e Cinema de Piratuba. Facebook, 20 maio 2021. Disponível em: <https://www.facebook.com/michel.teixeira.756/posts/pfbid02fd4DXyZbcdeKm27RAZ7uaEruQyVvbzPp1x3c9R3tssDaDPpsivbFs8xANSB1sDVI>. Acesso em 06 set. 2022.

THIESEN, Edel Isabel. Cine Luz em Caçador. Facebook, 12 maio 2020. Disponível em: <https://www.facebook.com/groups/AntigoCacador/permalink/4123046891071330>. Acesso em 06 set. 2022.

TOMAZELLI, Luiz Fernando. Prédio Cine Astral (hoje Central do vestuário). Facebook, 8 jun. 2016. Disponível em: <https://www.facebook.com/photo.php?fbid=1155215711197849&set=a.1155214334531320&type=3>. Acesso em 16 set. 2022.

VIDEIRA DE ANTIGAMENTE. Cine Guarani. Facebook. 31 mar. 2014a. Disponível em: <https://www.facebook.com/VIDEIRAANTIGA/photos/699597840083023>. Acesso em 05 set. 2022.

VIDEIRA DE ANTIGAMENTE. Facebook. 15 jun. 2016. Disponível em: <https://www.facebook.com/VIDEIRAANTIGA/photos/1196481827061286>. Acesso em 05 set. 2022.

VIDEIRA DE ANTIGAMENTE. Vista interna do Cine Guarani. Facebook, 16 abr. 2014. Disponível em: <https://www.facebook.com/VIDEIRAANTIGA/photos/711653818877425>. Acesso em 20 jun. 2023.

VIDEIRA DE ANTIGAMENTE. Vista interna do Cine Guarani. Facebook. 16 abr. 2014b. Disponível em: <https://www.facebook.com/VIDEIRAANTIGA/photos/711653818877425>. Acesso em 05 set. 2022.

VILANOVA, Nelise. Outro dia foi comentado sobre o cinema de Rio das Antas[...]. Rio das Antas de Antigamente. Facebook, 25 maio 2021. Disponível em: <https://www.facebook.com/groups/3171143729598723/permalink/4226389280740824/>. Acesso em 16 set. 2021.

ZANOTTO, Mauro A. CASA FERRO/CLUBE APOLO/CINE LUZ. Facebook, 5 out.

2015. Disponível em:

<https://www.facebook.com/photo.php?fbid=1075118039164864&set=a.891599190850084&type=3>. Acesso em 06 set. 2022.

Dados Geoespaciais:

ANA (Agência Nacional de Águas). Base Hidrográfica Ottocodificada da Bacia do Rio Uruguai. Cursos d'Água – Shapefile. 29 set. 2016. Disponível em:

<https://metadados.snirh.gov.br/geonetwork/srv/por/catalog.search#/metadata/3d6a7031-5b18-45ea-ab41-39911975e51a>. Acesso em 17 maio 2022.

BRASIL. Ministério da Infraestrutura. Base Georreferenciada – Ferrovias. 8 ago.

2018. Disponível em: <https://www.gov.br/infraestrutura/pt-br/assuntos/dados-de-transportes/bit/bitmodosmapas#mapferro>. Acesso em 17 maio 2022.

BRASIL. Ministério da Infraestrutura. Base Georreferenciada – Rodovias, out. 2021.

Disponível em: <https://www.gov.br/infraestrutura/pt-br/assuntos/dados-de-transportes/bit/bitmodosmapas>. Acesso em 27 abr. 2022.

IBGE - INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. Divisão Hidrográfica Nacional DHN250. Rio de Janeiro: IBGE, 2021a.

IBGE - INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. Malha Municipal de Santa Catarina. Shapefile. 01 mar. 2021c. Disponível em:

<https://www.ibge.gov.br/geociencias/organizacao-do-territorio/malhas-territoriais/15774-malhas.html?=&t=downloads>. Acesso em 17 maio 2022.

IBGE - INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. Pontos de Localidades em 2010. Shapefile. 28 nov. 2011b. Disponível em:

<https://www.ibge.gov.br/geociencias/organizacao-do-territorio/estrutura-territorial/27385-localidades.html?=&t=acesso-ao-produto>. Acesso em 17 maio 2022.

Sites:

ANCINE – Agência Nacional do Cinema. Cinema perto de você. 2019a. Disponível em: <<https://cinemapertodevoce.ancine.gov.br/node/1>>. Acesso em 28 maio 2021.

ÁVILA, Luana Barros. Crônica Genealógica de Francesco Colombo. 26 mar. 2016.

Disponível em: <https://silo.tips/download/cronica-genealogica-de-francesco-colombo#>. Acesso em 05 set. 2022.

BEAL, Emília. Friends Toledo. Emília Beal celebra 95 anos. Toledo, set. 2017.

Disponível em:

http://www.friendstoledo.com.br/friends_setembro_2017/files/assets/basic-html/page78.html. Acesso em: 18 set. 2021.

BEGNINI, Pe. Genuíno João. Observando (13). 2 jun. 2016. Disponível em:

<https://padregenuino.wordpress.com/page/5/>. Acesso em 19 jan. 2022.

BERTIN, L. J. Luiz Julio Bertin - Autobiografia-Parte três. 25 maio 2011. Disponível em: <<http://luizjuliobertin.blogspot.com/2011/05/>>. Acesso em: 18 set. 2021.

BNDES – Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico e Social. Já aprovadas cinco operações de reestruturação. Brasília, ano 6, n.57. Out. 1992. Disponível em:

<https://web.bndes.gov.br/bib/jspui/bitstream/1408/5952/2/Informe%20BNDES%2C%20v.6%2C%20n.57%2C%20out.%201992.pdf>. Acesso em 09 mar. 2023.

CÂMARA DE VEREADORES DE CONCÓRDIA. Angelo Morelatto e Germino Girardi são nomes de ruas em Concórdia. Concórdia, 24 out. 2017. Disponível em: <https://www.cvc.sc.gov.br/imprensa/publicacoes/Noticias/1/2017/7>. Acesso em 16 set. 2022.

CÂMARA DE VEREADORES DE VIDEIRA. Mesários Voluntários e Doadores de sangue e medula óssea serão isentos de taxa de inscrição em concurso. 29 mar. 2017. Disponível em: <https://www.camaravideira.sc.gov.br/imprensa/noticias/Noticias/98/2015/414774>. Acesso em 05 set. 2022.

CÂMARA MUNICIPAL DE SÃO MIGUEL DO OESTE. Projeto homenageia Leolino Baldissera com nome de rodovia. São Miguel do Oeste, 17 set. 2014. Disponível em: saomigueldooeste.sc.leg.br/imprensa/noticias/0/147/2011/3859. Acesso em 13 jan. 2022.

CAMILOTTI, Joimara. Por quê Xanxerê nunca mais teve cinema?. Xanxerê, 07 dez. 2021. Disponível em: <https://www.tudosobrexanxere.com.br/colunista/710/por-que-xanxere-nunca-mais-teve-um-cinema.html>. Acesso em 15 set. 2022.

CAMPO ERÊ, Município de. No início, os índios Kaingang. Campo Erê, 19 set. 2013. Disponível em: <https://www.campoere.sc.gov.br/cms/pagina/ver/codMapaltem/13510>. Acesso em 18 abr. 2022.

CAPINZAL FM. Morre aos 84 anos, o empresário Saul Parisotto, fundador da Rádio Capinzal. Mario Matielo. Capinzal, 30 abr. 2020. Disponível em: <https://www.capinzalfm.com.br/noticias/morre-aos-84-anos,-o-empresario-saul-parisotto,-fundador-da-radio-capinzal/13508>. Acesso em 15 set. 2022.

CINE AMÉRICA. Cnpj Biz - Cine America Irmaos Grassi LTDA 86.352.408/0001-48. Disponível em: <https://cnpj.biz/86352408000148>. Acesso em 16 set. 2022.

CINE GUARANI. Transparência.cc. Resumo da empresa Cine Guarani. 27 mai. 2022. Disponível em: <https://transparencia.cc/dados/cnpj/82642067001328-SC-empresa-meridional-de-cinemas-ltda/>. Acesso em 05 set. 2022.

CINE IMPÉRIO. CNPJ Biz - Cine Imperio Empresa Meridional de Cinemas LTDA 82.642.067/0014-09. Disponível em: <https://cnpj.biz/82642067001409>. Acesso em 16 set. 2022.

CINE LUZ. Cadastro Empresa. Cine Luz - Empresa Meridional de Cinemas LTDA - 82.642.067/0012-47. Disponível em: <https://cadastroempresa.com.br/cnpj/82.642.067/0012-47-cine-luz-empresa-meridional-de-cinemas-ltda>. Acesso em 06 set. 2022.

CINE MAFALDA. Relação de Cinemas Antigos de Rua do Brasil em atividade nos anos 60. São Carlos – SC. Blogspot, 25 mar. 2013. Disponível em: <http://cinemafalda.blogspot.com/2013/03/sao-carlos-rs.html>. Acesso em 16 set, 2022.

CLIC RBS. Southern Brazil Lumber and Colonization. Três Barras, jun. 2012.

Disponível em: clicrbs.com.br/contestado/2012/10/17/southern-brazil-lumber-and-colonization/?topo=84,2,18,,,84&status=encerrado. Acesso em: 05 jun. 2017.

CURIOLETTI, Angela Maria. Portal Minutta - São Lourenço do Oeste teve frio, pipoca e cinema drive-in. São Lourenço do Oeste: 2020. Disponível em: <https://www.minutta.com.br/noticias/sao-lourenco-do-oeste-teve-frio-pipoca-e-cinema-drive-in>. Acesso em 18 maio 2023.

DAMBROS, Luiz Alcides Bareta. Sociedade de Capinzal, Vídeo 06 da Série Curiosidades. Capinzal, 2019a. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=a8SZCjcEtKs>. Acesso em 24 maio 2022.

DIÁRIO DO IGUAÇU. Ary Fiorini venceu o Câncer de próstata graças aos exames preventivos, fé e apoio da família. Chapecó, 25 nov. 2019. Disponível em: <https://diregional.com.br/diario-do-iguacu/variedades/novembro-azul/ary-fiorini-venceu-o-cancer-de-prostata-gracas-aos-exames-preventivos-fe-e-apoio-da-familia>. Acesso em 04 fev. 2022.

DOMENICO, Diógenes Di. Vídeo – Inauguração do Edifício Peperi em Itapiranga. São José do Cedro: 2018. Disponível em: <https://www.peperi.com.br/noticias/23-10-2018-video-inauguracao-do-edificio-peperi-em-itapiranga/>. Acesso em 18 maio 2023.

DORI, Bruno Pace. Memória Chapecó: o pioneirismo de Achylles Tomazelli. Diário do Iguaçu. Chapecó, 2021. Disponível em: <https://diregional.com.br/colunistas/ronda-politica/memoria-chapeco-o-pioneirismo-de-achylles-tomazelli>. Acesso em: 14 set. 2021.

FABITA. Café, Cigarros e Desordem: As Aventuras de Diabo Loiro no Velho Oeste. 30 nov. 2008. Disponível em: <http://cafecigarrosedesordem.blogspot.com/2008/11/as-aventuras-de-diabo-loiro-no-velho.html>. Acesso em 15 set. 2022.

FACHIN, Alexandre. Cine América. Tangará, 19 abr. 2015. Disponível em: <https://vimeo.com/125395106>. Acesso em 12 set. 2022.

FOLHA DO OESTE. Inauguração do cinema está prevista para agosto. São Miguel do Oeste: 2010. Disponível em: https://folhadooeste.com.br/variedades/inauguracao_do_cinema_esta_prevista_para_agosto.73776. Acesso em 12 maio 2023.

FONTANA, Giuseppe. Family Search. Disponível em: <https://ancestors.familysearch.org/en/KNBR-3Y5/giuseppe-fontana-1878-1949>. Acesso em 05 set. 2022.

FRIENDS. Emília Beal celebra 95 anos. Toledo, 2017. Disponível em: http://www.friendstoledo.com.br/friends_setembro_2017/files/assets/basic-html/page78.html>. Acesso em: 18 set. 2021.

GIESBRECHT, Ralph Mennucci. Caçador-nova. Estações ferroviárias do Brasil, 17 out. 2015. Disponível em: <http://www.estacoesferroviarias.com.br/pr-tronco/cacador-nov.htm>. Acesso em: 17 abr. 2023.

IBGE - INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. Aeroporto da cidade de Joaçaba: município de Joaçaba. Acervo dos trabalhos geográficos de

campo. Tomas Somlo; Maurício Coelho Vieira. Joaçaba: 1957. Disponível em: <https://biblioteca.ibge.gov.br/index.php/biblioteca-catalogo?view=detalhes&id=421916>. Acesso em 16 ago. 2023.

IBGE - INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. Cine Ópera: Criciúma, SC. Criciúma, 1970. Disponível em: biblioteca.ibge.gov.br/index.php/biblioteca-catalogo?view=detalhes&id=447154. Acesso em 23 jun. 2022.

IBGE - INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. Estimativas da população residente no Brasil e unidades da federação com data de referência em 1º de julho de 2021b. Disponível em: https://ftp.ibge.gov.br/Estimativas_de_Populacao/Estimativas_2021/2021POP2021_20220419.pdf. Acesso em 17 fev. 2022.

IBGE - INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. Frigorífico SADIA - Indústria e Comércio S.A. na cidade de Concórdia (SC). Acervo dos trabalhos geográficos de campo., Pedro Pinchas Geiger; Tibo Jablonsky. Concórdia: 1959b.

IBGE - INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. Sidra: Banco de Tabelas Estatísticas. População residente, por sexo e situação do domicílio: 2000. Disponível em: <https://sidra.ibge.gov.br/tabela/202>. Acesso em 10 abr. 2023.

IBGE - INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. Sidra: Banco de Tabelas Estatísticas. População residente, por sexo e situação do domicílio: 2010. Disponível em: <https://sidra.ibge.gov.br/tabela/202>. Acesso em 10 abr. 2023.

IBGE - INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. Sidra: Banco de Tabelas Estatísticas. Tabela 4714 - População Residente, Área territorial e Densidade demográfica: 2022. Disponível em <https://sidra.ibge.gov.br/tabela/4714>. Acesso em 02 out. 2023.

JOAÇABA, Município de Joaçaba. Realizado o descerramento do Memorial em homenagem a Dr. Miguel Russowsky. Joaçaba, 23 out. 2018. Disponível em: <<https://www.joacaba.sc.gov.br/noticias/ver/2018/08/realizado-o-descerramento-do-memorial-em-homenagem-a-dr-miguel-russowsky>>. Acesso em: 18 set. 2021.

LUIZ, É. Cinema em Joaçaba. Joaçaba, 2013. Disponível em: <<https://www.ederluiz.com.vc/cinema-em-joacaba>>. Acesso em: 18 set. 2021.

LUIZ, É. Os cinemas em Joaçaba. Joaçaba, 2019. Disponível em: <<https://www.ederluiz.com.vc/a-historia-dos-cinemas-em-joacaba>>. Acesso em: 18 set. 2021.

MILLARCH, A. Aqueles tempos dourados com imagens de sonhos nas telas. 09 jan. 1992. Castro, PR. Disponível em: <https://www.millarch.org/artigo/aqueles-tempos-dourados-com-imagens-de-sonhos-nas-telas>. Acesso em 11 out. 2021.

MILLARCH, A. Ora, Viva! Primeiras sessões de 2 cinemas. 11 ago. 1984. Tabloide digital. Disponível em: [millarch.org/artigo/ora-viva-primeiras-sessoes-de-2-cinemas](https://www.millarch.org/artigo/ora-viva-primeiras-sessoes-de-2-cinemas). Acesso em 14 out. 2021.

NOVA MUTUM, Assessoria de. Power Mix. Personalidades são homenageadas com

honraria o semeador. Nova Mutum, 17 dez. 2018. Disponível em: <https://www.powermix.com.br/ultimos-eventos/personalidades-sao-homenageadas-com-honraria-o-semeador-confira-as-fotos/7271>. Acesso em 06 set. 2022.

PEREIRA, Antônio Carlos. No Escurinho do Cinema } EXITO 57 Ago/Set 2013. Os Discos do Bolinha. Disponível em: <iew>. Acesso em 18 set. 2021.

PIERDONÁ, Cristyan. Blog Cidade Lebon Régis. Cinema e Associação. Lebon Régis, abr. 2007. Disponível em: <http://cidadelebonregis.blogspot.com/2007/04/cinema-e-associao.html>. Acesso em 16 set. 2022.

PILATTI, Lodovino. Cine Guarani de Videira. YouTube. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=o0lxPqp1syQ>. Acesso em 11 out. 2021.

PIRATUBA, Prefeitura de. Casarão aberto à visitação, guarda a memória de Piratuba em 70 anos de história. Piratuba, 18 fev. 2019. Disponível em: <http://www.piratuba.com.br/informativos/1030-casarao-aberto-a-visitacao-guarda-a-memoria-de-piratuba-em-70-anos-de-historia>. Acesso em 27 fev. 2023.

PREFEITURA DE GUARUJÁ DO SUL. História. Guarujá do Sul, 19 jan. 2022. Disponível em: <https://www.guarujadosul.sc.leg.br/institucional/historia>. Acesso em 15 set. 2022.

PREFEITURA DE MARAVILHA. Cinema. Maravilha, 31 mar. 2013. Disponível em: <https://www.maravilha.sc.gov.br/cms/pagina/ver/codMapaltem/3637>. Acesso em 03 fev. 2022.

PREFEITURA DE PINHALZINHO. Lei Nº 2.446, de 23 de junho de 2015. Pinhalzinho, 23 jun. 2015. Disponível em: https://amosc.org.br/uploads/1536/arquivos/1672211_PME____Pinhalzinho.pdf. Acesso em 24 jan. 2022.

PREFEITURA DE SÃO LOURENÇO DO OESTE. Antigo cinema (prédio do meio) rua Duque de Caxias, entre as décadas de 60 e 70. Facebook, 10 mar. 2017. Disponível em: <https://www.facebook.com/prefeituraslooficial/photos/a.1249074498476846/1466567896727504/?type=3>. Acesso em 14 set. 2022.

PREFEITURA DE SÃO LOURENÇO DO OESTE. Bom dia! Faltando uma semana para o 46º Flic, vamos relembrar um pouco a primeira edição [...]. Facebook, 19 jul. 2018. Disponível em: <https://www.facebook.com/prefeituraslooficial/posts/pfbid036HEmMnbnzskKyJkd1WnyNrA1es4ywtMeeEsKDUN4MJkCiR6SAmnTuFgRnB7AnBkCl>. Acesso em 14 set. 2022.

RÁDIO BARRIGA VERDE. Secretaria de Educação apresentou à Administração Municipal de Capinzal uma proposta de locação do espaço do antigo Cinema. Capinzal, 17 set. 2021. Disponível em: radiobarrigaverde.com.br/secretaria-de-educacao-apresentou-a-administracao-municipal-de-capinzal-uma-proposta-de-locacao-do-espaco-do-antigo-cinema/. Acesso em 12 out. 2021.

RÁDIO CATARINENSE. Cinema em Joaçaba: Captação de recursos depende da

criação do Conselho de Cultura. Joaçaba, 18 jul. 2013. Disponível em: <https://www.radiocatarinense.com.br/portal/noticias_detalhe.php?id=3765>. Acesso em: 18 set. 2021.

RÁDIO INTEGRAÇÃO. Ex-prefeito, pioneiro de São José do Cedro, e sócio-fundador da Rádio Integração morre aos 83 anos. São José do Cedro, 30 dez. 2019. Disponível em: <http://radiointegracaoam1180.com.br/page/publicacoes/ler/70188/ex-prefeito-pioneiro-de-sao-jose-do-cedro-e-socio-fundador-da-radio-integracao-morre-aos-83-anos.html>. Acesso em 15 set. 2022.

REDE CATARINENSE DE NOTÍCIAS. Voltando no Tempo. 30 jan. 2020. Disponível em: <http://otempodefato.com.br/geral/voltando-no-tempo-1.2198269>. Acesso em 14 out. 2021.

REDE PEPPERI. Cine Pepperi. Disponível em: <https://www.peperi.com.br/cinema/>. Acesso em 16 set. 2022.

REDE PEPPERI. Jornal O Globo do RJ destaca empreendimento da Peperi em cinema. Cine Pepperi. São Miguel do Oeste, 23 out. 2016. Disponível em: <https://www.peperi.com.br/noticias/23-10-2016-jornal-o-globo-do-rj-destaca-empreendimento-da-peperi-em-cinema/>. Acesso em 15 set. 2022.

ROSA, C. DA. Alírio Caldart é homenageado pela Câmara de Vereadores de Joaçaba. Joaçaba, 2014. Disponível em: <<https://www.cacodarosa.com/noticia/6493/alirio-caldart-e-homenageado-pela-camara-de-vereadores-de-joacaba>>. Acesso em: 18 set. 2021.

SANTA CATARINA. Secretaria de Estado da Fazenda. Divisões Administrativas. Santa Catarina, nov. 2012. Disponível em: <https://www.sef.sc.gov.br/arquivos_portal/relatorios/31/Divisoes_administrativas____novembro_2012.xls>. Acesso em 03 maio 2021.

SANTOS, P. E. Sociedade Pós Emancipação. Blog Paulo Eliseu Santos, jan. 2010. Disponível em: <https://www.pauloeliseusantos.net/post/sociedade-p%C3%B3s-emancipa%C3%A7%C3%A3o-1>. Acesso em 14 out. 2021.

SÃO DOMINGOS, Portal Municipal de Turismo de. Vila Milani. Disponível em: <https://turismo.saodomingos.sc.gov.br/o-que-fazer/item/vila-milani>. Acesso em 25 jan. 2022.

SCARIOTTI, Alcides Dal Alba. Inauguração do novo prédio do Cine Bandeirante, em 1977. Câmara de Vereadores de São Lourenço do Oeste, s.d. Disponível em: <http://icsl.saolourenco.sc.gov.br/arq/museu-lorenciano/museu-exposicao.pdf>. Acesso em 03 out. 2022.

SCIREA FILHO, Romeu. Quirera Gourmet, 30 abr. 2020. Disponível em: https://rondapolicial.net.br/noticia/quirera-gourmet-30-04-2020/?fb_comment_id=2967759529937864_2969031163144034. Acesso em 13 jan. 2022.

SECRETARIA DA FAZENDA. Governo de Santa Catarina. Municípios: Gentílico, Lei de Criação e Data da Instalação – maio 2011. Disponível em: <https://view.officeapps.live.com/op/view.aspx?src=https%3A%2F%2Fwww.sef.sc.gov>

.br%2Farquivos_portal%2Frelatorios%2F31%2F03____municípios____gentílico__lei_d e_criação_e_data_da_instalação.xls&wdOrigin=BROWSELINK. Acesso em 23 maio 2023.

STREET VIEW, Google. Av. Irmãos Piccoli, 338, Tangará – SC, mar. 2019a.

Disponível em:

<https://www.google.ca/maps/place/Av.+Irm%C3%A3os+Piccoli,+338+-+Centro,+Tangará%C3%A1+-+SC,+89642-000/@-27.1040589,-51.2452133,17z/data=!4m6!3m5!1s0x94e15a145a4555ff:0x5f76daefa66ee687!8m2!3d-27.1042129!4d-51.2453055!16s%2Fg%2F11j312hcf?entry=ttu>. Acesso em 26 maio 2023.

STREET VIEW, Google. Av. Barão do Rio Branco, 570, Caçador – SC, jul. 2022A.

Disponível em:

<https://www.google.com/maps/place/Av.+Bar%C3%A3o+do+Rio+Branco,+570+-+Centro,+Ca%C3%A7ador+-+SC,+89500-000/@-26.7742932,-51.0157706,17z/data=!4m5!3m4!1s0x94e6b600907d45b9:0x6a06c9ceca3fad6!8m2!3d-26.7740684!4d-51.0157083?shorturl=1>. Acesso em 26 maio 2023.

STREET VIEW, Google. Av. Getúlio Dorneles Vargas, 224, Chapecó – SC, abr.

2019b. Disponível em: https://www.google.ca/maps/@-27.1029096,-52.614726,3a,75y,50.29h,93.92t/data=!3m6!1e1!3m4!1s_028-B4EWtV6jIFlt9suhg!2e0!7i13312!8i6656?entry=ttu.

Acesso em 26 maio 2023.

STREET VIEW, Google. Av. Getúlio Dorneles Vargas, 389, Chapecó – SC, jun.

2022B. Disponível em:

<https://www.google.ca/maps/place/27%C2%B006'05.0%22S+52%C2%B036'55.7%22W/@-27.1013877,-52.6161159,19z/data=!3m1!4b1!4m4!3m3!8m2!3d-27.1013889!4d-52.6154722?entry=ttu>. Acesso em 26 maio 2023.

STREET VIEW, Google. Av. XV de Novembro, 502, Joaçaba – SC, jan. 2012A.

Disponível em:

<https://www.google.ca/maps/place/27%C2%B010'23.5%22S+51%C2%B030'13.2%22W/@-27.1731866,-51.5058489,17z/data=!3m1!4b1!4m5!3m4!1s0x0:0x0!8m2!3d-27.1731866!4d-51.5036602?shorturl=1>. Acesso em 26 maio 2023.

STREET VIEW, Google. Av. XV de Novembro, 657, Joaçaba – SC, maio 2022C.

Disponível em:

<https://www.google.ca/maps/place/27%C2%B010'20.7%22S+51%C2%B030'09.0%22W/@-27.1724119,-51.5050749,17z/data=!3m1!4b1!4m4!3m3!8m2!3d-27.1724167!4d-51.5025?entry=ttu>. Acesso em 26 maio 2023.

STREET VIEW, Google. Rua Coronel Passos Maia, 512, Xanxerê – SC, mar. 2019c.

Disponível em:

<https://www.google.ca/maps/place/26%C2%B052'40.6%22S+52%C2%B024'22.0%22W/@-26.8779555,-52.4067592,19z/data=!3m1!4b1!4m4!3m3!8m2!3d-26.8779567!4d-52.4061155?entry=ttu>. Acesso em 26 maio 2023.

STREET VIEW, Google. Rua do Comércio, 150, Concórdia – SC, fev. 2019D.

Disponível em: <https://www.google.ca/maps/place/R.+do+Com%C3%A9rcio,+150+-+Centro,+Conc%C3%B3rdia+-+SC,+89700-000/@-27.2305733,-52.0253069,19z/data=!3m1!4b1!4m6!3m5!1s0x94e37f63126ffff:0x548895bd1165f9b>

Acesso em 26 maio 2023.

2!8m2!3d-27.2305733!4d-52.0253069!16s%2Fg%2F11fx2tph4z?entry=ttu. Acesso em 26 mai. 2023.

STREET VIEW, Google. Rua Duque de Caxias, 536, São Lourenço do Oeste – SC, maio 2012B. Disponível em:
<https://www.google.com/maps/place/26%C2%B021'13.9%22S+52%C2%B051'00.3%22W/@-26.3538501,-52.850722,19z/data=!3m1!4b1!4m4!3m3!8m2!3d-26.3538513!4d-52.8500783?entry=ttu>. Acesso em 26 maio 2023.

STREET VIEW, Google. Rua Nadarci Brandt, 226, Fraiburgo – SC, out. 2021. Disponível em: https://www.google.com/maps/@-27.0223412,-50.9256536,3a,60y,71.59h,90.96t/data=!3m6!1e1!3m4!1sZpSrJO6wml_MtslQWR6LvA!2e0!7i16384!8i8192?entry=ttu. Acesso em 26 maio 2023.

STREET VIEW, Google. Rua Pres. Nereu Ramos, 25, Capinzal – SC, jun. 2022D. Disponível em:
<https://www.google.com/maps/place/27%C2%B020'28.9%22S+51%C2%B036'39.4%22W/@-27.3413686,-51.6114833,19z/data=!3m1!4b1!4m5!3m4!1s0x0:0x0!8m2!3d-27.3413686!4d-51.6109361>. Acesso em 26 maio 2023.

VARELA, Douglas. Conheça um pouco da história da Capela São José de Linha Vitória (Ouro). *Jornal A Semana*, Capinzal, 07 nov. 2016. Disponível em:
[https://www.capinzalfm.com.br/noticias/conheca-um-pouco-da-historia-da-capela-sao-jose-de-linha-vitoria-\(ouro\)/3556](https://www.capinzalfm.com.br/noticias/conheca-um-pouco-da-historia-da-capela-sao-jose-de-linha-vitoria-(ouro)/3556). Acesso em 25 ago. 2022.

VARELA, Douglas. *Jornal A Semana*. RÁDIO CAPINZAL: 40 ANOS FAZENDO HISTÓRIA COM A COMUNIDADE!. Capinzal, 2021. Disponível em:
<https://www.capinzalfm.com.br/noticias/radio-capinzal:-40-anos--fazendo-historia-com-a-comunidade!/15562>. Acesso em 29 ago. 2023.

VARELA, Douglas. Rádio capinzal: 40 anos fazendo história com a comunidade. Capinzal, 21 dez. 2020. Disponível em: <https://www.capinzalfm.com.br/noticias/radio-capinzal:-40-anos--fazendo-historia-com-a-comunidade!/15562>. Acesso em 28 mar. 2023.

VERGETT, Presciliana Aires de Arruda. Entrevista concedida à Taiguara Marodim. Caçador, SC. 01 ago. 2016. Disponível em:
<http://academialettras2014.blogspot.com/2016/08/episodios-historicos-de-cacador-i.html?q=cine>. Acesso em 11 out. 2021.

VIDORI, Fernando José. Clube Palmitos (1942). Blog Kromossomos Loukos. Palmitos, 17 jun. 2007. Disponível em:
<http://kromossomosloukosgincana.blogspot.com/2007/06/balnerio-ilha-redonda-fotodiego.html>. Acesso em 16 set. 2022.

Bibliografia:

ABRAMOVAY, R. O futuro das regiões rurais. 2. ed. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2009.

ALBA, R. S. A produção do espaço urbano de Chapecó-SC. Dissertação. (Mestrado em Geografia). Florianópolis: UFSC, 1998.

ALMEIDA, V. Capinzal: jóias desta terra e desta gente. Joaçaba: UNOESC, 2004.

ANCINE – Agência Nacional do Cinema. Evolução das Salas de Exibição - 1971 a 2018. 2019b. Disponível em: <
<https://oca.ancine.gov.br/sites/default/files/repositorio/pdf/2301.pdf>>. Acesso em: 29 maio 2021.

ANCINE – Agência Nacional do Cinema. Informe de Acompanhamento do Mercado: Exibição - 2012. Brasília: 2013. Disponível em: https://www.gov.br/ancine/pt-br/oca/publicacoes/arquivos.pdf/informe_exibicao_2012_0.pdf. Acesso em 12 maio 2023.

ANCINE – Agência Nacional do Cinema. Mercado Cinematográfico 2022. Brasília: 16 mar. 2023. Disponível em: <https://www.gov.br/ancine/pt-br/oca/cinema/arquivos-pdf/preliminar-mercado-cinematografico-2022.pdf>. Acesso em 29 mar. 2023.

ANCINE – Agência Nacional do Cinema. Relatório Anual Monitoramento das Salas de Exibição – 2007. Brasília: 2015a (republicação). Disponível em: <https://www.gov.br/ancine/pt-br/oca/cinema/arquivos-pdf/relatorio-anual-exibicao-2007.pdf>. Acesso em 12 maio 2023.

ANCINE – Agência Nacional do Cinema. Relatório Anual Monitoramento das Salas de Exibição – 2008. Brasília: 2015b (republicação). Disponível em: <https://www.gov.br/ancine/pt-br/oca/cinema/arquivos-pdf/relatorio-anual-exibicao-2008.pdf>. Acesso em 12 maio 2023.

ANCINE – Agência Nacional do Cinema. Salas de exibição - 2018. 2019c. Disponível em:
https://oca.ancine.gov.br/sites/default/files/repositorio/pdf/informe_salas_de_exibicao_2018.pdf. Acesso em: 29 maio 2021.

ANCINE – Agência Nacional do Cinema. Anuário Estatístico do Cinema Brasileiro – 2019. Brasília: 30 dez. 2020. Disponível em: https://www.gov.br/ancine/pt-br/oca/publicacoes/arquivos.pdf/anuario_2019.pdf. Acesso em 02 ago. 2023.

BARBOSA, Aurora Maria Putton. Rodoviarismo e integração: a ideologia e a política da modernização conservadora catarinense. Dissertação (mestrado). Pós-Graduação em Geografia da Universidade Federal de Santa Catarina. UFSC, 2013. Disponível em: <https://repositorio.ufsc.br/xmlui/handle/123456789/122787>. Acesso em 16 ago. 2023.

BATISTA, B. K; CANDEIA, L. E; DALLABRIDA, W. S. Espaço e Cultura: as antigas salas de cinema de rua de Santa Catarina. XV Simpurb - Simpósio Nacional de Geografia Urbana. Salvador, 2017. Disponível em:<http://www.inscricoesxvsimpurb.ufba.br/modulos/consulta&relatorio/rel_download.asp?nome=88499.docx>. Acesso em 02 maio 2021.

BAVARESCO, P. R. Os ciclos econômicos do Extremo Oeste Catarinense: modernização, progresso e empobrecimento. Blumenau: FURB, 2003. (Dissertação, Mestrado em Desenvolvimento Regional)

BERMAN, M. Tudo que é sólido desmancha no ar. SP: Companhia das Letras, 2007.

BERNARDES, N. A colonização européia no Sul do Brasil. Boletim Geográfico do IBGE, Rio de Janeiro. v.10, n.109, p.442-448, 1952.

BONA, R. J. Do Teatro Frohsinn aos cinemas do shopping: a história do cinema em Blumenau. In: REIS, Clóvis (Org.). Realidade regional em comunicação: perspectivas da comunicação no Vale do Itajaí. Blumenau: Edifurb, 2009.

BRANDT, M; SILVA, N. S. A coleta da erva-mate pela população cabocla do Vale do Rio do Peixe e Oeste de Santa Catarina: apropriação privada da terra e rupturas (décadas de 1900 a 1940). Sociedade & Natureza, vol. 26, núm. 3, setembro-dezembro, 2014, pp. 459-469. Universidade Federal de Uberlândia. Uberlândia, Minas Gerais, Brasil. Disponível em: <http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=321332652006>. Acesso em 28 abr. 2022.

BRASIL. Decreto nº 6.533, de 20 de junho de 1907. Câmara dos Deputados. Fixa prazos para a conclusão dos trabalhos de construção das linhas de concessão da Companhia Estrada de Ferro S. Paulo ao Rio Grande e dá outras providências. Disponível em: <https://www2.camara.leg.br/legin/fed/decret/1900-1909/decreto-6533-20-junho-1907-527647-norma-pe.html>. Acesso em 14 mar. 2022.

CALDEIRA, T. P. R. Enclaves fortificados: a nova segregação urbana. Novos Estudos, N. 47, março de 1997. Disponível em: https://reverbe.net/cidades/wp-content/uploads/2011/08/Enclaves-fortificados_segregacao-urbana.pdf. Acesso em 18 maio 2023.

CHARNEY, L; SCHWARTZ, V. R. O cinema e a invenção da vida moderna. São Paulo: Cosac Naify, 2004.

COELHO, T. O que é indústria cultural. São Paulo: Brasiliense, 1993.

COMASSETTO, L. R. Da política ao negócio: a mutação do rádio no Oeste catarinense. Revista de Economía Política de las Tecnologías de la Información y Comunicación. Vol. VII, n. 5, maio – ago. 2005. Disponível em: <http://www.portcom.intercom.org.br/pdfs/169862936225294443130764405089401936738.pdf>. Acesso em 27 mar. 2023.

CORREIA, R. L. O Espaço Urbano. São Paulo: Ática, 2005.

CORREIA, R. L. Rede urbana. São Paulo: Ática, 1989.

DARONCO, M. A. P. Milímetros da história: memórias e identidades da produção cinematográfica em 16mm em Santa Maria nos anos de 1960. Dissertação (mestrado) defendida no Programa de Pós-Graduação em Comunicação, da Universidade Federal de Santa Maria. Santa Maria: 2017.p. 281.

D'EÇA, O. G. ...aos espanhóis confinantes. Mondaí, Santa Catarina, 27 mar. 1929. Disponível em: literaturabrasileira.ufsc.br/documentos/?action=download&id=138158. Acesso em 23 fev. 2023.

DELGADO, G. C. Capital Financeiro e Agricultura no Brasil. São Paulo – SP: Ícone, 1985. Disponível em: <https://mst.org.br/download/capital-financeiro-e-agricultura-no-brasil-1965-1985/#>. Acesso em 29 mar. 2023.

DIÁRIO OFICIAL DOS MUNICÍPIOS DE SANTA CATARINA. Decreto Nº 14/2013. Câmara de Vereadores de Campos Novos. Campos Novos, 7 jun. 2013. Disponível em:

https://edicao.dom.sc.gov.br/arquivosbd/edicoes/2013/06/0.167812001370557226_1254.pdf. Acesso em 14 set. 2022.

DIRECTORIA GERAL DE ESTATÍSTICA. Recenseamento do Brasil realizado em 1 de Setembro de 1920. Rio de Janeiro: Typ. da Estatística, 1922.

ESPÍNDOLA, C. J. As agroindústrias de oeste catarinense: o caso Sadia. 1996. Dissertação de Mestrado defendida no Departamento de Geografia da Universidade de São Paulo. São Paulo, 1996.

FACCIN, M. N. Narradores de Ouro: uma cidade viva na memória, vol. 1. Palhoça: 2019. Disponível em: <https://repositorio.animaeducacao.com.br/bitstream/ANIMA/9121/2/Livro%20-%20reportagem%20Narradores%20de%20Ouro.pdf>. Acesso em 12 abr. 2023.

FERRARI, M. Interações transfronteiriças na zona ne fronteira Brasil-Argentina: O Extremo Oeste de Santa Catarina e Paraná e a Província de Misiones (Século XX e XIX). 2011. 445 f. Tese (Doutorado em Geografia) - Programa de Pós-Graduação em Geografia, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2011.

FERRAZ, T. G. Espectação cinematográfica no subúrbio carioca da Leopoldina: dos "cinemas de estação" às experiências contemporâneas de exibição". Tese (doutorado) - Programa de Pós-graduação em Comunicação e Cultura - Escola de Comunicação da Universidade Federal do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro, 236 p. 2014a.

FERRAZ, T. G. Os cinemas de Lisboa no século XX (Entrevista com Margarida Acciaiuoli). Revista Eco-Pós, [S. l.], v. 16, n. 3, p. 129–134, 2014b. DOI: 10.29146/eco-pos.v16i3.836. Disponível em: https://revistaecopos.eco.ufrj.br/eco_pos/article/view/836. Acesso em: 5 maio de 2023.

FERRAZ, T. G; VIEIRA, J. L. O rosto e a vida da sala de cinema na Lisboa do século XX. Significação: Revista de Cultura Audiovisual, [S. l.], v. 40, n. 40, p. 279-287, 2013. DOI: 10.11606/issn.2316-7114.sig.2013.71685. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/significacao/article/view/71685>. Acesso em: 21 jun. 2023.

FERRAZ, T. A segunda Cinelândia carioca. 2ª ed. Rio de Janeiro: Mórula Editorial, 2012.

FLORÊNCIO, C. B. Projeto de Documentário Memórias de uma Sala Escura. Universidade Comunitária da Região de Chapecó, Chapecó, 2015.

FRAGA, N C. A influência territorial da agroindústria catarinense: a fusão entre a Perdigão e Sadia e as transformações na cidade de Videira-SC. Serviço Social em Revista, [S. l.], v. 20, n. 2, p. 83-102, 2018. DOI: 10.5433/1679-4842.2018v20n2p83. Disponível em: <https://ojs.uel.br/revistas/uel/index.php/ssrevista/article/view/32486>. Acesso em: 17 abr. 2023.

FREIRE, R. L. O Negócio do Filme: a distribuição cinematográfica no Brasil, 1907-1915. Rio de Janeiro: Museu de Arte Moderna, 2022.

GAZZÓLA, L. A educação patrimonial na escola: um estudo sobre a percepção dos professores acerca do patrimônio cultural de Joaçaba. Universidade do Oeste de

Santa Catarina – Unoesc, Joaçaba, 2007.

GERARDI, D. A. Partidos políticos e eleições em Joaçaba: origem e composição social (1947-1960). Passo Fundo, Universidade de Passo Fundo, 2010. Disponível em: <https://1library.org/document/eqo5725y-partidos-politicos-politica-assistencia-municipios-brasileiros-partidos-periodo.html>. Acesso em 10 jan. 2022.

GERHARDT, M. História Ambiental da erva-mate. 2013. 290 f. Tese (Doutorado em História). Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2013.

GOMES, P. C. C. A condição urbana: ensaios de Geopolítica da cidade. 3ª ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2010.

GOULARTI FILHO, A. A formação econômica de Santa Catarina. Ensaios FEE, v. 23, n. 2, p. 977–1007, Porto Alegre, 2002.

GOULARTI FILHO, A. Formação do sistema de comunicações em Santa Catarina: telefonia (1876-1927). Passagens. Revista Internacional de História Política e Cultura Jurídica, v. 10, n. 2, p. 274-300, 2018. Disponível em: <https://www.redalyc.org/journal/3373/337355947008/337355947008.pdf>. Acesso em 24 mar. 2023.

HAMBURGER, E. O Brasil antenado. A sociedade das Novelas. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2005.

HAN, B. Sociedade do cansaço. Petrópolis: Vozes, 2015.

IBGE - INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. Censo demográfico: 1950. Rio de Janeiro, 1953. v. 27, t. 1. Disponível em: https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/periodicos/67/cd_1950_v27_t1_sc.pdf. Acesso em 28 set. 2022.

IBGE - INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. Censo demográfico: 1960. Rio de Janeiro, 1968. v. 1, t. 15, p.1. Disponível em: https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/periodicos/68/cd_1960_v1_t15_p1_sc.pdf. Acesso em 28 set. 2022.

IBGE - INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. Censo demográfico: 1970. Rio de Janeiro, 1973. v. 1, t. 20, p.1. Disponível em: https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/periodicos/69/cd_1970_v1_t20_sc.pdf. Acesso em 28 set. 2022.

IBGE - INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. Censo demográfico de 1980; dados distritais: Rio de Janeiro, 1983. v. 1, t. 4, n.21. (9o Recenseamento Geral do Brasil, 1980). Disponível em: https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/periodicos/72/cd_1980_v1_t4_n21_sc.pdf. Acesso em 19 set. 2022.

IBGE - INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. Censo demográfico de 1991; População Residente Urbana e Rural (Santa Catarina): Rio de Janeiro, 1991. Disponível em: <https://www.ibge.gov.br/estatisticas/sociais/rendimento-despesa-e-consumo/25089-censo-1991-6.html?edicao=25090&t=downloads>. Acesso em 21 mar. 2023.

IBGE - INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. Classificação e caracterização dos espaços rurais e urbanos do Brasil: uma primeira aproximação. Rio de Janeiro: IBGE, 2017.

IBGE - INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. Divisão do Brasil em Mesorregiões e Microrregiões Geográficas. Rio de Janeiro: IBGE, 1990.

IBGE - INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. Enciclopédia dos municípios brasileiros. Vol. XXXII. Rio de Janeiro: IBGE, 1959a.

IBGE - INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. Evolução da divisão territorial do Brasil 1872-2010. Rio de Janeiro: IBGE, 2011a.

IBGE - INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. Recenseamento geral do Brasil. Rio de Janeiro: IBGE, 1952. v. 19: censo demográfico: população e habitação. Disponível em: <https://biblioteca.ibge.gov.br/index.php/biblioteca-catalogo?view=detalhes&id=765>. Acesso em 21 mar. 2023.

IBGE - INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. Revista Brasileira dos Municípios, nº 45/46, Ano XII, jan./jun. 1959c. Disponível em: https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/periodicos/180/rbm_1959_v12_n45_n46_ja_n_jun.pdf. Acesso em 16 set. 2022.

JOAÇABA, Prefeitura de. Lei Nº 347, de 15 de julho de 1961. Prorroga a lei nº 283, de 31 de janeiro de 1959. Joaçaba, 15 jul. 1961. Disponível em: <https://leismunicipais.com.br/a/sc/j/joacaba/lei-ordinaria/1961/34/347/lei-ordinaria-n-347-1961-prorroga-a-lei-n-283-de-31-de-janeiro-de-1959>. Acesso em 13 set. 2022.

LEMOS, J. H. Z. Por uma geo-história do transporte rodoviário de passageiros: contextos de operação na região Oeste de Santa Catarina. Revista Transporte y Territorio, n. 23, p. 288-319, 30 nov. 2020.

LOPES, S. O Território Federal do Iguaçu e a "Marcha para Oeste". Espaço Plural, [S. l.], v. 5, n. 11, p. p. 16–18, 2000. Disponível em: <https://e-revista.unioeste.br/index.php/espacoplural/article/view/185>. Acesso em: 1 ago. 2023.

MACHADO, P. P. Um estudo sobre as origens sociais e a formação política das lideranças sertanejas do Contestado, 1912-1916. Campinas: Unicamp, 2001. (Tese, Doutorado em História).

MAMIGONIAN, A. Teorias sobre a industrialização brasileira. Cadernos Geográficos. Florianópolis: Imprensa Universitária, UFSC/CFH/GCN, n. 2, 2000.

MAMIGONIAN, A. Vida regional em Santa Catarina. Revista Orientação, São Paulo, n.2, p. 35-38, set. 1966.

MARTINS, P; WELTER, T. A presença da população cabocla. In: ROCHA, Isa de Oliveira (Org.). Atlas geográfico de Santa Catarina: população – fascículo 3. 2. ed. / Santa Catarina. Secretaria de Estado do Desenvolvimento Econômico Sustentável. Diretoria de Desenvolvimento Urbano. Florianópolis: Ed. da UDESC, 2019.

MAYER, L; NEUMANN, R. M. "A construção da brasilidade": os discursos nacionalistas nas páginas do jornal A Voz de Chapecó (1939 – 1941). ESTUDIOS

HISTÓRICOS, Año VIII - Julio 2016 - Nº 16 – ISSN: 1688 – 5317. Uruguay.

MAZIERO, C; CAMPOS, J. R. R.; GODOY, C. M. T. TRANSFORMAÇÕES ARQUITETÔNICAS DE SÃO MIGUEL DO OESTE, SC. Cadernos de Arquitetura e Urbanismo, v. 28, n. 42, p. 159-197, 2021. Disponível em: <http://periodicos.pucminas.br/index.php/Arquiteturaeurbanismo/article/view/23163/19727>. Acesso em 11 abr. 2023.

MILANI, M. C. Percival Farquhar, um homem quase sem nenhum caráter entre oligarcas e nacionalistas de muita saúde (1898-1952). 2017. Tese (Doutorado em História Econômica) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, University of São Paulo, São Paulo, 2017. doi:10.11606/T.8.2017.tde-14062017-082204. Acesso em: 22 fev. 2023.

MONTEIRO, A. N. O cinema educativo como inovação pedagógica na escola primária paulista (1933-1944). 2006. Dissertação (Mestrado em Educação) - Faculdade de Educação, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2006. doi:10.11606/D.48.2006.tde-05122007-122324. Acesso em: 2023-08-01.

MONTEIRO, G. S. Condão caipira: produção e recepção do cinema de Amácio Mazzaropi. 2013. Dissertação (Mestrado em Sociologia) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2013. doi:10.11606/D.8.2013.tde-15052013-085055. Acesso em 29 jun. 2023.

MORAES, D. Comunicação, Hegemonia e Contra-hegemonia: a contribuição teórica de Gramsci. Revista Debates, [S. l.], v. 4, n. 1, p. 54, 2010. DOI: 10.22456/1982-5269.12420. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/index.php/debates/article/view/12420>. Acesso em: 10 ago. 2023.

MORAES, F. F. A eletrificação em Santa Catarina. 2019. Tese (Doutorado em História Econômica) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2019. doi:10.11606/T.8.2020.tde-21022020-143822. Acesso em: 22 mar. 2023.

MÜLLER, Y. L. O Cinema ao longo do Vale do Itajaí (SC): Espaços de Cultura e Desenvolvimento Regional. Dissertação (mestrado) do Programa de Pós-Graduação em Planejamento Territorial e Desenvolvimento Socioambiental da Faculdade de Educação – Faed. Universidade do Estado de Santa Catarina – Udesc. Florianópolis: 2022.

MÜLLER, Y. L; POZZO, R. R. Cartografias do cinema: o protagonismo de Blumenau no contexto catarinense. XV Simpurb - Simpósio Nacional de Geografia Urbana. Salvador, 2017. Disponível em: http://www.inscricoesxvsimpurb.ufba.br/modulos/consulta&relatorio/rel_download.asp?nome=88424.docx. Acesso em 02 maio 2021.

MUNARIM, U. Arquitetura dos cinemas: um estudo da modernidade em Santa Catarina. Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal de Santa Catarina, Centro Tecnológico. Programa de Pós-graduação em Urbanismo História e Arquitetura. Florianópolis, 2009.

NODARI, E. S. Persuadir para migrar: a atuação das companhias colonizadoras. Esboços (UFSC), Chapecó, v. 10, p. 29-51, 2002.

- NODARI, E. S. Etnicidades renegociadas: práticas socioculturais no Oeste de Santa Catarina. Florianópolis: Ed. da UFSC, 2009.
- OLIVEIRA, M. Xaxim conta sua história. Xaxim: Prefeitura Municipal, 1992.
- ONGHERO, A. L. Colonização e constituição do espaço rural no oeste de Santa Catarina. SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA, v. 27, 2013.
- ORTIZ, R. A Moderna Tradição Brasileira: Cultura brasileira e indústria cultural. 5ª ed. São Paulo: Brasiliense, 2001.
- PELLIZZARO, R.A. Contos do Morro da Preguiça. Balneário Camboriú: Edpel, 2012. Disponível em: issuu.com/churrasquim/docs/livro...contos_com_capa_branca_02_12_12. Acesso em 14 out. 2021.
- PEREIRA, R. M. F. A; VIEIRA, M. G. E. D. Gênese da formação econômica e social. In: ROCHA, Isa de Oliveira (Org.). Atlas geográfico de Santa Catarina: população – fascículo 3. 2. ed. / Santa Catarina. Secretaria de Estado do Desenvolvimento Econômico Sustentável. Diretoria de Desenvolvimento Urbano. Florianópolis: Ed. da UDESC, 2019.
- PERTILE, N. Formação do espaço agroindustrial em Santa Catarina: o processo de produção de carnes no oeste catarinense. Tese (Doutorado em Geografia). UFSC, Florianópolis, 2008.
- PIAZZA, W. F. A colonização de Santa Catarina. 3.ed. Florianópolis: Lunardelli, 1994.
- PORTELLI, A. O que faz a história oral diferente. Tradução: Maria Therezinha Janine Ribeiro. In: Cultura e Representação. São Paulo: Projeto História, no. 14. Educ., fev. 1997.
- POZZO, R. R. A cotidianidade do cinema. CONTRACAMPO (UFF), Niterói, v. 36, n.3, pp. 85-111, 2018.
- POZZO, R. R. Entrevista com frequentadores do Cine Apolo. Palmitos, 2014.
- POZZO, R. R. Telas Migrantes: Uma Geografia Urbana Das Salas De Exibição Comercial No Brasil Do Século Xxi. Rebeca - Revista Brasileira de Estudos de Cinema e Audiovisual, v. 9, n. 1, p. 57–80, 2020.
- POZZO, R. R; CANDEIA, L. E. Cinemas de rua ao longo do Vale do Rio Tijucas (SC): expressões da cultura e marcadores do desenvolvimento regional. Redes, Santa Cruz do Sul, v. 26, jan. 2021. Disponível em: <https://online.unisc.br/seer/index.php/redes/article/view/15676>. Acesso em: 30 abr. 2021.
- POZZO, R. R; CANDEIA, L. E; MÜLLER, Y. L. Salas de cinema de rua de Santa Catarina (Brasil): uma pesquisa e suas escalas. PragMATIZES - Revista Latino-Americana de Estudos em Cultura, v. 12, n. 23, p. 22-58, 2 set. 2022.
- QUEIROZ, A. M; OURIQUES, D; MARCOS, W. Álbum-comemorativo do Cinquentenário do Município de Joaçaba. 1. ed. Joaçaba: 1967.

QUINTES, T. B. P. F. Atrações visuais e os primórdios do cinema em Campos dos Goytacazes. Dissertação (mestrado) - Programa de Pós-Graduação em Cinema e Audiovisual, Universidade Federal Fluminense. Niterói, p. 227. 2022.

RAMBO, G. C. D; VIANA, A. O; CANDEIA, L. E; BATISTA, B. K. Projeções da modernidade: a arquitetura das salas de cinema de rua de Santa Catarina. XVIII Enanpur – Encontro Nacional da Associação Nacional de Pesquisa em Pós-graduação em Planejamento Urbano e Regional. Natal, 2019. Disponível em: <<http://anpur.org.br/xviiienanpur/anaisadmin/capapdf.php?reqid=1126>>. Acesso em 02 maio 2021.

RAVAZZOLI, E. The Use of Geographical Categories in Cinema Studies: An Ontological Examination. In.: GENNARI, D T; HIPKINS, D; O'RAWE, C. (Org.). Rural Cinema Exhibition and Audiences in a Global Context. Londres: Palgrave Macmillan, 2018.

REGENSBURGER, J. Indústria e espaço urbano: implicações sócio-espaciais no município de Joaçaba – SC. Dissertação (mestrado) apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Geografia. Universidade Federal de Santa Catarina: 2006. Disponível em: <https://repositorio.ufsc.br/bitstream/handle/123456789/89119/226218.pdf?sequence=1&isAllowed=y>. Acesso em 12 abr. 2023.

REICHERT, P. Origem e trajetória do caboclo de Porto Novo: a formação de sua identidade camponesa. Cadernos do CEOM, 32. P. 267-287. Chapecó, 2010. Disponível em: <https://bell.unochapeco.edu.br/revistas/index.php/rcc/article/view/679/440>. Acesso em 01 ago. 2023.

REIS FILHO, N. G. Quadro da arquitetura no Brasil. 13. ed. São Paulo: Editora Perspectiva, 2015.

RENK, A.; WINCKLER, S. A formação socioeconômica da região Oeste de Santa Catarina – uma narrativa acerca de franjas e retalhos da identidade regional. Revista Cadernos do Ceom, v. 31, n. 49, p. 10, 2018.

RIO, J. Cinematographo (Chronicas cariocas). 1 ed. Porto: Livraria Chardron, 1909. Disponível em: <https://digital.bbm.usp.br/handle/bbm/3087>. Acesso em 12 jun. 2023.

ROCHA, I. O. O dinamismo industrial e exportador de Santa Catarina. 2004. Universidade de São Paulo, São Paulo, 2004.

ROSENFELD, A. Cinema: arte & indústria. São Paulo: Perspectiva, 2009.

ROYO, M. GALINIÊ, H. A arqueologia à conquista da cidade. In: Passados Recompuestos: campos e canteiros da história. BOUTIER, Jean. JULIA, Dominique (org.). Rio do Janeiro, Ed. UFRJ/FGV: 1998.

SAGAZ, P. A; LEITE, M. A. Divisão político-administrativa de Santa Catarina em 1930. In: ROCHA, Isa de Oliveira. Atlas Geográfico de Santa Catarina: estado e território – fascículo 1. 2. Ed. / Santa Catarina. Secretaria do Estado do Planejamento. Diretoria de Estatística e Cartografia. Florianópolis: Ed. Da UDESC, 2016a.

SAGAZ, P. A; LEITE, M. A. Divisão político-administrativa de Santa Catarina em 1946. In: ROCHA, Isa de Oliveira. Atlas Geográfico de Santa Catarina: estado e território – fascículo 1. 2. Ed. / Santa Catarina. Secretaria do Estado do Planejamento. Diretoria de Estatística e Cartografia. Florianópolis: Ed. Da UDESC, 2016b.

SAGAZ, P. A; LEITE, M. A. Divisão político-administrativa de Santa Catarina em 1965. In: ROCHA, Isa de Oliveira. Atlas Geográfico de Santa Catarina: estado e território – fascículo 1. 2. Ed. / Santa Catarina. Secretaria do Estado do Planejamento. Diretoria de Estatística e Cartografia. Florianópolis: Ed. Da UDESC, 2016c.

SAGAZ, P. A; LEITE, M. A. Mapa da origem dos municípios catarinenses. In: ROCHA, Isa de Oliveira. Atlas Geográfico de Santa Catarina: estado e território – fascículo 1. 2. Ed. / Santa Catarina. Secretaria do Estado do Planejamento. Diretoria de Estatística e Cartografia. Florianópolis: Ed. Da UDESC, 2016d.

SANTA CATARINA. Lei Nº 209, de 30 de novembro de 1948. Autoriza abertura de crédito especi-al. Florianópolis, 30 nov. 1948. Disponível em: http://leis.alesc.sc.gov.br/html/1948/209_1948_Lei.html. Acesso em 05 set. 2022.

SANTA CATARINA. Secretaria do Estado do Planejamento. Diretoria de Estatística e Cartografia. Atlas Geográfico de Santa Catarina: estado e território – fascículo 1. 2. Ed. / Santa Catarina. Secretaria do Estado do Planejamento. Diretoria de Estatística e Cartografia; Isa de Oliveira Rocha (Org.) – Florianópolis: Ed. Da UDESC, 2016.

SANTORO, P. F. A relação da sala de cinema e o espaço urbano em São Paulo: do provinciano ao cosmopolita. 2004. Dissertação (Mestrado em Estruturas Ambientais Urbanas) - Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2004. doi:10.11606/D.16.2004.tde-24012022-191024. Acesso em: 23 maio 2023.

SANTOS, M. A Natureza do Espaço: Técnica e Tempo, Razão e Emoção. São Paulo: Editora Hucitec, 1996.

SANTOS, M. A Urbanização Brasileira. SP, Hucitec, 1993.

SANTOS, M. A urbanização desigual: a especificidade do fenômeno urbano em países subdesenvolvidos. Petrópolis: Vozes, 1982.

SANTOS, M. Da totalidade ao lugar. 1ª ed., 3. reimpressão. São Paulo: Edusp, 2014.

SANTOS, M. Economia espacial: críticas e alternativas. 2. ed., 2. reimpressão. São Paulo: Edusp, 2007.

SANTOS, M. Sociedade e espaço: a formação social como teoria e como método. Boletim Paulista de Geografia. São Paulo, n. 54, AGB, 1977, p. 35-39.

SANTOS, M. Metamorfoses do Espaço Habitado. SP: Hucitec, 1988

SANTOS, M; SILVEIRA, M. L. O Brasil. Território e Sociedade no início do século 21. Rio de Janeiro: Record, 2001, 473 p.

SANTOS, S. C. Índios e Brancos no Sul do Brasil – a dramática experiência dos

Xoklém. Florianópolis: Edeme, 1973.

SANTOS, S. C. (org.). Santa Catarina no século XX: ensaios e memória fotográfica. Florianópolis: Ed. Da UFSC: FCC Edições, 2000.

SECRETARIA DO ESTADO DE PLANEJAMENTO. Governo de Santa Catarina. Fotografias aéreas de 1957 – Estado de Santa Catarina. Santa Catarina, 1957.

SECRETARIA DO ESTADO DE PLANEJAMENTO. Governo de Santa Catarina. Fotografias aéreas de 1978 – Estado de Santa Catarina. Santa Catarina, 1978.

SECRETARIA DO ESTADO DE PLANEJAMENTO. Governo de Santa Catarina. Levantamento Aerofotogramétrico de Santa Catarina. Santa Catarina, 2013.

SEGAWA, H. M. Arquiteturas no Brasil: 1900-1990. São Paulo, EDUSP, 2014.

SENNETT, R. O declínio do homem público. 7ª reimpressão. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.

SILVA, F. J. Evolução da Divisão Político-Administrativa. In: ROCHA, Isa de Oliveira. Atlas Geográfico de Santa Catarina: estado e território – fascículo 1. 2. Ed. / Santa Catarina. Secretaria do Estado do Planejamento. Diretoria de Estatística e Cartografia. Florianópolis: Ed. Da UDESC, 2016.

SILVA, O. B. M. S. Móveis Cimo S.A.: indústria, cinema e cidades. Anais do 31º Simpósio Nacional de História. Associação Nacional de História. Rio de Janeiro, 2021. Disponível em:
https://www.snh2021.anpuh.org/resources/anais/8/snh2021/1628519453_ARQUIVO_7d6f07a53c6494c350ebbdab3f5c1767.pdf. Acesso em 27 set. 2022.

SIMIS, A. A contribuição da cota de tela no cinema brasileiro. O Público e o Privado, v. 7 n. 14, 2009. Disponível em:
<https://revistas.uece.br/index.php/opublicoeoprivado/article/view/2696/2352>. Acesso em 14 ago. 2023.

SIMIS, A. Marcos na exibição de filmes no Brasil. Políticas Culturais em Revista, v. 10, n. 2, p. 37, 2017.

SINGER, B. Modernity, Hyperstimulus, and the Rise of Popular Sensationalism. In: CHARNEY, L.; SCHWARTZ, V. R. (Ed.). Cinema and the Invention of Modern Life. Berkeley, Los Angeles, London: University of California Press, 1995. p. 72-99.

SOROKIN, P. A.; ZIMMERMAN, C. C.; GALPIN, C. J. Diferenças fundamentais entre o mundo rural e o urbano. In: MARTINS, J. S. (Org). Introdução crítica a sociologia rural. São Paulo: Hucitec, 1981. p. 198-224.

SOUZA, C. R. Raízes do Cinema Brasileiro. Revista ALCEU (PUC-Rio), Rio de Janeiro, v.8, n.15, pp. 20-37, jul./dez. 2007.

SPESSATTO, L. F. Maestro Alfredo Sigwalt (1915-1994) e a sociedade de cultura artística de Joaçaba e Herval D'Oeste (SCAJHO): contribuições para a história cultural de Joaçaba, SC nas décadas de 1950 a 1970. Florianópolis, Centro de Artes da Universidade do Estado de Santa Catarina, 2017.

SPOSITO, M. E. B. A questão cidade-campo: perspectivas a partir da cidade. In: SPOSITO, Maria Encarnação Beltrão; WHITACKER, Arthur Magon (Org.). Cidade e campo: relações e contradições entre urbano e rural. 1. ed. São Paulo: Expressão Popular, 2006. p. 111-130. (Geografia em movimento).

TEPPERMAN, C. Digging the finest potatoes from their acre: Government Film Exhibition in Rural Ontario 1917-1934. In: FULLER-SEELEY, Kathryn (Org.). Hollywood in the neighborhood: historical case studies of local moviegoing. University of California Press: Berkeley and Los Angeles, 2008.

THIES, J. C. Cine Astral: uma história para recordar na cidade de Chapecó (SC). Trabalho de Conclusão de Curso (Jornalismo) - UNOCHAPECÓ, 2016.

THOMÉ, N. Iconografia 1: A Ferrovia do Contestado. In: Iconografias do Museu Histórico – Antropológico do Contestado. Revista HISTEDBR On-line, Campinas-SP, v. 16, 2005. Disponível em: <https://histedbrantigo.fe.unicamp.br/revista/revis/revis16/img1_16.pdf>. Acesso em: 07 mar. 2023.

THOMÉ, N. Trem de ferro: história da ferrovia no contestado. Florianópolis: Lunardelli, 1983.

TOMBINI, D. A. A formação territorial da cidade de Xanxerê, SC. Dissertação de mestrado. 163 f. Universidade Estadual do Oeste do Paraná – UNIOESTE, Francisco Beltrão, 2015.

TRUSZ, A. D. Entre Lanternas Mágicas e Cinematógrafos: as origens do espetáculo cinematográfico de Porto Alegre. 1861-1908. Tese (doutorado em História) – Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 421 p. Porto Alegre: 2008.

ULIANA, J. Moda e Comportamento Feminino em Chapecó - SC na década de 1950. Universidade Federal da Fronteira Sul, Chapecó, 2017.

UNESCO – ORGANIZAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS PARA A EDUCAÇÃO, A CIÊNCIA E A CULTURA. Cultura e Desenvolvimento. Havana, 2013. Disponível em: <<https://unesdoc.unesco.org/ark:/48223/pf0000221297>>. Acesso em: 30 maio 2021.

VALENTINI, D. J. Atividades da Brazil Railway Company no sul do Brasil: a instalação da Lumber e a guerra na região do Contestado: 1906 1916. 2009. 301 f. Tese (Doutorado em História) - Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2009.

VALENTINI, S. M. Caçador: um estudo sobre os aspectos artísticos, culturais e sociais, nas décadas de 40 e 50. Universidade da Região de Joinville, Joinville, 2010.

VALMORBIDA, J. W. Porto Feliz no contexto da Colonização do Extremo Oeste Catarinense. Chapecó, Universidade Federal da Fronteira Sul, 2017. Disponível em: <https://www.google.com/url?sa=t&rct=j&q=&esrc=s&source=web&cd=&ved=2ahUKEwjYuaeZkIH6AhXMqJUCHWoXCYYQFnoECBIQAQ&url=https%3A%2F%2Frd.uffs.edu.br%2Fbitstream%2Fprefix%2F1653%2F1%2FVALMORBIDA.pdf&usg=AOvVaw2t6fwuVeEJKO7-bYzplr3L>. Acesso em 06 set. 2022.

VEIGA, J. E. Nascimento de outra ruralidade. *Estudos Avançados*, v.20, n.57, p. 333-353, 2006.

VIEIRA, J. L. Prefácio. In: BRUM, Alessandra; BRANDÃO; Ryan (org.). *Histórias de Cinemas de Rua de Minas Gerais*. 1 ed. Juiz de Fora: Editora UFJF, 2021. p. 6-10.

WEBER, M. *Economia e sociedade: fundamentos da sociologia compreensiva*. Tradução de Regis Barbosa e Karen Elsabe Barbosa. 3. ed. Brasília: Ed. da UnB, 1999.

WENDERS, W. A paisagem urbana. *Revista de Patrimônio Histórico e Artístico Nacional*, Brasília, v. 2, nº 23, p. 181-189, 1994. Disponível em: <http://docvirt.com/docreader.net/DocReader.aspx?bib=reviphan&pagfis=8512>. Acesso em 09 maio 2023

WERGENES, T. N; NÓR, S. O papel do poder público na construção da memória coletiva urbana: Caçador (SC). *Oculum Ensaios*, [S. l.], v. 20, p. 1–19, 2023. DOI: 10.24220/2318-0919v20e2023a5293. Disponível em: <https://seer.sis.puc-campinas.edu.br/oculum/article/view/5293>. Acesso em: 17 abr. 2023.

ZALAMENA, L. E. D; BAVARESCO, P. R. O traçado urbano da cidade de São Miguel do Oeste-SC: aspectos do patrimônio histórico e cultural. *REVISTA ALAMEDAS*, v. 8, n. 1, 2020.

XAXIM, Prefeitura de. Lei Nº 146 de 24 de agosto de 1962. Concede Isenção de impostos ao Ci-ne Guarany. Xaxim, 1962. Disponível em: <https://leismunicipais.com.br/SC/XAXIM/LEI-146-1962-XAXIM-SC.pdf>. Acesso em 12 set. 2022.

APÊNDICE A: CONEXÕES E REDES URBANAS GERADAS PELAS SALAS DE CINEMA.

Sala de Cinema	Cidade	Conexões (Redes)
Cine Progresso/Rex	Joaçaba	Circuito Paranaense de Cinema/Bento Gonçalves (RS)/Toledo (PR)
Cine Guarani	Videira	Iomerê (SC)
Cine Aurora/(1º) Cine Teatro Colombo	Concórdia	Antônio Prado (RS)
(1º) Cine Ideal	Chapecó	Guaporé (RS)/Barão de Cotegipe (RS)/Distribuidora de Porto Alegre (RS)
Cine Ideal	Tangará	Balneário Camboriú (SC)
Cine Luz	Caçador	Getúlio Vargas (RS)
Cine Piratuba	Piratuba	Montenegro (RS)/Brochier (RS)/Maratá (RS)
Cine Uruguai	Mondaí	Württemberg (Alemanha)/Gera (Alemanha)/Colônias do Rio Grande do Sul/Marechal Cândido Rondon (PR)/Distribuidora de Porto Alegre (RS)
(1º) Cine Seara	Seara	São Sebastião do Caí (RS)/Gramado (RS)
(1º) Cine Guarany	Xaxim	Palmeira das Missões (RS)/Carazinho (RS)/Lages (SC)
Cine Central	Luzerna	Compartilhavam fitas com Campina da Alegria (SC)/Fraiburgo (SC)/Tangará (SC)
(1º) Cine Cacique	São Miguel do Oeste	Soledade (RS)
(1º) Cine Alegria	Vargem Bonita	Caxias do Sul (RS)
Salão Preuss/Cine Geremia/Avenida	Maravilha	Distribuidoras de Curitiba (PR) e Porto Alegre (RS)
Cine Real/União:	Itá	Distribuidora de Curitiba (PR)
		Aparelhos do Cine Colombo de Concórdia
(2º) Cine Ideal	Chapecó	Barão de Cotegipe (RS)
Cine Estrela	Ponte Serrada	Distribuidora de São Paulo (SP)
(2º) Cine América	Tangará	Castro (PR)
Cine Tupi	Água Doce	São Valentim (RS)
Clube 7 de Setembro/Cine Teatro União	Itapiranga	Distribuidora Zaniratti - Porto Alegre (RS)
		Porto Alegre (RS) - Loja Mesbla
		Filmes iam para Mondaí (SC)
		Tinha parceria com o Cine Cacique (São Miguel do Oeste - SC)
(2º) Cine Teatro Colombo/Cine Império	Concórdia	Guaporé (RS)
Cine Vitória	Joaçaba	Santa Maria (RS)/São Paulo (SP)
		Espanha
		Iugoslávia
		Santiago de Compostela (Espanha)
Cine São Carlos	São Carlos	Distribuidora de Porto Alegre (RS)

(2º)Cine Seara	Seara	São Sebastião do Caí (RS)/Gramado (RS)
Cine Glória/Odete	Capinzal	Anta Gorda (RS)
		Campos Novos (SC)
Cine Guarujá	Guarujá do Sul	Ambulante de Guaraciaba (SC)
		Filmes vinham de São Miguel do Oeste (SC)
Cine Alvorada	São José do Cedro	Cerro Largo (RS)
		Guaporé (RS)
		Brusque (SC)
		Filmes vinham de São Miguel do Oeste (SC)
(2º) Cine Cacique/Cine Effectus	São Miguel do Oeste	Filmes vinham de Porto Alegre (RS)
Cine Ideal	São Domingos	Abelardo Luz (SC)
(2º) Cine Guarany	Xaxim	Dono tinha cinemas no Rio Grande do Sul
Cinema	Nova Erechim	Distribuidora de Porto Alegre (RS)
		Exibiam filmes em Modelo (SC), Serra Alta (SC), Jardinópolis(SC), Coronel Freitas (SC), União do Oeste (SC) e Pinhalzinho (SC)
Cine Guarani	Lebon Régis	Distribuidora de Curitiba (PR)
Cine Apolo	Palmitos	Distribuidora de Porto Alegre (RS)
		Exibiam filmes em São Carlos (SC)
Cine Astral	Chapecó	Porto Alegre (RS)/Criciúma (SC)/Barão de Cotegipe (RS)
		Equipamentos adquiridos em Porto Alegre (RS)
		Filmes comprados em São Paulo
		Programador de Porto Alegre (RS)
		Distribuidoras de Porto Alegre (RS) - Fox do Brasil, MGM, Columbia
		Tapejara (RS)
		Florianópolis (SC)
Cine Odeon	Pinhalzinho	Rio Grande do Sul (RS)
		Saudades (SC)/Nova Erechim (SC)
		São Miguel do Oeste (SC)
		Distribuidora de Porto Alegre (RS)
		Máquinas vendidas para Porto Alegre (RS)
Cinetur	Abelardo Luz	São Valentim (RS)
		Exibia filmes em Ipuacu, Ouro Verde, Araçá e São Domingos
		Filmes vinham de Barão de Cotegipe (RS)
		Distrito Passo das Antas (Abelardo Luz)
		Distribuidora de Curitiba (PR)
Cine e Teatro Real	Fraiburgo	Vargem Bonita (SC) (Cinema de Campina da Alegria)
		Cinema de Luzerna (SC)
		São Paulo (SP)
		Cadeiras de Curitiba (SC)

Cine Pepperi	Itapiranga	Milão (Itália)
Cine Ideal	Caçador	Exibições em Lebon Régis e Faxinal dos Guedes
Cine Mundi/Cine Miramar	Rio das Antas	Exibia filmes em Ipomeia (distrito de Rio das Antas)

Apêndice B

Salas de Cinema de Rua no Oeste de Santa Catarina

Apresentadas em ordem cronológica

Em cada uma das salas, inserimos a população estimada para a cidade nos
Recenseamentos de cada década.
(Directoria Geral de Estatística (1922); IBGE (1952; 1953; 1968; 1973; 1983).

Cine Avenida

- 📍 Cidade: Capinzal
- 🏠 Endereço: Av. XV de Novembro
- 🔑 Proprietário: João Vargas
- 👤 População estimada 1920: 3.351
- 👤 População Censo 2022:

Informações adicionais

- De acordo com notícia do Jornal A Semana, de Capinzal, João Vargas e sua família são de origem Italiana, e vêm do Rio Grande do Sul (VARELA, 2020).
- Almeida (2004), ao tecer uma cronologia concernente às salas de Capinzal, inicia afirmando que João Vargas foi um empresário que veio de centros maiores, estabelecendo-se no centro da vila com o Cine Avenida, a primeira sala de Capinzal.

Cine Rádio

- 📍 Cidade: Capinzal
- 🏠 Endereço: Av. XV de Novembro, 200
- 🌐 Coordenadas: [-27.343632780970516, -51.6114904373864](#)
- 📅 Inauguração: 1925
- 🏢 Edificação existente? Não
- 🔑 Proprietário: Alexandre Tomazoni
- 👤 População estimada 1920: 3.351
- 👤 População Censo 2022:

Informações adicionais

- Na edificação, também funcionou a Rádio Sulina, e um clube de bailes. O Clube Ateneu, que pode ser visto na parte superior esquerda da imagem, foi edificado em 1947 (DAMBROS, 2019a).
- Em 1925, Alexandre Tomazoni, empresário radicado em Rio Capinzal desde 1917, fundou o Cine Radiun, em uma edificação de sua propriedade, no centro da Villa, atual Avenida XV de novembro (ALMEIDA, 2004).
- A edificação não existe mais, e no local funciona uma loja de móveis e eletrodomésticos.



Salão Cine Rádio. Dambros (2019a).



Salão Cine Rádio. Dambros (2019a).

Cine Farroupilha

- 📍 Cidade: Capinzal
- 🏠 Endereço: Av. XV de Novembro, 255
- 🌐 Coordenadas: [-27.343765142642997, -51.6109474939762](#)
- 📅 Inauguração: 18 de abr. de 1929
- 🏢 Edificação existente? Não
- 🔑 Proprietários: Leonardo Spadini; Armando Viecegli
- 👤 População estimada 1920: 3.351
- 👤 População Censo 2022:

Informações adicionais

- O Cine possuía 500 lugares (IBGE, 1959B)
- O proprietário, Leonardo Spadini, morava no primeiro andar da edificação com sua família (SANTOS, 2010).
- No porão da edificação, era efetuada a moagem de café, e, posteriormente, o espaço foi destinado à criação de aves de pequeno porte (pintinhos) (SAN-

TOS, 2010).

- A sala de cinema localizava-se no segundo andar da casa, e no térreo, havia a bilheteria e os cartazes dos filmes a serem exibidos. Os filmes eram em 16mm, e as cadeiras de palha. As sessões aconteciam nas terças, quintas, sábados e domingos, às 20h. Só poderiam assistir aos filmes pessoas maiores de 14 anos com acompanhamento dos pais. Existia uma sessão especial aos domingos às 14h para menores de idade. No início, como a população não tinha o costume de frequentar o cinema, às quartas-feiras Spadini fazia uma sessão gratuita, denominada de “dia do pão-duro”. (SANTOS, 2010)
- Segundo Santos (2010), os filmes favoritos eram de “bang-bang”, e que a ida ao cinema era tratada como uma recompensa ao bom comportamento das crianças.
- Afirma-se ainda que, por vezes, os mais jovens saíam da sala de cinema comentando sobre os filmes, o que irritava aos espectadores que ainda não tinham visto a película (SANTOS, 2010).
- Capinzal passou por problemas no fornecimento de energia elétrica até o ano de 1958. Antes disso, os espectadores se dirigiam à sessão das 20h com o uso de lanternas (SANTOS, 2010).
- As cadeiras do cinema eram da empresa Móveis Cimo (PELLIZZARO, 2012).
- Leonardo Spadini tinha também uma empresa de torrefação e moagem de café, e uma de fabricação de sabão e sabonete, a qual funcionava no porão do cinema (PELLIZZARO, 2012)
- A sala era constituída de madeira de araucária, e relata-se que como prova da monumentalidade destas árvores, provavelmente extraídas na região, as tábuas não tinham emendas do primeiro piso até a platibanda. A escada de acesso à sala era (possivelmente) de madeira de imbuia, e, ao lado desta, ficava a bilheteria, administrada pela Sra. Regina Spadini (PELLIZZARO, 2012).
- A escada se dava por meio de dois lances, onde uma pintura na parede recebia os espectadores. A imagem consistia em um homem tocando uma flauta debaixo de uma árvore, “encantando” passarinhos em uma bela paisagem (PELLIZZARO, 2012)
- A sala de projeção era protegida isolada por lâminas de ferro, para a prevenção de incêndios (PELLIZZARO, 2012)
- Nas proximidades da sala de projeção, encontravam-se os camarotes, ocupados pelas famílias mais abastadas (PELLIZZARO, 2012).
- Antes da implantação de cadeiras “Cimo”, o cinema possuía cadeiras de palha. Sobre isso, Pellizza-

- ro afirma que no início, as cadeiras eram soltas, e, depois, precisavam ser pregadas umas às outras, o que, segundo o autor, denota uma melhor educação dos primeiros frequentadores (PELLIZZARO, 2012).
- O teto da sala também possuía pinturas, e no palco, eram retratados quatro cavalos brancos e um soldado usando um chicote (PELLIZZARO, 2012).
- Os filmes eram anunciados nas ruas por uma pessoa que “vestia” os cartazes sobre seu corpo, e gritava informações sobre a sessão com ajuda de um funil de lata, para a amplificação do som. Em um lado, eram expostas cenas dos filmes, e no outro, seu nome em letras garrafais (PELLIZZARO, 2012).
- Percebe-se a influência dos cinemas nos trechos em que Pellizzaro, criança na época, relata que se o filme era sobre faroeste, ele e seus amigos iam para o canteiro de obras da igreja, brincar de “bang-bang” com armas de madeira, se o filme era sobre espadachins, as crianças iam para a beira do Rio do Peixe brincar com suas espadas de madeira, e quando o filme era no “estilo Tarzan”, mencionado pelo autor, ele e seus amigos iam à chácara de “seu Macarini” para subir nas árvores, balançarem nos cipós, e comerem as frutas encontradas (PELLIZZARO, 2012).
- Pellizzaro afirma que tentava antecipar-se e descobrir o tema dos filmes que iriam ser exibidos no cinema, para então, ir à marcenaria e produzir armas ou espadas em madeira, que seriam vendidas a seus amigos, para assim, com o valor, conseguir comprar ingressos para o cinema (PELLIZZARO, 2012)
- Conta-se que existiam intervalos no meio dos filmes, para que o operador, apontado no texto como “Biavatti”, trocasse os rolos. Neste período de tempo, os espectadores levantavam-se das cadeiras, formavam grupos, para comentar o enredo do filme, contar piadas e socializar. Ainda, os vendedores de pipoca e amendoim faziam a venda de seus produtos, e, se a exibição estava ocorrendo durante o dia, as janelas da sala eram abertas para a circulação do ar. Durante a noite, as janelas permaneciam abertas, e, assim, nos intervalos, o público dirigia-se à elas para acenar para os conhecidos do lado de fora, que, frequentemente, sentavam-se na rua para tentar assistir o filme que estava sendo exibido (PELLIZZARO, 2012).
- O autor conclui relatando que o cinema era o local para encontros amorosos, e que diversas táticas eram empreendidas, como a “reserva” de lugares próximos para os casais (PELLIZZARO, 2012)
- Segundo Almeida (2004):
- Em 18 de abril de 1929, um terceiro empresário de

Rio Capinzal, na pessoa de Leonardo Spadini, estabeleceu-se na cidade, onde hoje se encontra a edificação do banco do Brasil, com o Cine Farroupilha, que perdurou por mais de 20 anos. O cinema, na época, era uma diversão moderníssima, excessivamente popular e cabia em qualquer bolso, preço acessível. Considerado um lazer sadio e instrutivo.

- O Cine Farroupilha tinha a sede definitiva na rua XV de novembro, num belo e amplo casarão de madeira de 03 andares, o cine funcionava no terceiro andar. A sala ampla também servia para reuniões e saraus.
- Na década de 60, o cine e a respectiva edificação foram vendidas para um grupo sob liderança de Armando Viecelli. O referido cinema funcionou normalmente até que um incêndio o destruiu totalmente, em 01 de dezembro de 1968.
- No local onde existia o Cine Farroupilha, existe uma agência bancária.



Vila Rio Capinzal durante um enterro na década de 1950. Cine Farroupilha indicado com seta. Rede Catarinense de Notícias (2020).

Cinema

- 📍 Cidade: Tangará
- 🏠 Endereço: Av. Irmãos Piccoli, 230
- 🌐 Coordenadas: [-27.104345600480404, -51.246517615241366](#)
- ✂️ Inauguração: 1932
- 🏢 Edificação existente? Sim
- 🔑 Proprietário: Raymundo Piccoli
- 👤 População estimada 1940: 5.451
- 👤 População Censo 2022:

Informações adicionais

- De acordo com Isadora Borsoi Martelli, em matéria no Jornal Vitória :

- A história do cinema em Tangará começou em 1932, quando o primeiro cinema de Rio Bonito foi construído em um dos cômodos do hotel de Francisco Nardi. Nessa época a falta de estradas fazia com que os carros tivessem pouca serventia, e por esse motivo, a família de Raymundo Piccoli decidiu dar uma nova função ao Ford Bigode que possuíam. O automóvel foi utilizado para acionar o gerador e fazer o projetor funcionar, e era dessa forma que o filme era apresentado a uma pequena plateia. (MARTELLI, Isadora Borsoi. História do Cinema em Tangará. Jornal Vitória, Tangará, 02 set. 2019.)
- A edificação ainda existe, e nela funciona um bar.

Cine Progresso/Rex

- 📍 Cidade: Joaçaba
- 🏠 Endereço: Praça Adolfo Konder
- 🌐 Coordenadas: [-27.173594526609925, -51.504335599642424](#)
- ✂️ Inauguração: 193_/1936
- 🏢 Edificação existente? Não
- 🔑 Proprietários: Afonso Schwartz/Pedro Mergener/Vitório Leduc
- 👤 População estimada 1940: 8.852
- 👤 População Censo 2022:

Informações adicionais

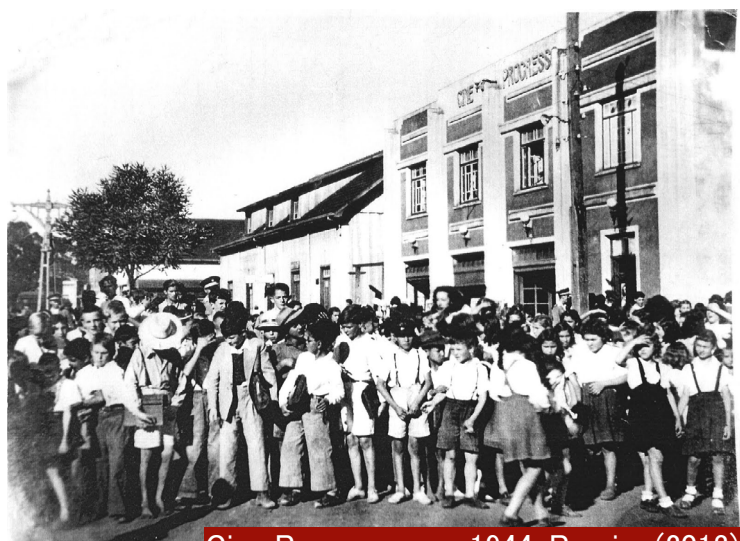
- O Cine Progresso tinha 480 lugares (LUIZ, 2019).
- Em 1940, Afonso Schwartz vendeu o Cine Progresso para Pedro Mergener (PEREIRA, 2013).
- Em 1941, Vitório Leduc adquiriu o Cine Progresso (PEREIRA, 2013). Emília Maria Leduc Beal, filha de Vitório e Gisela Merlin, conta que nasceu em um casarão de pedra, em Bento Gonçalves (RS). Ela, seus pais e seus seis irmãos seguiram de lá para a cidade de Joaçaba. Em Joaçaba, Emília casou-se, teve filhos e foi, em conjunto com seu marido, proprietária de um hotel. Mais tarde, mudou-se para Toledo (PR), onde administrou mais alguns hotéis .
- Victorio Leduc é atualmente nome de uma rua na cidade de Toledo (PR).
- Em outubro de 1949, Leduc aluga o Cine Progresso

para um representante do Circuito Paranaense de Cinemas, conhecido como Senhor Murilla (PEREIRA, 2013).

- Murilla altera o nome do Cine Progresso para Cine Rex (PEREIRA, 2013).
- Luiz Julio Bertin (2011) detém um blog em que apresenta sua autobiografia. Nestes textos, fala do Cine Progresso e a influência do cinema:
- [...] foi quando comecei a apreciar a ficção na forma do Seriados de Buck Rogers, Flash Gordon 161, O Sombra, O Besouro Verde e outros. Quando não tinha recursos financeiros para pagar o ingresso, sentava-me por sobre um muro à frente do cinema e lá ficava a tocar flauta doce, cujo instrumento musical me havia sido presenteado por ocasião do Natal. A única música que eu conseguia tocar, sofrivelmente, era uma música mexicana que ouvira no cinema. Lembro-me ainda que o dinheiro com que eu pagava os ingressos, nem sempre era a moeda corrente. Havia, eventualmente, os selos de correio que eram recebidos como moeda, e a isso se juntavam ao que meus pais mantinham em seus estoques. (BERTIN, 2011).
- Alírio Caldart foi carregador de cartazes neste cinema, exercia esta função em troca de poder assistir aos filmes.
- Por volta de 1955, uma loja de calçados adjacente ao cinema pega fogo, que se alastra para o telhado do cinema, apesar dos esforços de um caminhão pipa para apagar o incêndio (segundo Luiz (2013) não havia corpo de bombeiros na época). Dessa forma, toda a construção foi consumida pelo fogo. Mais tarde, a prefeitura de Joaçaba adquiriu o terreno para a ampliação de suas dependências (PEREIRA, 2013).
- O terreno foi transformado em uma praça e no local aproximado onde existia a edificação do Cine Progresso, há um posto da Polícia Militar (LUIZ, 2013).
- De acordo com Pereira (2013), esta sala foi inaugurada em 1936, porém, existem anúncios do Cine Progresso em uma edição do jornal Cruzeiro, de 1933.



Cine Progresso. Pereira (2013).



Cine Progresso em 1944. Pereira (2013).

CRUZEIRO ANO I — NUM. 1
CRUZEIRO DO SUL, 19 DE NOVEMBRO DE 1933
Diretor-gerente: — OSVALDO PEREIRA
REDACTORES DIVERSOS
Redação, Administração e Circulação: — Avenida 15 de Novembro
IMPRESSO EM OFICINAS PRÓPRIAS

CRUZEIRO
SCHEWARTZ & ANDRETTA
BAR PROGRESSO
Estoque permanente de bebidas e conservas nacionais e estrangeiras
— SECOS E MOLHADOS —
■ SALÃO DE BILHAR ■
CINE PROGRESSO
Frequêntado pela elite Cruzalense
BREVE!!!
Ben-Hur
Representantes da Cia. Cervejaria Catarinense

Recortes do Jornal Cruzeiro (1933).

CRUZEIRO ANO I — NUM. 1
CRUZEIRO DO SUL, 19 DE NOVEMBRO DE 1933
Diretor-gerente: — OSVALDO PEREIRA
REDACTORES DIVERSOS
Redação, Administração e Circulação: — Avenida 15 de Novembro
IMPRESSO EM OFICINAS PRÓPRIAS

CRUZEIRO
SCHEWARTZ & ANDRETTA
BAR PROGRESSO
Estoque permanente de bebidas e conservas nacionais e estrangeiras
— SECOS E MOLHADOS —
■ SALÃO DE BILHAR ■
CINE PROGRESSO
Frequêntado pela elite Cruzalense
BREVE!!!
Ben-Hur
Representantes da Cia. Cervejaria Catarinense

Recortes do Jornal Cruzeiro (1933).



Cine Progresso. Queiroz; Ouriques; Marcos, (1967).

Cine Guarani

📍 Cidade: Videira

🏠 Endereço: Rua XV de Novembro, 165

🌐 Coordenadas: [-27.00595430278614, -51.15591091201421](#)

✂️ Inauguração: 1935

🏠 Fechamento: aprox. 1992

🚗 Número de lugares: 812

🏢 Edificação existente? Não

🔑 Proprietários: Ivo Boss/Rede Arco-íris de Cinema

👤 População estimada 1940: 5.730

👤 População Censo 2022:

Informações adicionais

- Segundo a Enciclopédia dos Municípios Brasileiros (IBGE, 1959B), a sala possuía 812 lugares.
- De acordo com inscrição no CNPJ (TRANSPARÊNCIA CC), esta sala foi administrada pela Rede Arco-íris de Cinema.
- De acordo com comentário na rede social Facebook (VIDEIRA DE ANTIGAMENTE, 2016b), Flávio Bag-nara afirma que trabalhou neste cinema como Bilheiteiro e Porteiro, entre 1967–1971.
- Segundo comentários em outra publicação nesta rede (VIDEIRA DE ANTIGAMENTE, 2014), afirma-se que a tela era coberta por uma cortina vermelha, e tocavam-se músicas enquanto a exibição não iniciava. Então, soava-se um gongo e as cortinas se abriam, para a apresentação inicialmente do jornal da semana, e depois dos filmes ou seriados.
- Na seção de comentários de uma postagem de foto colorida do Cine Guarani (VIDEIRA DE ANTIGAMENTE, 2014a), encontram-se diversos relatos:
- *Em frente ao cinema, era muito comum a troca de gibis*
- *O prédio foi demolido para o terreno servir de estacionamento para uma rede de supermercados.*
- *Ressalta-se um relato que afirma que espectadores da cidade vizinha, Iomerê, iam até Videira para ir ao cinema.*
- *Michal Bilous (apelidado de Russo) era proprietário de uma banca que vendia doces e pipoca em frente ao Cine Guarani.*
- *O trem das 13:30 trazia os rolos de filme, para a*

exibição às 16h.

- Segundo notícia da câmara de vereadores de Videira (CÂMARA DE VEREADORES DE VIDEIRA, 2017):
- *Bilous, junto com a esposa e a primeira filha, veio para o Brasil em 1949, após o fim da II Guerra Mundial e em Videira se estabeleceu. O casal ficou conhecido pelo empreendimento que abriram ao lado do Cine Guarani. A banca do Russo era a única banca de revista do município e famosa na região.*
- A edificação foi demolida e no local existe o estacionamento de um supermercado



Cine Guarani. Videira de Antigamente (2016)



Cine Guarani. Videira de Antigamente (2014a)



Cine Guarani. Videira de Antigamente (2014b)

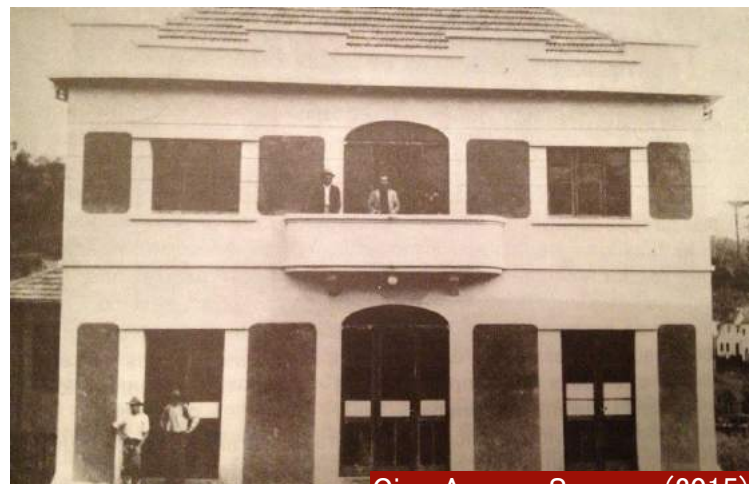
Cine Aurora/ 1º Cine Colombo

- 📍 Cidade: Concórdia
- 🏠 Endereço: Rua do Comércio, 105
- 🌐 Coordenadas: [-27.231395956703004, -52.02508258071179](#)
- ✂ Inauguração: 07 de set. 1940
- 🏠 Fechamento: aprox. --
- 🎫 Número de lugares: 380
- 🏢 Edificação existente? Não
- 🔑 Proprietários: Elias Melém/José Colombo, Margarida Fontana Colombo e família
- 👤 População estimada 1940: 11.511
- 👤 População Censo 2022:

Informações adicionais

- Segundo a Lei Nº 209, de 30 de novembro de 1948 do Estado de Santa Catarina (SANTA CATARINA, 1948), as terras de José e Margarida Colombo foram desapropriadas para a construção do Presídio Regional de Concórdia.
- Segundo a genealogia (ÁVILA, 2016), a família Colombo veio da Itália, se estabeleceu no Rio Grande do Sul, e depois veio à Concórdia.
- De acordo com atestado de óbito de Margarida (FONTANA, s.d.), esta era natural de Antônio Prado, no Rio Grande do Sul, e foi nesta cidade também que se deu o casamento entre ela e José. Seus filhos, segundo o mesmo documento, eram: Lídia,

- Waldomiro, Orilda, Olímpio, Nelson, Vilina, Ivo e Ilda.
- Em entrevista Raul Kussler, jornalista e historiador, conta:
- *As informações sobre os dois cinemas em Concórdia são bem vagas.*
- *Conforme solicitado segue as informações:*
- *O primeiro Cinema de Concórdia pertencia a Elias Melém e foi inaugurado em 07 de setembro de 1940. Funcionava na Rua Comércio, onde hoje está situado a empresa Ford Magável. O nome desse primeiro cinema, era "Cine Aurora". A edificação foi demolida para a construção da agência da Ford. Não há informações sobre qual foi o primeiro ou último filme exibido e nem quantidade de lugares do cinema.*
- *É na década de 1940 que a família de José Colombo compra o Cinema de Elias Melém e cria o "Cine Teatro Colombo". A compra ocorreu na década de 1940. Inicialmente o Cinema funcionou no mesmo local. Posteriormente a família constroeu um edifício de 3 andares na Rua do Comércio, nº 150 e transfere o "Cine Teatro Colombo" para esse prédio.*
- *Posteriormente, ocorre a venda do "Cine Teatro Colombo" para um grupo de empresários de Lages, SC, que proprietários da rede de cinema "Cine Marrocos". Desta forma o "Cine Teatro Colombo" passa a se chamar "Cine Império" e funcionou na Rua do Comércio, nº 150 até o início da década de 1990, com a capacidade de 380 lugares. O último filme que foi exibido foi o "Rei Leão". Depois o prédio foi vendido para a Igreja Universal Reino de Deus. A edificação ainda existe.*
- *Ressalto que também não há registro da data que ocorre a venda do Cine Teatro Colombo para grupo Cine Marrocos de Lages, SC. (KUSSLER, Raul. Entrevista via e-mail concedida à Luís Eduardo Candia. 02 mar. 2018.)*
- A edificação do Cine Aurora não existe mais. Foi demolida, e em seu lugar funciona um mercado atacadista.



Cine Aurora. Sarayva (2015)



Jornal O Estado, mencionando o Cine Aurora.
O Estado (1954).

Cine Imperial

📍 Cidade: Joaçaba

🏠 Endereço: Rua Getúlio Vargas, 331

🌐 Coordenadas: [-27.173107831450285, -51.50673976466741](#)

✂️ Inauguração: 1940

🚪 Fechamento: Ainda em funcionamento em 1956

🚗 Número de lugares: 600

🏢 Edificação existente? Não

🔑 Proprietário: Bruno Cantergiani

👤 População estimada 1940: 8.852

👤 População Censo 2022:

Informações adicionais

- Pertencia a Bruno Cantergiani, e ficava na rua Getúlio Vargas, 331 (PEREIRA, 2013).
- Foi inaugurado em 1940 (SPESSATO, 2017).
- O Cine Imperial possuía 600 lugares, e, segundo Pereira (2013), tinha o apelido “pulgueiro do Bruno”.

- Neste cinema, no ano de 1945, acontece a transmissão inaugural da Rádio Catarinense (LUIZ, 2019).
- Afirmar-se que frequentemente saraus eram apresentados antes dos filmes no Cine Imperial (SPESSATO, 2017).

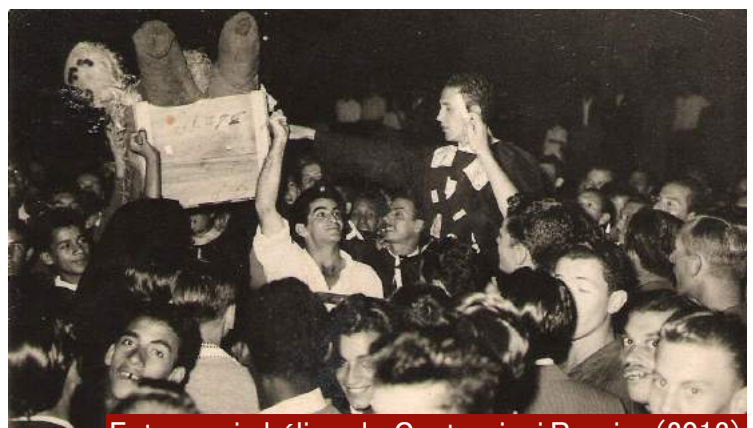


Recital apresentado em 1949 no Cine Imperial Alfredo Sigwalt, ao violino, Vitória Russowsky, e Bruno Cantergiani, ao piano. Spessato (2017).



Inauguração da Rádio Catarinense no Cine Imperial. Luiz (2019).

- Na década de 1950, Cantergiani aumentou o preço dos ingressos, o que gerou uma manifestação por parte do público, que simulou seu enterro com uma caixa de madeira e um boneco de pano (PEREIRA, 2013).
- Em 1956 ocorre, neste cinema, a posse do então prefeito Ruy Homrich (GERARDI, 2010).
- A edificação não existe mais, e no local funciona uma galeria comercial.



Enterro simbólico de Cantergiani. Pereira (2013).



Cine Imperial durante nevasca no ano de 1965.
Pereira (2013).



Edificação que abrigou o Cine Imperial
já com outro uso. Bolinha (2013).

1º Cine Ideal

📍 Cidade: Chapecó

🏠 Endereço: Av. Getúlio Dorneles Vargas, 224

🌐 Coordenadas: [-27.10271000408098, -52.61465599411845](#)

✂ Inauguração: 1946

🏠 Fechamento: 1954

🚗 Número de lugares: 200

🏢 Edificação existente? Não

🔑 Proprietário: Achylles Tomazelli

👤 População estimada 1950: 12.374

👤 População Censo 2022:

Informações adicionais

- Achylles foi descendente de italianos, nascido na cidade de Guaporé (RS), casou-se com Rosalba Zor-

zi, e passou a morar em Barão de Cotegipe (RS) (THIES, 2016).

- Teve nove filhos, dentre eles Vergínio, Vitorino, Osmar e Olídio, responsáveis por dar continuidade aos empreendimentos após o falecimento do pai, de forma que Osmar e Vitorino se responsabilizaram pelos cinemas (THIES, 2016).
- Enor Tomazelli (nascido em 1945) foi sobrinho de Achylles, e trabalhou no segundo Cine Ideal, e no Cine Astral, como projetista (THIES, 2016).
- Achylles se muda para Chapecó em 1935, com o objetivo de investir na economia madeireira, e atualmente, na região, existe a Linha Tomazelli, um distrito de Chapecó (THIES, 2016).
- Além dos investimentos no ramo madeireiro, Achylles foi seleiro, sapateiro e serralheiro (THIES, 2016).
- Achylles é descrito como um homem agitado e criativo. Não sabia ler nem escrever (THIES, 2016).
- Foi o responsável pela instalação de energia elétrica em Chapecó, em 1940, com ajuda de seu primeiro filho Vergínio Tomazelli, que era técnico e instalador. A hidrelétrica forneceu energia para 18 casas da vila e um poste de iluminação na rua principal (THIES, 2016).
- Gradativamente Chapecó começa a crescer, e o movimento dos viajantes motiva Achylles a edificar o Hotel Ideal, em 1946, o primeiro hotel em alvenaria da cidade, na esquina da atual R. Mal. Borman com a Av. Getúlio D. Vargas (R. Mal. Borman, 45 – Centro, Chapecó – SC, 89802-120). Este hotel segue em atividade (THIES, 2016).
- Foi também no ano de 1946 que Achylles edifica o primeiro Cine Ideal, inteiramente em madeira, contendo 200 cadeiras (THIES, 2016).
- Os filmes exibidos no Cine Ideal I eram adquiridos com uma companhia de Porto Alegre (RS) (FLORÊNCIO, 2015).
- A hidrelétrica Tomazelli foi vendida para a família Bertaso (THIES, 2016).
- Existiu um período (indefinido nos relatos) em que a família Barella alugou o Cine Ideal (THIES, 2016).
- Achylles Tomazelli faleceu em 1953, vítima de um tiro na cabeça. Relata-se que não fica claro se foi um suicídio ou um assassinato. Achylles estava dentro de seu automóvel (THIES, 2016).
- Thies (2016) relata que após a mudança de um sistema comandado pelo coronelismo e com o início das organizações políticas, e, por consequência, regularizações fundiárias, a ocupação urbana de Chapecó começou a conformar-se, com uma elite emergente situando-se no centro da cidade, e o restante da população em suas margens. Porém,

como o primeiro Cine Ideal conformava-se em uma edificação simples e pouco requintada, este recebia o público de baixa renda (THIES, 2016).

Uliana (2017) afirma que as atividades de lazer e sociabilidade em Chapecó eram escassas, limitando-se aos bares, clubes e ao cinema. Relata-se que o cinema era mais frequentado durante os finais de semana, mas ainda assim existia movimento nas sessões durante a semana. Ainda, ressalta-se que a atividade era a única opção de entretenimento aos



Cine Ideal, em novembro de 1952. Osmar, Achylles Tomazelli e funcionário em frente à sala. Thies (2016).



Cine Ideal. Memória Chapecó (2019).

domingos, e que as crianças, acompanhadas de um adulto, frequentavam as matinês durante a tarde, e, à noite, o público era composto por adultos.

Frigeri e Zordam (2010, apud FLORÊNCIO, 2015), relatam, que durante o primeiro filme exibido em Chapecó, havia uma cena em que estava chovendo, o que fez com que os espectadores, estranhos à



Achylles e Rosalba Tomazelli no balcão do Hotel Ideal. Dori (2021).

ilusão do Cinema, saíssem da sala para cobrir seus cavalos, meio de locomoção comum naquele tempo (FLORÊNCIO, 2015).

A edificação abrigou uma loja e, em seu lugar foi edificado o Cine Astral (THIES, 2016).

Cine Ideal

📍 Cidade: Tangará

🏠 Endereço: Rua Dr. Antônio Teixeira Pinto, esquina com Rua Irmãos Fuganti

🌐 Coordenadas: [-27.104862921844376, -51.24569669686299](#)

✂ Inauguração: 1946

🚪 Fechamento: 1948

🏢 Edificação existente? Não

🔑 Proprietários: Eduardo Dellatorre

👤 População estimada 1950: 9.009

👤 População Censo 2022:

Informações adicionais

- De acordo com Martelli (2019), em matéria no Jornal Vitória :
- Em 1946, na rua que hoje leva o nome de Dr. Antônio Teixeira Pinto, abaixo do Hospital São Lucas na esquina em frente ao Posto de Saúde, foi construído um cinema mais moderno por Eduardo Dellatorre, Cine Ideal, e ficou em atividade até 1948, ano em que o estabelecimento foi destruído por um incêndio. Dellatorre inaugurou três cinemas em Balneário Camboriú entre os anos de 1965 e 1984. O filho de Eduardo, Fernando Dellatorre é proprietário do Museu da Imagem e do Som em Balneário Camboriú.* (MARTELLI, Isadora Borsoi. História do Cinema em Tangará. Jornal Vitória, Tangará, 02 set. 2019.)

Cine Luz






📍 Cidade: Caçador

🏠 Endereço: Av. Barão do Rio Branco, 570

🌐 Coordenadas: [-26.7740058445404, -51.01549166384285](#)

✂ Inauguração: 1947

🚪 Fechamento: 1995

-  Número de lugares: 980
-  Edificação existente? Sim
-  Proprietários: Empresa Meridional de Cinemas (Mário Leopoldo dos Santos)/Família Thiesen ou Couto
-  População estimada 1950: 14.665
-  População Censo 2022:

Informações adicionais

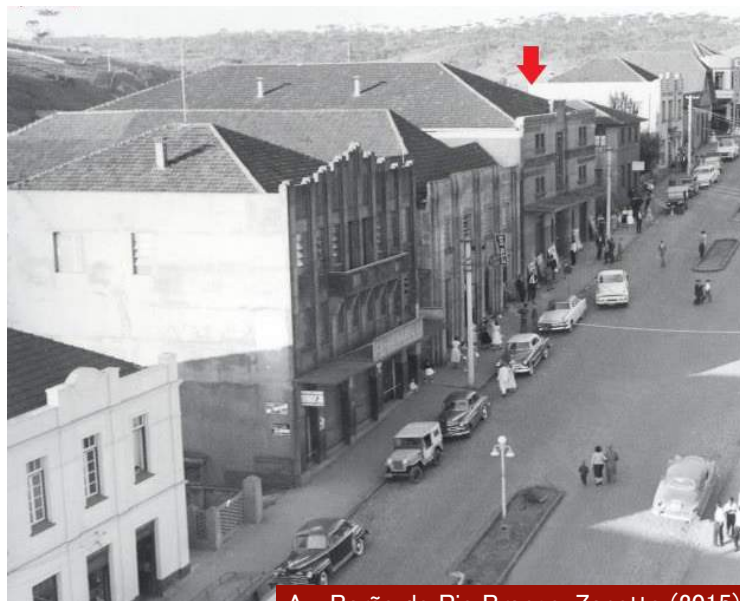
- Segundo Valentini (2010), a sala possuía 980 poltronas, e foi inaugurada em 1947.
- Alaor Antonio Zancanaro, nascido em 1935 em Getúlio Vargas – RS, foi projetista do Cine Luz. Hoje residente de Nova Mutum (MT), possui um acervo com artigos e imagens sobre cinema (NOVA MUTUM, 2018).
- Em 1983, é aberto o CNPJ em nome da Empresa Meridional de Cinemas, com Mário Leopoldo dos Santos como sócio administrador (CINE LUZ, s.d.).
- Segundo comentários em postagem de Edel Isabel Thiesen (THIESEN, 2020):
- *A sala passou por um incêndio em junho de 1980, reabrindo no final de 1983.*
- *Jaime Luiz Borba afirma que o primeiro filme que assistiu neste cinema foi Tubarão, em 1974.*
- *Edel Isabel Thiesen afirma que seus pais foram gerentes do Cine Luz de 1974–1995, quando este fechou.*
- *Paulo Roberto da Silva, afirma que se trocavam gibis em frente ao Cinema.*
- *Anderson Tesser afirma que um dos últimos filmes que ele assistiu neste cinema, e também um dos últimos a serem exibidos no Cine Luz, foi Os Flintstones.*
- *Valdes Gattermann apresenta nuances do cotidiano de Caçador ao afirmar “Saia do matinê dançante do Apolo e ia direto pro cinema.”*
- *Amarildo Musados afirma ter assistido à filmes do “Rambo” neste cinema.*
- De acordo com anúncios de diversos jornais disponíveis no Arquivo Público de Caçador (LE MOS, 2022), pode se afirmar que foram exibidos os filmes:
- Sublime Recordação (1945), O Exilado (1947), Do Lodo Brotou uma Flor (1947), Noite de Baile (1939), O Condenado (1947), Os Irmãos (1947), Delito (1947), Um Sonho e uma Canção (1946), Selva de Fogo (1945), O Máscara de Ferro (1939), Grandes Esperanças (1946), Geronimo (1939), Covardia (1947), O Bandido (1946), O Ovo e Eu (1947), Singa-

pura (1947), Em Cada Coração um Pecado (1942), Espelho d’Alma (1946), Sempre Te Amei (1946), Encantos de La Boheme (1937), Sua Única Saída (1947), Prisioneiro do Passado (1947), Fantasia Mexicana (1945), Neste Mundo e no Outro (1946), Roma, Cidade Aberta (1945), Escrava Sedutora (1947), Calcutá (1947).



Cine Luz. Thiesen (2020).

- Segundo comentários em postagem de Fernando Severo (SEVERO, 2020):
- *Tanto o Cine Luz, quanto o Avenida, soavam o gongo, apagavam as luzes e então abriam as cortinas vermelhas para iniciar-se o filme.*
- *Severo afirma também, que os filmes exibidos no Luz eram de menor “qualidade artística” que os do Avenida, e que este, por sua vez, era um espaço mais luxuoso.*
- *Egeu Laus afirma que antes de iniciarem-se os filmes do Cine Luz, era exibido um seriado em capítulos.*
- *o Sirley Aparecida Stein afirma que assistiu diversos filmes neste cinema, dando ênfase às produções de Teixeira.*
- A edificação ainda existe, abrigando uma loja de móveis e eletrodomésticos.



Av. Barão do Rio Branco. Zanotto (2015).



Cine Luz, na década de 1970. Thiesen (2020).



Anúncio de sessão do Cine Luz, 15 ago. 1948. Valentini (2010).



Anúncio de sessão do Cine Luz, 03 abr. 1949. Valentini (2010).



Anúncio de sessão do Cine Luz, 17 ago. 1950. Valentini (2010).



Anúncio de sessão do Cine Luz, 29 nov. 1953. Valentini (2010).



Anúncio de sessão do Cine Luz, 29 nov. 1953. Valentini (2010).



Anúncio de sessão do Cine Luz, 27 ago. 1959. Valentini (2010).

Cine Piratuba

- 📍 Cidade: Piratuba
- 🏠 Endereço: Av. Dezoito de Fevereiro, 245
- 🌐 Coordenadas: [-27.418116991168866, -51.77153449047363](#)
- ✂️ Inauguração: 1949
- 🚪 Fechamento: Existente na virada da década de 1950–1960
- 🪑 Número de lugares: 150
- 🏢 Edificação existente? Não
- 🔑 Proprietário: Leopoldo Ko Freitag
- 👤 População estimada 1950: 6.049
- 👤 População Censo 2022:

Informações adicionais

- Possuía 150 lugares (IBGE, 1959a).
- Como a existência do Cine Piratuba consta na Enciclopédia dos Municípios Brasileiros (IBGE, 1959a), pode-se afirmar que este existia entre o fim da década de 1950 e início da década de 1960.
- Afirma-se que o cinema se estabeleceu em Piratuba em 1949. A edificação que o abrigava era composta inteiramente de madeira, e o cinema funcionava no segundo andar (ROGGE, 2021).
- Na edificação do Cine Piratuba, funcionava também, na parte inferior, um Bar, uma Alfaiataria e uma Barbearia (ROGGE, 2021).
- Rolando Ko Freitag afirma em entrevista ao autor que o cinema fechou na década de 1960.
- Cleusa Ko Freitag, em entrevista ao autor, conta que o cinema era de seu avô, Leopoldo Ko Freitag, e a edificação que abrigou o Cine Piratuba foi consumida por um incêndio, e posteriormente dividida em duas partes. Atualmente, abriga pontos comerciais.



Av. Dezoito de Fevereiro, Cine Piratuba à direita, em fins da década de 1950. Rogge (2021).



Edificação que abrigou o Cine Piratuba. Teixeira (2021).

Cine Uruguai

📍 Cidade: Mondaí

🏠 Endereço: Rua Uruguai, 278
(atualmente nº 313)

🌐 Coordenadas: [-27.105891045756593, -53.397464086838355](#)

📅 Inauguração: 1950

🏠 Fechamento: 1985

🚗 Número de lugares: 120

🏠 Edificação existente? Não

🔑 Proprietários: Jacob Wandscheer/Carl Hermann Weiß

👤 População estimada 1950: 5.300

👤 População Censo 2022:

Informações adicionais

- Segundo a Enciclopédia dos Municípios Brasileiros, estava em funcionamento em Mondaí um cinema entre o final da década de 1950 e início da década de 1960 (IBGE, 1959a).
- De acordo com publicação de Evandro Rosin (ROSIN, 2018):
- *Carl Hermann Weiss nasceu no dia 20 de julho de 1926 e faleceu no dia 4 de julho de 2018.*
- *Foi de fundamental importância para Mondaí, sendo Rádio Técnico na Rádio Porto Feliz, além de ser o responsável pela instalação e manutenção da primeira torre de televisão da cidade. Era ainda um amante da literatura, e auxiliava nas traduções de língua alemã durante os júris que ocorriam na comarca de Mondaí.*

- “Germano” (como Carl era conhecido) foi o responsável pela instalação do único cinema existente na cidade, o Cine Uruguai.
- Atualmente, os equipamentos do cinema, além de materiais fotográficos sobre a cidade, pertencentes à Weiss, estão expostos no Museu Municipal de Mondaí.
- Segundo Valmorbida (2007), Carl Hermann Weiss nasceu em 1926 na cidade de Mondaí, filho de Friedrich Volkmar Weiss e Cristina Bárbara Schmidt Weiss, naturais das cidades alemãs de Württemberg e Gera. Carl conta que seus pais fugiram da crise que assolava a Europa, e que estes passaram por núcleos coloniais no Rio Grande do Sul, antes de chegar ao Oeste de Santa Catarina (VALMORBIDA, 2017).
- Destaca-se um interessante trecho da entrevista cedida por Weiss à Valmorbida (2017): “Havia muita divulgação e propaganda em jornais da nova colonização que estava acontecendo em Porto Feliz, no oeste de Santa Catarina”
- De acordo com Hugo Gemmer:
- “Cinema- cine Uruguai, de 1950 a 1985 o primeiro proprietário foi Jacob Wandscheer, e o segundo proprietário Carl Hermann Weiß, o cinema passava filme nacionais e estrangeiros que vinha da cidade de Porto Alegre.” O prédio não existe mais, ele ficava na Rua Uruguai, 313 [...] (GEMMER, Hugo. Entrevista concedida via WhatsApp a Luís Eduardo Candeia. Mondaí, 18 fev. 2022.)
- De acordo com os documentos compartilhados por Gemmer, a sala possuía 200 lugares.
- A edificação foi demolida, e em seu lugar foi edificada uma residência unifamiliar.



Cine Uruguai. Museu Municipal de Mondaí.



Equipamentos do Cine Uruguai. Museu Municipal de Mondai

1º Cine Seara

- 📍 Cidade: Seara
- 🏠 Endereço: Sede da SER Searensense
- 🌐 Coordenadas: [-27.151539493619815,-52.30881761166486](#)
- ⌘ Inauguração: 1950
- 🚪 Fechamento: 1962
- 🚒 Número de lugares: 100
- 🏢 Edificação existente? Não
- 🔑 Proprietário: Valentim Petry
- 👤 População estimada 1950: 6.991
- 👥 População Censo 2022:

Informações adicionais

- De acordo com a Enciclopédia dos Municípios Brasileiros, a cidade de Seara possuiu um cinema, o Cine Seara, com 100 lugares (IBGE, 1959a).
- Segundo Ciro Franke, professor de história na cidade de Seara:
- [...]O Cine Seara, funcionou em Seara dos anos da década de 1950 até o final da década de 1970. O Cine Seara foi montado pelo Sr. Valentim Petry, o Maior Expoente da Cultura da Cidade de Seara. Uma de suas filhas ainda reside em Seara, Iolita Petry Squio. Sou Professor de História em Seara e Muito interessado na preservação da Cultura e da Memória de Seara. (FRANKE, Ciro. Entrevista via e-mail efetuada por Luís Eduardo Candeia. Seara, 19 jan. 2022.)
- O filho de Valentim, Wilson Petry, relata:

- Cine Seara – Prop. Valentim Petry
- Equipamentos: Aparelhos 16 mm – RCA Victor 400, acrescido mais tarde de um nacional, da IEC
- Funcionamento fixo:
 - Semanal (domingos), média 100 espectadores por sessão, com 52 sessões anuais
 - 1950 a 1962 Sede da SER Searensense (onde hoje é o BB) (PETRY, Wilson. Entrevista efetuada via e-mail por intermédio de Ciro Franke, para Luís Eduardo Candeia. Seara, 22 fev. 2022.)
- No local existe uma agência bancária.

1º Cine Guarany

- 📍 Cidade: Xaxim
- 🏠 Endereço: Antigo Clube Diadema, Rua Dez de Novembro
- ⌘ Inauguração: início déc. de 1950
- 🚪 Fechamento: 1960
- 🚒 Número de lugares: 200
- 🏢 Edificação existente? Não
- 🔑 Proprietários: Carlito Wilodre Gomes/José Sorgatto/Fiorindo Piana/Pedro Gaieski/Argemiro Savaris
- 👤 População estimada 1950: 7.565
- 👥 População Censo 2022:

Informações adicionais

- Carlito Wilodre Gomes, de Palmeira das Missões – RS, veio à Xaxim com sua família, e instalou o primeiro cinema no início da década de 1950. O maquinário veio da cidade de Carazinho, no Rio Grande do Sul. Inicialmente, as exhibições aconteceram no Clube Diadema, que existiu na Rua Dez de Novembro. Enquanto isso, o Clube Guarany foi edificado, onde mais tarde iniciou-se, dentre outras atividades, a exibição de filmes (OLIVEIRA, 1992).
- Segundo Oliveira (1992), o Clube Guarany funcionou com o maquinário do Cinema Carlos Gomes (existe a possibilidade de a autora estar referindo-se a um cinema da cidade de Lages) (OLIVEIRA, 1992).
- João de Oliveira Vasconcellos era o operador das máquinas de projeção (OLIVEIRA, 1992).
- Em meados de 1955, o Sr. Carlito retorna ao Rio

Grande do Sul, e o cinema fica sob responsabilidade de José Sorgatto, que vende o maquinário para Fiorindo Piana, que por sua vez o vende para Pedro Gaieski que, por fim, transfere-o para Argemiro Savaris (OLIVEIRA, 1992).

- Segundo a Enciclopédia dos Municípios Brasileiros, o Cine Guarany possuía 200 lugares (IBGE, 1959a).
- Em 24 de agosto de 1962, foi publicada uma lei que isentava o Cine Guarany do pagamento de impostos (XAXIM, 1962).
- O Clube Diadema não existe mais.

Cine Central

📍 Cidade: Luzerna

🏠 Endereço: Rua Dezesseis de Fevereiro, 187

🌐 Coordenadas: [-27.132740521881335, -51.469978644349546](#)

📅 Inauguração: 1951

🏠 Fechamento: 1974

📺 Número de lugares: 220

🏢 Edificação existente? Não

🔑 Proprietários: Adolfo e Barbara Knolseisen

👤 População estimada 1950: 3.441

👤 População Censo 2022:

Informações adicionais

- De acordo com entrevista contida em Gazzóla (2007), o Cine Central tinha 220 lugares.
- Em comentários no de publicação no Facebook (HOFFELDER, 2020), relata-se:
“meu primeiro filme, era uma criança, assisti um filme com muitos aviões, acho que era filme de guerra, e cada um que passava na tela, eu abaixava na poltrona. Fui assistir com minha tia... nunca esqueci desse dia” (BOSSA, Sônia).
- Segundo comentários na mesma publicação, a edificação abrigava também uma sorveteria, um bar, e funcionava como a rodoviária da então Vila, hoje cidade de Luzerna (HEFFELDER, 2020).
- De acordo com comentários em outra publicação sobre o Cine Central (HOFFELDER, 2019), eram exibidos nesta sala, filmes de Mazzaropi.
- Em entrevista, Maria Cristina Knolseisen conta:
Cine Central De Luzerna, na época Distrito de Joaçaba, hoje Município.

- *Localizado na Av. 16 de fevereiro, parte central da cidade.*
- *Proprietários Adolfo e Barbara Knolseisen*
- *Além do cinema no local funcionava bar, loja e a moradia dos proprietários.*
- *O cinema iniciou em 1951.*
- *No início com um projetor para películas de 16 mm*
- *Na década de 1960 foi substituído por dois projetores a carvão para películas de 35 mm.*
- *A capacidade era de 220 lugares.*
- *O encerramento das atividades foi em 1974.*
- *Em Julho de 1978 o prédio sofreu sinistro com perda total.*
- *O imóvel foi vendido a Irmãos Barcella que construíram uma galeria com lojas e praça de alimentação, existente até hoje.*
- *Observação: Nas cidades de Campina da Alegria, Fraiburgo e Tangará, na época também tinham salas de cinemas – para a reprodução das películas o Cine Central fazia a distribuição a cada rolo para algumas dessas cidades.*
- [Envio foto da atual galeria comercial confirmando o endereço, e Maria afirma que estou certo] (KNOLSEISEN, Maria Cristina. Entrevista via Facebook concedida à Luís Eduardo Candeia. Luzerna, 01 fev. 2022.)
- A edificação passou por um incêndio em 1978. No terreno foi edificada uma galeria comercial.



Cine Central. Pereira (2013).



Cine Central. Acervo de Maria Cristina Knolseisen.



Cine Central. Pereira (2013).



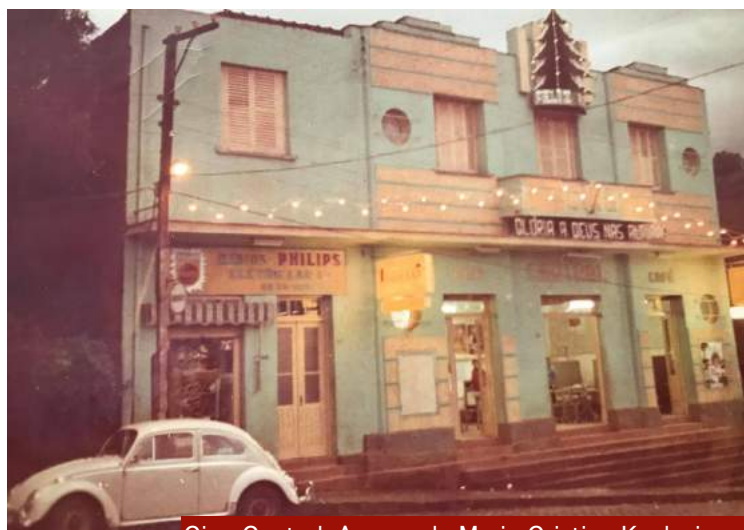
Cine Central. Acervo de Maria Cristina Knolseisen.



Cine Central. Acervo de Maria Cristina Knolseisen.



Cine Central. Acervo de Maria Cristina Knolseisen.



Cine Central. Acervo de Maria Cristina Knolseisen.



Ilustração do Cine Central. Hoffelder (2019).



Incêndio no Cine Central. Acervo de Maria Cristina Knolseisen.

Cine América

📍 Cidade: Tangará

🏠 Endereço: Av. Irmãos Piccoli, 338

🌐 Coordenadas: [-27.10405220222402, -51.245213311246786](#)

✂️ Inauguração: 1951

🏠 Fechamento: aprox. 1980

🚗 Número de lugares: 440/600

🏢 Edificação existente? Sim

🔑 Proprietários: Raymundo Feijó Gaião e José Grassi/Antonio Feijó

👤 População estimada 1950: 9.009

👤 População Censo 2022:

Informações adicionais

- Fachin (2015) produziu um [vídeo](#) apresentando o interior do Cine América na contemporaneidade.
- Raymundo Gaião Feijó, filho de Antônio, foi para Castro, no Paraná, onde adquiriu uma sala de cinema, o Plaza (MILLARCH, 1992).
- No Jornal Correio do Norte, de Canoinhas, edição de 15/10/1977, parabeniza-se Raymundo Feijó Gaião por seu aniversário, dia 17 (CORREIO DO NORTE, 1977).
- De acordo com a Enciclopédia dos Municípios Brasileiros, o Cine América, tinha 440 lugares (IBGE, 1959a). Por sua vez, o Álbum Comemorativo do Centenário do Município de Joaçaba, afirma que o Cine América possuía 600 lugares (QUEIROZ; OURIQUES; MARCOS, 1967).
- De acordo com Martelli (2019), em matéria no Jornal Vitória:
- Raymundo Feijó Gaião abriu o Cine América, em sociedade com José Grassi, no ano de 1951. O cinema mais famoso da cidade, ficou em atividade até os anos 80. Raymundo prestou um papel muito importante na divulgação da cultura em Tangará, já que levava os filmes para o interior do município, onde os moradores raramente tinham a chance de assistir um filme, mas com a ajuda de um projetor de 16mm e lençóis brancos, ele transformava os clubes das comunidades em salas de cinema.*
- Cinema marcou a vida de diversos moradores e os momentos vividos naquela época ainda se mantêm vivos na memória dos Tangaraenses. Exemplo disso,*

foram os comentários deixados em um post do facebook no grupo AMIGOS DE TANGARÁ:

- Henriqueta Biajo: A única lembrança que tenho do cinema de Tangará. Os filmes eram seriados então era como se fosse uma novela hoje. Todos domingos tinha que ir porque senão você perdia o fio da meada.*
- Gilmar Feijo: Começava com o jornal canal 100, logo depois vinha um seriado e o filme. Eu morava no cinema, estava lá todos os dias, meu quarto ficava ao lado da cabine onde tinha os aparelhos que passavam os filmes. É só saudade dos velhos tempos.*
- Nestor Fappi: Tenho muita saudade do cine América, trabalhei com os Irmãos TRANCOSO, Jardimelino e Valdolino. Passamos muitos filmes aí no tempo que as máquinas eram à Carvão. SAUDADES.*
- Luiza Amaral de Mattos: Também era utilizado pelas freiras do Mater Salvatoris para apresentações de dia dos pais e mães. Lembro-me de ter recitado uma poesia. Período + ou - 1960 ou mais*
- Prdiva Melo: Depois que o Orlando Grassi faleceu, sua esposa Eda Bevilacqua Grassi, dirigiu por algum tempo este cinema. Assisti muitos filmes sobre os Cangaceiros e do Mazzaroppi. Rodava muitos filmes de faroeste, entre outros.*
- Matchelo Tadeu: Meu Pai José Socha era chefe da estação de trem e era ele que recebia os rolos de filmes e entregava para o Pila (José Grassi)*
- Moacir Antônio Dalmolin: Assisti muito filme de bang bang, era maravilhoso, a tela era imensa, parecia tudo real!*
- Beatriz Maria Pisani: Como esquecer os seriados que passavam aos domingos depois do filme. Os cartazes eram lindos, minha Tia Dica Pisani guardou uma fotografia para fazer o vestido de 15 anos da filha Heloisa. Claro passou muito tempo e caiu da moda. Saudades das músicas que tocavam antes de começar os filmes...escutava da minha casa.*
- Vidomar Pilatti: ...e os Festivais de Música...que delícia...lembro que ganhei um com a música "Estou Começando a Chorar" e meu irmão Lodovino ficou em segundo cantando "Michelle" dos Beatles... que saudade boa...*
- Vera Monteiro: Eu não via a hora de chegar o Domingo para ir na matinê. Pipoca não podia faltar, o filme do incrível Hulk foi um sucesso, eu chegava cedo de medo de perder o lugar, foi a melhor parte da minha vida foi esse tempo.*
- Vera Dellatorre de Oliveira: Nos anos 58,59, o cinema era cuidado pelo Raymundo Feijó Gaião, pessoa que fez de tudo para a recreação da cidade, tanto no esporte como no cinema e na rádio, nos*

sábados à tarde ele colocava alto falante e colocava músicas lindas, eu nessa época tinha uns 11 anos e lembro que toda a cidade ouvia as músicas, já que não tinha TV, e muitas pessoas nem rádio tinham. Tangará deve muito ao Raymundo, que amava essa terra.

Rosana Arcari Drehmer: O Cine América era nossa única diversão na cidade e não víamos a hora de chegar o domingo (não morávamos na cidade), adorava. Mas, o que me marcou mesmo foi um show do Angelo Máximo que fui ver no cinema. Era fã dele, isso ficou na minha memória. Minha tristeza foi quando encerrou as atividades. Amo filmes, artes em geral e naquela época era nossa única opção, além da TV.

Adoniran Antunes de Oliveira: O cine América, na década de 50, era primeiramente de madeira, perto da loja do seu Gualtiero Piccoli, sentido a estação ferroviária. Depois disso, ele foi inaugurado onde está atualmente, creio que em 57 ou 58, perto do clube Rio Bonitense. Estive na inauguração, lembro que o presidente recém empossado no Brasil, era Juscelino Kubitschek de Oliveira. Nos domingos pela manhã, após a missa, eram feitos no palco do América programas de calouros, de perguntas de conhecimentos gerais, onde ganhei alguns prêmios por responder perguntas de história, geografia etc. Eu já tinha uma visão aberta do mundo pelo meu pai, que era assinante do jornal Correio do Povo, de Porto Alegre, e da revista O Cruzeiro, do Rio, e ele me fazia ler muito na época.



Cine América. Martelli (2019).

Moacir Tagliari: É justamente o marco de minha infância. Vi todo o andamento da obra, instalações, sala superlotada para assistir filmes de Tarzan o Rei da Selva, sorteio de ingressos, divulgação via aut falante externo da nossa Rádio Rural de Tangará (clandestina), iniciada com a colaboração criativa



Interior do Cine América. Martelli (2019).

do amigo Darci Jaeger, na locução do inesquecível amigo Raymundo Gaião, e muitos outros. Do nosso Teatro Mater Salvatoris comandado pela saudosa Irmã Goretti, e muitos acontecimentos envolvendo apresentações ao vivo e outros. Fica aqui registrada uma parte de minha vida na cidade onde nasci e onde tive muitos amigos, meu abraço a todos. Tivemos e temos uma história para contar!

A edificação ainda existe, e abriga uma papelaria.



Cine América, quando este funcionava em uma edificação de madeira. Martelli (2019)



Vista aérea de Tangará, Cine América destacado com seta. Queiroz; Ouriques; Marcos, (1967).



Edificação do Cine América, na década de 2000. Fontana (2022).



Edificação do Cine América em 2012. História do Futebol em Santa Catarina (2014).

1º Cine Cacique

- 📍 Cidade: São Miguel do Oeste
- 🏠 Endereço: Rua Santos Dumont, 473
- 🌐 Coordenadas: [-26.729133590477815, -53.52029882704252](#)
- 📅 Inauguração: 1953
- 🚪 Fechamento: 1965
- 🏢 Edificação existente? Não
- 🔑 Proprietários: Jorge Ortiz/Alcides Mariani
- 👤 População estimada 1960: 7.312
- 👤 População Censo 2022:

Informações adicionais

- O primeiro Cine Cacique acontecia no Salão Maria-ni, de propriedade de Alcides Mariani, era pequeno e possuía cadeiras de madeira e palha (O LÍDER, 2012).
- Em 1955, Jorge Ortiz, de Soledade (RS), assumiu a sala de cinema (O LÍDER, 2012).
- Silas de Bona, em comentário na rede social Facebook (FOLHA DO OESTE, 2018), afirma:
- *Lembro que ao lado da sala de máquinas de projeção, no andar superior, havia 3 ou 4 cadeiras bastante disputadas, principalmente nas matinês, pois era um local bom para jogar agua na plateia, usando o que chamávamos de aspirador(tubo de remédio tipo colírio) né totó. (DE BONA, Silas)*
- Afirma-se que este cinema ficava em frente ao Hotel Brasil, e que funcionou de 1953 à 1965 (FOLHA DO OESTE, 2018).
- A edificação do Cine Cacique não existe mais, e em seu lugar funciona uma sala comercial.



Cine Cacique em 1956. Folha do Oeste (2018).

Salão Preuss/ Cine Geremia/ Cine Avenida

- 📍 Cidade: Maravilha
- 🏠 Endereço: Esq. Av. Araucária com a rua Nindolfo Matje
- 🌐 Coordenadas: [-26.763330674135748, -53.17445680901506](#)
- 📅 Inauguração: 1954
- 🚪 Fechamento: aprox. 1985
- 📺 Número de lugares: 400
- 🏢 Edificação existente? Não

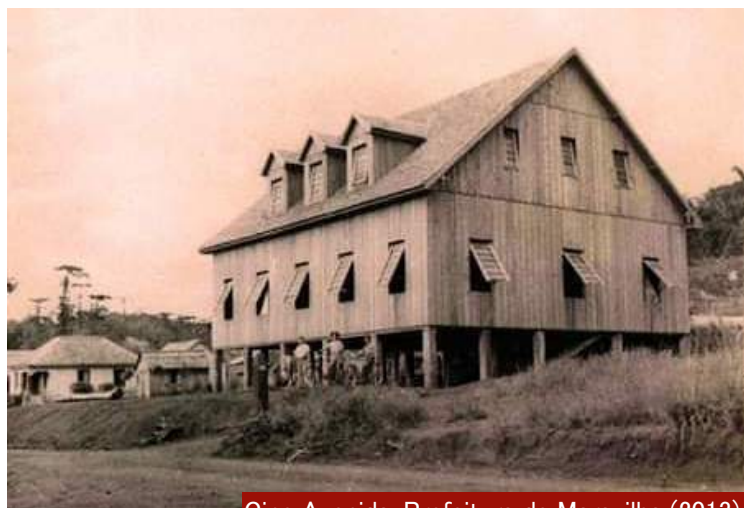
🔑 Proprietários: Paula e Lindolfo Preuss e filhos/Pedro e Cleto Geremia

👤 População estimada 1960: 7.251

👤 População Censo 2022:

Informações adicionais

- A edificação, denominada Salão Preuss, foi construída em 1954. (PREFEITURA DE MARAVILHA, 2013.)
- A Prof^a Dra. Renata Rogowski Pozzo, entrevistou um dos proprietários do Cinema, Cleto Geremia, e este:
- [...] contou que o cinema foi aberto em 1967 com o intuito de “instruir o povo”. Ele trabalhou 6 anos como caminhoneiro antes disso, viajando pelo Brasil. Comprou a casa e montou embaixo um bar com bolão e lanchonete e no andar de cima o cinema. Antes funcionada um salão de baile, e ele elevou o assoalho para montar o cinema. O cinema tinha 400 cadeiras. Segundo ele “depois da TV as pessoas queriam sofá”. A sala durou 18 anos e não pagou o investimento. Sofreu perseguição de prefeitos, delegados, vereadores, juízes, que nunca assistiram um só filme no cinema. Frequentemente chamavam Cleto no Fórum por denúncias de que as crianças entravam no bar, mas era só para comprar balas. Os filmes de maior sucesso foram os de Mazzaropi e de Teixeira. Vinha muito público do interior. Ele alugava os rolos de Curitiba e Porto Alegre, e 50% da bilheteria ia pro aluguel. Passava filme no sábado a noite, no domingo a tarde e no domingo a noite (este último com censura 16 ou 18 anos).
- [Afirma-se ainda que o Cine Geremia ficava na Avenida Araucária, esquina com a Rua Lindolfo Mattje. Hoje é um bar. Proprietários: Pedro e Cleto Geremias.]



Cine Avenida. Prefeitura de Maravilha (2013).

- Segundo publicação no Facebook da câmara dos vereadores de Maravilha (CÂMARA DE VEREADORES DE MARAVILHA, 2020):
- *Na parte inferior do salão, funcionava um bar e bolão. Na parte superior, havia um projetor, um pano onde os filmes passavam, e cadeiras de palha para os telespectadores. Mazzaropi, Tônico e Tinoco, Spartacus, Teixeira e faroeste eram filmes que lotavam a sala de cinema.*
- *O sonho do cinema foi passado de família para família. Depois da família Preuss, Cleto Geremia continuou o trabalho.*



Cine Geremia na década de 1960. Acervo Museu Padre Fernando.

- Na mesma publicação (CÂMARA DE VEREADORES DE MARAVILHA, 2020), Gilmar Mondadori conta:
- *Eu armei muito bolão ali e dormia no ultimo andar onde tem as janelas na cobertura sobia na escada por dentro do cinema no escuro dava um medo q sp mas subia pra dormi oia quando nao amanhecia armando bolão.*
- *Em resposta, Tania Maria Heineck conta que existiam morcegos dentro da sala de cinema (CÂMARA DE VEREADORES DE MARAVILHA, 2020).*



Posse do primeiro prefeito de Maravilha no Salão Preuss em 1958. Danzer (2013)

- Na conversa, Angelica Richter adiciona:
- *Eu recomendo salvarmos estas histórias boas. Sendo construído um schopin onde pode ter salas de cinema, com quadros na entrada destes com fotos relatando esta nossa muito bela história. Lojas diversas neste local. Um (Pointe) com seguranças, para os jovens se encontrarem. Local saudável.* (CÂMARA DE VEREADORES DE MARAVILHA, 2020)
- Antônio Breda conta: *“Nesse salão teve a cerimônia de instalação desse nosso município, Maravilha, casualmente e com muita sorte eu estava presente no ato.”* (CÂMARA DE VEREADORES DE MARAVILHA, 2020).
- Genuir Bassani comenta: *“Fico feliz lendo estas manifestações, legado construído pelos meus avós paternos Paula e Lindolfo Preuss e filhos. Tenha vaga lembrança.”* (CÂMARA DE VEREADORES DE MARAVILHA, 2020).
- Silvio Mattos conta: *“Bah, linda recordação eu levava as bobinas de filmes até a rodoviária em um carrinho de mão nas segundas feiras, ganhava um ingresso para o matine de domingo.”* (CÂMARA DE VEREADORES DE MARAVILHA, 2020).
- De acordo com a prefeitura de Maravilha:
- *O velho casarão ainda está na lembrança de quem viveu aquele tempo. Feito de madeira e com dois andares, o salão Preuss abrigou o que hoje ficou somente na história.*
- *O maravilhense Adair Benini viveu a época e esteve diretamente ligado ao salão, quando passava cenas do Cine Avenida. Hoje, com mais de 60 anos, Benini lembra com saudades dos seus 17 anos. “Eu gostava de fazer o serviço. Era um meio de distração. Eu também assistia aos filmes lá de cima”, conta.*
- *Década de 1970. Os maravilhenses ainda não tinham energia elétrica nem qualquer outro tipo de distração. O cinema era um tipo de programa de fim de semana. Benini comenta que “Quando a missa terminava, todos iam assistir aos filmes no cinema. Não tinha televisão. Então, isso era um divertimento. O filme terminava por volta das 22h30. Depois, as pessoas iam para os bailes na região”, frisa.*
- *Na parte inferior do salão, funcionava um bar e bo-lão. Na parte superior, havia um projetor, um pano onde os filmes passavam, cadeiras de palha para os telespectadores e morcegos. “O projetor era de 32 mm. Tinha duas lentes: uma para filmes panorâmicos e outra para filmes normais. Os morcegos também habitavam o local”, lembra Benini, rindo pela situação da época.*
- *A fita era revisada manualmente, para ver se havia algum problema. “As fitas vinham dentro das la-*

tas, de Porto Alegre. Nós íamos pegar na estação rodoviária antiga, que ficava na Avenida Araucária. Depois, íamos para o cinema, onde subíamos as escadas, revisávamos as fitas. Tinham cinco tomadas para ligar o projetor. Uma era para o som, outro para a cena e assim acontecia”, declara Benini.

- *Mazzaropi, Tonico e Tinoco, Spartacus, Teixeira e faroeste eram filmes que lotavam a sala de cinema. Diferentemente do que se imagina e se vê nos dias atuais, pipoca e refrigerantes não existiam no cinema da época. “Não tinha pipoca e haviam filmes que demoravam mais de três horas para terminar”, ressalta.*
- *O sonho do cinema foi passado de família para família. Depois da família Preuss, Cleto Geremia continuou o trabalho. Hoje, o cinema resta apenas nas lembranças e no local onde estava instalado, nas proximidades do Posto Maratona.* (PREFEITURA DE MARAVILHA, 2013)
- A edificação não existe mais, e o terreno abriga um minimercado/bar.

1º Cine Alegria

- 📍 Cidade: Vargem Bonita
- 🏠 Endereço: Vila de Campina da Alegria
- ✂ Inauguração: em funcionamento em 1954
- 🏠 Fechamento: O novo Cine Alegria, edificado em alvenaria, começa a funcionar na década de 1960
- 🪑 Número de lugares: 250
- 🏢 Edificação existente? Não
- 🔑 Proprietário: Irani Papel e Embalagem S.A.
- 👤 População estimada 1950: 4.688
- 👤 População Censo 2022:

Informações adicionais

- Segundo Miguel (2018):
- *O Cine Alegria estava, localizado na época 1954 quando ali cheguei, numa localidade chamada Campina da Alegria, pertencendo ao município de Joaçaba, depois com a emancipação de Catanduvas, pertencendo*

ceu a este município e atualmente ao município de Vargem Bonita. Uma vila operária de propriedade da Celulose Irani Ltda. Atualmente Celulose Irani S.A., uma indústria do papel, na época tinha uma população de 2.000 habitantes, entre trabalhadores e família com esposa e filhos, os trabalhadores eram funcionários da empresa. Como o gerente tinha uma cultura vinda de Caxias do Sul, mantinha diversão para seus colaboradores. Clube social, datas festivas, hospital, e igreja católica, e o famoso CINEMA Alegria, que não sei a data da montagem, pois conheci em 1954, mas tinha alguma formação interessante no meu ver, era uma construção de madeira apropriada para cinema, assoalho de madeira inclinado, com tela de projeção de 4,00 x 4,00 panorâmica, projetores em 16 mm, as poltronas eram próprias de cinema em madeira num total de 250 lugares sentados, para chamar os frequentadores, era usado um serviço de alto falantes externos tocando músicas da época. O mais interessante é, como havia dificuldade das telhas naquela época, a empresa do papel liberou tonéis metálicos para serem abertos, endireitados e servia como cobertura do cinema, quando chovia fazia muito barulho, mas sem goteiras. (MIGUEL, Altino Luiz. Entrevista concedida via e-mail a Luís Eduardo Candeia, em 02 maio 2018)

- De acordo com a Celulose Irani, em seu site:
- Nos anos 1960, a vida moderna começou a dar os ares da graça no cotidiano dos habitantes de Campina da Alegria. Em meados da década, foi inaugurado o Cine Alegria, muito mais confortável do que o antigo cinema da vila, erguido nos anos 1950 com madeira de ponta de pinheiro e telhado de lata. Para se ter ideia, o teto do velho casarão havia sido feito com recortes dos tambores da soda utilizada para a fabricação de papel. Como tinha muitos furos, quando chovia, os espectadores precisavam levar guarda-chuvas para assistir aos filmes. (IRANI, Papel e Embalagem S.A. História. 1961–1970. Disponível em: <https://irani.com.br/irani/80anos/>. Acesso em 25 jan. 2022.)
- Em relatos do grupo privado “Campina da Alegria”, menciona-se que eram exibidos filmes de Mazzaropi, como Nadando no Dinheiro, Coração de Luto e O Vendedor de Linguíça; de Teixeira, como A Quadrilha do Perna Dura, Tropeiro Velho, Ela tornou-se freira e Motorista sem Limites; de Milionário e José Rico, como Estrada da Vida; dos Trapalhães, como O Incrível Monstro Trapalhão; filmes nacionais como Deus a louca em Vila Velha e O Menino da porteira, além de películas internacionais como Trinity, O Dólar Furado, Keoma, Os Dez Mandamentos, Corbari,

E o Vento Levou, A Morte não marca hora, A Lenda do Revólver dourado, Quando Setembro Vier, Sissi, Sissi e seu Desejo, Tarzan, Pele de Asno, O Exorcista, Django, A Marca do Diabo, Conan o Bárbaro, Mad Max 2, filmes de Bruce Lee e de Elvis Presley.

- A edificação não existe mais, pois era edificada com precariedade.

Cine Real/União

📍 Cidade: Itá

🏠 Endereço: Cidade submersa de Itá

✂ Inauguração: 1955

🔒 Fechamento: aprox. 1974

🪑 Número de lugares: 200–300

🏢 Edificação existente? Não

🔑 Proprietários: Francisco João Julho Hall e família/João Martini e Levi Bernardi/Delcio Hall, Ovídio José Pille, Orestes Sartoretto e Geni Moschetta.

👤 População estimada 1950: 6.364

👤 População Censo 2022:

Informações adicionais

- De acordo com Jussara Hermes (2016):
- O Cine Real assim conhecido quando começou o cinema no ano de 1955 na antiga cidade de Itá, o primeiro proprietário foi o senhor Francisco João Julho Hall. Em 1959 vendeu para um grupo formado pelo senhor Delcio Hall, Ovídio José Pille, Orestes Sartoretto e Geni Moschetta. Como operador era o senhor Ivo Hall, Inho Hall, Vilson Hall e auxiliar era o senhor Aúrio Sartoretto (catch ira), sendo que esses trabalharam desde 1959. Depois da aquisição por esse grupo o cinema passou a ser chamado de Cine União, o cinema oferecia filmes de curta e longa metragem, sendo que os de curta metragem tinha duração de 2:00 a 2:30h, e os de longa metragem durava até 4:00h, o filme era exibido todos os sábados e domingos a noite, as 20:30 h. Os filmes pertenciam a uma companhia de Curitiba/PR e eram alugados, vinham de ônibus dentro de uma lata, e o pagamento do aluguel seguia no retorno dentro das latas. Para anunciar que no final de semana tinha cinema era usado o alto falante que estava instalado

em cima do salão local do cinema, e tocava a música prefixo do cinema que era “tema de Lara”. Aquele espaço era usado também para teatro, encontros e reuniões, a capacidade era para 200 a 300 pessoas sentadas. A tela do cinema media 6m de altura e 12m de largura.

- O filme que marcou a época foi Mazzaropi, Bang Bang e filmes religiosos como a morte de Jesus Cristo e aparição de nossa senhora sendo que esses podiam ser passados várias vezes que sempre a emoção tomava conta do público, emocionando também os operadores. Uma conquista muito grande na época foi que alguns filmes foram estrelados no cine união entre eles; Roda Gigante, que era um filme brasileiro e a Villa Fiorita filme italiano. Durante as apresentações a dona Elga Hall, vendia pipoca e pé de moleque. Naquela época Itá recebia gente de toda a região para assistir o cinema, pois foi um dos últimos a ser fechado na região, o fechamento ocorreu devido à chegada da televisão no final do ano de 1974. Com o fechamento do cinema, a tristeza tomou conta daquele pequeno grupo.
- Operadores: Levi Bernardi, Teodoro Mertini. Os filmes eram pegos em Curitiba. Construíram um prédio novo feito chamada de novos sócios (20) para compra de nova aparelhagem.
- Como iniciou: Compraram a aparelhagem do cinema Colombo de Concórdia. Funcionou por dois anos no salão do Hotel do Ermínio Mazzoco.
- Desistiram muitos sócios como: Dêlcio Hall, Geni Moschetta, Orestes Sartoretto e Irmãos. Funcionou durante 10 anos.
- Operador: Vilson Hall.
- Como o surgimento da televisão o cinema foi desativado. O prédio foi alugado. O equipamento (gerador, máquina de filmagem) foi depositado na ELE-TROSUL.
- Com a relocação da cidade o prédio foi indenizado e demolido. (HERMES, Jussara. Entrevista concedida via e-mail a Luís Eduardo Candeia. Itá, set. 2016.)
- Há relatos de que Valentim Petry, proprietário do cinema de Seara, visitava a cidade com seu cinema ambulante.
- A cidade de Itá foi submersa para a construção de uma Usina Hidrelétrica, e, no processo, a edificação foi demolida.

2º Cine Ideal

📍 Cidade: Chapecó

🏠 Endereço: Av. Getúlio Dorneles Vargas, 389

🌐 Coordenadas: [-27.100729540517534, -52.61497569996505](#)

✂ Inauguração: 1957

🏠 Fechamento: aprox. 1985

🪑 Número de lugares: 750

🏢 Edificação existente? Sim

🔑 Proprietários: Osmar Tomazelli, Vitorino Tomazelli e irmãos.

👤 População estimada 1960: 17.212

👤 População Censo 2022:

Informações adicionais

- Osmar Tomazelli nasceu na cidade de Barão de Coatigipe em 1925, é o terceiro filho de Achylles e tem formação técnica em Contabilidade (THIES, 2016).
- O novo Cine Ideal possuía 750 bancos de madeira, e foi edificado em alvenaria em 1957. Possuía um tapete vermelho e uma cortina em frente a tela, com o nome “Cine Ideal” bordado (THIES, 2016).
- Antônio Herbes Hermes entrevistado por Thies (2016), relata sua experiência no Cine Ideal:
- Era um salão grande, pouco iluminado, com luminárias laterais em forma de vasos e no teto tinha lâmpadas coloridas. Dois corredores dividiam a sala em três partes de assentos. Os assentos eram de madeira, sem estofados e retráteis, o chão era de assoalho, a tela grande, a cortina marrom e tinha bordado o nome Cine Ideal. O palco era alto, não muito amplo e havia algo como um mezanino, onde as pessoas circulavam, normalmente, servia para as paqueras. Às vezes, tinha apresentações de espetáculos. Existia um som ambiente e tocavam boa música antes do início do filme. (HERMES, 2016, In THIES, 2016).



Cine Ideal em construção em 1954. Thies (2016).

- Reiterando a importância que o cinema tinha no cotidiano, Hermes afirma:
- *Eu e alguns amigos preocupávamos na semana para fazer qualquer coisa, vender picolé, entregar jornal, fazer alguma coisa para arrumar dinheiro, para irmos ao cinema. Isso me ajudou bastante na adolescência. Depois, nós levávamos um monte de gibis, que era do Tarzan, Zorro, Hulk, Super Homem [...] esses tipos de super-heróis. Eu lia e depois trocava na frente do Cine Ideal com outro amigo, que tinha outro gibi de outro super-herói. O garoto que tinha um inédito, que era mais caro, ele ia e trocava por dois gibis, tudo era negociado. Aí eu vendia alguns para completar o dinheiro para ir ao cinema.* (HERMES, 2016, In THIES, 2016).
- Os filmes de maior sucesso, segundo Maria Helena Tomazelli, filha de Vitorino Tomazelli e esposa de Enor Tomazelli, eram os de Teixeira e Mazzaropi. Ela conta que a fila se estendia até a outra quadra (cerca de 200m), e que todos eram recebidos, de forma que os espectadores sentavam no chão ou ficavam em pé (THIES, 2016).
- Por sua vez, Hermes afirma que os filmes nacionais não faziam muito sucesso, e os que mais tinham público eram os de faroeste (THIES, 2016).
- Arley Serrano afirma que seu pai comprava ingressos para a semana toda, e tinha seu lugar costumeiro na sala: “Eu e meus irmãos sentávamos sempre no mesmo lugar, segunda fila bem na frente. Meu pai também tinha seu lugar e como usava chapéu, colocou um prego na parede ao lado do assento para pendurá-lo”. (SERRANO, 2016, In THIES, 2016).
- Osmar relata que ele e seu irmão Vitorino administravam o cinema, recebiam os espectadores na bilheteria e projetavam os filmes (THIES, 2016).
- O Novo Cine Ideal também recebia frequentadores de baixa renda, e relata-se que sempre era um ponto movimentado, talvez por ser a única opção de lazer na região (THIES, 2016).
- Ainda, descreve-se que os clientes do Cine Ideal frequentemente fumavam dentro da sala, o que era proibido, e relata-se que as pessoas cuspiam, jogavam ovos e sujavam o espaço com os itens de bomboniere e pipocas (THIES, 2016).
- Afirma-se, em entrevista, que antes dos filmes, era exibido o “Jornal na tela”, relata-se: “[...] eles davam uma visão do mundo, se tinha guerra, a moda, construções, as evoluções, descobertas científicas, sempre passava no Jornal na tela.” (ARMÍIA, In ULIANA, 2017).
- Thies (2016) afirma que Gilmar Gasparin era projetista nesta sala de cinema, e que este ensinou a profissão ao seu irmão, Amarildo Gasparin, que trabalhava no Ideal como lanterninha (THIES, 2016). Amarildo relata que “Toda segunda-feira eu ia mais cedo e limpava a máquina. Serviço que era para meu irmão fazer, mas ele era preguiçoso, então eu fazia, mas foi bom, porque aprendi a mexer com a projeção, função que atribuí quando meu irmão saiu do cinema” (GASPARIN, 2016, In THIES, 2016).
- Quanto a sala de projeção, Amarildo relata que as condições de segurança eram precárias, com fácil possibilidade de choques elétricos:
- *Eu tinha 15 anos e foi no Cine Ideal, a minha sorte foi que eu não botei a mão em cima de um aparelho que tinha lá. Eu e o Nilceu Tomazelli, fomos limpar a máquina e eu estava cansado da muleta, sem querer eu encostei na chave do ventilador, deu um curto nos aparelhos e quando me vi, eu já estava grudado. Eu quis gritar e não conseguia, porque o choque ele te mata de duas maneiras: ou ele te sufoca, ou te dá um infarto e você morre na hora, mas se te sufoca, daí demora um pouco mais. Então, o Nilceu viu que eu estava eletrocutado mesmo com o choque, e como era muito forte, ele não podia pegar em mim, se não ele também ficava junto, então, ele me deu um soco no peito com muita força e eu me desequilibrei, e quando eu me desequilibrei, eu caí no chão e a mão que estava na chave trouxe junto comigo, foi assim que tudo desligou da tomada e parou o choque.* (GASPARIN, 2016, In THIES, 2016).
- Por fim, Gasparin afirma que todos os filmes exibidos por ele no Cine Ideal foram coloridos, porém, como o projetor era à carvão, eles normalmente eram mais escuros (THIES, 2016).
- Relata-se no trabalho de levantamento efetuado por Uliana (2017) a forte relação entre o centro urbano e a sociabilidade, de forma que:
- *Aqui, depois já nos fins da década de 1950, tinha as ‘bomboniere’. Então, eram os bares onde você ia comer uma salada de frutas. Não precisava se preocupar se ia tomar cerveja porque não se oferecia, se você quisesse comprar não te vendiam. Era só refrigerante. Então, mais tarde vieram os bolos, bolo caseiro. Dar uma volta na avenida era muito chique. Muito chique aquele grupo de meninas sair, a gente nunca saía só uma, sempre saía em grupos e dava aquela volta.* (MARINA, In ULIANA, 2017).
- Em meados de 1960, o Novo Cine Ideal ganha o apelido de “Cine Pulguento”. Enor Tomazelli relata que em 1965 houve uma infestação de pulgas, provavelmente gerada por conta de gatos que se escondiam atrás da tela de projeção (THIES, 2016).
- Maria Helena Tomazelli afirma que os clientes recla-

mavam das pulgas, e Vitorino afirmava que quem as trazia eram os próprios espectadores. Maria afirma que a proliferação de pulgas era facilitada por conta dos cavalos, gatos e cachorros, muito comuns no cotidiano urbano. Por fim, relata que foi feita uma limpeza, e o buraco atrás da tela foi fechado, impedindo a entrada de animais (THIES, 2016).

- Enor descreve a forma de projeção de filmes no Cine Ideal:
- *No Cine Ideal a maneira de passar os filmes, era que cada gominho [...] que eu dava 15 e 20 minutos eu tinha que transportar de uma máquina para outra. Botava na primeira, começava a função e já deixava a outra pronta, quando estava mais ou menos na hora eu percebia que o filme ia ter sequência, porque apareciam umas bolinhas. Então, era perfurado com um perfurador, uma bolinha na própria película, para saber que era a hora de dar a sequência, eu ligava uma máquina e a outra automaticamente desligava. Era assim que funcionava.* (TOMAZELLI, 2016, In THIES, 2016)
- Afirma-se que, ao longo do tempo, o público começou a reclamar das instalações do Cine Ideal. Dizia-se que o espaço não era confortável, além de ser visto de forma inferior, por conta de seus frequentadores serem de baixa renda (THIES, 2016).
- Por fim, quando nasce o Cine Astral, o segundo Cine Ideal vai aos poucos perdendo seu público, e assim, fecha suas portas no ano de 1985. Enor Tomazelli afirma que ficou clara a divisão de classes sociais entre os cinemas, de forma que os frequentadores do Ideal eram de baixa renda, e aos poucos os filmes lá exibidos também possuíam menor qualidade, o que contribuiu para seu esvaziamento (THIES, 2016).
- A edificação ainda existe e no local funciona uma loja de confecções.

Cine Real

- 📍 Cidade: Cunha Porã
- 🏠 Endereço: esq. Av. do Comércio com a Rua Rui Barbosa
- 🌐 Coordenadas: [-26.89425925457911, -53.17105021855113](#)
- ⌘ Inauguração: em funcionamento em 1957
- 🎬 Número de lugares: 100
- 🏢 Edificação existente? Não
- 🔑 Proprietário: Bernardo Max Bartz

👤 População estimada 1960: 7.775
👤 População Censo 2022:

Informações adicionais

- Segundo a Enciclopédia dos Municípios Brasileiros, o Cine Real possuía 50 lugares (IBGE, 1959B).
- Em entrevista, Dorli Bartz conta:
- *Boa noite Luís Eduardo! Sim, era do meu tio Bernardo Max Bartz! Numa mesma construção, tinha uma venda grande, o correio e um salão de baile. Além de morarem lá também. [...] Eu lembro de muitas coisas tbem, principalmente dos meus 10 anos, qdo me escondia atrás do balcão das bebidas, para assistir os filmes proibidos, q eram apenas proibidos por causa de um ou outro beijo. Rsrtrs. Localização , esquina da Rua do Comércio (rua principal) com Rui Barbosa, s/n, bem no centro.*
- *Era em um salão bem grande, porque era um salão de baile aonde acontecia esse cinema. Cadeiras de palha, enfileiradas no salão, do lado esquerdo e do lado direito. Claro que não tinha numeração nenhuma, nenhuma cadeira né. Eram apenas uma cadeira de palha atrás da outra, enfileiradas, e eu acho que tinha mais de 100 lugares, só que claro, às vezes era 30, 50, que eram ocupadas. Só que assim, quando tinha um filme como Sissi a Imperatriz, ou então A Família Trapo, essas coisas assim, esses filmes antigos, então os clássicos, enchia aquilo, quase não tinha lugar, de tanta frequência que tinha nesses filmes assim.*
- *Os filmes que passavam eram os seguintes: Mazza-ropi, Três Patetas, Tarzan, [...], esses filmes clássicos, muito faroeste, esses filmes assim, bem antigos, que nem sei se ainda existem. Mas o pessoal frequentava sim, mas era um lugar pequeno, é claro que não podia sempre né. As vezes acontecia quartas e sábados, ou domingos, dependendo, não era, assim, a cada dia né, porque pensa, no interior, uma vila pequeninha, onde quase só tinham agricultores né, algo assim que, não é que nem hoje que se ia tanto ao cinema né. Então, era bem esporádico assim, né. Ontem eu conversei com minha prima Ilga, que eu te falei, e ela me disse que tem muitas e muitas histórias pra contar né, porque era algo muito estranho, porque a luz era gerada por um gerador, aí as vezes falhava, aí puff, acabava toda luz, e, é lógico, tinha que parar tudo, né, e esperar a luz voltar.*
- *E outras vezes então rasgava a fita, então ia até que consertava aquela fita né, então coisas assim.*
- *E até ela me contou ontem, que eu não sabia, eu tinha um primo chamado Nelson, Nelson Bartz, e ele,*

claro, todos estudaram fora, mas quando ele era pequeno, ele assistia os filmes do Tarzan, e aparecia um tigre ou um leão e ele fugia pra se esconder no quarto dele.

- A própria filha, Ilga, que ficava na bilheteria né, então, era ela quem fazia isso, e tinha, também um bar, um balcão, onde então se vendia bebida, onde então eu mesma com meus dez anos, oito ou dez, já ajudava a vender ali né. As pessoas também bebiam, eram pessoas que não tinham muito dinheiro pra estar comprando refri essas coisas assim. No interior as pessoas viviam muito da agricultura né, então, era muita economia que eles faziam nesse sentido.
- [...] Mas assi, seria bem interessante se tu conversasse com a Ilga, eu já avisei né, porque ela, filha né, viveu isso junto, ela cuidou, ela ajudou. Talvez ela tenha alguma foto da construção toda, muito grande. Eu me criei ali, mas numa casa bem na frente. Saí de lá pra estudar, mas voltei e fui a 1a vereadora mulher de lá. Hoje moro em Sao Leopoldo.
- [Dorli compartilha comigo mensagens de Ilga]
- Oi prima Dorli
- Ahh sobre cinema tem história para contar, na aquela época não tinha luz, foi tocado a motor então no meio do filme apagou a luz e o pessoal ficou no escuro,, arrebatava fita uma confusão, lembro como se fosse hoje que passou um filme acho que foi Tarzan, e Nelson fugiu para casa e se escondeu embaixo da cama de medo do leão, mas foi divertido.
- [Dorli segue]
- Rua do Comércio e a rua principal, uma avenida, Rui Barbosa é a rua onde havia a Serramalte . mudou muito, mas n vai ser difícil achar. Lembro também, q qdo a fita rasgava, levava um tempo pro conserto e cortava um pedaço do filme q às x era importante . Também cortavam algumas cenas de beijo. Hehehe. Abraços e foi um prazer ! (BARTZ, Dorli. Entrevista concedida via rede social Instagram à Luís Eduardo Candeia. São Leopoldo, RS, 10 fev. 2022.)
- Dias mais tarde, Dorli me envia um desenho de um mapa, para indicar a localização do cinema, e segue com a descrição:
- Bom dia!
- Eu tirei um tempo pra desenhar a localização. Se n dá pra muito, ao menos vai saber onde fica.
- vou procurar fotos, e enviar
- Encontrei esta foto de casamento, onde mostra uma das fachadas e entradas. Tinha mai uma entrada. Localizada depiis da árvore, onde era a bilheteria. Esta frente ers na. Rua do Comércio, mas a casa toda se estendia pela esquina com rua Rui Barbosa
- No outro lado, em frente desta construção da foto.,

tbem Rua do Comercio, ficava um bar e restaurante, sorveteria (sempre construções enorme) , e que tinha um motor enorme, distribuindo a luz pra quem ajudava a pagar, hehehe

- Pertencia aos Beskof, depois Henzel e por fim Egon Heydt.
- VoltNdo para a construção enorme do cinema, que era uma parte só de tudo, que constituia: uma venda enorme e com produtos diversificados de qualidade. Meu tio inovava e estava sempre procurando trazer novidades em tudo, tbem uma parte era o correio, noutra a casa de moradia e mais tarde ainda o Cartorio . Ele era o escrivao.
- A construção era grande, de 2 andares, peças enormes. Construída com tabuas de madeira de pinho. A pintura era com cal, dando cor com um pó q se comprava em pcotes.
- Salao do cinema:
- Paredes pintadas de verde clarinho meio apagado, com barras delicadas pintadas com vazados(flores e folhinhas)
- Tinha um palco para teatro e para ocupação das orquestras q tocavam nos bailes ou casamentos. Era escondido pela tela de projeção dos filmes, que podia ser baixada ou levantada, pois era um rolo q puxado por um fio, enrolava ou desenrolava.
- No lado do palco, que ficava uns dois metros mais alto da pista de dança, ainda havia um quarto de cada lado para abrigar cr nos bailes e para. Uso do teatro.
- Os banheiros tbem se localizavam ali por perto, alinhados com este complexo.
- A sala de cinema e baile, também era rodeada por uma parte mais alta,, onde eram colocadas as mesinhas com cadeiras de palha.
- Qdo tinha cinema, as cadeiras eram enfileiradas no salao.
- O salao tinha muuuuuuittas janelas , 3 entradas.
- Sei lá como se chama a cabine(?????) onde se comanda a maquina e os grandes rolos... Era construído de forma q parecia uma caixa de sapato grande nas alturas (kkkkk), sustentafa por postes de madeira e com uma escada alta tbem de madeira. Uma abertura direcionada à tela, q refletia uma faixa de luz para quem via de fora.
- Toda nossa família está aí (referindo-se a foto). Meu pai tocando bandoneon e meu tio Bernardo Max Bartz, o dono do cinema esta3 no lado do saxofonista. (BARTZ, Dorli. Entrevista concedida via rede social Facebook à Luís Eduardo Candeia. São Leopoldo, RS, 16 mar. 2022.)
- A edificação não existe mais, e o terreno abriga uma loja de eletrônicos.



Família Bartz em frente ao Cinema. Acervo de Dorli Bartz

Cine Estrela

- 📍 Cidade: Ponte Serrada
- 🏠 Endereço: Rua Três de Maio, 403
- 🌐 Coordenadas: [-26.868814686419697, -52.01643807159473](#)
- ✂️ Inauguração: 1957
- 🏠 Fechamento: aprox. 1960
- 🚗 Número de lugares: 60
- 🏢 Edificação existente? Sim
- 🔑 Proprietários: Raymundo Feijó Gaião e José Grassi/Antonio Feijó
- 👤 População estimada 1960: 3.784
- 👤 População Censo 2022:

Informações adicionais

- Em entrevista via telefone, Fatima Sonaglio conta:
- *O cinema, na verdade, não era uma sala de cinema, ele era feito em um clube da cidade, no andar de cima, então eram arrumadas as cadeiras, era ajustado com uma mesa mais alta para poder colocar a máquina que rodava as fitas, e colocava um lençol branco na parede dos fundos do cinema, e ali então eram rodadas as fitas né. Era uma vez por mês, mais ou menos, que tinham os filmes, o dia que então tinha o filme, era colocado um gramofone com música pra chamar as pessoas, uma hora antes da sessão, então quando começava a tocar música, o pessoal sabia que tinha filme, então as pessoas iam chegando, organizavam as cadeiras, eram em torno de 50 a 60 pessoas, não mais que isso, que iam para o cinema. Era cobrado o ingresso, né, e as fitas en-*

tão, elas vinham naquelas malas de lata né, tinha a fita um, dois e três né, normalmente. E era tocado manual, né, e uma semana, um mês antes, então, ele colocava o cartaz do filme que ia ter tal dia, e essas pessoas passavam por ali e já iam vendo o que de fato ia ter né. No começo era mudo, né, o filme, depois passou aos filmes do Mazzaroppi ali e tal, mais falados né. Então, o clube, na verdade, era todo cortinado, tinha cortinas, então fechava tudo com cortinas, e um pano branco, um lençol branco, na frente, do qual seria a tela, no caso né. Montava a estrutura toda, as fitas eram tocadas manual, aí de que forma que vinham as fitas né? Então, elas vinham de São Paulo, vinham de Trem, de São Paulo até Joaçaba, aí Joaçaba, vinha o motorista do ônibus né, e trazia, entregava essas fitas pro Pai ali né, e a mesma coisa era feita na devolução, quando eles mandavam de volta. Então era tudo via Trem, porque não existia nenhuma linha de ônibus na época, que fazia esse caminho assim, tão distante né. O que posso te informar também, é que o nome do clube continua o mesmo, é Aimoré, e o clube está ali hoje, no mesmo local, na Av. XV de Novembro, bem no centro né. Estão revitalizando ele e tal né, mas é o mesmo prédio. [...]

- *Então, seria isso. Mas o que ele falou agora com ele falando, ele lembrando né, ele disse: era muito bacana, era muita emoção, as fitas. Como é que aquelas fitas podiam estar passando um filme, então pensa, pra época, isso foi em 1957, 1958, acredito que seja, e em uma cidade que era um povoado, na verdade né, que até hoje não é grande né. E daí o que aconteceu, foi que o pai dele dizia que isso não era futuro, que isso era coisa de vagabundo, porque ele fazia isso, ontem fiquei sabendo de umas histórias da família que eu nem sabia. E eles moravam no interior, também, com animais, com plantação, né, e ele ajudava, então, nas plantações em casa, tudo, e no final de semana, quando tinha o filme, ele organizava o filme, e a outra distração dele também, é a de que ele adorava música, ele tocava, tudo que era instrumento que dava ele tocava: gaita; violão; gaita de boca, tudo o que ele enxergava, piano; teclado, ele tocava, o ouvido dele era maravilhoso.*
- *Então no final de semana, quando não tinha cinema, ele se reunia com os amigos e tal, e tocava até às dez da noite, no máximo, era a hora de tocar e cantar, com as pessoas conhecidas. E o pai dele, o nono, no caso, ele achava que era coisa de vagabundo.*
- *Com o passar do tempo, outra coisa que ele gostava, inclusive falei com minha irmã ontem à noite, nós*

temos fotos, depois, se você quiser alguma coisa, o que ele fazia também era teatro, e tem as fotos do teatro, ele representando e tal né, a foto preto e branco é claro né, mas tem algumas coisas se tu quiser alguma foto dele, alguma coisa, eu vou ver. Porque eu moro em Pinhalzinho [...]

- Ele adorava teatro também, ele fazia teatro. É, no clube também. Ensaíavam. Teria que ver com meu primo, acabei não perguntando pra ele porque ele tava meio ruinzinho, meio doentinho, não quis perguntar pra ele tanta coisa hoje, mas assim, ele mora em Florianópolis, meu primo. Ele tem aquela “Mudanças Mônica”, já ouviu falar? É em Barreiros, ele mora.
- Mas se você quiser fazer uma entrevista, de repente eu passo o telefone, ele adora, ele é uma pessoa que tem uma memória muito boa, sabe?
- Então, essa era a diversão deles na época, e daí com o passar do tempo, uma irmã dele de tanto encher o saco, disse pra ele: isso aí não tem futuro, venda isso.
- Daí foi quando ele conheceu a minha mãe, casou, comprou a rodoviária e o Hotel que existia em Ponte Serrada, né?
- E foi aí que ele vendeu tudo, “que aquilo ali não tinha futuro, que era coisa de vagabundo”, sabe né?
- Então ele acabou vendendo e comprando este hotel, e daí casou com a minha mãe, eu nasci em Ponte Serrada, e com um ano de idade, eu vim pra Chapecó.
- Em Chapecó, também, compraram um outro hotel em Chapecó, e daí eu me criei na verdade em Chapecó, né?
- Então se tu quer algumas fotos, quando eu for a Chapecó eu posso tirar, WhatsApp, e te mandar né, se tu quiser alguma coisa contando a história dele, e a foto dele também né.
- Ele faria, esse ano, 100 anos, ele morreu a algum tempo, 15 anos já, ele nasceu em 1922.
- Então às vezes eu fico pensando assim, pra época, a gente vê hoje, claro, a coisa avançada, mas pra época, como ele tinha uma visão, pra uma pessoa que se cria na roça, e como as pessoas tinham noção das coisas, de querer aprender também, né?
- Outra coisa da vida dele que ele sempre foi, ele sempre foi muito curioso né, adorava viajar, ele não dormia um segundo na viagem, ele cuidava de tudo, ele sabia de tudo onde ele estava, ele se localizava, ele era uma pessoa muito curiosa, ele lia bastante.
- (perguntei em que ano funcionava o cinema)
- Olha eu acredito que se, a mãe e o pai casaram em 1960, deve ser em 1958, 1959, por ali, 1957, mais ou

menos por aí. Então se ele casou em 1960, foi em 1960 que fechou.

- Na verdade não perguntei pra ele isso também né (pro Primo), mas deve ter sido mais ou menos por aí.
- Quando eles foram morar em Chapecó, compraram o Hotel Rex, bem na avenida, hoje é a Premier (Av. Getúlio Dorneles Vargas, 300 S – Centro, Chapecó), uma casa de shows e um bar. Pertinho da Delegacia Regional. Daí ali é o hotel que o Pai comprou, ficou ali uns 4 ou 5 anos né, daí depois eles venderam.
- Mas seria isso, essa história eu não conhecia, eu sabia que ele tinha, mas a gente nunca entrou em detalhes, porque vai passando né, ainda bem que eu tenho esse primo, que também já tá numa certa idade, mas que pôde contar pra gente, que bom!
- [...]
- Você quer o telefone do meu primo? Eu acho que é bem interessante vocês marcarem uma hora, ele gosta de contar. E assim, e a gente sabe né, eu vou fazer 61 anos né, a gente sabe que as pessoas quando ficam mais velhas gostam de contar as coisas de antigamente né, então acho que seria um papo legal se você gosta de história né...
- Então tá querido! Qualquer coisa dá um toque pra gente, no que eu for à Chapecó, eu te passo as fotos. (SONAGLIO, Fátima. Entrevista via telefone para Luís Eduardo Candeia. Pinhalzinho, 28 abr. 2022.)
- A edificação ainda existe e funciona como espaço esportivo e recreativo, o Clube Aimoré.

Cine Tupi

📍 Cidade: Água Doce

📅 Inauguração: 1958

🏠 Fechamento: 1958

🪑 Número de lugares: 40

🏢 Edificação existente? Sim

🔑 Proprietário: Ilvino Bodaneze

👤 População estimada 1960: 4.875

👤 População Censo 2022:

Informações adicionais

- Ilvino, que já trabalhava com cinema em São Valentim, no RS, decide se mudar para Abelardo Luz, em 1958, convencido pela irmã, mas, anteriormente, aluga um pequeno salão de baile em Água Doce, onde apresenta alguns filmes. Porém, segundo Ilvino,

as exibições recebiam de 30 a 40 pessoas, apenas. Afirmo em entrevista que a por conta da precariedade do clube, o chamavam de “Vai como pode”. Além disso, relata que a energia elétrica sofria quedas frequentes, e o som muitas vezes falhava, deixando o filme mudo. (RAINHA 89 FM, 2020).

Clube 7 de Setembro/Cine Teatro União

📍 Cidade: Itapiranga

🗓️ Inauguração: agosto de 1958

🚪 Fechamento: 07 set. 1978

🔑 Proprietários: Lauro Giehl e associados do Clube 7 de Setembro

👤 População estimada 1960: 10.304

👤 População Censo 2022:

Informações adicionais

- Em entrevista, Velina Tecla Berwanger relata:
- *Em Itapiranga por volta de 1958 havia rumores da vinda de protestantes com o intuito de instalar uma casa de cinema. O perigo foi afastado pela iniciativa dos associados do Clube Sete de Setembro, cujo presidente na época era Lauro Giehl, que se anteciparam e no mesmo ano adquiriram um projetor de filmes em 16 mm de marca TERTA SOUND (TCHECO) da MESBLA de Porto Alegre/RS. Marino Mantovani conhecido alfaiate da cidade, assessora-do, algum tempo pelo estudante Ivo Weis ficou responsável pela programação e publicação dos filmes, zelo e arrumação do salão e operação das máquinas.*
- *Em terras Itapiranguense os primeiros sintomas de rebeldia dos leigos contra normas da Santa Madre Igreja surgiram no Clube Sete de Setembro quando eram exibidos alguns filmes classificados como “de pouco pudor”. Em agosto de 1958 quando o cinema começou o ingresso custava Cr\$10,00 e 15,00. Cada filme era exibido duas vezes arrecadando entre Cr\$ 80,00 a Cr\$ 82.300,00. O aluguel do filme era caro e o despacho para Mondaí custava Cr\$ 40,00 por rolo. Durante o ano de 1959 o clube pagou Cr\$ 32.670,00 em aluguel de filmes e a bilheteria do ano somou Cr\$ 54.970,00. Os filmes mais assistidos reuniam até 180*

pessoas, porém, a média por filme ficava em torno de 65 pessoas. Considerando que cada película era exibida duas vezes, o público médio por sessão ficava entre 30 e 40 pessoas. Era frequentado pelo público da cidade e 90% pertencente, principalmente, à classe jovem e estudantes. Mantinha dois horários: sábados e domingos.

- *Nos primeiros 10 anos os filmes eram adquiridos da distribuidora Zamiratti Filmes, sediadas em Porto Alegre. Para evitar eventuais “filmes pornô” o responsável pela exibição assistia ao filme antes de exibi-lo para o público. Fazia eventuais cortes ou censuras e depois da sessão remetia-o para Mondaí. As sessões eram aos sábados e domingos. As fitas com o informe “Censurado” não vinham para Itapiranga, mesmo assim os responsáveis e a diretoria da Sociedade devolveram vários filmes considerados impróprios para os Itapiranguense.*
- *[...] Em meados dos anos 60, a então diretoria da Sociedade Sete de Setembro interrompeu a exibição de filmes porque não havia quem quisesse continuar com a atividade. O projetor ficou em desuso, guardado no sótão da sociedade até 1967 quando Silvestre Waldemar Berwanger, voltando dos seus estudos, resolveu reativar a exibição de filmes. Para tanto convidou para sócio e responsável pela limpeza do local o ecônomo da sociedade Sr. José Kollmann. Convidou também o eletricitista Heriberto Brixner que recondicionou o projetor e ficou responsável como operador da máquina.*
- *De 1967 até 1969 Silvestre e companheiros enfrentaram grandes dificuldades com máquina ultrapassada a ponto de também desistir. Foi quando resolveram fazer parceria com o Cine Cacique de São Miguel do Oeste, de propriedade de Jorge Ortiz, do qual foi alugada uma cabine em 35 mm e realizado um acordo de exibir os mesmos filmes, em dias diferentes, diminuindo o custo de aluguel.*
- *Em abril de 1969 foi trazido o primeiro aparelho de TV do Rio de Janeiro por Humberto Engel, instalado no Hotel Mauá com péssimo som e imagem*



Clube 7 de Setembro em 1935. Mayer; Neumann (2016).

em preto e branco. A descida do homem na lua em 21.06.1969 foi o primeiro espetáculo televisivo assistido por uma multidão que se reuniu em frente ao Hotel Mauá. (depoimento de Humberto a Velina)

- Pergunta-se: Não estava aí instalado um silencioso concorrente das casas de cinema?
- Itapiranga passava por um período de grande progresso com instalação de agroindústrias, entre elas a “Safrita”, hoje, “Seara Alimentos/SA”. Todo esse crescimento econômico se manifestava também nas atividades de lazer, expressas, na maioria das vezes, através de clubes, sociedades e associações que organizavam bailes reuniões dançantes, jantares, quermesses, concursos de beleza, competições esportivas, apresentações artísticas, etc. Além disso, o cinema local também era muito prestigiado pela população.
- Nestes anos por inúmeras vezes a Sociedade Sete de Setembro foi palco de cenas raras no pequeno salão abalroado de espectadores, uns sentados nas janelas, outros no chão e de pé para assistir mais um espetáculo cinematográfico. Nestes se enquadravam os filmes dos Trapalhões, Mazzarope, Teixeira, Fuscão Preto e filmes épicos, como “Os dez mandamentos”, “Benhur”, e por que não falar dos grandes filmes da série Faroeste. [...] Em Itapiranga os gêneros, que atraíam mais público, eram os filmes “Faroeste”, as séries “Mazzarope”, “Sissi” de Romi Schneider e os de cunho religioso. Os filmes de aventuras e caçadas “Safári” e os religiosos sempre eram bem aceitos. [...] consolida-se a dupla de atores de comédia, Oscarito e Grande Othelo dos quais vários filmes foram exibidos no Cine Peperi. (BERWANGER. Velina Tecla. Entrevista concedida via e-mail a Luís Eduardo Candeia, Itapiranga, 12 set. 2016)

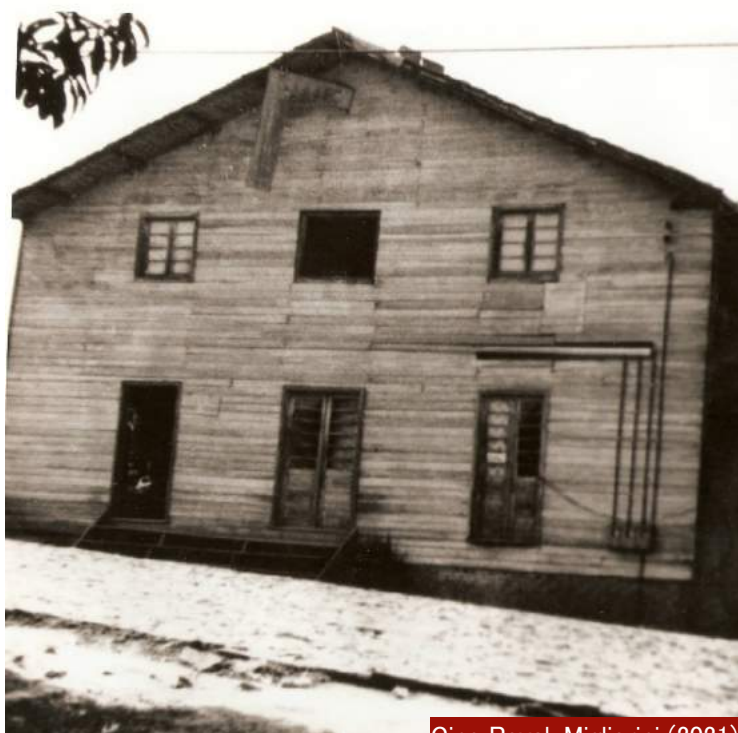
Cine Royal

- 📍 Cidade: Faxinal dos Guedes
- 🏠 Endereço: Av. São João, 241
- 🌐 Coordenadas: [-26.855566589209253, -52.26193304685717](#)
- 📅 Inauguração: 1959
- 🔒 Fechamento: dez. 1979
- 🏢 Edificação existente? Não
- 🔑 Proprietários: Alfeu Tortato/Angelo Borella/Oscar Borella
- 👤 População estimada 1960: 6.960

População Censo 2022:

Informações adicionais

- Afirma-se que os proprietários do cinema foram Alfeu Tortato, Angelo Borella e Oscar Borella, e que este foi inaugurado em 1959 (MIGLIORINI, 2017/2021).
- De acordo com comentários na publicação de Jorge Migliorini, o Cine Royal servia também como clube, para jantares, e bailes (MIGLIORINI, 2021).
- Jorge comenta em sua publicação (MIGLIORINI, 2021): “Na época não tinha sinal de TV e a única opção de ver filmes era no cinema. Passavam filmes nos sábados a noite, domingos a tarde e anoite. Ponto de encontro de amigos. Local que os casais de namorados costumavam frequentar. Bons tempos.”
- Jorge Migliorini afirma que foi Alfeu Tortatto quem construiu o Cine Royal, e que Oscar Borella operava os projetores. Mais tarde, a família Borella adquiriu o cinema (MIGLIORINI, 2021).
- Luiz Carlos Pissetti afirma que assistiu ao filme O Ouro de Mackenna nesta sala de cinema (MIGLIORINI, 2021).
- Maria Ana Lang Tesser comenta que assistiu o filme Coração de Luto, de Teixeira, neste cinema (MIGLIORINI, 2021).
- Relata-se que este cinema exibia filmes de Teixeira, e, no Cine Royal, aconteceu um Show de Teixeira e Mary Terezinha (MIGLIORINI, 2021).
- A edificação do Cine Royal foi demolida em 1979, e no local funciona um escritório de advocacia.



Cine Royal. Migliorini (2021).



Cine Royal. Migliorini (2021).

Cine Vitória

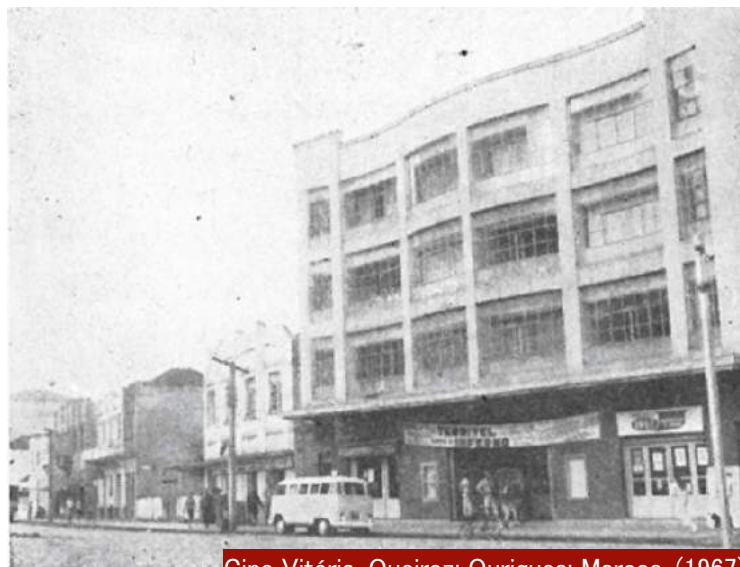
- 📍 Cidade: Joaçaba
- 🏠 Endereço: Av. XV de Novembro, 502
- 🌐 Coordenadas: [-27.173186613343752, -51.503660155079494](#)
- 📅 Inauguração: 1959
- 🏢 Fechamento: 1985
- 📺 Número de lugares: 1550
- 🏢 Edificação existente? Sim
- 🔑 Proprietário: Miguel Russowsky
- 👤 População estimada 1960: 9.890
- 👤 População Censo 2022:

Informações adicionais

- O nome da sala é uma homenagem à esposa de Miguel, Vitória Russowsky (que pode ser vista na imagem do Recital apresentado na ficha do Cine Imperial, de Joaçaba) (PEREIRA, 2013).
- De acordo com a Revista Brasileira dos Municípios, o Cine Vitória foi inaugurado em 1959 (IBGE, 1959c).
- Miguel nasceu na cidade de Santa Maria (RS) (PEREIRA, 2013), de acordo com a Prefeitura de Joaçaba (2018):
- *Dr. Miguel Kopstein Russowsky, era natural de Santa Maria (RS) e, residindo em Joaçaba desde os 26 anos, foi figura importante para formação do Município. Um dos primeiros médicos da cidade, foi fundador e diretor do Hospital São Miguel, um dos maiores da região, atuando como clínico e cirurgião geral, até 2006.*
- *Como um homem de visão, era sócio da maior rede*

de cinemas do país e, em Joaçaba, dos Cinemas Avenida e Vitória. Foi responsável pela construção dos primeiros edifícios da cidade, empreendendo até o fim de sua vida, quando nos últimos anos investiu no ramo de hotelaria.

- *Destacou-se também, ao longo dos anos como exímio enxadrista, conquistando títulos a nível estadual. Mas foi na área da cultura que Dr. Miguel deixou sua marca no Município. Sonetista por excelência e trovador dos mais fluentes, publicou vários livros, entre eles: Céu D'estrelas, O Julgamento de Tiradentes, O Segredo do Pântano, Poesias Melancólicas e outras poesias.*
- *Também conquistou nove vezes primeiro prêmio em Sonetos, em concursos nacionais, e várias vezes em outras colocações e onze primeiros prêmios em concursos nacionais de poesias. Ocupou a Cadeira nº 28 da Academia Sul-Brasileira de Letras. Membro da UBT, da Casa do Poeta "Lampião de Gás", do Movimento Poético, em São Paulo e outras Entidades Littero-culturais, além de colaborador de jornais, revistas, como o Fanal, Estro, A Figueira, entre outros alternativos. Foi o autor da letra do Hino do Município de Joaçaba [...]. (JOAÇABA, 2018)*



Cine Vitória. Queiroz; Ouriques; Marcos, (1967)

- Foi projetado por Mauro Batista e executado pela Construtora Erma (PEREIRA, 2013).
- Segundo Pereira (2013), possuía 1550 poltronas, e espaço para mais 150.
- Sobre o funcionamento e os colaboradores do Cine Vitória, Pereira (2013) afirma:
- *A luxuosa construção tinha um enorme hall de entrada, decorado por ricos vasos pretos de porcelana e espelhos de cristal bisotado, tudo muito chique. As cortinas e a decoração feitas pelo Sr. Franc Slavic, o seu Chico, natural da Iugoslávia e radicado em nossa cidade. Os irmãos Vivas Fernandes, de origem*

espanhola, auxiliavam em tudo: Hortêncio era o operador, ou projetista dos filmes; Químico era o porteiro, Botânico o responsável pela gerência, Germinal fiscalizava a bilheteria, contratado pela companhia distribuidora dos filmes. O Sr. Miranda era o fiscal da Justiça, responsável pela fiscalização da entrada de menores e da carteirinha de estudantes, e o soldado Machado fazia o papel de “lanterninha”, enquanto Walmor Dozza cuidava do financeiro. Outro espanhol, Manoel Durán, oriundo de Santiago de Compostela providenciava na bomboniére o suprimento de balas e refrigerantes necessários para acompanhar as aventuras e os romances projetados na tela. (PEREIRA, 2013).

- Pereira (2013) ainda descreve como se davam os momentos anteriores aos filmes:
- *Os filmes eram antecidos pelo trailer das próximas sessões e o Canal 100, um cine-jornal brasileiro existente desde 1957 que era exibido semanalmente nos cinemas do país inteiro, com notícias (que chegavam ao interior bastante desatualizadas) e muito futebol, com filmagens feitas ao nível do gramado, de certa forma superiores ao que hoje é feito com muita tecnologia. Como ainda não existia televisão em cidades do interior, os espectadores se comportavam como se os jogos estivessem acontecendo naquele momento, ao vivo, com muita torcida nos lances mais empolgantes, narrados por um locutor principiante, chamado Cid Moreira.* (PEREIRA, 2013)
- Pereira conta que duas rampas davam acesso à plateia, e escadas levavam ao mezanino, onde também situava-se a sala de projeção. Afirmo ainda, que a inauguração do Cine Vitória se deu com o filme “A Última Caçada” (PEREIRA, 2013).
- A Lei Nº 347, de 15 de julho de 1961, demanda que seja instalada refrigeração com ar-condicionado no Cine Vitória (JOAÇABA, 1959).
- Afirmo-se que Miguel Russowsky decidiu filiar-se à Rede Arco-íris de cinema, proveniente da cidade de Lages (PEREIRA, 2013).
- O fim da história desta sala deu-se também de forma trágica, com um incêndio que tomou a edificação e prejudicou os equipamentos de projeção, em 1985 (PEREIRA, 2013).
- O primeiro filme exibido no Cine Vitória foi “A Última Caçada” (The Last Hunt, 1956) (PEREIRA, 2013).
- Segundo Antônio Carlos Pereira, em publicação, o filme O Corintiano, de Mazzaropi foi a maior bilheteria do Cine Vitória (PEREIRA, 2018).
- A edificação ainda existe e abriga uma loja de móveis e uma igreja evangélica.

Cine Líder/ Avenida

- 📍 Cidade: Caçador
- 🕒 Inauguração: 1960
- 🏠 Fechamento: 1983
- 🚪 Número de lugares: 1300
- 👤 População estimada 1960: 17.225

Informações adicionais

- Segundo Valentini (2010), o Cine Líder possuía 1300 poltronas.
- De acordo com entrevista contida em Valentini (2010, p. 68), descreve-se o Cine Líder como um espaço muito luxuoso, e com assentos revestidos em veludo, onde foram assistidos filmes como “E o vento levou” e “Meias de seda”.
- Otaviano Silveira em entrevista para Valentini (2010, p. 69) relata: “[...] Lembro muito do cinema, que faz muita falta, porque era, além de um lugar para ver os filmes, lugar e momento para encontrar as pessoas... [...]”.
- Afirmo-se também em entrevistas, que as duas salas, o Cine Luz e o Cine Líder, eram bastante frequentadas, e comumente formavam-se filas para acesso aos estabelecimentos (VALENTINI, 2010).
- Segundo a Enciclopédia dos Municípios Brasileiros (IBGE, 1959a), existiu na cidade o Cine Mundial, com 140 lugares (IBGE, 1959a), porém, não foram encontradas evidências desta sala de cinema.

Cine São Carlos

- 📍 Cidade: São Carlos
- 🏠 Endereço: Av. Santa Catarina, 509
- 🌐 Coordenadas: [-27.08121899943575, -53.00076609104032](#)
- 🕒 Inauguração: década de 1960
- 🏠 Fechamento: segunda metade da década de 1970
- 🚪 Número de lugares: 90
- 🏢 Edificação existente? Não
- 🔑 Proprietários: Mathias Nicolai/Alfonso Dupont

👤 População estimada 1960: 7.519
👤 População Censo 2022:

Informações adicionais

- Segundo a Enciclopédia dos Municípios Brasileiros, o Cine São Carlos possuía 90 lugares (IBGE, 1959a).
- Luiz Felipe Schabarum conta, no grupo privado “São Carlos SC – História em Imagens”: Foto do antigo Clube independente que se localizava onde hoje é o Banco do Brasil, por volta de 1960. Na ocasião da foto estava sendo alterada a estrutura do telhado para poder ser ocupado o sótão como cinema. (SCHABARUM, 2020)
- Alfonso Dupont, em entrevista relata:
- A cidade nunca teve um local especificamente destinado a uma sala de projeção de filmes. Essas projeções, quando realizadas eventualmente, eram feitas num salão que servia a outros fins, como para bailes, festas ou reuniões. A cidade também não tinha auditórios, cujo formato seria apropriado para uma sala de projeção de filmes. Assim sendo, a sede de um clube social, o Independente, é que serviu como cinema em São Carlos, explorado então por Mathias Nicolai. Hoje, no local, fica a agência do Banco do Brasil. O uso do referido espaço para cinema começou na década de 1960, com filmes adquiridos por determinado tempo (semanas) de um distribuidor de Porto Alegre. A atividade foi mantida por Nicolai ao longo dos primeiros anos da década de 1970, e dali em diante foi tocada por seu genro Alfonso Dupont, que também passou a exibir filmes no interior do município com um serviço móvel, com eletricidade gerada por um gerador portátil, eis que não havia fornecimento regular de energia nessas localidades interioranas. As exhibições também abrangiam cidades menores da vizinhança, onde se contava com energia elétrica, o que era bastante viável porque a televisão ainda não tinha muita penetração ali. Mas com o advento da TV e outros avanços nessas pequenas cidades, essa atividade amadorista tornou-se sempre menos rendosa, o que determinou o seu fim ainda na década de 1970. Não tem mais cinema em São Carlos desde então. Mas hoje, se fosse para exibir algum filme importante, haveria à disposição o confortável auditório da Secretariada Educação, que eventualmente, além das reuniões e outros eventos de interesse da Secretaria da Educação e da comunidade em geral é usado para tal fim. (DUPONT, Alfonso. Entrevista concedida por intermédio de Paula Dupont, a Luís Eduardo Candeia. São Carlos, 24 fev. 2022)*

A edificação não existe mais, e no local funciona uma agência bancária.



Clube Independente passando por reforma para receber cinema, na década de 1960. Schabarum (2020).

2º Cine Guarany

- 📍 Cidade: Xaxim
- 🏠 Endereço: Av. Plínio Arlínido de Nes, 1242
- 🌐 Coordenadas: [-26.96277478500202, -52.532264345805636](#)
- 📅 Inauguração: 1960
- 🏢 Fechamento: aprox. 1983
- 🏢 Edificação existente? Sim
- 🔑 Proprietário: Argemiro Savaris/ Nilso Oreste Savaris, Máximo e Santo Honório Savaris/ Armando Reginatto e família
- 👤 População estimada 1960: 12.473
- 👤 População Censo 2022:

Informações adicionais

- Oliveira (1992) afirma que a sala pertenceu a Argemiro Savaris, Nilso Oreste Savaris, Máximo e Santo Honório Savaris, e Armando Reginatto e família.
- Em entrevista, Iunes Ferraz afirma que o cinema funcionava na esquina da Av. Plínio Arlínido de Nes com a Av. Rio Grande.
- Argemiro, em conjunto com seu pai Máximo e seu irmão Santo Honório, percebe que as instalações no Clube Guarany já não eram suficientes para a população da cidade, e, assim, constrói o Cine Guarany, edificação própria para cinema, que é concluída em fins da década de 1960 (OLIVEIRA, 1992).



Isidorio Bertulino Pereira ao lado dos projetores do Cine Guarany. Pereira (2019).

- Isidorio Bertulino Pereira afirma que, em 1977, atuava como projetista no Cine Guarany. No mesmo relato, Pereira agradece a Armando Reginatto e sua família pela oportunidade. Reginatto era dono de outros três cinemas no Rio Grande do Sul, tendo cinco, no total, segundo Pereira, incluindo o Cine Guarany (PEREIRA, 2019).
- De acordo com Isidorio, em entrevista, existiam martinês para as crianças às 15h, e sessões às 18h e 20:30h nos domingos.



Cine Guarany em 2016. Fiorentin (2016).

- Isidorio conta:
- Alguns filmes como Teixeira ficava em cartaz 2 semanas tendo 3 seções aos domingos. Nos finais semana sala cheia cadeiras e ambiente também. Não dá prá comparar sala cine shopping agora. Na época os cinemas éra de 500 a 800 cadeiras.*
- Os projetores eram à carvão, com auxílio de eletricidade*
- Togo dia colocava cartazes exposição novos filmes e programação em frente Cinema; Aí era curiosidade e novidades prá todos verem. Os filmes eram em rolos. Alguns longas metragem vinham em até 2 caixas pesadas.(acima de 10 rolos fitas).* (PEREIRA, Isidorio Berulino. Entrevista on-line concedida à Luís Eduardo Candeia. Xaxim, 17 jan. 2022.)

- A edificação ainda existe e está sem uso, em processo de arruinamento.



Cine Guarany em 2016. Fiorentin (2016).



Cine Guarany em 2016. Fiorentin (2016).



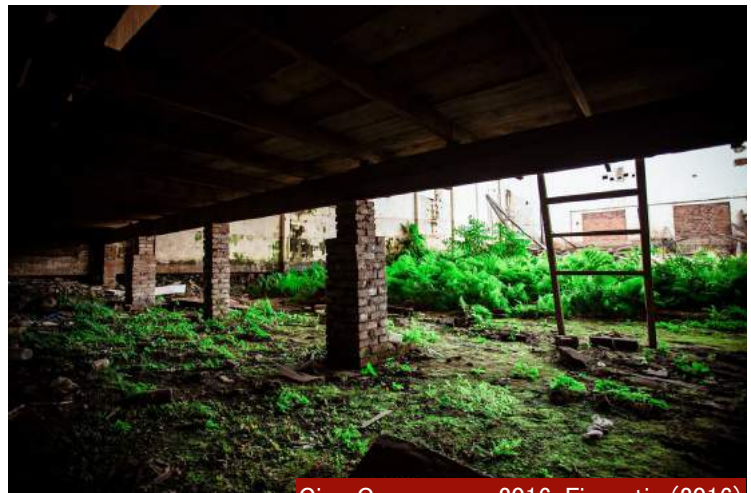
Cine Guarany em 2016. Fiorentin (2016).



Cine Guarany em 2016. Fiorentin (2016).



Cine Guarany em 2016. Fiorentin (2016).



Cine Guarany em 2016. Fiorentin (2016).



Cine Guarany em 2016. Fiorentin (2016).



Lateral do Cine Guarany em 2019. Pereira, (2019).

2º Cine Alegria

- 📍 Cidade: Vargem Bonita
- 🏠 Endereço: Rua Araucária, 25
- 🌐 Coordenadas: [-26.872168156591172, -51.793878475802686](#)
- ⌘ Inauguração: déc. 1960
- 🏢 Edificação existente? Sim
- 🔑 Proprietários: Irani Papel e Embalagem S.A.; Jovelino Maestri,

Estácio Guerreiro e Enio Lemos
👤 População estimada 1960: 5.325
👤 População Censo 2022:

Informações adicionais

- Relata-se, em publicação no Facebook, que os filmes exibidos eram de Mazzaropi, e que Marcelino Pão e Vinho foi exibido por diversas vezes (CAMPI-NA DA ALEGRIA, 2015).
- Miguel (2018) relata:
[...] Mais tarde a empresa construiu um prédio em alvenaria específico para cinema, este cinema era administrado por uma sociedade de alguns trabalhadores mais abonados de salário, como funcionário do escritório, Lembro de três nomes, Jovelino Maestri, Estácio Guerreiro e Enio Lemos, todos falecidos. Então a sociedade adquiriu de São Paulo, duas máquinas novas de 35mm, com lentes panorâmica e Scop, lanterna a carvão para a projeção, tela apropriada de 4,50x 9,00 metros, sonorização de amplificador valvulado. Este cinema esteve ligado no circuito de filmes do Cine Tamoio de Lages. O cinema esteve em atividade por muitos anos, não posso precisar o fechamento, porque não morava mais ali. Estes foram os detalhes que posso oferecer de meus conhecimentos. (MIGUEL, Altino Luiz. Entrevista concedida via e-mail a Luís Eduardo Candeia, em 02 maio 2018.)
- A edificação ainda existe, e está sem uso.



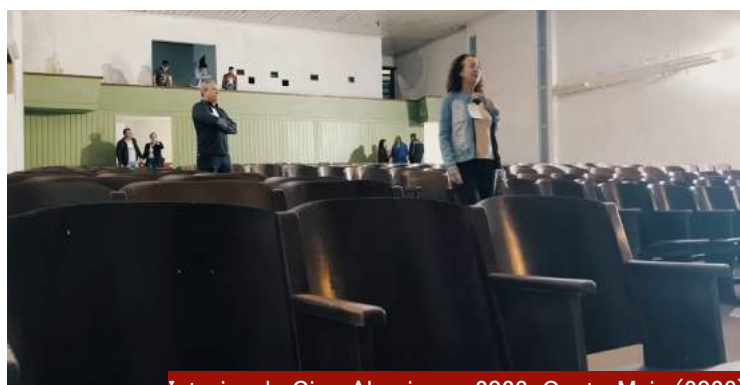
Escadaria do Cine Alegria, em 1976. Campina da Alegria (2015).



Cine Alegria em 2023. Oeste Mais (2023)



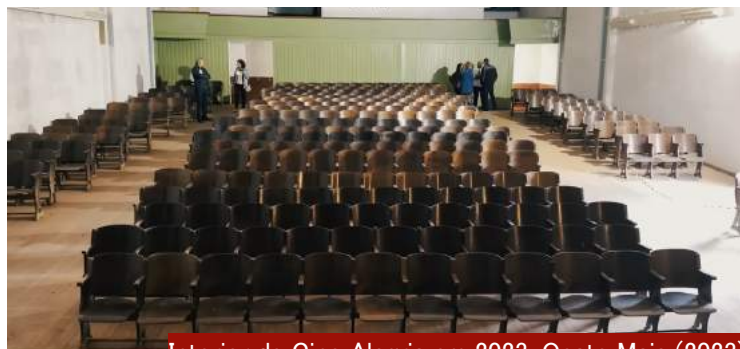
Cine Alegria em 2023. Oeste Mais (2023)



Interior do Cine Alegria em 2023. Oeste Mais (2023)



Interior do Cine Alegria em 2023. Oeste Mais (2023)



Interior do Cine Alegria em 2023. Oeste Mais (2023)



Interior do Cine Alegria em 2023. Oeste Mais (2023)



Interior do Cine Alegria em 2023. Oeste Mais (2023)



Projetores do Cine Alegria em 2023. Oeste Mais (2023)

2º Cine Teatro Colombo/Cine Império

📍 Cidade: Concórdia

🏠 Endereço: Rua do Comércio, 150, Centro

🌐 Coordenadas: [-27.23053752474105, -52.0252264339301](https://www.google.com/maps/place/Concórdia,+RS/@-27.23053752474105,-52.0252264339301,15z)

⌘ Inauguração: em funcionamento em 1959

🚪 Fechamento: aprox. 1995

🚗 Número de lugares: 1050/1060

🏢 Edificação existente? Sim

🔑 Proprietário: José Colombo, Mar-

garida Fontana Colombo e família/
Luiz Alberto Mazzoco/Mário Leopoldo dos Santos

👤 População estimada 1960: 9.890

👤 População Censo 2022:

Informações adicionais

- De acordo com o IBGE (1959a) existiu em Concórdia o Cine Colombo, com 1060 poltronas
- O cinema funcionou aproximadamente até metade da década de 1990, tendo como última exibição o filme O Rei Leão (1994) (KUSSLER, Raul. Entrevista via e-mail concedida à Luís Eduardo Candeia. 02 mar. 2018).
- Segundo registros, o CNPJ da sala foi aberto no dia 05 de agosto de 1983, em nome da Empresa Meridional de Cinemas LTDA, de Mário Leopoldo dos Santos. Podendo-se auferir a partir disso que o cinema estava em funcionamento por volta deste ano (CINE IMPÉRIO, s.d.).
- Angelo Morelatto (1931–2004), de Guaporé (RS), trabalhou por vinte anos no Cine Império como operador das máquinas de projeção (CÂMARA DE VE-READORES DE CONCÓRDIA, 2017).
- Em entrevista, Luiz Alberto Mazzoco conta:
- *Eu fui gerente do Cine Império em Concórdia de 1976 a 1979. Era uma rede de cinemas com a matriz em Lages-SC. Empresa Lageana de Cinema e Teatro, onde tinham cinemas por todo o sul do Brasil... Paraná-SC-RS. Opa de 1976 a 1989 13 anos. Hoje é um templo religioso. A capacidade do cinema era 1050 lugares, com 2 projetores....a tela era enorme uma das maiores do estado, na época. Essa empresa ainda existe, procure se informar em Lages que eles poderão fornecer dados de todos os cinemas do estado. [...] Senti o fim quando começou o VHS vídeo cassete*
- *O cinema era enorme*
- [Pergunto se a sala fica onde hoje existe a Igreja Universal]
- *Isso. Como gosto de cinema, foram os melhores anos de minha vida. Nossa enorme. Cadeiras de madeira. Depois mais tarde estofaram somente o assento. Não investiram mais, porque sabiam do fim. Inferno na torre coloquei 1.050 pessoas. Foi o recorde na época. Não tinha nada de especial na época a não ser ir no cinema nos domingos a noite. [as sessões eram...] Todos os dias. Ganharam muito dinheiro com sessão dupla no sábado filmes baratos de spaghetti western e kung fu. Lotava. O funcionamento com*

os filmes eu tinha que exibir o que eles mandavam vou dar um exemplo pra mim exibir Inferno na Torre, ele era o carro chefe de 10 filmes baratos. Stallone Cobra....Rambo... Esses lotavam o cinema.

- [Pergunto se era a Empresa Arco-íris quem mandava os filmes]
- Não a companhia pegava da Arco íris. Eu não sabia da onde vinha. Sabia que a central de operação era Lages. Escritório e distribuição. Eles mandavam um filme e cada cinema redespachava um pro outro, voltava o filme pra central depois de um mês. O cinema de Concordia era da década de 40 ainda que pertencia a família colombo
- [Mazzocco envia a foto do Cine Império]



Cine Colombo e Império no início da década de 1970. Acervo de Luiz Alberto Mazocco

- *Esse eu que cuidei. Mas não era mais Colombo a companhia de Lages adquiriu e mudou para Cine Império.*
- *Depois uns meninos tocaram por um tempo, mas não lembro quando fechou definitivamente*
- [Pergunto o número de lugares]
- *1050 com camarote. A família Colombo morava em cima*
- [Pergunto se a sala era no 2º piso]
- *Sim escada grande pra subir. Bem no estilo, rsrsrsrs. Tenho uns 50 cartazes e fotos da época guardados. Tenho uns em casa e uns aqui na loja. Você vai fazer um trabalho sobre o cinema em SC? Conselho....vai a Lages. Todo o Oeste eles que comandavam. Se a empresa existe ainda em Lages... Empresa Lageana de Cinema e Teatro....procure por Manoel Walter da Rosa. Se não faleceu. Ele que era o programador de todo o circuito. Uma coisa pro teu mestrado eu considero certa..... Salas enormes com custo operacional alto e a chegadas do VHS, matou. Apesar que naquela época as companhias demoravam 6 meses antes de largar o VHS. Era um acerto*

entre as companhias americanas -Universal-Paramount-Warner-MGM (MAZZOCO, Luiz Alberto. Entrevista via Facebook concedida à Luís Eduardo Candeia. Concórdia, 10 jan. 2022.)

- A edificação ainda existe, e abriga uma Igreja.



Interior do Cine Colombo, recebendo Celso Ramos em campanha. O Estado (1958).



Edificação que abrigou o Cine Colombo/Império, em 2018. Acervo Renata Rogowski Pozzo.

Cine Guarani

- 📍 Cidade: Dionísio Cerqueira
- 🏠 Endereço: Rua Mario Cláudio Turra, 25
- 🌐 Coordenadas: [-26.253233847068408](#), [-53.63895545934498](#)
- ✂ Inauguração: em funcionamento em 1961
- 🚻 Número de lugares: 140
- 🏢 Edificação existente? Não
- 🔑 Proprietários: Otacílio Stumpf/Sr. Camilo
- 👤 População estimada 1960: 9.890
- 👤 População Censo 2022:

Informações adicionais

- Segundo a Enciclopédia dos Municípios Brasileiros, o Cine Guarani possuía 140 lugares (IBGE, 1959a).
- Dionet Scopel Maccari afirma que assistiu ao filme “Imitação da vida” (1959) neste cinema (GASPAROTTO, 2015).
- Hermes Antunes conta que viu neste cinema filmes de Teixeira e Mary Terezinha (GASPAROTTO, 2015).
- Lucia Schreiner afirma que antes de começar os filmes, era tocada a música O Guarani (GASPAROTTO, 2015).
- Em entrevista, Terezinha Gemelli Mandelli conta:
Era do sr Otacílio Stunff, ficava na rua Mário Cláudio Turra. Hj tem uma pizzeria no local. Lembro que eu frequentava em 1961. Quando fechou não sei lhe precisar. Era construção de madeira. Bancos compridos de madeira. Os filmes eram Filmes de Bang Bang, Comédia. Gordo e o magro, romances com Alain Delon...etc. série do Tazan. Foi vendido e transferido para o salão paroquial da Igreja, do outro lado da rua.
- A edificação não existe mais e no terreno funciona uma pizzeria.



Vista de Dionísio Cerqueira em 1956, com Cine Guarani à esquerda, indicado com seta. Gasparotto (2015).

Cine Bandeirante

- 📍 Cidade: São Lourenço do Oeste
- 🏠 Endereço: Rua Duque de Caxias, 536
- 🌐 Coordenadas: [-26.353809794105928, -52.84975534237821](#)
- ✂️ Inauguração: 29 de abril de 1961
- 🏠 Fechamento: 1994
- 🏢 Edificação existente? Sim

🔑 Proprietário: Albino Rezzieri/Ingo Lich-tonow/Alcides Dal Alba Scar-riotti/Alcides Sotelle

👤 População estimada 1960: 7.857

👤 População Censo 2022:

Informações adicionais

- O primeiro FLIC – Festival Lourenciano de Interpretação da Canção, aconteceu nas dependências do Cine Bandeirante, em 1972 (PREFEITURA DE SÃO LOURENÇO DO OESTE, 2018).
- Em entrevista, João Bosco Suttilli e Evandro Scarriotti contam:
No dia 29 de abril de 1961, foi inaugurado o Cine Bandeirantes, cujo proprietário/fundador, foi o sr. “Albino Rezzieri”.
- *Os equipamentos foram instalados por “Ingo Lich-tonow”, também responsável pela gerência do cinema, até o ano de 1965, quando “Alcides Scarriotti e Alcides Sotelle”, compraram o cinema e o prédio.*
- *Em 1970, Alcides Sotelle vende sua parte á Alcides Scarriotti;*
- *Em 1977, Alcides Scarriotti, empreendedor que era, apresenta a comunidade lourenciana, prédio em alvenaria, que abrigaria o “novo cinema”.*



Antigo Cine Bandeirante antes do prédio em alvenaria. Prefeitura de São Lourenço do Oeste (2017).

- *No início dos anos 90, com o surgimento da “antenas parabólicas”, “vídeo cassete”... O cinema começa a dar sinais de exaustão, tendo dificuldades para se manter.*
- *Em 1994, a família proprietária aluga o local para a secretaria municipal de educação, não propriamente para exibir filmes, mas sim, apresentações teatrais e qualquer ação de origem cultural;*
- *Nesse período, um grupo de jovens, em torno de 60 pessoas, carentes do velho e bom cinema, fundam o*

Cine Clube Paradiso, onde mediante uma contribuição mensal, possibilitava a apresentação de filmes, sendo a maioria, filmes alternativos.

- *Alguns anos após, cessam-se as atividades do “Cine Clube Paradiso”;*
- *Em 2003, a família resolve eliminar com o local e transformá-lo em uma sala comercial.*
- *O projetor, equipamentos e acervo da época estão de posse dos filhos;*
- *Os projetores eram movidos a carvão;*
- *Havia um pequeno gerador, que socorria quando faltava luz, tão comum naquela época;*
- *O FLIC, festival mais antigo do país, ainda em atividade, teve sua primeira edição no interior do cine bandeirante, em 1973;*
- *Imensurável o benefício cultural, social e de entretenimento que o Cine Bandeirantes proporcionou às gerações dos anos 60, 70 e parte de 80. (SUTTI-LI, João Bosco; SCARIOTI, Evandro. Entrevista via e-mail concedida à Luís Eduardo Candeia. São Lourenço d’ Oeste, 31 jan. 2022.)*
- *A edificação em alvenaria ainda existe, e abriga uma loja de móveis.*



Cine Bandeirante. Acervo do Museu Lourenciano Comerciando Pedersetti



1º Festival Lourenciano de Interpretação da Canção (FLIC), em 15 de jan. 1972 no Cine Bandeirante. Prefeitura de São Lourenço do Oeste (2018).



1º Festival Lourenciano de Interpretação da Canção (FLIC), em 15 de jan. 1972 no Cine Bandeirante. Prefeitura de São Lourenço do Oeste (2018).

2º Cine Seara

📍 Cidade: Seara

🏠 Endereço: Salão de festas da Paróquia São Daniel

🌐 Coordenadas: [-27.149824500956935, -52.311098143500175](#)

✂ Inauguração: 1961

🏠 Fechamento: 1972

🏢 Edificação existente? Não

🔑 Proprietário: Valentim Petry

👤 População estimada 1960: 5.984

👤 População Censo 2022:

Informações adicionais

- *Ciro Franke afirma, em entrevista*
- *[...] o local não existe mais, era o Salão Paroquial da Igreja Católica, demolido no ano de 1979. Hoje é o Centro Comunitário de Seara. Esse Centro Comunitário homenageia o Padre Jacó Feldaus. A máquina de projeção esta no Centro de Memória Antônio Zanuzzo na Casa da Cultura Biágio Aurélio Paludo. (FRANKE, Ciro. Entrevista via e-mail efetuada por Luís Eduardo Candeia. Seara, 19 jan. 2022.)*
- *Wilson Petry, filho de Valentim conta:*
- *1961 a 1972 Salão de festas da Paróquia São Daniel, acima da p/Praça Dr. Harry Q. Oliveira*
- *Funcionamento ambulante:*
- *Diário/eventual, a partir de 1966, média até 50 espectadores por sessão, com até 300 sessões anuais*
- *Atuava no interior dos atuais municípios de Seara,*

Arabutã, Concórdia, Ipumirim, Xavantina, Arvoredo, Itá e Paial, todos em Santa Catarina.

- Em 1972, o Cine Seara encerrou suas atividades. (PETRY, Wilson. Entrevista efetuada via e-mail por intermédio de Ciro Franke, para Luís Eduardo Can-deia. Seara, 22 fev. 2022.)
- A edificação não existe mais e no local funciona o Centro Comunitário de Seara.

Cine Glória/Odete

📍 Cidade: Capinzal

🏠 Endereço: Rua Pres. Nereu Ramos, 25

🌐 Coordenadas: [-27.341374089115185, -51.61098690864414](#)

✂ Inauguração: 1963/1984

🏢 Fechamento: aprox. 1985/
seguir em atividade pelo menos até 1991

🏢 Edificação existente? Sim

🔑 Proprietário: Ernesto e Eduardo Zortéa/Armando Viecegli/Saul Parisotto

👤 População estimada 1960: 12.751

👤 População Censo 2022:

Informações adicionais

- O Cine foi vendido para Armando Viecegli, e, mais tarde, Viecegli vendeu-o para Saul Parisotto (ALMEIDA, 2004).
- Segundo publicação do Diário Oficial, o cinema foi criado por Ernesto Zortéa e seu filho, Eduardo (DIÁRIO OFICIAL DOS MUNICÍPIOS DE SANTA CATARINA, 2013).
- Segundo notícia, a Rádio Capinzal, existente até a atualidade, foi iniciativa de Saul Parisotto, Armando Viecegli e outros empresários locais (VARELA, 2020).
- Saul Parisotto nasceu na cidade de Anta Gorda (RS), em 15 de abril de 1936, e estabeleceu-se em Capinzal na década de 1960 (CAPINZAL FM, 2020).
- O jornalista paranaense Aramis Millarch relata, em uma publicação de 11 de agosto de 1984:
- Em Capinzal, o comerciante Saul Parisotto, que há cinco anos, aborrecido com os prejuízos, havia transformado o “Cine Glória” num depósito de móveis, acabou atendendo aos reclamos da população

e inaugurou, ontem, o “Cine Odete”, homenagem à sua esposa, falecida há alguns meses. Parisotto investiu mais de Cr\$ 100 milhões no Cinema, que terá como primeira programação “Amor Sem Fim”, de Franco Zeffirelli, com Brook Shields, fácil de agradar o grande público. (MILLARCH, 1984)



Construção do Cine Glória. Rádio Barriga Verde (2021).

- De acordo com o Jornal Informe (2013), em 2013, as dependências do Cine Odete, então ocupadas pela igreja “Ministério Recomeçar”, receberam a exibição do filme-documentário 1º Assalto ao Trem Pagador. O Cinema de rua reviveu na cidade por um dia.
- Segundo Almeida (2004):
- *Posterior a esse fatídico acontecimento, ainda na década de 60, foi instalado na Avenida Presidente Nereu Ramos, esquina com José Zortéa, nas imediações da Ponte Irineu Bornhausen, o Cine Glória, pelo empresário Ernesto Zortéa. Mais tarde vendeu-o para Armando Viecegli e este para Saul Parisotto, que renomeou o espaço em Cine Odete e o manteve em funcionamento por mais um período, meados de 1985.*
- *Cine Glória/Odete em nossa cidade, localizado na Rua Nereu Ramos nº25, centro de Capinzal.*
- *O município de Capinzal alicerça seu desenvolvimento em fatos históricos que revolucionaram o pensamento e impulsionaram o progresso do nosso lugar. Muitos destes momentos ficaram representados em lugares e edificações que até hoje permanecem vivos e fundamentais na memória de todos. A exemplo, a Ponte Pênsil Padre Antonio Michelizza, a Ponte Irineu Bornhausen, o Ateneu Clube, a majestosa Igreja Matriz e o famoso Cine Odete.*
- *O Cine Odete foi o ponto culminante de uma história longa relacionada ao cinema em nossa cidade.*
- Em dezembro de 2019, a igreja que ocupava o espaço publicou um [vídeo](#) em que o interior do local pode ser visto, podendo-se identificar as cadeiras, o palco

e a tela (IGREJA RECOMEÇAR OURO/CAPINZAL, 2020).

- É importante ressaltar que em buscas na internet com o termo “Cine Odete” e “Capinzal”, diversos resultados apresentam notícias cotidianas e até memorandos oficiais contemporâneos que se utilizam da referência “próximo ao antigo Cine Odete” para localizar espacialmente o fato que se propõem a tratar, denotando o quanto esta sala segue presente no imaginário da população.
- A edificação ainda existe e está sem uso.



Edificação do Cine Glória/Odete em 2017. Acervo pessoal.

Cine Guarujá

- 📍 Cidade: Guarujá do Sul
- 🏠 Endereço: Rua Ceará, 580
- 🌐 Coordenadas: [-26.386298490037166](#), [-53.52710057908726](#)
- ✂️ Inauguração: em funcionamento em 1963
- 🏢 Edificação existente? Não
- 🔑 Proprietário: Willy Schoppen
- 👤 População estimada 1960: 1.618
- 👤 População Censo 2022:

Informações adicionais

- Segundo a Câmara de Vereadores de Guarujá do Sul, a sessão solene de instalação da instituição ocorreu no Cine Guarujá, em 31 de janeiro de 1963 (PREFEITURA DE GUARUJÁ DO SUL, 2022).
- Em comentários na rede social Facebook (GRIMM, 2020):
 - Adelar Cassol conta que um senhor chamado Odinar, de Guaraciaba, vinha até Guarujá do Sul para exibir filmes em meados de 1975.
 - Erica Salete Schmitt corrobora com Adelar, e

afirma que em meados de 1976, filmes eram exibidos no Clube da cidade.

- Irmgard Stiegemaier da Rosa afirma que o cinema de Willi Schoppen foi anterior às exibições itinerantes vindas de Guaraciaba, e que a edificação foi construída em 1968. – (Porém, esta informação não condiz com a da Câmara de Vereadores, que teria sido instaurada no Cine Guarujá em 1963).
- Nilda Grimm conta, em entrevista:
 - *Boa tarde, a unica sala de cinema que existia ou existiu em Guarujá do sul pertencia a Willy Chopen, isso por volta de 1960. Os filmes em rolos eram trazidos de São Miguel do Oeste por onibus de linha. Um auto falante anunciava o espetaculo. Era um schow, assistiamos Mararopi e outros, quando era filme de guerra as crianças tinham que ficar em casa.*
 - *Eu me criei em Guarujá do sul e atualmente moro em Palmas TO.* (GRIMM, Nilda. Entrevista concedida via Facebook a Luís Eduardo Candeia. Palmas, 16 jul. 2022)
 - Celso Grimm relata:
 - *Boa noite, Luís.*
 - *Não consegui falar com a Ingrid ou os outros. Vou passar o que consegui até agora...*
 - [...]
 - *Endereço do Cinema:*
 - *Rua Ceará, 580 – Centro.*
 - *Guarujá do Sul – SC.*
 - *Fica em frente à atual Câmara dos Vereadores.*
 - *Hoje no terreno possui uma Casa. Residência da esposa do falecido Nathaniel Grimm, cunhado do falecido Sr. Willy (Proprietário do Cinema da época).* (GRIMM, Celso. Entrevista concedida via Facebook a Luís Eduardo Candeia. Guarujá do Sul, 1 mar. 2022)
 - A edificação não existe mais, e no terreno foi edificada uma residência unifamiliar.

Cine Ópera

- 📍 Cidade: Salto Veloso
- 🏠 Endereço: Av. Pio XII, 232
- 🌐 Coordenadas: [-26.905230720895943](#), [-51.40663085134236](#)
- ✂️ Inauguração: 1964/1977
- 🏢 Fechamento: 1975/1985
- 🚪 Número de lugares: 220–300
- 🏢 Edificação existente? Sim
- 👤 População estimada 1960: 2.316
- 👤 População Censo 2022:

Informações adicionais

- Em entrevista, Célia Regina de Bortoli conta:
- *Tenho algumas informações que busquei quando participamos do Projeto Cine +Cultura e montamos um cineclube em outro espaço em 2010, desde então tenho tentado resgatar a máquina de projeção, pois o prédio foi vendido e onde era o auditório virou um depósito [...] no ano passado resgatei algumas fileiras de cadeiras da Móveis Cimo e iremos restaurar para utilizar num antigo moinho (patrimônio do estado) que será restaurado.*
- *A sala de cinema foi inaugurada em 1964 e funcionou até 1975, sendo reaberto em 1977 até 1984. Localizado no centro da cidade tinha na sua inauguração 300 lugares, com o passar do tempo o espaço foi sendo reduzido e quando fechou contava aproximadamente 220 cadeiras. A máquina de projeção está guardada em um depósito sem os devidos cuidados, sendo urgente seu resgate e restauração. O projeto prevê a realização de um minidocumentário a partir de fotos e relatos sobre as sessões de cinema no município.*
- *Erlindo Périco, o último projetista do cinema, relata que havia sessões nos finais de semana e quartas feiras, e em sessões de lançamento, o cinema ficava lotado, algumas pessoas sentavam-se nas escadarias, havia parceria com a escola com sessões exclusivas para os alunos. Na primeira fase os rolos de fita eram trazidos de Curitiba por caminhoneiros, como o Sr. Alfredo Falchetti, que aproveitava a viagem para trazer os rolos, que eram devolvidos em duas semanas. Salto Veloso era referência na região, e nas sessões dominicais atraía pessoas do interior e das cidades vizinhas, distantes até 20 km. Erlindo conta que aos poucos foi diminuindo o público, fator que ele atribui à chegada da televisão. Há um projeto no Departamento de Cultura para aquisição deste projetor, resgate histórico do Cine. Estamos planejando produzir um documentário quando recebermos os recursos da Lei Paulo Gustavo, resgatar fotos e depoimentos, não só dessa sala, mas das sessões de cinema que eram feitas pelos padres nos anos 50. [...] a parte da frente virou uma loja. Está bem na Avenida central...na época foi construído para o cinema. [pergunto o nome da loja]*
- *Salto Net. [...] compartilharei o que eu conseguir... sucesso na sua pesquisa. (BORTOLI, Célia Regina de. Entrevista concedida via WhatsApp a Luís Eduardo Candeia. Salto Veloso, 12 set. 2022.)*
- A edificação ainda existe e abriga salas comerciais.

Cine Alvorada

- 📍 Cidade: São José do Cedro
- 🏠 Endereço: Av. Rio Grande do Sul, 91
- 🌐 Coordenadas: [-26.454275695570857, -53.49761537513196](#)
- 🕒 Inauguração: 1965
- 🚪 Fechamento: 1979
- 🚽 Número de lugares: 400
- 🏢 Edificação existente? Sim
- 🔑 Proprietários: Furtuoso Portela Ortiz/José Lario Zimmer e Família Link/Jayme Júlio Will e Berto Spessato
- 👤 População estimada 1960: 5.324
- 👤 População Censo 2022:

Informações adicionais

- De acordo com comentários em publicação no Facebook (RIGOTTI, 2018):
- Decio Will, conta que quando a ia iniciar-se a sessão, era tocada uma música que podia ser ouvida de toda a cidade. Ele comenta:
- *Está trilha sonora emocionante e nos remete a um passado que não volta mais. O Cine Alvorada começou com José Lario Zimmer e Família Link, depois meu Pai Jayme Júlio Will e Furtuoso Portela Ortiz, que mais tarde vendeu a sua parte para Berto Spessato. Quantos casamentos tiveram seu início no Cine Alvorada como bem diz a música de Rita Lee “no escurinho do Cinema” quantas vezes fui o responsável de acionar o disco de vinil com este verdadeiro hino guardado para sempre na memória de quem viveu a época, que anunciava vai iniciar a sessão, como não homenagear Luis Ferreira da Luz popular Pelé que até hoje encontro em Florianópolis, Jorge Labres, seu irmão Benjamim, como esquecer das sessões de Sábados e Domingos que seus terminos eram aguardados para que se iniciasse uma outra sessão na famosa e inesquecível Boate A LADEIRA que funcionava embaixo do Cinema. Paulo Rigotti você conseguiu emocionar o coração de centenas de Cedrenses que como eu viveram esta página tão linda marcada para sempre em nossos corações e nas nossas vidas.*



Cine Alvorada. Rigotti (2018)

- Paulo Rigotti afirma, em comentário: *Geralmente o rolo de fita do cinema vinha de São Miguel do Oeste, através do ônibus da Reunidas, certa vez o Nego Pelé que sempre esperava o filme na rodoviária perguntou ao motorista do buzão: CHEGOU O FIRME? Não negão, veio balançando...essas estradas!!!*
- o Marta Zanchett conta *‘Qdo o filme era bom assistíamos no sábado a noite e no domingo a noite tbém principalmente os filmes do Teixeira e do Mazaropi. Kkkkk’.*
- o E Marilene Foppa afirma: *‘Nos sabados e domingos a programação era certa já...primeiro a missa depois o cinema e depois a boate....que ficava embaixo do cinema...’.*



Interior do Cine Alvorada. Rigotti (2018).

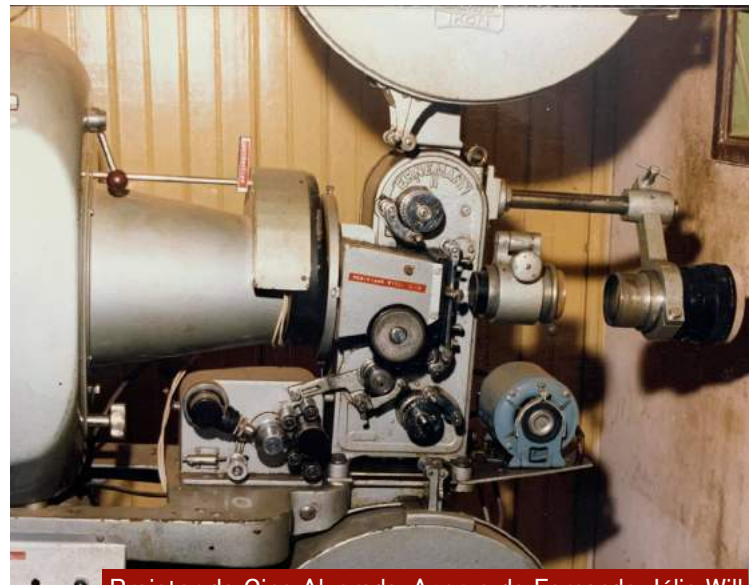
- Maria Ethel Kasper mostra a importância do cinema, com seu relato:
- Paulo, que bela lembrança! E que saudade essa música nos traz! O cinema era uma das nossas diversões, não faltávamos nem com chuva, ruas sem calçamento, inicialmente até a energia elétrica era desligada quando o filme acabava, então usávamos lanterna para iluminar o caminho até em casa. Mas éramos felizes e não sabíamos...*
- De acordo com notícia da Rádio Integração, de São José do Cedro:

- JOSÉ LARIO ZIMMER nasceu em 29 de novembro de 1936 em um distrito do município de São Luiz Gonzaga, na região das Missões, Rio Grande do Sul, atualmente, comunidade de São Francisco, da cidade de Cerro Largo.*
- Ele veio para São José do Cedro em 1953. Seis anos mais tarde, em 1959, casou-se com ODETE, com quem teve três filhos: VALQUÍRIA, VANICE e VALMIR. Também se formou em Ciências Jurídicas e Sociais pela Faculdade de Direito da cidade de Cruz Alta no Rio Grande do Sul no ano de 1974. (RÁDIO INTEGRAÇÃO, 2019)*



Interior do Cine Alvorada. Rigotti (2018).

- Fernando Júlio Will, em entrevista, conta:
- Bom dia! O Cine Alvorada, de São José do Cedro, foi inaugurado na década de 60. Acreditam que foi em 1965. A capacidade dele era para 400 pessoas sentadas.*
- Os filmes eram distribuídos pela família Ortiz, de São Miguel do Oeste e que tinham um cinema naquela cidade.*
- Os rolos de fita chegavam com os ônibus de linha que vinham até São José do Cedro.*



Projektor do Cine Alvorada. Acervo de Fernando Júlio Will.

- As sessões aconteciam nas quartas, sábados e domingos.
- Maior sucesso: *Mazzaropi*, *Teixeirinha* e *Faroeste*.
- Meu avô Jayme e Berto Spessatto compraram na década de 70
- O cinema era levado para todas as comunidades da região. Tinha uma máquina projetora menor e usavam salão paroquial para projetar os filmes.
- Dori Spessatto quem fazia isso.
- Não se tem certeza [de quando fechou], mas acreditam que fechou em 1979.(WILL, Fernando Júlio. Entrevista via rede social Facebook, concedida a Luís Eduardo Candeia. São José do Cedro, 02 fev. 2022.)
- A edificação ainda existe e abriga uma farmácia.

2º Cine Cacique/ Cine Effectus

- 📍 Cidade: São Miguel do Oeste
- 🏠 Endereço: Rua Almirante Tamandaré, 450
- 🌐 Coordenadas: [-26.727853776194614, -53.517118188898074](#)
- 📅 Inauguração: 1965/Effectus 1988
- 🏠 Fechamento: 1985/Effectus 1990
- 🪑 Número de lugares: 1000
- 🏢 Edificação existente? Sim
- 🔑 Proprietários: Jorge Ortiz/Irmãos Baldissera/José Henrique Dal Cortivo, Luiz Motta e Neusa Watthier (Effectus)
- 👤 População estimada 1960: 7.312
- 👤 População Censo 2022:

Informações adicionais

- Segundo notícia, a sala do Cine Cacique possuía 1000 lugares (REDE PEPPERI, 2016).
- O jornal O Líder (2012) noticia:
- [...] o Cine Cacique teve a maior sala de cinema do Estado de Santa Catarina e uma das maiores do país, com mil cadeiras, 500 em madeira e 500 estofadas. Nesta época, além de Ortiz, era sócios do cinema, Leolino Baldissera, Daniel Baldissera e João Martini, que acabou adquirindo em 1982 a parte de Jorge Ortiz. Apaixonado por cinema, Ortiz ainda lembra o primeiro filme que exibiu na nova sala do Cine Caci-

que. “A Cidadela dos Robinsons” da Walt Disney foi o primeiro a estar em cartaz e exibição e o segundo foi “A Greve do Sexo”. Além disso, ele conta que o maior movimento de pessoas ocorria nos finais de semana. Conforme Ortiz, quando chegavam a fazer até seis sessões de filmes por semana, já que na época os filmes ficavam pouco tempo em cartaz. Da época, Ortiz se recorda das dificuldades que tinham em manter o cinema, desde os problemas com a energia elétrica, que driblavam com o uso de um gerador, e a dificuldade no transporte dos filmes que chegavam de Porto Alegre.

- Ele conta que em um período de enchente e nevasca, que ocorreu em 1965, o Cine Cacique ficou 15 dias sem filmes, pois nem a barca ou outras embarcações podiam atravessar o Rio Uruguai, em Mondai, para conseguir os filmes que chegavam do Rio Grande do Sul. “Muitas vezes quando conseguíamos atravessávamos o Rio Uruguai de lancha para pegar os filmes, era uma aventura”, recorda. Atualmente Ortiz mora em Florianópolis, onde possui um Centro Cultural onde são transmitidos filmes, em uma sala de cinema. “É meu passatempo”, diz.



Interior do Cine Cacique. O Líder (2012).

- De acordo com a câmara municipal de São Miguel do Oeste (2014), Leolino Baldissera, um dos sócios do Cine Cacique:
- [...] é natural de Garibaldi (RS). Nascido em 1929, chegou a São Miguel do Oeste em 1955 e sempre atuou no crescimento do município. Ele foi vereador no município por duas vezes e prefeito por três vezes. Em 1963, como prefeito, iniciou a pavimentação das primeiras ruas do município, a instalação da rede de energia elétrica e a das linhas telefônicas.
- Na área empresarial, foi sócio fundador da Irmãos Baldissera & Cia Ltda, Usina Hidrelétrica Salto das Flores, Comercial Baldissera Ltda, Cia Gener SA, fábrica de óleo de soja Princesa do Sul, atual JBS SMOeste. Ainda foi sócio do Frigorífico Peperi SA

(atual Aurora SMOeste), do Cine Cacique, que na época foi o maior cinema de SC, da Madebal Madeira Baldissera Ltda, em atividade há 48 anos, e sócio da Rádio Peperi Ltda, atual Rede Peperi de Comunicação.

- Leolino Baldissera também foi sócio fundador da Acismo – Associação Comercial e Industrial de São Miguel do Oeste, e participou dos clubes Guarani, Montese, Comercial, Jardim, entre outros. Leolino Baldissera faleceu em 19 de novembro de 1996, aos 67 anos.



Benção dos equipamentos do Cine Cacique feita pelo Pe. Aurélio Canzi. O Líder (2012).

- O jornal O Líder (2012) segue então, a descrição da história do cinema em São Miguel do Oeste:
- A continuidade do Cine Cacique de São Miguel do Oeste seguiu com o nome de Cine Effectus de 1988 a 1990, assumido por José Henrique Dal Cortivo, Luiz Motta e Neusa Watthier, que compraram dos últimos sócios do Cine Cacique, Noeli Martini e seu esposo Davi Rockembach. Se localizava no mesmo lugar, ainda do Cine Cacique, onde hoje é a boate Farol. A reinauguração do Cinema, com o novo nome e proposta, Cine Effectus, foi motivado pelo período de decadência em que se encontravam. A proposta

dos novos sócios, além da mudança do nome, foi de promover shows, cinema e danceteria. Neste período, os filmes que foram auge era a série Rambo, no gênero infantil Xuxa e também os filmes adultos, os famosos pornô, que fizeram o sucesso dos cinemas daquela época. “Não era normal em São Miguel naquela época, mas chegamos a fazer três sessões em um dia no início”, recorda Dal Cortivo. Além de São Miguel do Oeste, Dal Cortivo recorda que neste mesmo período havia outros cinemas na região, como Itapiranga, Dionísio Cerqueira e São José do Cedro, já que opções de lazer eram restritas. Dal Cortivo conta ainda que nos domingos a noite era sagrado para as pessoas participar de sessões de cinema. Era missa cheia, e após todos seguiam para o cinema que lotava. “Quando trabalhei no cinema eu aprendi, que a atração na época não era a película, o filme, e sim o cinema, porque não tinha muita opção de lazer”, salienta. Como o momento do cinema nos anos 1990 era de decadência e transição, a tendência da época passou a ser de salas menores, e passou a ser necessária a revigoração das salas. A frequência das pessoas diminuiu, havia necessidade da mudança do equipamento que ainda funcionava a base de carvão importado do Japão. Dal Cortivo então relata que o Effectus se tornou uma casa de shows, uma boate onde inclusive se realizava muitos desfiles, onde parte da estrutura do antigo cinema foi mantida.

- A edificação ainda existe e abriga uma boate.



Inauguração do Cine Effectus em 1988. O Líder (2012)



Inauguração do Cine Effectus em 1988. O Líder (2012)

Cine Ideal

- 📍 Cidade: São Domingos
- 🏠 Endereço: Igreja de Vila Milani
- 🌐 Coordenadas: [-26.47519593069471, -52.526225170631804](#)
- ✂ Inauguração: 1966 na sede municipal/1975 na Vila Milani
- 🔒 Fechamento: fim da déc. 1990
- 🏢 Edificação existente? Sim
- 🔑 Proprietários: Organizações Milani, de propriedade do bispo Bispo Dom Darcy Milani e administrado por seu irmão, Ângelo Milani
- 👤 População estimada 1960: 8.163
- 👤 População Censo 2022:

Informações adicionais

- Em entrevista, Padre Lucas Henrique, de Vila Milani, conta:
- Olá Luis, tudo bem e com vc?*
- Posso lhe ajudar sim. Não cheguei a conhecer pois ele funcionou a algumas décadas atrás, atualmente a estrutura do cinema é a nossa atual cede da igreja.* [Pergunto se era a igreja menor, mandando foto, ele disse “Exatamente”].



Igreja de Vila Milani, edificação que abrigou o Cine Ideal. Portal Municipal de Turismo de São Domingos

- Na época não existia a parte de cima. Até mesmo sua estrutura interna se mantém a época do cinema, há o caimento da nave, e onde é atualmente o altar, ficava a tela. Se não estou enganado, ainda existe o equipamento guardado.... Acredito que deve ser da década de 60, não tenho muito conhecimento sobre,*

mas deve ser antigo sim. Foi inaugurado no ano de 1975, fazia parte das organizações Milani, pertencente ao Bispo Dom Darcy Milani, e era administrado por seu irmão, Ângelo Milani. Seu nome era cine ideal. Ele começou na cidade de São Domingos, 1966, e depois transferido para a vila milani, onde é a sede da nossa igreja. [Fechou] Entre final déc. 1980 e início déc 1990. (Padre Lucas Henrique. Entrevista via WhatsApp concedida a Luís Eduardo Candeia. São Domingos, 25 jan. 2022.)



Interior da Igreja de Vila Milani. Padre Lucas Henrique (2022).

- Amintas da Silva, que possuía cinema em Abelardo Luz, conta que ia até São Domingos com suas exibições itinerantes (RAINHA 89FM, 2020).
- A edificação ainda existe e abriga uma igreja.

Cine Luz

- 📍 Cidade: Xanxerê
- 🏠 Endereço: Rua Coronel Passos Maia, 512
- 🌐 Coordenadas: [-26.877938188505407, -52.40606419834495](#)
- ✂ Inauguração: 14 set. 1966
- 🔒 Fechamento: 1983
- 🚗 Número de lugares: 1000
- 🏢 Edificação existente? Sim
- 🔑 Proprietários: Famílias Tonial e Callfass/Júlio Collato Paulo Callfass
- 👤 População estimada 1960: 13.109
- 👤 População Censo 2022:

Informações adicionais

- Romeu Scirea Filho (2020) relata o cotidiano da cidade junto ao Cine Luz:
- Nas tardes de domingo, da Xanxerê que mais gostei até hoje, a fila para entrar no Cine Luz e assistir*

o bang bang em cartaz começava ao lado da Auto Xanxerê, na Passos Maia e seguia até a portaria do cinema, onde hoje está o Restaurante O Espigão. Lá por 1960/70 as matinês do domingo eram o melhor programa da juventude, e de acesso restrito, o ingresso não era baratinho. Para ir ao cinema, colocava-se “roupa de domingo” – uma tradição da classe média local. Na entrada tinha um borboniére chic, a sala de projeção comportava cerca de mil pessoas, e tinha um pequeno mezanino no andar de cima, ao lado da salinha de projeção, ... ótimo para namorar no escurinho do cinema. Mas cuidado: Tinha lanterna para vigiar os mais ousados ou quem incomodava, sujeitos a ser sumariamente postos para fora do cinema pelo “Seu Tales”, de saudosa memória...



Cine Luz em 1958. Acervo Ivo Zolet; Camilotti (2021)

O Cine Luz vivia lotado e também era o melhor ponto de encontro da cidade para futuros namoradinhos. Uma das “taras” dos casaizinhos era só pegar na mão da menina quando apagava a luz e começavam os trailers, com o Canal 100, mostrando gols do meu Flamengo, no maracanã. Amigos e amigas faziam papel de pombo correio e perguntavam para a fulana se fulando poderia sentar-se ao seu lado. As meninas sempre estavam em turminhas, e as que já tinham namorado, mas ele não estava no cinema, sentavam entre as outras, para não ter algum Dom Juan ao lado... E rolavam beijos cinematográficos – literalmente – e – no mezanino muitos “amassos”, que ainda não tinham esse nome. “Pegar” na época era tocar no peitinho das meninas, coisa rara, para heróis, ou para abusados! E às vezes acabava com um sonoro tapa na orelha... Mas muitos, centenas talvez daqueles namoradinhos hoje desfilam ainda de mãos dadas por aí, levando os netos. O Cine Luz era uma agência de matrimônios, também! Dos sete aos 14 anos, dependendo da ousadia e audácia do vivente, a maior “glória” era segurar a mão da me-

nina, primeiro passo para namorar “a sério”. E isso também virava ampla “pegação no pé” (bullying não existia, com esse nome), para os dois: “Ah, tá namorando né??”



Ingresso do Cine Luz. Callfass (2021).

Se o filme fosse um bang bang – gênero que fazia o maior sucesso, a cidade ainda tinha a fama de “capital do gatilho” – a gente saía do cinema com cheiro de poeira na roupa: Quando a cavalaria atacava os índios para liquidar com eles no final, todo mundo batia o pé no chão, mandando a cavalaria acelerar. E o chão era de tábua corrida, levantava uma nuvem de poeira – puro realismo: A gente literalmente parecia estar no meio da batalha! Mas se o filme fosse meio chato, ou não agradasse, “Seo” Tales trabalhava bastante para retirar bagunceiros, “exibidos” e outros incomodativos. E os reincidentes podiam até ter seu ingresso barrado, no futuro. Nas noites de domingo era a sessão dos senhores e senhoras da sociedade, mais os namorados e noivos... Amante não pegava bem levar!



Cine Luz. Tombini (2015)

- *E tinha censura etária, determinados filmes eram só para maiores de 18 anos!!! Eu mesmo deixei de ver muitos, porque não “tinha idade pra ir no cinema de noite”. Esse ‘passe livre’ só veio quando fiz 14 anos. Os filmes projetados no domingo à noite eram reprisados nas noites de segunda. E na quarta e quinta-feira outra fita era exibida e reprisada.*



Cine Luz. Tombini (2015)

- *No matinês de domingo à tarde outro ritual acontecia, antes de entrar no cinema: Quase toda a “piaçada” comparecia com “gibis” debaixo do braço, para trocar os já lidos por outros. Os gibis da Ebal eram os mais valorizados, pela qualidade gráfica, pelos heróis e pelas histórias contadas. Às vezes um gibi da Ebal era trocado por dois ou três dos outros. As histórias em quadrinhos do Pato Donald & Tio Patinhas e família ainda eram difíceis de achar por aqui, mas logo começaram a circular. A maioria dos gibis eram sobre mocinhos e bandidos, bang bang, de novo! E mostravam a guerra do bem contra o mal, dualidade difundida e bem típica de sociedades brancas, europeias e católicas, que colonizou o Sul do Brasil. Até hoje frequento o Cine Luz, ou o agora “O Espigão”, do amigo Valdecir.*



Interior do Cine Luz. Acervo Ivo Zolet; Camilotti (2021)

- *Acho que o ambiente ficou marcado pelos anos e por milhares de pessoas comparecendo ao local para o descontraído e mágico momento de ir ao cinema, assistir um filme... Quando acendiam as luzes era hora de ir saindo e conversando sobre o que achou do filme. As tardes de domingo de verão daqueles anos continuavam com uma casquinha de sorvete no “Bar Dois Irmãos”, onde hoje está a Wustro & Wustro. Depois eu ia para casa, muitas vezes subindo numa ameixeira e passar o resto da tarde comendo ameixas e lendo o pacote de gibis trocados no cinema. E lembrando do filme ! Xanxerê ainda é bom, e já foi bem melhor. Daí ainda gosto de acreditar que as coisas boas sempre vão superar as ruins... Navegar é preciso!*
- A operação da sala chegou ao fim após uma grande enchente em Xanxerê (TOMBINI, 2015).
- De acordo com Ivo Zolet em entrevista para Tombini (2015):
- *O rio passava por baixo do cinema. E lá na saída, você imagina como é que foi, canalizaram o rio e na saída, embaixo do cinema, havia uma viga, bem no meio do rio para a sustentação ao cinema. (risos). Quando ocorreu a enchente os entulhos que vinham com a água foram se acumulando e com isso não deu vazão e com a força da água represada forçando, derrubou o prédio, que foi levado com a água.*
- Segundo relatos, a inundação do Cine Luz ocorreu no ano de 1983:
- *  poca boa que ele lembra com saudades, quando havia ainda o Cine Luz, cinema que foi inundado no ano de 1983. L  , filmes italianos, como “Dio Come Ti Amo”, com Gigliola Cinquetti e vários de Elvis Presley, como “Seresteiro de Acapulco”, animavam as sessões do fim de semana. Sem contar os Westerns, que arrancavam sapateadas sincronizadas dos mocinhos e mocinhas para imitar a cavalgada dos cavalos, ou ainda os porn  s-chancadas, que, dizem as m  s línguas, provocavam batismos libidinosos nas cadeiras vermelhas do recinto. (CAFÉ, CIGARROS E DESORDEM, 2008).*
- Fernando Callfass (2021) publica:
- *Baita lembrança recebida hoje do amigo @fabiobussatta de um ingresso do Cine Luz, primeiro e único cinema de Xanxerê fundado em 14/09/1966 pelo meu avô Paulo Callfass e pela Família Tonial. Encerrou suas atividades no ano de 1983 após uma grande enchente que afetou fortemente o município de Xanxerê! Recordar é viver. O Cine Luz funcionava na Rua Coronel Passos Maia n. 512 (atualmente lanchonete Espigão).*
- A edifica  o ainda existe, e abriga uma lanchonete.

Cine Avenida

- 📍 Cidade: Joaçaba
- 🏠 Endereço: Av. XV de Novembro, 657
- 🌐 Coordenadas: [-27.17240282481903, -51.50250831227491](#)
- ✂ Inauguração: 1967
- 🏠 Fechamento: 2007
- 📺 Número de lugares: 350
- 🏢 Edificação existente? Sim
- 🔑 Proprietário: Miguel Russowsky
- 👤 População estimada 1960: 9.890
- 👤 População Censo 2022:

Informações adicionais

- O Cinema pertencia a Miguel Russowski, ficava na Av. XV de Novembro, 657. Foi inaugurado em 1967 e funcionou até 2007 (PEREIRA, 2013).
- A Sala possuía 350 lugares (GAZZÓLA, 2007).
- A edificação ainda existe, e abriga uma loja de móveis e eletrodomésticos.



Cine Avenida. Pereira (2013)



Cine Avenida em sua última sessão. Pereira (2013)

Cinema

- 📍 Cidade: Nova Erechim
- 🏠 Endereço: Casa da Família Franzon, anteriormente salão de baile
- 🌐 Coordenadas: Prédio construído para ser cinema, mas que nunca abrigou a função: [-26.902811124670375, -52.90679551982691](#)
- ✂ Inauguração: 1967
- 🏠 Fechamento: aprox. 1980
- 🔑 Proprietário: Jaime Franzon
- 👤 População estimada 1960: 5.998
- 👤 População Censo 2022:

Informações adicionais

- Em entrevista, Lourdes Franzon, esposa de Jaime, conta:
- *Há então na nossa casa era um salão de baile hoje não existe mais ,mas me lembrei o desbravador de Nova Erechim construído sim uma sala de cinema só que nunca funcionou lá, mas a sala ainda existe que depois foi usado como mercado.*
- *Meu marido que passava os filmes , ali em casa e ia pelo interior em diversos lugares alugava as salas tinha um gerador ,porque naquela época não tinha luz .*
- [Pergunto o nome do marido] *É Jaime Franzon*
- [Pergunto o que funciona atualmente no local] *Não e mais mercado mas funciona sim, aonde era para ser a entrada pro cinema é uma loja e na sala acho que tem um depósito de Pneus*
- [Pergunto o nome da loja]
- *Acho que é Sabrina*
- *Mas o dono da sala é Corso*
- [Pergunto em que ano o cinema começou e terminou]
- *Agora me lembro bem acho que foi no ano de 1970 acho que trabalhou uns 10 anos. Não tenho certeza vou perguntar a ele depois te falo ,ele não está aqui comigo.* (FRANZON, Lourdes. Entrevista via rede social Facebook concedida a Luís Eduardo Candeia. Nova Erechim, 09 fev. 2022.)
- Segundo matéria do jornal A Sua Voz, de Pinhalzinho:
- *Os filmes vinham de Porto Alegre, sob encomenda, e*

tinham um prazo de devolução de 15 dias;

- Em 1967 Jaime Franzon e dois irmãos compraram o projetor e geradores, pois não existia energia elétrica em Nova Erechim na época.
- Além disso, exibiam películas nos centros comunitários de Modelo, Serra Alta, Jardinópolis, Coronel Freitas, União do Oeste e Pinhalzinho.
- Segundo Jaime Franzon “As pessoas do interior vinham de cavalo, de caminhão e a pé, com os lampiões”. E mesmo as noites de baixas temperaturas não foram suficientes para impedir a assiduidade do público, pois ver filmes era algo extraordinário na época.
- Jaime finaliza a entrevista afirmando que se fosse mais jovem, voltaria a levar o cinema para as pessoas, pois segundo ele, elas querem sair de casa, mas não têm opção de entretenimento e lazer. (A SUA VOZ, 2010)
- Em entrevista, a Secretaria Municipal de Educação Cultura e Esporte de Nova Erechim escreve:
- Atualmente não temos salas para exibição ao público. Há 40 anos, existia uma sala adaptada para exibição pro público. Na verdade era um salão de baile e que, eventualmente, transforma-se em sala de cinema. Os filhos do proprietário ainda vivem, quem sabe você possa fazer uma entrevista com eles e obter maiores informações
- Também, no passado existiu uma construção de um prédio com sala projetada para cinema, mas nunca foi inaugurado. O local foi transformado em mercado e atualmente estão duas salas comerciais.
- Não temos em nossa secretaria maiores registro dessa história. (Secretaria Municipal de Educação Cultura e Esporte de Nova Erechim. Entrevista concedida via e-mail a Luís Eduardo Candeia. Nova Erechim, 12 set. 2016)
- O prédio construído para ser cinema nunca abrigou a função, e funciona como ponto comercial, e o local onde acontecia o cinema hoje é a casa da família Franzon.

Cine Imperador

📍 Cidade: Pinhalzinho

🏠 Endereço: Rua São Salvador, 2733/Av. São Paulo, 1326

🌐 Coordenadas: [-26.852931095830442, -52.98840357098306-](#)

[26.851141216715313, -52.98921127826198](#)

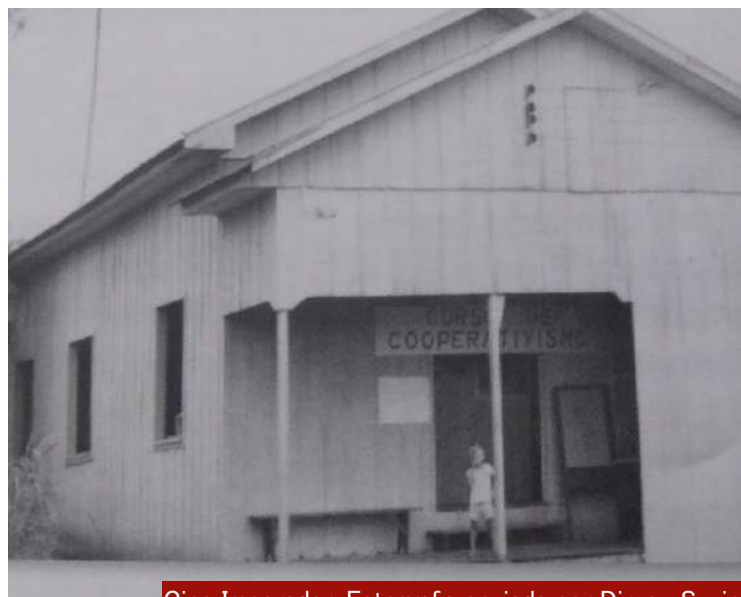
✂ Inauguração: em func. em 1968

🏠 Fechamento: aprox. 1974

🏢 Edificação existente? Não/Sim
👤 População estimada 1960: 5.083
👤 População Censo 2022:

Informações adicionais

- Em entrevista, Dirceu Suzin conta:
- Mas assim ó, vou te dar um parecer rápido aí: eu sou do Rio Grande do Sul, vim morar aqui nessa cidade em 1968, e um primo meu tinha um cinema aqui, era o Cine Imperador, o nome do cinema. Ele teve daquelas máquinas, eu acho que era 16 ou 8mm, tem a máquina até hoje, sabe. Não sei se tu já foi em cinema ou não, é uma máquina pequena. [...] Esse foi quase um cinema itinerante... No Clube Social, depois ele construiu um prédio de madeira, depois ele alugou umas salas. (SUZIN. Dirceu. Entrevista via telefone para Luís Eduardo Candeia. Pinhalzinho, 10 mai. 2022.)
- Este cinema teve mais que uma localização. A edificação da rua São Salvador não existe mais, e o espaço abriga um bar, e o Clube Social (Grêmio Recreativo Pinhalense), segue com sua função.



Cine Imperador. Fotografia enviada por Dirceu Suzin.

Cine Guarani

📍 Cidade: Lebon Régis

🏠 Endereço:
Rua XV de Novembro, 531 (Clube Tiradentes)
Rua Pedro Deboni (Associação Lebonregense de Bocha e Bolão)

🌐 Coordenadas: [-26.93253654108615, -50.69525389815175](#)

(Clube Tiradentes)

✂ Inauguração: 1969

🏠 Fechamento: 1976

🏢 Edificação existente? Não

🔑 Proprietário: Oly Peretto e Cícerro Granemann

👤 População estimada 1960: 4.906

👤 População Censo 2022:

Informações adicionais

- Em entrevista, Ivandel Chaves conta:
- *Ola! Boa tarde sim, o cinema era realizado no antigo clube Tiradentes, o sr Oli Peretto era um dos gestores. [Funcionou] A partir de 1969 até 1976. [...] O clube ficava em frente ao consultório odontológico do sr Victor Fiamoncini hoje é residência onde havia o club.* (CHAVES, Ivandel. Entrevista efetuada via Facebook, por Luís Eduardo Candeia. Lebon Régis, 20 jan. 2022.)
- Por sua vez, Pedro Penteado do Prado relata:
- *Bom dia, senhor Luís Eduardo!*
- *Careço mexer com a memória para falar algo sobre isso! Eu devia ter cerca de cinco ou seis anos na época. Tenho certeza de que ainda não ia à escola.*
- *Lembro que pedi à minha mãe para ir ao cinema (à tarde, claro) e ela deu-me uma moeda para pagar o ingresso. O filme já havia começado e não tinha porteiro.*



Cine Guarani em 1954. Pierdoná (2007)

- *Havia uma senhora sentada [...] à frente do cinema e eu passei por ela entregando-lhe a moeda. Ela olhou assustada para a moeda e antes que olhasse para mim eu já tinha corrido para a sala de projeção. Afastei uma cortina pesada e sentei na última cadeira (de assento de palha) para ver o filme – coisa que eu NUNCA tinha visto nada igual!*
- *Não fiquei muito tempo lá dentro. Era filme de índios e cowboys, correria de cavalos, muitos tiros, etc. Num repente apareceu um trem vindo na minha direção e eu criança, me assustei com medo de ele me acertar! Disparei porta a fora e nem vi mais a senhora [...] que tinha antes na entrada!*
- *Foi minha aventura no cinema de Lebon Régis, por volta de 1954/55!*
- *Pouco tempo depois eu fiquei conhecendo o proprietário da máquina de projeção: Oly Peretto! Eu o considerava um herói por trazer tal novidade em nossa pequena aldeia.*
- *Mais de uma vez ele me levou para ver a máquina propriamente dita, com a luz de carvão (eu não conseguia entender porque o carvão não incendiava tudo). Fiquei apaixonado por cinema e sempre que podia ia ver os filmes do Peretto.*
- *Eis meu relato!*
- *Abraço!*
- *E sucesso na empreitada!*



Clube Tiradentes entre as décadas de 50 e 60. Prado (2014); Acervo de Osni França.

- [o cinema] *Ficava na rua principal da aldeia. Rua XV de Novembro. Era em frente ao posto de gasolina do Willy Heine, mas hoje não existe mais. Ah, mas tinha outra possibilidade de se ver uma projeção: o pastor da igreja evangélica, Walmor Carlin do Prado, primo de meu pai, exibia slides coloridos de passagens bíblicas e a garotada enchia a igreja dele para ver as projeções coloridas!* (PRADO, Pedro Penteado do. Entrevista via Facebook concedida a Luís Eduardo Candeia, em 15 jan. 2022.)

- Em entrevista, Cícero Machado relata:
- *Chamava Oli Pereto produções . Eles eram exibidos no antigo Clube Tiradentes e no Bolão velho, uma antiga casa de diversões da cidade.*
- *Oli Pereto era um apaixonado por cinema. Ele ia a Curitiba e trazia alguns bons filmes na época, como Você a Imperatriz [provavelmente Sissi a Imperatriz, alterado pelo corretor ortográfico de Cícero], Dr Givago, Dez Mandamentos e algumas outras grandes produções da época. Mas o forte do público dele eram os faroestes. Django, A Sombra de um Colete, Dólar Furado e outras produções italianas da época Antony Di Stefano, Juliano Gema, John Wayne e outros Cawboys da época.*
- *Funcionou no final dos anos 60 e anos 70.*
- *No início de 80, Oli foi candidato a Prefeito de Lebon Régis e em seus comícios ele passava filmes com uma tela móvel e um motor estacionário. Aí já era o q o eleitores do interior gostavam tipo Tropeiro Velho, Menino da Porteira, Cabocla Tereza e por aí a fora.*
- *Nem um dos dois existem mais. Bolão acabou e o Clube Tiradentes foi mudado pra outro local*
- *Tiradentes ficava na avenida XV de novembro e o bolão na rua Pedro Deboni*
- *No local do clube tem uma residência e do bolão o terreno e vago até hoje. Um dos pouquíssimos terrenos vago no centro da cidade*
- *O dono não tem interesse de vender. Talvez por saudosismo*
- *Fica bem no centro da cidade. Aliás ambos ficavam*
- *Quando o serviço de alto falantes, os antigos anunciavam toda a cidade ouvia*
- *[o cinema acontecia] No Clube Tiradentes. O bolão era mais uma opção temporária pois muitas vezes o Clube tinha atrações próprias e aí vamo pro bolão hahaha (MACHADO, Cícero. Entrevista via Facebook concedida a Luís Eduardo Candeia, Lebon Régis, 02 fev. 2022.)*
- Segundo Cristyan Pierdoná, a Associação Lebonregense de Bocha e Bolão funcionava no pavimento inferior da edificação, enquanto o Cine Guarani ocupava o segundo pavimento (PIERDONÁ, 2007).
- De acordo com comentários no grupo do Facebook “Lebon Régis SC – de Antigamente” (PRADO, 2014):
- Filmes também eram exibidos no Salão Tiradentes, clube que existiu entre as décadas de 1950–1960; Os filmes comumente exibidos eram de Teixeira e Mazzaropi.
- No terreno onde funcionava o Clube Tiradentes foi edificada uma residência unifamiliar. E o terreno onde existia a Associação Lebonregense de Bocha e Bolão está vazio.

Cine Rex/Apolo

📍 Cidade: Palmitos

🏠 Endereço: Av. Brasil 751/Av. Brasil, 813

🌐 Coordenadas: [-27.071439935999184, -53.16014478902093](#)

[-27.070864421399826, -53.15998143854026](#)

✂ Inauguração: aprox. 1970 na Av. Brasil

🏢 Fechamento: aprox. 1980

🚗 Número de lugares: 100

🏢 Edificação existente? Não

🔑 Proprietários: Helmuth Kruger e Heinz Post

👤 População estimada 1970: 14.165

👤 População Censo 2022:

Informações adicionais

- Em entrevista, Marlene Kruger conta:
- [...] Então, vamos lá
- Nome do meu pai Helmuth Kruger (1930/1971).
- Cine Rex ficava em frente a Praça Carlos Culmey, no centro. Hoje no local há uma Pizzaria/Lanches André. Estou vendo com meus tios se lembram quando iniciou o Cine Rex. A mudança de local e o nome para Cine Apolo, se não me engano foi em 1970 e um ano após meu pai faleceu. Ali ele tinha um sócio, Heinz Post que continuou com o cinema.
- Meu irmão, que ainda mora em Palmitos vai ver se consegue a foto do Cine Rex. Lembro do salão de madeira, amplo, com cadeiras de madeira/palha.
- Meu pai conseguiu cadeiras mais modernas– tipo as



Clube Palmitos ao fundo, em 1942. Anos mais tarde a edificação viria a abrigar o Cine Rex. Vitori (2007).

dos cinemas atuais, só que não estofadas (eram de madeira e vermelhas).

- Hoje quando vou a um cinema sempre lembro do meu pai e emito pra ele: veja como o cinema evoluiu, cadeiras confortáveis, telas grandes.
- Os filmes vinham de Porto Alegre e caso fosse um filme muito bom bom havia a reprise nas segundas feiras. Eram filmes nacionais: *Teixeirinha*, *Mazzaropi* e outros. Os de banguê banguê ou farwest faziam muito sucesso. Também tinha as comédias com Gordo e Magro Jerry Lewis. Dentre os famosos tinha *Dr. Jivago*, *Bonnie and Clyde*, *Ben Hur*. Teria que puxar da memória outros filmes mais.
- Meu pai que passava os filmes, mas meu irmão Edisson (já falecido) o auxiliava desde muito novo. Então por enquanto é isso que lembrei. Meu pai era um apaixonado por cinema, mesmo que com todas as despesas sobrava quase nada. Por isso lembro dele com carinho. Tinha finais de semana que ele pegava o jeep e ia até São Carlos passar um filme. Lá não tinha cinema.
- Só não sei se ele passava na praça mesmo ou em algum salão. Bons tempos aqueles. Nas matines os filhos tinham cadeira reservada bem na frente e ele permitia que levassemos uma amiga ou amigo. Devo ter uma foto minha irmã, meu irmão menor e eu indo pro cinema..kkkk
- [perguntei quando fechou]
- Daí vou pedir pro meu irmão pesquisar. Ele falou que vai conversar com pessoas que conheceram a história. Até a pouco tempo meu irmão tinha a sirene que chamava as pessoas para a sessão de cinema
- Após tocar a sirene meu pai colocava música. Quando parava a música ele dava 5 minutos com música no ambiente e daí começava o filme. Um ritual...kkk. Às pessoas ficavam ligadas, pra não chegar atrasadas. Ali aconteceram início de namoros, paqueras
- Bom recordar. O quê eu receber de detalhes, fotos eu te repasso. (KRUGER, Marlene. Entrevista via rede social Facebook concedida à Luís Eduardo Candeia. Palmitos, 04 fev. 2022.)
- Segundo entrevista (POZZO, 2014), o Cine Apolo mudou para a esquina abaixo, onde hoje fica a loja Xavantes. Aparentemente, funcionou até meados dos anos 1980, e frequentemente exibia *Trapalhões* e *Mazzaropi*.
- Segundo a Enciclopédia dos Municípios Brasileiros, o Cine Rex possuía 100 lugares (IBGE, 1959a).
- Na primeira localização do Cine Rex/Apolo existe uma lanchonete, e, no terreno adjacente dos fundos, um edifício chamado Apolo, com 10 andares, e na segunda localização, funciona uma loja de confecções.

Cine Astral

📍 Cidade: Chapecó

🏠 Endereço: Av. Getúlio Dorneles Vargas, 224

🌐 Coordenadas: [-27.10271000408098](#), [-52.61465599411845](#)

🗓️ Inauguração: 1973

🚪 Fechamento: 1995

🚻 Número de lugares: 990

🏢 Edificação existente? Sim

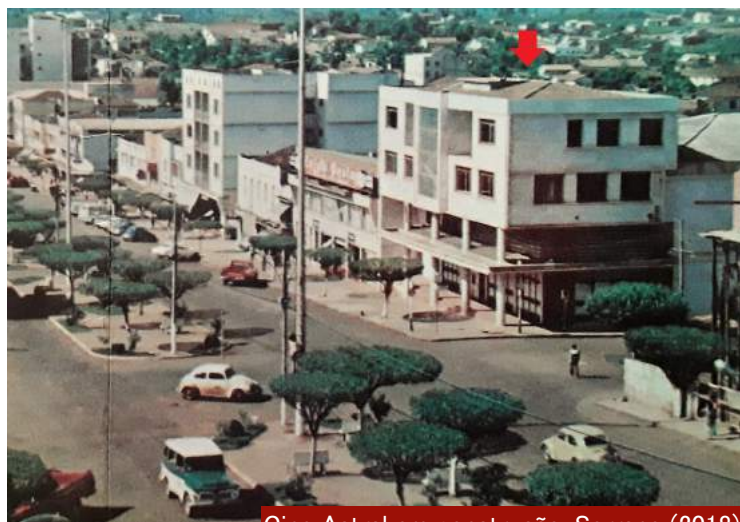
🔑 Proprietários: Osmar Tomazelli e irmãos

👤 População estimada 1970: 27.934

👤 População Censo 2022:

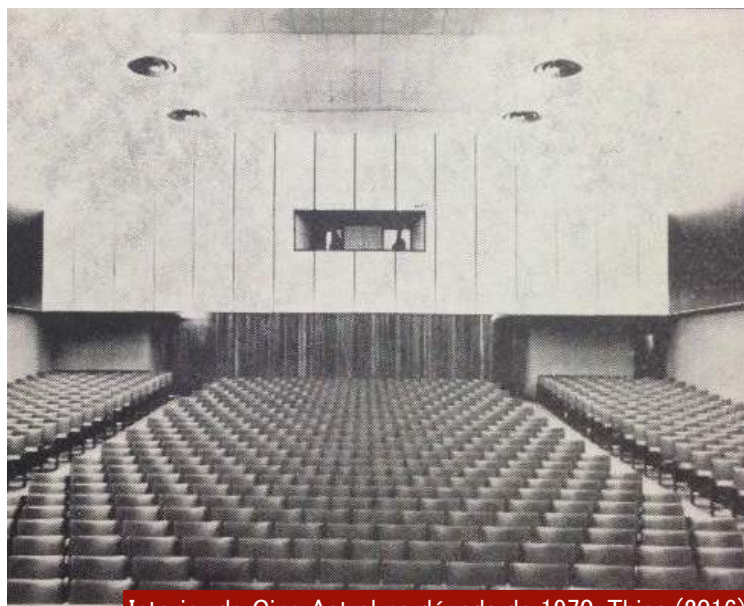
Informações adicionais

- Como consequência das reclamações quanto ao Cine Ideal, Osmar Tomazelli relata que ele e seus irmãos começaram a pensar em uma nova sala de cinema, mas foi ele, Osmar, e sua esposa Lourdes Leitune, quem tomaram providências para a concretização desta ideia (THIES, 2016). Osmar relata que:
- *Eu já conhecia muitos cinemas de Porto Alegre (RS), entre outros, então, eu mandei fazer um projeto, mas antes meu cunhado que era um engenheiro me disse: – por que você não vai a Criciúma vê o cinema que tem lá? Então, eu fui vê, era muito bonito, eu gostei muito, então, pedi que me fizesse um projeto baseado nas ideias, nos ângulos daquele cinema. As pessoas pediam por um cinema confortável, luxuoso, com uma ótima qualidade no som e na acomodação. (TOMAZELLI, 2016, In THIES, 2016)*



Cine Astral em construção. Serrano (2018).

- De acordo com os levantamentos efetuados, acredita-se que a sala de cinema a qual Osmar visitou em Criciúma foi o Cine Ópera. A razão para tal afirmação é a semelhança arquitetônica entre o Cine Astral e esta sala.
- Segundo comentários da rede social Facebook, a sala foi projetada pelo Eng. Civil Manir Saad Sarquis (DORI, 2019).
- Segundo Osmar, o cinema tinha espaço para receber 990 pessoas, com poltronas adquiridas e montadas em Chapecó, e projetores da marca Prevost, de fabricação Italiana, um dos melhores daquela época, adaptados com lâmpadas de xênon. Tomazelli ainda afirma que os equipamentos vieram da cidade de Porto Alegre (RS) (THIES, 2016):
- Os projetores eram da melhor qualidade que existiam no Brasil, e também fizemos troca de equipamento do antigo Cinema Ideal, trocamos por filmes com um homem de São Paulo. E, instalamos o som com dolby stereo, também o melhor que existia no país. Depois das mudanças no cinema o público aumentou, e a frequência de pessoas, mais de grava-ta começaram a visitar o ambiente. (TOMAZELLI, 2016, In THIES, 2016)*



Interior do Cine Astral na década de 1970. Thies (2016)

- Afirma-se ainda que para a divulgação dos filmes, utilizou-se o rádio e o jornal, mas principalmente a distribuição de cartazes pela cidade (THIES, 2016)
- Existem dúvidas quanto ao primeiro filme exibido neste cinema. Osmar afirma que pode ter sido Tubarão, ou Terremoto (THIES, 2016), porém, estes são filmes de 1975 e 1974, respectivamente, e o cinema foi inaugurado em 1973. Comentários na rede social Facebook afirmam que o filme inaugural foi Carnaval na Atlântida, uma película nacional de 1952 (DORI, 2019).



Cine Astral. Tomazelli (2016).

- Quanto ao movimento do cinema, Osmar afirma que:
- O Cine Astral passou filmes que chegaram a suportar até 1100 pessoas e o povo sentava em qualquer lugar, nas escadas, no chão, enfim. Nós tivemos frequências muito boas. Quando passava filmes do Teixeira, a sala enchia, são coisas assim que a gente não esquece. O Cine Astral abria todas as segundas, quartas, quintas e finais de semana, sendo que aos domingos tinha duas sessões, uma às 19h e outra às 21h. A igreja nunca se impôs em relação ao cinema. Só existia a censura por idade e se o filme tinha cenas de sexo ou violência, menores de 18, não poderia assistir. (TOMAZELLI, 2016, In THIES, 2016).*
- Por sua vez, a entrevistada Loide Biazus afirma que:
- A melhor fase do Cine Astral foi na década de 80, as pessoas iam muito ao cinema. Eu tive esse privilégio de ver as pessoas frequentarem, as sessões de domingo que lotava, tinha muitos casais de namorados, esse era o encontro da comunidade, o cinema era o ponto principal. Aos sábados e aos domingos às 20h, eu ficava olhando da varanda do apartamento quem tinha ido ao cinema e quem não, é que nessa época eu tinha os paquerinhas, daí eu ia ver e ficava observando as pessoas e aquele barulho da saída das 22h, era divertido. (BIAZUS, 2016, In THIES, 2016).*
- Relata-se que o cinema possuía ventiladores de teto e tomadas de ar sob as cadeiras, que eram da cor verde escuro, enquanto que, o piso era revestido de carpete vermelho. Osmar conta que existiam apartamentos sobre o cinema, e isto contribuía para anular a incidência solar no teto da sala, o que facilitava a sua refrigeração (THIES, 2016).
- Ainda, afirma que havia uma bomboniere na entrada do cinema, e que ele permitia a entrada com doces, barrando apenas o acesso com sorvete, pois, relata que houveram casos em que este foi atirado na cabeça de outras pessoas, ou era colocado sobre as poltronas para as pessoas sentarem (THIES, 2016):

- *Muitas pessoas vinham ao cinema simplesmente para sacanear e você nunca sabia quem era, porque estava escuro, alguns traziam ovos já de casa e tacavam nas pessoas, coisas absurdas, isso aconteceu duas vezes, feito por pessoas sem caráter, anarquistas, cortavam as poltronas com gilette [...] e lembrar dessas coisas é que não me fazem sentir saudade de ter um cinema, se me oferecerem um, eu agradeceria mas, não mais. Era prejuízo, só incômodo e uma falta de respeito com o telespectador que pagou para assistir o filme. Então, a gente pegava o cara quando era flagrado e mandava para rua e não deixava mais entrar. (TOMAZELLI, 2016, In THIES, 2016).*
- Enor Tomazelli afirma que as projeções no Cine Astral eram com grandes rolos de filmes, e que, normalmente, dois rolos eram suficientes para uma produção. Além disso, conta que as lâmpadas de xênon facilitavam a operação dos equipamentos (THIES, 2016).
- Quanto à programação do cinema, Osmar conta:
- *Eu tinha um programador, Rodolfo Merchiona de Porto Alegre, ele contratava e me mandava à relação com o valor, se eu aprovasse, então, ele ia marcando de acordo com os dias das semanas e a disponibilidade dos filmes e já fazia os cartazes dos filmes e me enviava junto, ele já é falecido. A gente pagava pra eles e o lucro era assim, se a venda dos ingressos rendessem 1000 reais, 60% ficavam para eles e 40% ficavam para nós (isso foi uma suposição de valores). Eles cobravam porcentagem para passar os filmes. Os outros não, os outros eram valor único de aluguel, os filmes que chegavam em Chapecó, sempre vinham de Porto Alegre, porque as companhias eram de lá, Fox do Brasil, MGM, Columbia, entre outras. Ao todo eram umas sete distribuidoras, mas, eu não me lembro mais os nomes. (TOMAZELLI, 2016, In THIES, 2016).*
- Afirma-se que as fitas vinham de Porto Alegre por meio de ônibus, de forma que levavam cerca de quatro meses para o filme chegar em Porto Alegre, e mais quatro para este ser exibido em Chapecó. Existia um encarte que apresentava os filmes disponíveis, seus gêneros e se eram coloridos. Osmar afirma que os escolhia de acordo com a preferência do público, e que os mais frequentados eram os filmes relativos à cultura Italiana e filmes de Mazzaropi e Teixeira. Justifica esta preferência assinalando que ela provavelmente acontecia por conta dos numerosos descendentes de italianos que residiam na região (THIES, 2016).
- Ainda, quanto aos gêneros, Osmar afirma que os preferidos eram os filmes de ação e pornochanchadas, e que os romances recebiam pouca audiência (THIES, 2016).
- Thies (2016) relata que no início dos anos 1980 a tecnologia da televisão começou a chegar em Chapecó, porém, como inicialmente esta forma de entretenimento não era de fácil acesso, o cinema continuou tendo grande importância (THIES, 2016).
- Osmar Tomazelli conta que esporadicamente companhias ambulantes de teatro visitavam a cidade, e assim, o cinema ficava sem público (THIES, 2016).
- Enor foi projetista no Astral até 1979, quando deixou a função, após ter treinado Amarildo Gasparin (THIES, 2016).
- Gasparin nasceu em Tapejara (RS), mas cresceu na cidade de Chapecó. Aos onze anos de idade foi lanterninha, inicialmente do Cine Ideal, e posteriormente do Cine Astral. Atuou também como projetista nestas duas salas de cinema. Conta que o trabalho era mais confortável no Cine Astral, pelo fato de que a janela de projeção era maior, e que além de operar as máquinas, fazia também a revisão dos rolos. Por fim, Gasparin observa: “O que eu não gostava era quando eu tinha que passar Ben Hur, Spartacus, Os Dez Mandamentos, porque eram 3h15, de filme e a pessoa aguentar três horas direto e na projeção, era um saco” (GASPARIN, 2016, In THIES, 2016).
- Amarildo Gasparin trabalhou também, depois de ser projetista no Cine Astral, como operador do maquinário do cinema Arcoíris, que foi estabelecido dentro de um shopping em Chapecó (THIES, 2016).
- Em tom melancólico, Osmar fala sobre como interpreta a influência do Cinema em Chapecó:
- *Eu acho que tudo que você vê é cultura, quer dizer, se você vai ao cinema, você aprende alguma coisa, e fica conhecendo alguma coisa, você aprende vendo alguma coisa que você nunca imaginou que pudesse aprender. Então, isso cria a cultura, é como uma*



Interior do Cine Astral. Dori (2019).

leitura de um livro, ou seja, é a mesma coisa. Então, a pessoa adquire mais cultura, porque esta vendo lugares diferentes, ideias diferentes, é isso. Eu até acredito que não dá para analisar a cultura com o Cine Astral aqui porque, o pessoal só queria vê briga e sacanagem. (TOMAZELLI, 2016, In THIES, 2016).

- Por sua vez, Amarildo Gasparin afirma que os Cinemas tiveram grande importância na cidade, e que eram a única opção de lazer. Ressalta também o importante papel que este prestava na sociabilidade “Esse era o objetivo do cinema na época. O cara tinha uma namoradinha, vamos para o cinema? Hoje o ponto é o shopping. Depois, surgiu alguns barzinhos na cidade”. Gasparin trabalhou até o ano de 1992 no Cine Astral, quando Mário Pintado, proprietário do Cine Arco Íris, localizado no shopping Itajoara, o fez uma proposta de trabalho para ser projetista (GASPARIN, 2016, In THIES, 2016)
- O outro entrevistado, Enor Tomazelli, lembra da época áurea do cinema com orgulho:
- *Quando você está assistindo um filme, ali tem a portaria, tem histórias, tem lugares, então, você começa a associar uma coisa à outra. Uma vez que passou um filme com transatlântico, a maioria não conhecia, não sabia como era, e pôde assistir na tela. Meu Deus! Como não afunda esse troço, muitos diziam. Naquela época, o cinema foi a melhor coisa que aconteceu. Que ideia bacana que teve o Achylles, ele era bem metido, muito empreendedor, a frente do tempo dele, pena que morreu jovem. (TOMAZELLI, 2016, In THIES, 2016).*



Cine Astral na década de 1980. Serrano (2016).

- Por fim, Osmar relata como se deu o fim do Cine Astral:
- *O Cine Astral fechou por falta de público. Teve dias que eu comprava filmes por 500 reais (simulação) e abria o cinema e não tinha nem 10 pessoas, mas não*

foi só em Chapecó, generalizou em todo país. Mantemos por um período, mas no ano de 1995 resolvemos fechar de vez. Vendemos nossos equipamentos e acessórios, vendemos as cadeiras para o Hotel Lang, eles compraram para fazer uma sala de conferência e as máquinas foram para Florianópolis para um homem que estava montando um cinema, então, transformamos a sala do cinema em salas comerciais, os rendimentos eram bem razoáveis. (TOMAZELLI, 2016, In THIES, 2016).

- O edifício do Cine Astral abriga uma galeria comercial.

Cine Odeon

- 📍 Cidade: Pinhalzinho
- 🏠 Endereço: Travessa Santa Catarina, 62
- 🌐 Coordenadas: [-26.850444970594708, -52.9859511349628](#)
- 🗓️ Inauguração: 1974
- 🏢 Fechamento: 1992
- 🚗 Número de lugares: 350–420
- 🏢 Edificação existente? Sim
- 🔑 Proprietários: Família Ortiz de São Miguel do Oeste/ Valdir Kaiser/ Adelci Demarco Fiorini e Ary Fiorini/ Ari Alirio Maier/ Dirceu Suzin e Sócio (Arnaldo)
- 👤 População estimada 1970: 8.044
- 👤 População Censo 2022:

Informações adicionais

- Segundo a Prefeitura de Pinhalzinho, inicialmente, a cidade recebia exhibições com um “Cinema Ambulante”, e, mais tarde, o Cinema Odeon foi instalado (PREFEITURA DE PINHALZINHO, 2015).
- Adelci e Ary Fiorini vieram do Rio Grande do Sul, moraram por 20 anos em Pinhalzinho, onde Ary desempenhou papéis importantes na política e na sociedade do município, e há 35 anos moram na cidade de Chapecó (DIÁRIO DO IGUAÇU, 2019).
- Em entrevista, Ary Fiorini conta que quem construiu a edificação foi o seu irmão, que a alugou para Jorge Ortiz, que já tinha um cinema em São Miguel do Oeste. Em 1977 Ary começou a administrar o Cine Odeon. A sala possuía 350 lugares, e duas máqui-

nas de projeção à carvão. Os filmes de maior público eram Teixeirinha e Mazzaropi, e Ary conta que também exibiu Titanic e Kramer vs. Kramer nesta sala. O público do Cinema vinha das cidades vizinhas de Saudades e Nova Erechim, e aos sábados e domingos a sala lotava (Ary brinca que, por 7 anos, não teve finais de semana, pois estava trabalhando). Ainda, o proprietário conta que a família toda ajudava no funcionamento da sala, sendo que sua esposa trabalhava na bilheteria, seu primo vendia doces e dois funcionários eram os projetistas. Quando Ary se mudou para Chapecó, em 1986, as cadeiras, próprias para Cinema, foram vendidas para uma Igreja. Por fim, alega-se que os rolos de filmes vinham por meio de ônibus, da cidade de Porto Alegre. (FIORINI, Ary. Entrevista concedida via telefone a Luís Eduardo Candeia. Chapecó, 04 fev. 2022.)

- Fátima Sonaglio – Filha do dono do cinema de Ponte Serrada, me ligou no dia 09 de maio de 2022, e passou as seguintes informações:
- *[Estava conversando sobre o cinema com amigos, e descobri que] aqui também tinha um cinema, tu tem as informações de Pinhalzinho?*
- *É que quem comandava aqui era Valdir Kaiser, era isso que tu tem ali?*
- *[explico que entrevistei Ary Fiorini]*
- *Ah, eu sei quem é, eu conheço, não não. Mas olha aqui, esse Valdir Kaiser, ele quem tinha o cinema, inclusive passou por diversos espaços, e depois então ele teve o espaço que era o Cine Odeon. E tem um outro rapaz, mas ele tá com alzheimer, ele tá já bem debilitado. Mas tem a mulher dele... inclusive embaixo da casa tem um acervo de coisas lá, eu não conheço, mas até posso me informar. Não sei até se não deve ter, a, onde rodava os filmes dele. Que tem uma coisa, antiga, lá, que diz que é uma loucura o que eles tem. Mas tem um rapaz que é mais jovem, que é daqui também, que ajudava ele, no cinema. Era assistente, ele ajudava e ele quem poderia estar te dando algumas informações de repente mais precisas. Esse Ary Fiorini ele não mora mais aqui já faz tempo né, ele deve ter informações, mas de repente ele deve ter mais informações ainda com esse pessoal ali.*
- *O nome dele é Dirceu Suzin, eu vou ligar pra ele e vou pedir se ele me autoriza passar o telefone pra você, daí você pode entrar em contato, e esse Senhor Valdir Kaiser, que eu te falei, inclusive, a esposa dele é professora aposentada, nós trabalhávamos juntas. Teria que ver o acervo que eles têm lá embaixo, de repente alguma coisa que, né, fosse legal, estar tirando foto, estar, né. Então teria que*

dar uma olhadinha nisso também.

- *Mas eu vou falar com o Dirceu daí o Dirceu pode entrar em contato contigo de repente tu tem mais informações aí.*
- *Mas então tá bom querido, então tá bom, só queria saber se tu tinha conhecimento desse cinema ou não né.*
- *Mas então tá, eu vou ver com o Dirceu e qualquer coisa eu dou um toque.*
- *Tá bom querido?*
- *Tchau tchau (SONAGLIO, Fátima. Entrevista via telefone para Luís Eduardo Candeia. Pinhalzinho, 09 mai. 2022.)*
- Entrevista com Dirceu Suzin, sócio do Cine Odeon 10 de maio de 2022:
- *Oi*
- *Olha, eu tive com um sócio o cinema no final, no encerramento do cinema, foi quando terminou, ele foi de 1986 a 1991, eu acho, mas não tenho certeza.*
- *[E quem era seu sócio?]*
- *Um rapaz que mora aqui, um tal de Arnaldo.*
- *[E quem era o dono antes?]*
- *Um rapaz de Chapecó, o Ary Alírio Maier*
- *Só me explica como é tua pesquisa*
- *[Explico a pesquisa]*
- *Eu sou formado em História*
- *Mas assim ó, vou te dar um parecer rápido aí: eu sou do Rio Grande do Sul, vim morar aqui nessa cidade em 1968, e um primo meu tinha um cinema aqui, era o Cine Imperador, o nome do cinema. Ele teve daquelas máquinas, eu acho que era 16 ou 8mm, tem a máquina até hoje, sabe. Não sei se tu já foi em cinema ou não, é uma máquina pequena. Daí depois veio o Cine Odeon, teve um pessoal de São Miguel do Oeste depois o Ary Fiorini daí esse Ari Maier, daí nós, até o encerramento dele, foi lá por 90, 91, 92 alguma coisa assim. A época em que os cinemas foram se dizimando né, a gente lutou um bom tempo aí mas não teve jeito.*
- *[Pergunto os filmes que ele passava]*
- *Olha, aqui eram filmes de ação, filmes, por exemplo... Tu não conseguia a programação de ponta, porque os lançamentos e os filmes bons tu não conseguia de imediato assim, a gente pegava de Porto Alegre, sabe? Por exemplo, eu lembro de um filme, La Bam-ba, que a gente passou aqui, mas teve uns filmes que a gente pegou no lançamento. Porque, o cinema aqui, não era uma questão de cultura, era uma questão de hábito. Era uma sessão no sábado à noite, e no domingo à noite, como não tinha opção, a cidade na época tinha o que, oito mil habitantes, por aí... Pinhalzinho tinha sete, oito, menos que dez, a opção*

era o cinema, então ia com a namoradinha, o pessoal ia no cinema. É que não tinham outras opções aqui. Tinha uma boate, uma discoteca, mas fechava cedo e o pessoal vinha todo pro cinema, então era uma questão de encontros. Eu lembro que a gente conseguiu assim, um bom que lançou: Rambo 2 ou 3, foi um espetáculo sabe? E tu vê, a gente trouxe junto, aí que eu digo a questão cultural né, lembra aquele filme “Império do Sol”? Daquele chinês que era Imperador e virou Jardineiro? Era um filme épico, ganhou Oscar, mas, pouca assistência. Então, o que dava bem? Trapalhões, e essas coisas que eu te disse, Rambo, esses filmes assim mais... Mas era assim, ele foi indo, até um futuro aí, depois... Era essa a questão do cinema. De vez em quando a gente fazia uma sessão às terças. Algumas exceções né, porque a gente pegava, o filme vinha na sexta, de manhã, de Porto Alegre, e tinha que devolver quarta de manhã. Até hoje eu tenho cartazes de filmes aqui em casa. Esse meu primo, que é um primo que mora aqui, ele tem muita coisa, tem máquina, tem várias coisas do tempo do cinema que ele teve.

- [Perguntei se os filmes vinham de Porto Alegre de ônibus]
- Porto Alegre, de ônibus! A gente, de tempos em tempos, a gente ia na distribuidora, e a gente tinha um representante, sabe? Daí tu ia na distribuidora tentar pegar algum filme mas sempre a preferência era de praças maiores, as praças maiores que tinham preferência.
- Mas era um cinema muito... o cinema tinha 420 lugares, sabe? Eram cadeiras, a gente conseguiu fazer... Tinha, metade... Além da metade, tinha um divisor, a gente tinha mais da metade, nós conseguimos estofar as cadeiras né. Era umas cadeiras.. hoje tem muito em teatro, por aí, essas cadeiras antigas, dobrável né. A cadeira é fixa né, a gente diz cadeira, mas era uma poltrona.
- Mas o cinema aqui fez muito sucesso, teve umas épocas que o Ary Fiorini ele trazia filmes do Teixeirinha, nossa senhora!
- O pessoal vinha de caminhão do interior. Quando vinha Teixeirinha, Para Pedro, os filmes do José Mendes aqui, regional, sabe? Da cultura gaúcha né?
- [Pergunto o nome da distribuidora]
- Era DIPA filmes, D-I-P-A, DIPA filmes, de Porto Alegre.
- Mas tinham mais distribuidoras, a gente já tinha esse agente que vinha dos outros, a gente continuou com ele.
- [Pergunto onde ficava o cinema]
- No centro da cidade!

- [Pergunto o que tem atualmente]
- Loja Benoit, depois foi uma academia, o cara botou uma academia, e agora uma loja.
- [Perguntei se é o mesmo prédio]
- Mesmo prédio, uma loja de eletrodomésticos, até tinha, eu não consigo lembrar sabe, mas tinha o som, uma caixa de som, que tocavam as músicas, e tinha uma música, que era a música de quando ia começar o filme.
- [Mais tarde no mesmo dia, Dirceu me envia uma mensagem com a música “Puppet on a String” de Paul Mariat”]
- Toda vez tu largava ela... eu tenho na cabeça a canção, sabe? Em português. Porque do lado do Cinema, tinha uma lanchonete, que também é hoje uma loja de eletrodomésticos, hoje é Magazine Luiza, lá. Então o pessoal tava ali na lanchonete e tal, e quando dava a musiquinha... E era o local que o cara levava a namoradinha, pra se encontrar. Tinha muito namoro no cinema.
- [Pergunto se o prédio era exclusivo do cinema, se foi construído para tal]
- Não, não, era um prédio muito grande, ele é de dois pisos, ele dá quase 30% da quadra, ele é uma sequência sabe, ele é conjugado, mas o prédio em si ele é grande sabe?
- [Pergunto se foi construído para ser Cinema]
- Olha, acredito [em dúvida]... Eu acho que sim, porque ele tinha, ele descia sabe? Tu chegava, no alto, daí ele descia, até na tela sabe?
- Então, o pessoal que ficava em cima eram as cadeiras mais altas, né? Daí ia descendo.
- Acho que foi construído para ser cinema sim, porque tinha um palco, uma tela grande, um palco muito grande, e ali alguns eventos foram feitos, a cidade fazia alguns eventos assim, teve peça de teatro, teve várias coisas ali.
- [Pergunto o nome do cinema anterior ao Cine Odeon]
- Imperador
- [Era no mesmo lugar?]
- Não, esse foi quase um cinema itinerante... No Clube Social, depois ele construiu um prédio de madeira, depois ele alugou umas salas, até vir então esse Cine Odeon que era uma máquina maior, aquelas chamadas “carvão” né, era o positivo e o negativo que ele dava espelhado para projetar a imagem, inclusive a máquina dos filmes, a máquina que nós tínhamos nós vendemos pra Porto Alegre, era um cara de um Shopping, que comprou.
- Hoje eu acho que é umas máquinas mais modernas né não...

- [Pergunto onde ficava o outro cinema]
- *Esse ficou em vários locais, foi no Clube Social, depois ele construiu um prédio de madeira num local, mais perto, daí depois ele locou mais uma sala, ele foi, dos anos que eu me lembro, tinham uns quatro ou cinco lugares que ele estava, sabe?*
- [E o Clube Social hoje ainda existe?]
- *Existe*
- [E é clube ainda?]
- *É clube, Grêmio Recreativo Pinhalense.*
- *Depois tinha um outro clube, Esporte Clube Internacional mas esse já foi, esse já demoliram.*
- [Agradeço a entrevista]
- *Tu conseguiu São Miguel do Oeste?*
- [Tenho algumas coisas, mas se o senhor quiser me falar...]
- *Tem um cinema hoje lá, o Cine Pepperi, no início a gente se trocava filme, não lembro o nome do cinema*
- [Falo que existiram o Cacique e o Effectus]
- *Cacique acho que era, era o Cacique, que nós trocávamos as fitas de vez em quando.*
- *Eu lembro, uma cidade em que eu trabalhei, quando eu fui lá já não tinha mais o cinema, mas eu lembro de antigamente: Palmitos, não sei se tu já viu, palmitos?*
- *Palmitos tinha, se eu não me engano, o cine Apolo*
- *O Contato lá é Escritório Contábil Post, se não me engano era essa família quem tinha cinema lá em Palmitos, cine Apolo, eu lembro do nome.*
- *Tu tá com material também dessas coisas ou não tem material?*
- [Respondo que to tentando coletar foto dos cartazes, dos cinemas]
- *Foto do cinema eu...*
- *Só tenho alguns cartazes que ficou comigo sabe?*
- *Mas eu vou ver se nesse meu parente vou ver se ao menos tiro foto da máquina alguma coisa pra te ajudar daí.*
- *Era isso então?*
- *Obrigado! Abraço!*
- [Desligo o telefone no momento em que ele fala "Viu", e assim, ligo novamente]
- *Eu me lembrei que eu tenho uma foto do cinema antigo, mas eu tenho que procurar, tá no hino de pinhalzinho, vou ver se eu consigo catar essa foto aí tá?*
- *Tá bom?*
- *Valeu!*
- (SUZIN. Dirceu. Entrevista via telefone para Luís Eduardo Candeia. Pinhalzinho, 10 mai. 2022.)
- A edificação ainda existe e abriga pontos comerciais.

Cinetur

- 📍 Cidade: Abelardo Luz
- 🏠 Endereço: Casarão, próximo da SC-155 (local desconhecido)/Av. Getúlio Vargas, 679
- 🌐 Coordenadas: [-26.567477539339478, -52.328777793836316](#)
- ✂️ Inauguração: A edificação da Av. Getúlio foi construída em 1976
- 🏢 Edificação existente? Sim
- 🔑 Proprietários: Ilvino Bodaneze/Adelar Begnini
- 👤 População estimada 1970: 10.207
- 👤 População Censo 2022:

Informações adicionais

- Ilvino, que já trabalhava com cinema em São Valentim, no RS, vai para Abelardo Luz, em 1958, convencido pela Irmã, onde iniciam as exhibições no "Clube Líder" (RAINHA 89FM, 2020).
- Os filmes, segundo Ilvino, vinham da cidade de Barão de Cotegipe, em rolos, em média 5 ou 6 latas de rolo, contendo as partes do filme a ser exibido. 1
- Os projetores do Cinema eram com carvão (RAINHA 89FM, 2020).
- Rosângela Oro conta que em 1982 assistiu ao filme "Dio, come ti amo!" no cinema de Abelardo Luz, e que, a família toda do Sr. Amintas auxiliava no funcionamento da sala (RAINHA 89FM, 2020).
- Em 1959, Ilvino, em conjunto com Adelar Begnini, começa a trabalhar em um Casarão, próximo da SC-155 (RAINHA 89FM, 2020).



Inauguração do Cinetur em 1976. Rainha 89FM (2020)

- Elisete Begnini, filha de Adelar, conta que o cinema era uma paixão de seu pai, e que a família viajava para exibir filmes pelas comunidades vizinhas, como Ipuacu, Ouro Verde, Araçá (RAINHA 89FM, 2020).
- A família ia de Kombi, e todos auxiliavam no funcionamento da exibição itinerante (RAINHA 89FM, 2020).
- Volnei Signor conta que, ele e um amigo saíam de Passo das Antas, e iam até Abelardo Luz, andando 5km em estradas de chão, somente para assistir aos filmes no cinema (RAINHA 89FM, 2020).
- Anos depois, Amintas da Silva adquire o cinema, e também segue com as exibições itinerantes pelos municípios e comunidades vizinhas de Araçá, Ipuacu, São Domingos e Ouro Verde (RAINHA 89FM, 2020).
- Questionado quanto às películas exibidas no cinema, Amintas conta que exibia frequentemente filmes de faroeste, e títulos como Ben-hur, filmes do Teixeira e José Mendes (RAINHA 89FM, 2020).
- Amintas conta que Teixeira também fez uma apresentação ao vivo, no cinema (RAINHA 89FM, 2020).
- Begnini (2016) conta, em seu blog:
- [...] No final do ano de 1976, na avenida, foi inaugurado o novo cinema com o nome de Cinetur, hoje loja Schumann, de propriedade da família de Adelar Begnini. Jair Zonta, hoje fotógrafo aposentado, operava as máquinas para passar os filmes que vinham de Curitiba, quando o ônibus não atrasava ou esquecia de entregar. A máquina fazia um barulhão e cada pouco arrebatava a fita. Nós agüentávamos até o fim, pois na época não havia outras opções [...].
- A edificação ainda existe e abriga uma loja de eletrodomésticos.

Cine e Teatro Real

📍 Cidade: Fraiburgo

🏠 Endereço: Rua Nadarci Brandt, 226

🌐 Coordenadas: [-27.022264981904595, -50.92543300793408](#)

✂ Inauguração: 28 nov. 1976

🚪 Fechamento: 1986

🚗 Número de lugares: 500

🏢 Edificação existente? Sim

🔑 Proprietário: Altino Luiz Miguel

👤 População estimada 1970: 8.052
👤 População Censo 2022:

Informações adicionais

- Em entrevista, Miguel (2018) conta:
- *Tínhamos um prédio com 390 metros quadrados, com piso inclinado, uma tela de 4,50m x 9,00 metros em tecido especial para cinema e perfurado, nas laterais um cortinado e forro acústico, com duas máquinas para filme de 35mm, a luz de projeção a carvão com arco voltaico, a sonorização era valvulado, nada transistorizado, mas o som era finíssimo. Para a ventilação usamos 4 ventiladores de 600mm de diâmetro e 3 chaminés de 500mm com o teto rebaixado para a saída do ar quente produzido no interior da sala pela presença dos clientes. Eram 500 poltronas próprias de cinema mas em madeira Imbuia laminada. (MIGUEL, Altino Luiz. Entrevista concedida via e-mail a Luís Eduardo Candeia, em 02 maio 2018)*



Cine e Teatro Real na segunda metade da década de 1970. Acervo de Altino Luiz Miguel.

- Segundo Altino, o primeiro filme exibido no Cine e Teatro Real foi “Portugal minha saudade” de Amácio Mazzaropi (MIGUEL, 2018).
- Altino (2018) conta também, como envolveu-se com o cinema ao longo de sua vida:
- *Eu desde jovem gostava de cinema, pois nesta época com 14 anos, fiz um curso de Radiotécnico por correspondência, vivia fazendo minhas adaptações e fazendo minhas projeções cinematográficas. Com minhas caixinhas de madeira e lâmpada de lanterna, porque eu não tinha luz elétrica na minha casa. Como não tinha dinheiro para comprar lentes, usava papel celofane (transparente), colava figuras e projetava numa parede num pano branco, era ruim, eu gostava do sucesso. Mais tarde, com 16 anos, fui*

morar em Campina da Alegria, Vargem Bonita SC. Quando cheguei, vi que tinha um cinema funcionando, assisti alguns filmes, foi para mim, novidade ao vivo, fui descobrindo e fazendo amizade com os responsáveis, até que fui convidado para conhecer a sala das máquinas de projeção, eram duas máquinas de 16mm, neste dia fiquei com o operador durante a projeção, estava realizado. O operador convidou para retornar, quando soube que tinha conhecimento de radiotécnica, e passei a ser ajudante de operador, antes das projeções fazia revisão dos filmes, retocando e consertando as emendas, até que passei a ser operador. Mais tarde os proprietários construíram um prédio próprio para cinema e máquinas novas, agora 35 mm, com direito a cinemascope, Tela cheia 4,5 x 9,00m, passei a ser o colaborador do montador vindo de São Paulo, terminamos a montagem, testamos tudo ok e aí mais um aprendizado, operador com duas máquinas e passagem automática, para não interromper a projeção do filme, vale lembrar que o som na época, amplificador era tudo valvulado, não existia ainda os amplificadores transistorizados, trabalhei ali alguns anos, mesmo sem receber nada, apenas por colaboração da entrada da família para assistir os filmes. Mas era funcionário da empresa Celulose Irani S.A. como desenhista projetista técnico (desenho mecânico) ganhava pouco com mulher e filhos, resolvi procurar algo que rendesse mais, vim para Friburgo SC., em busca da sorte. Aqui cheguei e já fui contratado para resolver problemas de telefonia local, na época janeiro de 1969, ganhei numa semana, o que precisava três meses onde eu estava trabalhando, decidi definitivamente vir. Quando fui procurado para ir a São Paulo fazer estágio de eletrônica para atender a manutenção das retransmissoras de televisão, que estavam sendo instaladas na região. Resultado: Onde estava trabalhando Celulose Irani S.A. recebia por mês R\$300,00, aqui me foi oferecido R\$1.500,00 por mês, nem precisa comentar. Passou dois anos e meu sonho estava aflorando em minha cabeça de ter o meu cinema, como tinha profundidade de conhecimentos de cinema, passei a pesquisar o que seria necessário: Feito, no levantamento encontrei um cinema parado em Luzerna SC, contatado e comprado para pagamento parcelado, carreguei tudo o que foi possível para não faltar nada. Precisava comprar um terreno, contatado o dono de um terreno na frente da minha casa e comprado, também parcelado. Agora fazer o projeto, como desenhista eu mesmo fiz, baseado no cinema da Campina da Alegria e um engenheiro civil assinou, e passei a construir. Pronto para ser

usado em condições simples sem acabamento, di-nheiro curto, mas tinha uma pequena indústria mecânica que ajudou na receita do caixa e continuei até a exibição, mas ainda estavam faltando as poltronas, descobri um cinema parado em Curitiba SC, contatado e comprado também parcelado, mas estavam depositadas em um porão de outro cinema do mesmo dono. Que trabalho deu para retirar de lá, mas fizemos a retirada carregamos um caminhão que deu uma carga muito alta mais de 500 poltronas de madeira própria para cinema, e voltamos a Friburgo, agora estava completa as aquisições.



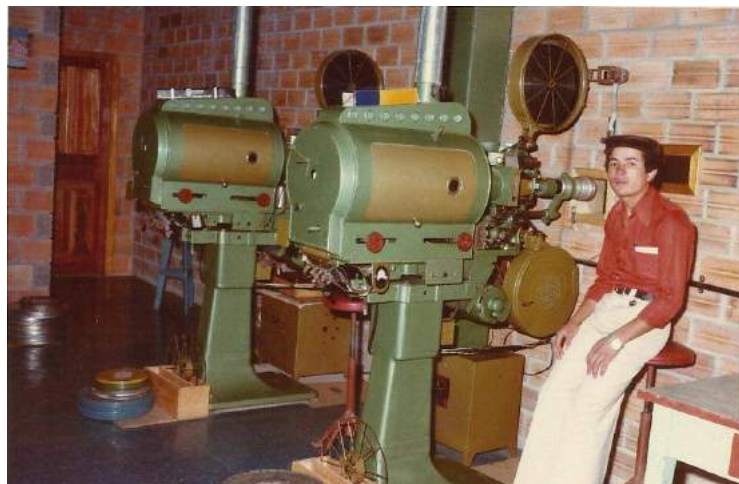
Letreiro do Cine e Teatro Real. Acervo de Julio Modena (2018).

- As poltronas montadas, as máquinas instaladas e testadas, a tela instalada com 4,50 metros de altura, por 9 metros de largura. Fui a Lages SC, contratar filmes com uma distribuidora que já era conhecida do cinema da Campina da Alegria, foi fácil e entrei no circuito dos cinemas deles e assim tinha os filmes programados para cada mês, e para a primeira exibição escolhemos um filme de Mazzaropi, marcamos a data e cartazes expostos para a inauguração. Dia da inauguração lotação dos quinhentos lugares, ficou pessoas em pé, o público colaborou. Por muito tempo foi maravilha, sempre lotado e teve um filme do Teixeirinha que foram quatro sessões, 14 – 16 – 20 e 22 horas. Mas com o aparecimento do Vídeo Cassete, o público foi desaparecendo aos poucos até que desativei o cinema, em 1987, Fraiburgo ficou sem Cinema. Retirei as poltronas e aluguei para um Supermercado, atualmente está alugado para uma Funerária. Desculpe o Jornal, mas tentei fazer o que você me pediu, Grande abraço e pode contar sempre comigo (MIGUEL, Altino Luiz. Entrevista concedida via e-mail a Luís Eduardo Candeia, em 02 maio de 2018).



Cine e Teatro Real na segunda metade da década de 1970. Acervo de Julio Modena (2021).

- Em relatos em publicação no Facebook, conta-se que o Cine Real exibiu filmes de Mazzaropi (Mazzaropi e seu filho Preto), Teixeirinha (Ela Tornou-se Freira), Alien o Oitavo Passageiro, A Lagoa Azul. Nesta mesma publicação, após todos comentarem suas memórias, Altino comenta: “Como é bom saber das pessoas que aqui postaram, de que foram felizes indo no cinema e aproveitaram os seus fins de semana, procurei sempre fazer o melhor para a população.” (MODENA, 2021).
- A edificação foi ampliada e abriga uma casa funerária.



Projetores do Cine e Teatro Real. Acervo de Julio Modena (2021).



Show de Calouros no Cine e Teatro Real. Acervo de Altino Luiz Miguel

Cine Pepperi

- 📍 Cidade: Itapiranga
- 🏠 Endereço: Rua do Comércio, 305
- 🌐 Coordenadas: [-27.172861909890923, -53.71268129884182](#)
- ✂ Inauguração: 07 set. 1978
- 🚪 Fechamento: maio de 1985
- 🪑 Número de lugares: 700
- 🏢 Edificação existente? Sim
- 🔑 Proprietário: Silvestre Waldemar Berwanger
- 👤 População estimada 1970: 10.312
- 👤 População Censo 2022:

Informações adicionais

- Velina Tecla Berwanger conta:
- Silvestre trabalhava na Comercial Weis e nas horas vagas, continuava a frente das atividades do cine-

ma local. Para atender a demanda da atividade arquitetava o plano da aquisição de novos projetor e construção de uma sede própria para cinema. Em 1970 com apoio dos irmãos e principalmente do pai, assíduo espectador de filmes foi criada a Empresa “Cine Peperi Ltda.” de propriedade de Irmão Berwanger. Preocupados com a qualidade da exibição dos filmes e para atender a demanda resolveram importar de Milão – Itália, uma cabine de cinema, com dois projetores, em 35 mm, no total de 300 kg de equipamentos. Entusiasmados com o investimento construíram um espaço especialmente para esta finalidade, no 1º andar da edificação de 3 andares na Rua do Comércio nº 305.



Construção do prédio do Cine Peperi em dezembro de 1975. Acervo de Velina Tecla Berwanger.

- A casa de cinema funcionou na sede social de Sete de Setembro até 07 de setembro de 1978 quando finalmente foi inaugurado o “Cine Peperi” na nova sede, num lugar privilegiado, bem no centro da pequena cidade. Nos anos que se seguiram a magia do cinema passou a compor o cotidiano da cidade e região. O espaço novo oferecia uma vasta sala de espera, com exibição de cartazes, bilheteria e bomboniere. Uma cabine de projeção que dava para uma tela de 6m x 12m. Um salão com 700 lugares, servida por uma acústica especial. Um palco para eventos e apresentação de teatro e música. Tudo de acordo com as exigências das Leis para lugares públicos e de aglomeração de pessoas.
- A inauguração do CINE PEPERI, em 1978, foi um acontecimento de grande amplitude, em virtude da grandiosidade da sala de espetáculo – cerca de 700 lugares, sendo o maior cinema do interior do Estado. Sendo assim, e a partir do brevemente exposto é possível mensurar o lugar ocupado pelo cinema na sociedade Itapiranguense e o seu papel social daquele período.
- O CINE PEPERI foi idealizado para proporcionar

cultura e lazer para a população local e da região, carente dessa cultura e entretenimento, encontrado só nos grandes centros, mas que se tornou realidade também em Itapiranga. O CINE PEPERI se tornou referência de cultura e entretenimento, destacando o município, sendo uma das mais belas salas de cinema da região Sul do país.



Cine Peperi em fase de conclusão, dezembro de 1976. Acervo de Velina Tecla Berwanger.

- O CINE PEPERI tornou-se local privilegiado pelos adolescentes que, para a tranquilidade dos pais, podiam usufruir de grandes produções de filmes épicos e espetaculares e de práticas de sociabilidade em segurança.
- Nas novas dependências as sessões passaram para 06 exibições por semana, com folga somente nas sextas-feiras. Com sessão chamada “matinês” domingos à tarde com filme especial para as crianças.
- Em Itapiranga não é ousado afirmar que o cinema foi uma ameaça para alguns leigos puritanos da pequena cidade. Cada sessão de filme apresentava novas ideias e consequentemente, provocava uma quebra de paradigmas, revelando novas culturas que modificam o ambiente social, gerando oportunidades, desenvolvendo a cidadania e a economia local. Pessoalmente acredito que o cinema, além de proporcionar um meio de lazer para a população foi também um impulso para o desenvolvimento cultural dos Itapiranguense. No entanto, quando o filme era educativo e de valor cultural os professores de diferentes disciplinas convocavam todos os alunos para assistir e depois realizavam estudo e interpretação.
- Mais tarde os irmãos, Silvestre e Roberto compraram a parte dos demais irmãos Berwanger mantendo as atividades.
- Silvestre Berwanger que esteve à frente do cinema desde 1967 interpreta que desde seus primórdios de existência na cidade o cinema era, efetivamente, um

acontecimento de grande relevância na sociedade local, ele diz que era no Cine Peperi que as pessoas se encontravam, namoravam e assistiam a grandes espetáculos. Não só frequentavam-se o cinema por divertimento, mas também como parte de um programa social, pois este ambiente era considerado sofisticado no período.



Inauguração do Cine Peperi em 07 de setembro de 1978. Acervo de Velina Tecla Berwanger.

- Paulatinamente, a televisão “invadia” os lares Itapiranguense e causava deslumbramento. O cinema, no entanto, buscava investir em inovações para seu público, na tentativa de atrair os frequentadores seduzidos pelas facilidades oferecidas pela televisão.
- No entanto, nem tudo contentava a população que, tendo outras opções de lazer, passou a observar aspectos, antes pouco considerados, relacionados ao conforto ao assistir o JN e filme sentado na poltrona em casa. A queda do público dos cinemas foi se acentuando ao longo da década de 1980, proporcionalmente ao aumento do número de aparelhos de televisão presentes nos lares da cidade.
- Além disso, até 1990 num fenômeno, que se repetiu no país inteiro, muitas salas foram fechando gradualmente, promovendo uma onda de esvaziamento de salas de cinema, cujas origens se encontram numa série de fatores sociais e econômicos, entre eles a concorrência da televisão e as políticas da Embrafilme, Empresa Brasileira de Filme, o órgão do Ministério da Cultura responsável por gerenciar a produção, distribuição e exibição dos filmes nacionais e internacionais. Uma dessas políticas tratava do número de dias por ano que uma sala deveria exibir filmes nacionais, independente do gênero, estilo ou qualidade destes filmes.
- Entre os gêneros produzidos pelo cinema nacional estavam as “pornoanchadas”, filmes de baixa qualidade técnica e artística com cenas leves de

erotismo e nudez. Apesar de a produção nacional ser composta de muito mais que este gênero erótico, “produção nacional” veio a ser considerada equivalente a “pornoanchadas” e estes filmes tornaram-se os vilões, os principais culpados para a queda da bilheteria nessa época. Esse fenômeno não tardou em fazer sua vítima também em Itapiranga.

- O Cine Peperi que convivera com o período fértil do cinema nacional e também fora palco de filmes épicos passando até a fase da pornoanchada, dos filmes de Teixeira, que garantiam casa cheia, e de alguns clássicos importantes foi fechado no ano de 1985.



Inauguração do Cine Peperi em 07 de setembro de 1978. Acervo de Velina Tecla Berwanger.

- Quando em maio de 1985 o grandioso Cine Peperi – realizou sua última sessão a cidade estava perdendo um pedaço de sua história.
- Por muito tempo os amantes da sétima arte enfatizavam, nostalgicamente, o fechamento do cinema, lugar que seria ocupado pelo “Kika Bazar” loja de material escolar e eletrodoméstica de propriedade de Silvestre Waldemar Berwanger. O fechamento do cinema na cidade além da perda cultural criou um vácuo no espaço das práticas sociais. E mais, foi finalização de um tempo, um marco divisor de possibilidades de sociabilidade na cidade.



Inauguração do Cine Peperi em 07 de setembro de 1978. Acervo de Velina Tecla Berwanger.



Inauguração do Cine Peperi em 07 de setembro de 1978. Acervo de Velina Tecla Berwanger.

- O Cine Peperi, segundo Silvestre (2012), foi o cenário para muitos sonhos, expectativas, namoros, programas de família, decepções e frustrações vivenciadas por aqueles que o frequentaram e por isso poderia ser considerado um lugar invocador de lembranças, sentimentos e memórias não fosse o incêndio em 01 de agosto de 1990 que destruiu o espaço e todos os objetos que poderiam estabelecer este vínculo com o passado. Terminou o ponto de encontro dos namoradinhos nas matinês e das sessões mais comprometedoras da noite. Cine Peperi onde os suspiros arrebatados dos namorados e a poesia deram lugar ao prosaico, e depois às cinzas e os heróis abandonaram a tela para sempre.



Incêndio na edificação do Cine Peperi em 01 de agosto de 1990. Acervo de Velina Tecla Berwanger.

- [...] Em Itapiranga a cultura do cinema é muito forte. Nos últimos anos, inúmeros amantes do cinema se deslocam para São Miguel do Oeste, para assistir um bom filme, no CINE PEPERI. Entretanto, este tempo está por terminar, ultimamente, testemunhamos com satisfação, a construção de uma sala de cinema, junto ao novo prédio da rádio Itapiranga que faz parte do complexo da REDE PEPERI DE CO-

MUNICAÇÃO. (BERWANGER. Velina Tecla. Entrevista concedida via e-mail a Luís Eduardo Candeia, Itapiranga, 12 set. 2016)

- A edificação ainda existe e abriga pontos comerciais.



Incêndio na edificação do Cine Peperi em 01 de agosto de 1990. Acervo de Velina Tecla Berwanger.



Incêndio na edificação do Cine Peperi em 01 de agosto de 1990. Acervo de Velina Tecla Berwanger.

Salas de cinema do Oeste de Santa Catarina sem ou com poucos dados em relação ao seu período de funcionamento

Cine Ideal

- 📍 Cidade: Caçador
- 🔑 Proprietário: Olimpio Vergett

Informações adicionais

- Foi o primeiro cinema da então vila Rio Caçador, era mudo. Quando o voto feminino foi permitido, Olímpio circulou pela região, nas atuais cidades de Lebon Régis e Faxinal dos Guedes, com seu equipamento de cinema e máquina fotográfica, para produção do título de eleitor das mulheres residentes destes locais. Mais tarde, Vergett transfere seu cinema para os Srs. Pressanto e Tortato, que trabalharam juntos até a chegada do cinema com som (VERGETT, 2016).

Cine Mundi/ Miramar

🏠 Endereço: Rua do Comércio, 506

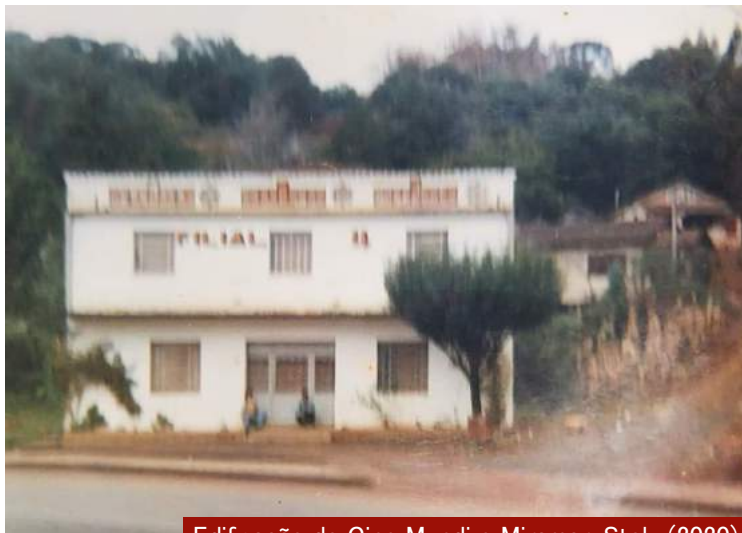
🌐 Coordenadas: [-26.901725365496127, -51.074709190114916](#)

🏢 Edificação existente? Sim

🔑 Proprietário: Heinrich Mund/Severino Luiz Sella

Informações adicionais

- Vanderlei Pires conta em publicação, que assistiu filmes no Clube Avaí, em Rio das Antas (SEIDEL, 2020).
- Nelise Vilanova, em publicação no grupo privado Rio das Antas de Antigamente, conta que o Senhor Mund colocava músicas antes do início do filme, nos alto-falantes do cinema (VILANOVA, 2021).



Edificação do Cine Mundi e Miramar. Stolz (2020).

- Segundo comentários em publicação (STOLZ, 2020):
- O Cine Miramar era edificado em madeira, e a edificação do Cine Mundi, em alvenaria, ainda existe.
- Dentre os comentários, destaca-se a frequência dos relatos da exibição de filmes de Mazzaropi e Teixeira, além de títulos específicos como Zorro, e As Aventuras do Ladrão de Bagdá.
- Pedro Bartos relata:
- Assoalho reto, se o expectador da frente estivesse de chapéu era impossível ver a tela. Quem namorava tinha que estar atento ao intervalo para troca do rolo do filme quando as luzes eram acesas.*
- Por sua vez, Sandro Dallazem conta: me lembro de uma vez que veio um avião na tela, eu me abaixei no chão KKKKK
- Sandro José Bordignon conta que, uma vez por mês, um cinema itinerante ia até Ipomeia [distrito de Rio das Antas], para exibir filmes, em geral, de Teixeira. Ele detalha: “Era uma Belina bege com a inscrição Cinerama na porta e o cara tinha um projetor e uma tela ele instalava num ambiente escuro e cobrava a entrada.” Conclui afirmando que o Cine Mundi era mais antigo que este cinema ambulante.
- A edificação ainda existe, abrigando um Despachante, e apartamentos.

Cinema

📍 Cidade: Romelândia

🏠 Endereço: Centro Comunitário da Igreja Católica

Informações adicionais

- De acordo com comentários em publicação no Facebook, filmes eram exibidos no salão comunitário da Igreja de Romelândia. Destacam-se filmes de Teixeira, Milionário e José Rico e Léo Canhoto e Robertinho (SMO, 2020).

Cine Saudades

📍 Cidade: Saudades

📅 Inauguração: 1958

🪑 Número de lugares: 45

Informações adicionais

- Segundo o blog *Relação de Cinemas Antigos de Rua do Brasil* em atividade nos anos 60, existiu em Saudades, enquanto esta era ainda distrito de São Carlos, uma sala de cinema, de propriedade de Schuh e Ventura, fundada em 1958 e possuindo 45 lugares (CINE MAFALDA, 2013).